



SATYRICON

KARINA RAMOS BARBOSA

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Grande Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano. a — aumento do preço base; b — alteração do preço base; c — alteração do preço base; d — motivo de alteração.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao consumidor a aquisição de bodes de qualquer animal, sendo que os bodes e/ou cabras com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) anos.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde,

Houve um barulhinho que tentou reagir e levou alguns segundos para que o local estivesse em silêncio. N. A. B. e J. U. Ribeiro, juntamente com A. T. S. e G. B. e E. B. e A. B. e J. U. Ribeiro, estavam presentes. J. U. Ribeiro, então, fez um discurso sobre a importância de se manter o local em silêncio, para que não fosse interrompido por qualquer barulho. J. U. Ribeiro, então, fez um discurso sobre a importância de se manter o local em silêncio, para que não fosse interrompido por qualquer barulho.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado rumo: um milhês de créditos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A imprensa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, J. U. Ribeiro, numa quadra de dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter sucesso. Não houve um grão infante dos assaltantes, que por mais esforços que foram deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda. Não acabou por prender os demais.

SATYRICON: RISO, IRONIA E SÁTIRA EM CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Em plena tarde, houve um barulhinho que tentou reagir e levou alguns segundos para que o local estivesse em silêncio. N. A. B. e J. U. Ribeiro, juntamente com A. T. S. e G. B. e E. B. e A. B. e J. U. Ribeiro, estavam presentes. J. U. Ribeiro, então, fez um discurso sobre a importância de se manter o local em silêncio, para que não fosse interrompido por qualquer barulho. J. U. Ribeiro, então, fez um discurso sobre a importância de se manter o local em silêncio, para que não fosse interrompido por qualquer barulho.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1933. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguirem resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras, na linha de Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador Prof. Dr. Marcio Ricardo Coelho Muniz



Salvador, BA

2013

SATYRICON: RISO, IRONIA E SÁTIRA EM CRÔNICAS DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

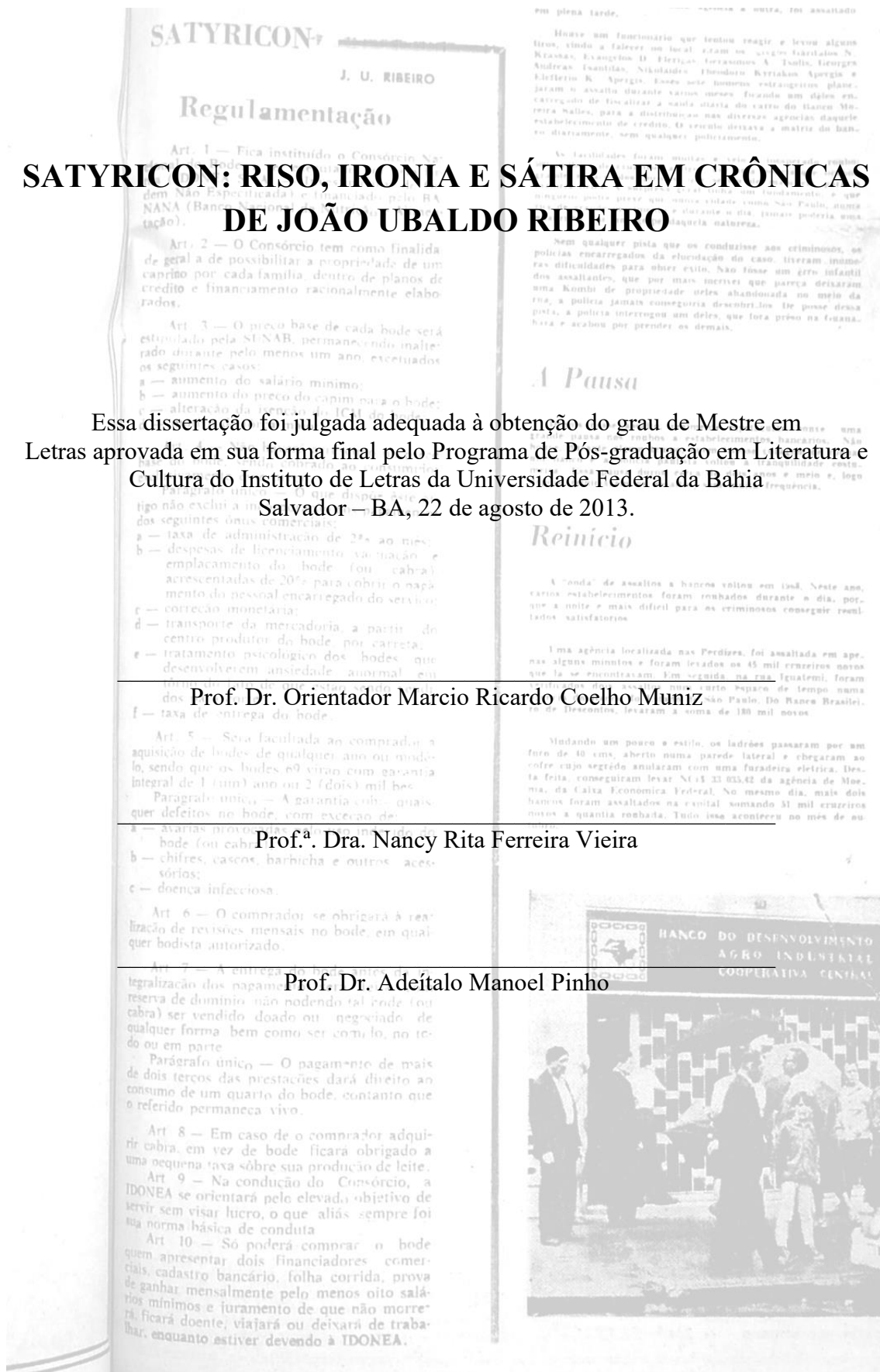
Essa dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Letras aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

Salvador — BA, 22 de agosto de 2013.

Prof. Dr. Orientador Marcio Ricardo Coelho Muniz

Prof.^a Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira

Prof. Dr. Adeílato Manoel Pinho



SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, variação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbigas e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obriga a solicitar de revisões mensais do bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde,

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Evagrios D. Ferriz, Teresinos A. Tsolis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apegeis e Eleftherio K. Apegeis. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a matilha do banco diariamente, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muitas e veio a insperada reunião: um milhês de caprinos antigos foi uma oferta que ocupou grande espaço dos pontos que serviu de fundamento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exato, não fosse um grão infantil dos assaltantes, que por mais incerto que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

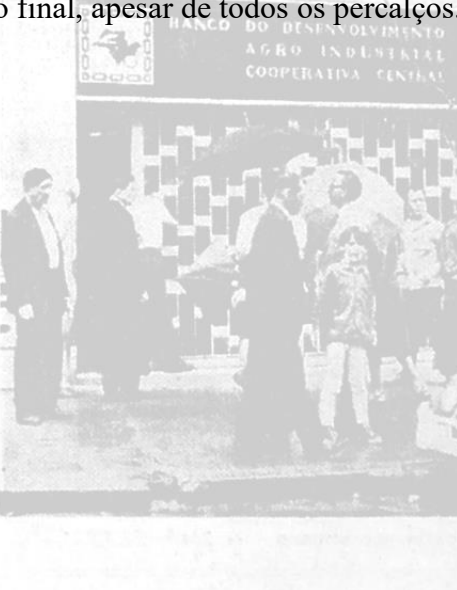
Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.824,24 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.

Dedico esse trabalho a Deus, por me dar forças para conseguir chegar até o final, apesar de todos os percalços.



SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Grande Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio Nacional do Bode terá a finalidade de distribuição de bode caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante o período de validade do plano.
a — aumento do salário mínimo;
b — aumento do preço do capim para consumo;
c — inflação de preços gerais.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Art. 5 — O preço do bode será composto de: a — taxa de administração de 2% ao mês;
b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
c — correção monetária;
d — transporte do bode do ponto de origem para o ponto de destino;
e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade animal em torno do fato de que estão sendo vendidos para carne.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser morto, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasas, Esmerino D. Ferreira, Teófilo A. Isidoro, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Klefeterio K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um diligente acompanhamento de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Moreira Salles, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a malícia do banco diariamente, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado rumo: um milhão de dólares antigos foi uma soma que ocupou grande espaço de dois pontos, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer coisa que se lembrasse de um assalto, mas as dificuldades para obter o dinheiro não foram um erro infantil dos assaltantes, que por mais nervos que pudessem deixar uma Kombi de propriedade deles abandonada em uma rua, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse primeiro tratamento espetacular, houve uma pausa de dois meses, durante a qual os assaltantes não saíram do banco e a polícia paulista voltou a tranquilidade estremeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

Depois de dois meses de assaltos, os ladrões passaram a fazer a noite e mais difícil para os criminosos conseguir rendimentos satisfatórios.

Depois de dois meses de assaltos, os ladrões passaram a fazer a noite e mais difícil para os criminosos conseguir rendimentos satisfatórios.

Depois de dois meses de assaltos, os ladrões passaram a fazer a noite e mais difícil para os criminosos conseguir rendimentos satisfatórios.

Depois de dois meses de assaltos, os ladrões passaram a fazer a noite e mais difícil para os criminosos conseguir rendimentos satisfatórios.



J. U. RIBEIRO

ção pretende, como objetivo p

Por plena tarde

Hoje um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, ainda a tempo de dizer: "Eu sou um cidadão brasileiro".

Reações, não a falarem um local como os antigos brasileiros N. Andreas, Ivanilka, Nikodim, Todoroski, A. Isailis, Georges, Elefiterio K. Apergis. Nikodim Theodoros Kyriakos Apergis e foram o assalto durante vários meses. Ficando um dia em catenado de se livrar de a saúde estava de tanto dia depois de uma noite, para a distribuição de mais dinheiro, apelações daquele estabelecimento de crédito. O círculo detinha a maioria do bairro, no ditaramento, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muito a vez e incorporado resultando em colunas de histórias antigas. Foi uma história que começou grande e a um tempo, que se deu de maneira que se tornou a apresentar a coluna de crônicas.

das principais temáticas exploradas na obra de Lacerda: política e literária. Verticalizou-se

e confirmar a predominância do r
a aspectos da realidade política

observou-se ainda a importância
dos presentes nos textos analisados.

do cronista para denunciar, de forma

ra. A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1984. Neste ano, certos estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir reu-
ltados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assalada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil reais em nove que a se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo num agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil reais.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram a cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 33.833,42 da agência de Moçim, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de setembro.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pela elevada objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.



ABSTRACT

This dissertation aims, as main goal, presenting the chronicles written by João Ubaldo Ribeiro on column *Satyricon*, published in *Jornal da Bahia* between January of 1969 and August of 1970. Besides it, the principal themes are analyzed in a panoramic form, as well as its social, political and literary importance. It was extended the study of selected corpus of chronicles in which was found the laughter, in the ways of irony and satire, reflecting the political reality of the city of Salvador in Bahia. Through this study, was confirmed the relevant function of the reader in the reception and production of meaning of the texts. Finally, some textual strategies of the narrator were analyzed, that intended to present the impacts of the censure and the military government in 1964, and their consequences upon the work of writers and intellectuals of that period.

Key-words: laughter, irony, satire, reception, censure.

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta forma (IDONEA S. A. — Investimentos de Grande Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 3 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 4 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 5 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 6 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 7 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 8 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 9 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 10 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 11 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 12 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 13 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 14 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 15 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 16 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 17 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 18 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 19 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 20 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 21 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 22 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 23 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 24 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 25 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 26 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 27 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 28 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 29 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

Art. 30 — O Consórcio Nacional do Bode, criado por esta forma, tem por finalidade a promoção e a defesa dos interesses dos produtores e consumidores de bodes no Brasil, bem como a realização de estudos e pesquisas sobre a produção e o consumo de bodes.

em plena tarde,

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, com os seus familiares N. Krasov, Esmerino D. Ferreira, Teófilo A. Tóth, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Kleférios K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, buscando um dia em carteggio de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a malta do banco diariamente, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado roubo; um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço das notícias, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que ninguém podia prever que, antes de tudo, como São Paulo, numa quadra de grande movimento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Com qualquer coisa, os ladrões não se contentaram com o roubo de dinheiro, mas também levaram para casa, na noite, um grande número de objetos de valor, como relógios, joias, etc. A polícia jamais conseguiria descobrir os ladrões, pois eles tinham se escondido em um lugar seguro.

Quando a polícia chegou ao local do roubo, não encontrou nada além de um grande vazio. Os ladrões tinham se escondido em um lugar seguro, e a polícia jamais conseguiria descobrir os ladrões, pois eles tinham se escondido em um lugar seguro.

Quando a polícia chegou ao local do roubo, não encontrou nada além de um grande vazio. Os ladrões tinham se escondido em um lugar seguro, e a polícia jamais conseguiria descobrir os ladrões, pois eles tinham se escondido em um lugar seguro.

Quando a polícia chegou ao local do roubo, não encontrou nada além de um grande vazio. Os ladrões tinham se escondido em um lugar seguro, e a polícia jamais conseguiria descobrir os ladrões, pois eles tinham se escondido em um lugar seguro.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1964. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, por isso a noite é mais difícil para os criminosos conseguirem resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 22.034,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. FLASHES SOBRE O JORNAL DA BAHIA	17
1.1 UM ESCRITOR ABRINDO AS JANELAS DA CRÔNICA	25
2. O CORTINADO DA CRÔNICA NOS TRILHOS JORNALÍSTICO E LITERÁRIO DE SATYRICON	34
2.1 OS TONS MULTICOLORIDOS DE SATYRICON	39
2.2 AS TEMÁTICAS: PARTES DO CORTINADO DE SATYRICON	41
3. AS JANELAS PROTETORAS DO RISO E DA COMICIDADE	61
3.1 NA PENUMBRA DA DITADURA ABREM-SE AS JANELAS DO RISO	61
3.2 SÁTIRA E IRONIA: OLHARES ENVIESADOS POR ENTRE AS CORTINAS SATYRICON	67
3.3 A CRÔNICA DO VIVER SOTEROPOLITANO: CORTINAS RETORCIDAS PELA IRONIA E SÁTIRA	72
3.2 CORTINAS MARRONS MANCHAM O BORDADO DE SATYRICON	77
3.3 CORTINAS TINGIDAS DE AMARELO FOSCO: SATIRIZANDO O APAGÃO	79
4. JANELAS ENTREABERTAS PARA O LEITOR	82
4.1. O CASO SATYRICON: UM ESCRITOR EM FORMAÇÃO E UM JORNAL EM VIAS DE CONSOLIDAÇÃO	86
4.2 O PACTO DA RECEPÇÃO E O RISO: MOTIVOS PARA NÃO SER ESQUECIDO	90
5. A SAGA DO HERÓI ASPHALT MAN	109
5.1. ORIGEM DO HERÓI ASPHALTMAN: AMBIÇÃO E POLÍTICA EM RELAÇÕES DE CONCRETO	114
5.3. SATYRICON APRESENTA... ASPHALTMAN	117
5.3 O DESMONTE DO DISCURSO DA DITADURA: A SÁTIRA COM REQUINTES DE RELIGIOSIDADE	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
ANEXO 1 – LISTAGEM DAS CRÔNICAS CATALOGADAS	150
ANEXO 2 – CRÔNICAS CITADAS NOS CAPÍTULOS 01 E 02	160
ANEXO 3 - CRÔNICAS CITADAS NOS CAPÍTULOS 03, 04 E 05	195
ANEXO 4 – ENTREVISTA E FOTOGRAFIAS	228

Introdução

Este trabalho iniciou-se a partir da descoberta de uma coluna de crônicas de João Ubaldo Ribeiro – *Satyricon*, publicada no *Jornal da Bahia*¹ entre os anos de 1969 e 1970. Nesse espaço, foi possível deparar momentos iniciais da carreira do escritor como colunista e cronista. Pode-se confirmar a tradição cômica presente também em outras produções literárias de Ubaldo, fartamente encontrada nas páginas dessa coluna, cujas crônicas apresentam o riso como elemento catalisador de um olhar crítico e arguto sobre aspectos da sociedade baiana e soteropolitana daquele contexto histórico.

Para efeito de maior clareza quanto aos objetivos pretendidos nessa pesquisa, dividiu-se o trabalho em cinco partes. O primeiro capítulo trata do contexto histórico do JBa. e da produção inicial de crônicas de João Ubaldo Ribeiro; o segundo versa sobre a crônica, a coluna *Satyricon* e algumas temáticas inicialmente catalogadas na análise das produções de crônicas. No terceiro capítulo, são tratadas algumas definições da teoria do riso, bem como as suas manifestações na ironia e na sátira, verticalizando essas definições no estudo de algumas crônicas de *Satyricon*; no quarto são analisadas algumas crônicas em que se percebe a relação entre o cronista com o leitor da coluna. O quinto apresenta um recorte temático de produções da coluna sobre a prefeitura de Salvador e da ditadura no contexto histórico de publicação da coluna.

No primeiro capítulo, a pesquisa debruçou-se sobre a necessidade de resgatar fragmentos da história da Bahia no contexto da censura e do golpe militar do ano de 1964. Desse período, destacou-se a postura de alguns intelectuais ligados ao *Jornal da Bahia* que participaram ativamente da produção do periódico como colaboradores, e sua trajetória de ativismo, além de observar os elementos que motivaram a ruína do projeto editorial do jornal, a despeito do esforço do seu principal sócio, o jornalista João Falcão. Acrescenta-se também a constatação da tensão existente entre esses colaboradores e o então prefeito biônico da capital baiana, Antonio Carlos Magalhães, como um dos principais opositores do jornal, que acabou sendo mote para algumas crônicas aqui estudadas.

Como referido, a relação conflituosa entre a linha editorial do JBa. e a política local, mais especificamente o governo da prefeitura de Salvador, rendeu subsídio para a

¹ Doravante, pela constância e repetição, a expressão *Jornal da Bahia*, será substituída pela sigla JBa. na maioria dos enunciados.

presença de um teor político-ideológico em muitas crônicas da coluna estudada, nas quais se observou a influência do corpo editorial do JBa. que, encontra-se em sintonia ideológica com a perspectiva adotada pelo cronista de *Satyricon*.

Em se tratando afinal do João Ubaldo Ribeiro cronista, é preciso ressaltar a importância do conhecimento dessa coluna como momento inicial da carreira do escritor como colunista. A fase originária do columnismo em Ubaldo Ribeiro ocorre paralelamente à sua ascensão como escritor, e no caso de *Satyricon*, é ressaltada a edição de seu livro – *Setembro não tem sentido*. Em uma das crônicas, intitulada “O Sucesso Literário”, o cronista revela uma ponderação quanto à projeção do seu livro, editado em 1968. De forma irônica, sugere que o sucesso é algo ainda bastante distante da sua trajetória como escritor.

No segundo capítulo, é tratada a definição da crônica como gênero. A análise é feita a partir da origem do gênero desde o início da era Cristã, como relato de acontecimentos ordenados cronologicamente, sem intenção opinativa. Com base no estudo de Angélica Soares (SOARES, 2003, p. 64), observa-se a evolução do gênero, cedendo lugar à história a partir do século XII. Para Júlio França (2008, p.03), é inegável a relação da crônica brasileira com o *folhetim* francês. Entretanto, a crônica não ficaria limitada aos limites da historiografia.

É também comentada a relação da crônica com o tempo, além da sua natureza polimórfica, abrindo espaço para o diálogo, monólogo, alegoria, confissão, entrevista, verso, resenha, ultrapassando a mera reprodução de fatos. (SOARES, 2003, p. 64).

Aliado a isso, é destacado o caráter fragmentário, relacionado ao tom do comentário pessoal, as particularidades do olhar subjetivo, a busca do sentido efêmero dos acontecimentos permite ao tempo ser um aspecto para a representação, para a mimese. (RESENDE, 1995, p.17).

A relação da crônica com o jornal é também pontuada, pois é nesse espaço que se o desenvolvimento desse gênero híbrido que transita entre o relato histórico e literário. Quanto à sua relação com a ideologia, é Jorge de Sá quem cita a relação entre a censura e a limitação ligada à ideologia do veículo, ligada ao interesse dos seus consumidores proprietário e editores-chefes de redação. (SÁ, 1985, p. 8).

A arte do cronista se manifesta é a que permite enfrentar o desafio de transcender a linearidade do registro circunstancial e ultrapassar “os limites do real

como é visto por todos nós”, alcançando “uma dimensão mais profunda: a essência mesma daquilo que o sujeito busca ao recriar um objeto”.(SÁ,1985, p. 74).

O tom de “conversa fiada” (SÁ, 1985, p.75) como se desenvolvem as crônicas, sugere uma proximidade maior entre o narrador e o leitor que o aproxima mais do público leitor quando comparado a outros relatos de jornal. Além disso, a liberdade presente na crônica permite ao cronista fazer um texto opinativo que não necessite exatamente de um arcabouço argumentativo. Disso confirma-se que a opinião expressa na crônica esteja simbolizada em uma conversa entre amigos, donde a cumplicidade e verossimilhança substituem a vontade da verdade. Do cronista,

Para Yolanda Muniz Tuzino, a “acepção moderna de crônica passou a ser empregada no século XIX, quando tal vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário.” (TUZINO, p. 3) Nesse estudo, Tuzino, destaca ainda a relação da crônica como um texto breve, relacionado à atualidade e publicado em jornal ou revista. (TIZUNO, p. 3)

Uma das definições bastante útil para esse estudo é de “Bazar asiático, miscelânea de assuntos, usada por José de Alencar para definir folhetim no século XIX”. (NEIVA, p. 5-6). Considerando a diversidade de gêneros nas produções da coluna *Satyricon*, foi bastante oportuna essa representação, já que no corpus analisado, observou-se a presença bastante variada de diversos modelos de textos como carta, comentários, poemas, relatos, etc.

Ainda nesse capítulo, é apresentado o objeto inicial dessa pesquisa, a coluna *Satyricon*. A escolha do nome remete à importante e homônima obra de Petrônio, que relata as aventuras de Encólpio, como principal personagem, acompanhado de seus amigos Gitão e Ascilto. Diferentemente da literatura da época, o livro *Satyricon* inova no uso da prosa em detrimento do verso, este último correntemente associado ao bom gosto literário. Além disso, a escolha dos assuntos pauta-se não nos grandes temas, mas na representação das baixas esferas da vida cotidiana. Qualquer situação fútil ou fortuita é motivo para representação romanesca. O rebaixamento na narrativa é intencional e o uso da linguagem popular e coloquial remonta o estilo específico das camadas mais inferiores de Roma.

O herói petroniano é bem diferente dos heróis representados nos gêneros elevados, presentes na épica grega, com seus atributos de nobreza tanto moral quanto

social. Por outro lado, o herói Encólpio de *Satyricon* subverte os princípios da elaboração do herói clássico, aproximando-se do anti-herói da modernidade.

O herói clássico já não atenderia às demandas da sociedade com as transformações operadas no decorrer dos tempos. A necessidade de aproximar a experiência e ação da vida humana com suas limitações e fragilidades de todo tipo é atendida com o romance moderno, do qual o de Petrônio não deixa de ser um precursor.

Os atributos do anti-herói Encólpio – corrupção, materialismo, libertinagem – refletem a própria sociedade retratada no romance. Nenhuma sombra de consciência moral perturba a personagem, entretanto, apesar do inegável teor crítico do romance. Alguns de seus discursos explicitam um caráter de censura e realismo, que permitem interpretá-los como críticas às práticas de Nero (37 D.C. a 68 D.C.), surpreendentemente escritos na época desse implacável imperador.

A escolha do nome, portanto, dessa coluna relaciona-se ao caráter crítico e de viés ideológico presente na obra de Petrônio, cujas características encontram-se em parte e, de forma diversa, também na coluna. Dentre elas, citam-se: crítica a governantes, uso da linguagem coloquial, a representação de heróis sem consciência moral, bem como a valorização de ações ignóbeis e simples como motivo para representação literária.

Quanto ao aspecto gráfico e editorial, a coluna citada apresenta uma publicação sempre à margem direita da primeira página do caderno 2 do JBa., apresentando-se posteriormente no rodapé da mesma página. Desse estudo inicial, pôde-se depreender a existência de um total de quatrocentas e trinta e duas crônicas. Do acervo encontrado, constatou-se que a sua publicação era diária, exceto nos dias de sábado e domingo, quando era publicada uma edição conjunta.

Diversas são as motivações dos assuntos tratados nas crônicas, muitas vezes, temas fortuitos e aparentemente insignificantes. Outras vezes, observa-se a presença de assuntos mais abrangentes como os da política local, estadual ou nacional. A sátira, como crítica aberta, volta-se nessas produções mais claramente contra personalidades da política local ou de instituições responsáveis pela prestação de serviços como água, luz, saneamento básico, etc.

No terceiro capítulo, analisa-se a presença da comicidade nas crônicas da coluna *Satyricon*. Para tanto, considerou-se a teoria do riso desde a *Poética*, de Aristóteles que afirma serem risíveis as ações de homens inferiores ou em situações ridículas, e aponta nas manifestações do riso podem-se confirmar diferentes nuances, dentre as quais o riso satírico, irônico, irônico-satírico, humorístico e o da bufonaria. Além de Aristóteles, usou-se como referenciais para a pesquisa: o estudo sobre o riso de Henri Bergson, (1987), relacionando a comicidade à importância do ambiente social. Para ele, o efeito cômico não pode ser desfrutado no isolamento. E é nessa relação com o social que se assenta o conceito de riso para Vilma Arêas (1990), para quem os povos mais diferentes são semelhantes no pranto, mas no riso, é diferente: o riso é diferente para cada povo e cada classe ri a sua maneira.

A questão do riso também foi focalizada quanto à hierarquia de sua construção de cima para baixo, através do riso de zombaria ou de derisão. Para Northrop Frye, as personagens da tragédia, ao contrário das da comédia, pertencem ao rol dos deuses ou heróis, e são olhados de baixo para cima. Entretanto, o olhar cômico ou zombador, que rebaixa, está ligado à intenção moral da comédia, e a sátira combinada à ironia atende bem a seus intentos corretivos. Para João Adolfo Hansen (2004), a sátira como gênero retórico-poético aproxima-se das práticas inquisitoriais de denúncia e confissão.

Houve então a necessidade de verticalização do riso, através do viés da ironia e da sátira. Para além da intenção moral imanente ao riso, Zilá Bernd (2001) aponta para a função dessacralizadora presente em grande parte da literatura brasileira, onde a ironia e paródia colocam em xeque “verdades” estabelecidas, possibilitando ao leitor a reavaliação que o discurso linear não revelaria.

Para definir ironia, foi bastante útil a afirmação de Laugsberg, para quem a ironia é vista como *tropo* de palavras. Também se considerou a definição de Vladimir Propp, segundo o qual o procedimento irônico está próximo de uma inversão, em que se expressa com as palavras um conceito, mas o que fica subentendido é outro contrário. De um lado, afirma-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, por exemplo.

Segundo Lélia Parreira Duarte (2006), essa inversão é útil à medida que explora as possibilidades de sentido nos enunciados irônicos, cujo propósito se completa apenas

no efeito correspondente, ou seja, numa recepção que admita a duplicidade de sentido e a inversão entre a mensagem enviada e a pretendida.

A questão da ironia está ainda ligada à sátira para alguns autores, como Bergson (1987). Para ele, tanto o humor quanto a ironia, são “formas de sátira”. No entender, porém, de Northrop Frye (Arêas, 1990), é preciso compreender a distinção preciosa na compreensão do que se dá no pacto de leitura pretendido pelo comediógrafo. Para ele, a sátira é uma ironia militante (Duarte, 2006). Na contraparte, Cleise Mendes (2008), entende a ironia como uma sátira de braços cruzados.

Também se considerou a contribuição de Matthew Hodgart (1969) que relaciona a sátira à intenção do rebaixamento e a de Klaus Gerth (1977) para quem a sátira precisa obedecer a três critérios para ser delimitada: o ataque agressivo, a norma e a forma indireta.

Em ambos os conceitos referidos, percebe-se a relação da sátira como uma inventiva mais cortante, como uma espécie de crítica aberta, não velada, mais direcionada contra discursos, instituições e personalidades públicas. Em todo o caso, a intenção satírica observada nesse estudo esteve diretamente ligada à crítica a governantes, órgãos ligados à administração pública municipal – da capital baiana – e estadual. Em alguns casos, também observamos essa crítica aberta voltada contra o discurso da ditadura metaforizado em representações diversas.

No quarto capítulo, é proposta uma discussão acerca da recepção da coluna, a partir da análise de algumas crônicas em que os leitores são mencionados, referidos direta ou indiretamente. A reflexão sobre os possíveis leitores da coluna é pano de fundo para discussão acerca da interpretação crítica e ideológica dos temas tratados pelo cronista. O espaço da leitura é aqui compreendido como parte fundamental para a produção de sentido dos textos.

Para estabelecer a análise do papel do leitor na construção das crônicas, tomou-se a conceituação de Jaus (1994) sobre as expectativas iminentes à leitura, Eagleton (1997) e Sandra Nitri (1997), considerando a relação da leitura com o contexto histórico e sua transposição, bem como Eni Orlandi (2007), ao analisar os silêncios iminentes à produção dos escritos da época da ditadura.

A presença dos silêncios e do leitor como parte da produção do significado dos enunciados, na coluna *Satyricon*, manifesta-se mais precisamente na tendência irônica observada na quase totalidade das crônicas. Nelas, a ironia de João Ubaldo Ribeiro é recorrente, intencional e ligada à censura imposta pelo ato institucional 5, a partir do ano de 1968. Por causa do silenciamento e a mordaza ideológica contrária à livre expressão de artistas e intelectuais, a ironia e o riso são parte de uma estratégia crítica que perdura mais do que o discurso sério e direto. Entretanto, a sátira presente em algumas produções desvelará com mais clareza o teor ideológico presente em grande parte dessas produções.

Essas intenções ideológicas mais claramente apontadas serão apresentadas no quinto capítulo e sexto capítulo. No quinto, foram analisadas quatro crônicas num recorte temático que retrata a figura de um herói baiano, remetendo aos fatos relacionados à prefeitura de Salvador naquele contexto histórico: trata-se do Homem Asfalto ou *Asphaltman*. Ressalte-se a coincidência dos anos de publicação da coluna *Satyricon* – 1969 e 1970 – com parte do período de mandato de Antônio Carlos Magalhães como prefeito da capital baiana.

A crítica feita às figuras públicas, mais diretamente a ACM, é tecida de maneira cômica na coluna *Satyricon*, onde se observa a presença recorrente da ironia e da sátira na descrição dos atributos de um herói que, à assim como o Encólpio, não apresenta qualquer crise de consciência ou conflito moral. O anti-herói petroniano, com sua consciência aparentemente cauterizada, foi clara inspiração à criação do anti-herói baiano - o *Asphaltman*. Em ambas narrativas, tanto a do romance quanto a das crônicas selecionadas para esse estudo, observa-se a ausência de uma preocupação genuína do herói com o bem social da comunidade. No herói encontrado em *Satyricon*, prevalecem os interesses individuais ou políticos, o que seria uma subversão das prerrogativas presentes num herói clássico. Em outra instância, encontra-se também o abuso da força física como forma de reação aos opositores. Em detrimento da virilidade do herói de ações sublimes, observa-se aqui a truculência ou apenas uma resposta de vingança a um oponente. É considerável a distância entre o contexto histórico da época do livro e a da coluna homônima aqui estudada, mas as falhas na estrutura moral da sociedade e das instituições estão presentes como parte das preocupações das duas narrativas, tanto de Petrónio quanto de João Ubaldo Ribeiro.

Ainda nesse último capítulo, foram analisadas algumas crônicas, onde se percebeu a intenção de satirizar a censura e a ditadura, através da paródia do discurso religioso. Nele, foi possível perceber a crítica mais direta ao regime ditatorial na coluna *Satyricon* e uma justificação plausível para o epíteto escolhido para a coluna.

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específicada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carreta;
- e — tratamento psicológico dos bodes, que desenvolverem ansiedade, anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbigas e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, quando o assalto foi executado. Quando os ladrões chegaram ao local, foram recebidos por alguns funcionários do banco, que estavam trabalhando normalmente. Os ladrões, porém, não hesitaram em assaltar o banco, levando um grande valor em dinheiro. O assalto ocorreu durante o expediente, e os ladrões foram vistos saindo do banco com uma grande quantidade de dinheiro. O banco, porém, não se abalou, e os funcionários continuaram trabalhando normalmente.

As facilidades foram muitas e veio a insperado rubor; um milhês de crêditos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de estímulo para a maioria deles. A imprensa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter o caso. Não houve um grão infante dos assaltantes, que por mais esforços que foram deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, mas acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.824,2 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



1. Flashes sobre o Jornal da Bahia

“O jornal da Bahia vem preencher uma verdadeira lacuna na imprensa baiana e seus empreendedores merecem os aplausos de toda a Bahia.” (Falcão, 2006, p. 35).

Com essa declaração entusiástica de Otávio Mangabeira, publicada em 21 de setembro de 1958, é inaugurada a edição de um jornal polêmico, ambientado numa fase de tensões políticas e ideológicas que se confundem com o contexto histórico do periódico. O *Jornal da Bahia* foi dos mais importantes jornais baianos das décadas de 1960-70, mas nem por isso deixou de sofrer com os reveses das tensões político-sociais internas e externas à sua publicação.

A lacuna a que se referia Mangabeira estaria ligada à necessidade de se criar uma imprensa livre da influência de grupos econômicos, que aparentemente buscasse manifestar os anseios de João Falcão, seu editor vitalício e fundador. Apesar dos trinta anos de militância comunista de Falcão e seu idealismo de esquerda, ele teria que contar, para a fundação do jornal, com a influência de personalidades dos círculos político e financeiro, como confirma Gustavo Mercês:

A primeira reunião para ser discutida a formação do jornal contou com a presença de importantes figuras como: Zittelmann de Oliva, Milton Cayres de Brito e Virgílio da Motta Leal Júnior, que decidiram encampar tal iniciativa que teria como título *Jornal da Bahia* e que seria registrado no nome do deputado Luís Viana Filho. O jornal, apesar da retórica de ser um veículo independente, já nascia mantendo relações político-partidárias, como qualquer outro jornal da época que pretendia atuar no espaço da grande imprensa brasileira (MERCÊS, 2009, p. 39).

Podemos inferir que das “boas intenções” de João Falcão surgiu a ideia de fazer uso de algumas inovações no noticiário, já que ele propôs a utilizar linguagem mais objetiva, técnicas de redação atualizadas e contar com a presença de grande número de colunas e colunistas (FALCÃO, 2006, p. 35).

A despeito do tom ufanista e passional de Falcão ao descrever o que considerava serem os ideais de uma imprensa independente, o JBa. não surge apenas sob o alicerce de figuras de destaque social, mas também de um acordo comercial entre parlamentares. Assim, cada vez mais, a independência de imprensa pretendida seria apenas parte da retórica idealista de Falcão.

O *Jornal da Bahia* começou com uma iniciativa parlamentar, em 1955, dos seguintes deputados: Nestor Duarte, Otávio Mangabeira e Luís Viana Filho, que

desejavam constituir um jornal para o estado da Bahia e assim haviam adquirido uma máquina de impressão a cores na Europa fabricada em 1939. Todavia, eles desistiram da ideia e resolveram vendê-la para outro estado. Mas surgiu a proposta de sugerir a João Falcão que este ficasse com a máquina, mediante um entendimento com o Banco da Bahia, financiador da compra. (MERCÊS, 2009, p. 38).

Apesar das limitações técnicas daquele começo, hoje superadas pelas modernas tecnologias, o JBa. inovou pela reunião das trinta e duas páginas do jornal em quatro cadernos. O discurso idealista de João Falcão acabou por representar parte significativa de um grupo de intelectuais que se tornou porta-voz daqueles que ansiavam por um Brasil socialmente mais igualitário. Alguns jornalistas² desse grupo foram acolhidos por João Falcão, durante toda a existência do jornal, que os apoiava, por conta da sua fama de subversivos e da ameaça sofrida em forma de exclusão social e financeira.

A má qualidade da primeira impressão não impediria aos críticos e leitores de notarem a utilização de técnicas de conteúdo e gráficas modernas, como a introdução do *lead*, a valorização das fotografias, a publicação de fatos do dia anterior (diferentemente do padrão de outros jornais dessa época), a divisão da redação em editorias e o colunismo de vários segmentos e não apenas social.

A tentativa de se fazer um jornalismo mais analítico ou mesmo investigativo, além da ampliação das publicações para as regiões do interior da Bahia, foram inovações estratégicas que buscava ampliar o número de leitores para além da capital, com a instalação de sucursais em Feira de Santana, Cachoeira, São Félix, Vitória da Conquista, Ilhéus e Itabuna (FALCÃO, 2006. p. 37).

A escolha dos nomes de colaboradores notabilizou-se pela sua qualidade técnica:

Na redação, o jornal contou com colaboradores como Ariovaldo Matos, Glauber Rocha, Muniz Sodré e uma infinidade de coluna como *Livros*, *Aeromodelismo*, *Psicologia e Educação*, *Vida Evangélica*, *Episódios e Vultos da História da Bahia*, *Preto no Branco*, *Jornal do Cinema*, *Satyricon*, *Jornal do Teatro*, dentre muitas outras (FALCÃO, 2006, p. 210-211). Dentre os publicitários, colunistas, chargistas e outros profissionais da imprensa, merecem destaque os redatores João Carlos Teixeira Gomes e João Ubaldo Ribeiro por terem também se tornado em editores chefes do jornal. Alguns desses intelectuais fizeram do JBa. uma escola de iniciação tanto jornalística quanto do ativismo político-social. A experimentação dessa escola acolhia

²Emiliano José, dentre outros encontraram no JBa um refúgio contra a exclusão social naquele contexto, segundo depoimento de Levi Vasconcelos – jornalista que foi jornalista do JBa. durante alguns anos e colaborador na edição do livro *Não deixe essa chama se apagar* de João Falcão. Falcão reconhece a gratidão ao apoio do colega na parte introdutória do livro.

muitos jornalistas que atuavam no jornal comunista Momento. (MERCÊS, 229, p.39)³

Em que pese uma necessária contextualização dos acontecimentos ligados à fundação do Jornal da Bahia, faz-se relevante pontuar a campanha de assinaturas que ganhou expressiva adesão de assinantes e, ao mesmo tempo, a resistência de alguns setores sociais como o da igreja católica contra o jornal, por considerá-lo comunista. Apesar de tudo isso, ainda no primeiro ano, o jornal inicia também as chamadas campanhas institucionais direcionadas a vários aspectos da vida urbana como: *Contra a espoliação da Bahia, Bahia e a Petrobrás, Contra a Agiotagem, Moralização da Previdência, Contra as tarifas de Cia. de Energia Elétrica (CEEB), Contra o jogo do bicho, Problemas da cidade, Tabloide e Suplemento Literário*.

Depois de quatro meses da primeira publicação do jornal, ocorre a posse do governo do estado por Juracy Magalhães da UDN (União Democrática Nacional), em 17 de janeiro de 1959. Juracy recebeu apoio explícito de João Falcão na eleição para o governo do estado e foi também um dos políticos que apoiaram inicialmente a carreira política de ACM.

Os ares de uma política sólida que traria uma estabilidade para o desenvolvimento do estado da Bahia sofreria forte reviravolta, cinco anos depois com o golpe militar em 31 de março de 1964. A deposição do presidente João Goulart, que havia sido democraticamente eleito, pode ser lida como consequência de uma estratégia de dominação das forças políticas conservadoras que incluía importantes setores da sociedade brasileira:

O golpe foi orquestrado por uma aliança de segmentos conservadores como o empresariado brasileiro, latifundiários, militares e velhas oligarquias regionais que estavam insatisfeitas com a radicalização das propostas e das ações do governo João Goulart. A ideia inicial era concretizar uma intervenção militar rápida e articulada que buscava frear o avanço da ideologia comunista no país, utilizando discursos como: combate à corrupção e à retomada da economia depois de baixo crescimento econômico (MERCÊS, 2009, p. 17).

Com o advento do golpe militar, a Bahia, como toda a nação, sofreria as sacudidas da ditadura em um contexto propenso a revoluções como foi o da década de sessenta. As tensões presentes também na sociedade baiana eclodem com a imposição da marcha ditatorial, como destaca Muniz Ferreira:

³Baseado no depoimento de João Falcão no livro sobre a história do JBa., pode-se confirmar a existência desse tipo de escola citada. O jornal *O Momento* pertencia ao Partido Comunista do Brasil e foi encerrado em 1957.

A exemplo da grande maioria dos estados brasileiros, a Bahia experimentou de forma dramática os efeitos do movimento civil-militar de março-abril de 1964. Também aqui, como no restante do Brasil, este golpe de estado incidiu sobre uma realidade caracterizada pelas contradições e conflitos típicos de uma sociedade de base essencialmente tradicional em um momento crucial de seu processo de modernização (FERREIRA, 1994, p.1).

O país passa a sofrer com as agruras da intervenção dos militares que, por força ou medo, implantam o terror e contam com apoio de parcelas significativas da sociedade civil, em sua maioria, manipulada pela imprensa, igreja e órgãos governamentais. A ameaça comunista aterroriza e sofre a reação das classes econômicas dominante, da igreja, do empresariado e da classe média. Conforme assegura o historiador Antonio Brito:

O Brasil não ficou imune a essa paisagem política e, na contramão de uma tradição de intervenção pontual dos militares na cena política, 1964 representa um marco na construção da ditadura militar brasileira. O uso de uma terminologia com ênfase no protagonismo militar não desconsidera a importância de analisar o papel dos setores civis, sobretudo para a deposição do presidente João Goulart. A propósito, o uso da expressão *golpe civil-militar* atenta para essa perspectiva analítica[...] Aplausos da imensa maioria da imprensa, marcha de mulheres, empenho da Igreja católica, engajamento de camadas médias urbanas, entusiasmo empresarial e transformismo em amplos extratos sociais são apenas algumas faces dessa moeda. (BRITO, 2008, p. 65).

Os aplausos não foram unânimes e, segundo Brito, O JBa. não patrocinaria a defesa da intervenção militar, conforme indica um de seus editoriais:

“compreende-se que haja oposição contra o Sr. João Goulart. Oposição é fato normal num regime democrático. Compreende-se [...] que muitos discordem veementemente do Sr. João Goulart. Mas é inadmissível que se leve tal oposição a um desafio aberto e declarado, a um convite ostensivo à guerra civil”. (apud Brito, 2008, p. 63).

Como se nota, nem todos os segmentos da sociedade se calaram diante da mordada imposta pelo golpe. Uma parcela da imprensa na Bahia, corajosamente, ousa ecoar em tom dissonante do coro orquestrado pela ditadura. O JBa. torna-se, como outros veículos, vítima de ataques dos militares diretamente contra a redação. Antonio Brito descreve o cenário com detalhes:

Todavia, seria um engano imaginar que a violência do golpe se restringiu apenas às lideranças do executivo e legislativo. Parte da imprensa baiana também foi alvo da repressão. Gomes⁴ se recorda de um repórter do *Jornal da Bahia* que esteve de plantão na madrugada do golpe:

⁴ Refere-se a João Carlos Teixeira Gomes.

“Ele [o repórter] testemunhara a invasão da redação e das oficinas por um grupo de 12 militares armados de fuzis e metralhadoras, sob o comando de um capitão do Exército conhecido por seu fanatismo anticomunista. Na frente do prédio [...] três viaturas da Polícia Especial do Exército e dezenas de soldados armados bloqueavam a entrada”. (*apud* Brito, 2008 p.71-72).

Em conjunto com a chegada do regime ditatorial, estão também presentes seus descendentes diretos. Ganhando expressiva simpatia dos militares, emerge no cenário político baiano, de forma mais expressiva, a figura política de Antônio Carlos Magalhães. Essa aliança seria notada e sentida nas redações do JBa. Sobre esse *flash* da política local, é válido sublinhar as palavras do professor Antônio Albino Canela Rubim:

A ascensão e a consolidação de ACM e do carlismo guardam estrita relação com o momento político ditatorial imposto pelos militares com o Golpe de 1964. A nova circunstância se caracteriza pelo funcionamento formal do sistema político, agora submetido realmente ao poder militar. ACM mantém privilegiados laços com esse novo pólo de poder. Tais relacionamentos, já presentes antes nas articulações do golpe, consolidam-se com a sua posição francamente favorável ao golpe e à ditadura. (RUBIM, 2001, p. 108)

A Ascensão de ACM aos cargos públicos de prefeito e governador não receberam o apoio do JBa. que, a despeito da censura, não se dobrará à imposição ideológica no contexto local da Bahia. A ascensão mencionada se dará de forma bem articulada:

A ocupação de importantes cargos, graças ao relacionamento e escolha do poder militar, tais como a prefeitura de Salvador (1967-1970), o governo do Estado da Bahia por duas vezes (1971-1975 e 1979-1983) e presidência da Eletrobrás (1975-1979), permite a formação e consolidação do carlismo, através da disputa e do escanteamento de outras correntes (famílias) políticas baianas conservadoras, que também apoiavam a ditadura, como o vianismo, o juracisismo e Roberto Santos, sem que esse último tenha conseguido formar uma família política. Portanto, ao final da ditadura militar, a política baiana encontra-se majoritariamente dominada por ACM e pelo carlismo (RUBIM, 2001, p. 108)

As imposições dos comandos militares faziam-se sentir na edição do JBa., cujos colaboradores, para não virar a outra face, preferiram o silêncio ao intitular um editorial, como descrito abaixo:

Ainda de acordo com o autor, o editorial se posicionava contrariamente ao golpe, mas a repressão apresentou vetos deixando o jornal com “imensos claros, que denunciavam a ação da censura” (Op. cit., p. 34) [...]. Esse relato foi feito também por um militante estudantil que estagiava no *Jornal da Bahia*:

Quando cheguei no jornal [...], encontrei Joca [João Carlos Gomes] – que era o editor chefe do jornal – saindo naquela hora [umas 9 horas da manhã] [...].

O jornal tinha [...] recebido intervenção militar de noite. Tinham mudado a manchete. O jornal ia sair com uma manchete “Rebelião contra o governo”. Ai eles tiraram a manchete do jornal. Saiu sem manchete, com um claro. (BRITO, 2008, p. 72)

Merece destaque a menção a institucionalização da censura quando foi decretado o Ato Institucional No. 5 (AI-5), instaurado em dezembro de 1968, quatro anos depois do golpe militar. As implicações desse acontecimento fizeram-se sentir também no interior das redações de jornal e da imprensa em geral, como a dos cinco oficiais enviados ao *Jornal do Brasil* para a prisão de Hélio Fernandes⁵ e a confiscação de uma edição de *O Estado de São Paulo* (MERCÊS, 2009, p. 18).

No contexto específico da Bahia, o JBa. sofre com as consequências da política de intimidação a empresas privadas para que não procurassem os jornais com um perfil “subversivo” como anunciante de seus serviços, e outros mecanismos para fragilizar e pressionar a imprensa a aderir ao regime. Embora o combate do JBa. à ditadura tenha sido uma bandeira dos seus idealizadores, o alcance dessa luta se daria apenas em nível local – na Bahia. Mesmo assim, com o decorrer do tempo, o vigor inicial do projeto de imprensa independente acaba sucumbindo aos rigores do discurso ditatorial, seja pela obstinação do inimigo político local, seja pela impossibilidade de combater o regime ditatorial assimilado ou incorporado à imprensa em todo o país. Sobre isso, nos confirmam as considerações a seguir:

Ao analisar as edições do Jornal da Bahia foi possível perceber que era comum a veiculação de notícias sobre as ações dos grupos de esquerda armada realizadas contra a ditadura instalada no país. Ficou nítida a opção de caracterização realizada por este periódico baiano quando ao noticiar eventos e fatos relacionados a esses grupos [...]

Logo prevalecia quase sempre a versão oficial dos militares. A crítica ao regime só encontrava espaços nos jornais tidos como alternativos que enfrentavam, dentro de suas limitações financeiras, o discurso oficial da censura. Esses jornais não conseguiram suportar as perseguições e foram sucumbindo ao longo do período. (MERCÊS, 2009, p.33)

Um ano depois da censura institucionalizada no AI5, em janeiro de 1969, enquanto os Beatles faziam a sua última apresentação pública no telhado do prédio da *Apple Records*, com performance interrompida pela polícia e o quarteto fugindo pelo telhado, inicia-se a produção da coluna *Satyricon* de João Ubaldo Ribeiro, publicada no JBa. A ludicidade e a fuga do cronista, diferentemente do quarteto inglês, não se dará pelo teto, mas pelo riso.

⁵Diretor da Tribuna da Imprensa.

Outro acontecimento significativo no período foi o relato dos passos revolucionários de Neil Alden Armstrong na lua, em 20 de Julho de 1969 e não passou despercebido do olhar atento do cronista de *Satyricon*. As pegadas revolucionárias do JBa. coincidem com a insólita estreia de um escritor na experimentação do columnismo. Nessa trilha, não apenas a temática da astronomia encontrará espaço nas suas hábeis mãos, mas também os problemas ligados à administração pública e alguns aspectos relevantes da política local e nacional que refletiam a presença ameaçadora da ditadura e da mordada do AI5.

Entretanto, nem o tom combativo de seus editores e columnistas, nem o idealismo e o investimento pessoal de João Falcão impediram a fragilização do projeto editorial do periódico. Em 1983, o JBa será vendido aos advogados Carlos Barral e Francisco Santos e posteriormente, sob a direção de Mário Kertész, viria a cair em descrédito e sucumbiria, falindo em 1994.

A importância do JBa. no cenário da imprensa baiana fez-se sentir na sociedade baiana, e os leitores fizeram dele um jornal que buscava se estabelecer pela seriedade no profissionalismo dos seus colaboradores. O caráter revolucionário do periódico pôde ser confirmado pela inclusão do columnismo, de variados tipos de campanhas, da interiorização da imprensa através do caderno de municípios. No nível textual, a notícia começava com o lead, técnica ainda não utilizada em outros jornais. Do ponto de vista do empreendedorismo, foi também inovadora a campanha de assinaturas, através da qual os assinantes tornavam-se parte representativa do projeto editorial.

O projeto editorial de João Falcão parecia atender aos desejos de um ex-comunista que, pelas suas favoráveis condições financeiras, resolve encabeçar um projeto de imprensa que buscasse certa isenção, em relação à política local, sofrendo por isso os reveses decorrentes dessa escolha. A luta travada contra o governo de ACM traria desdobramentos impensados para o início entusiasmado, quando se vislumbravam tempos áureos para a imprensa baiana. Tempos de Glauber Rocha como editor de polícia, e colaboradores que se tornariam grandes intelectuais não apenas de importância local, como nacional.

O caráter combativo do JBa. contra o governo de ACM, se atinha a uma linha de resistência contra os abusos de poder local. Não se observou que a resistência tenha se estendido a nível nacional. Entretanto, o acolhimento de João Falcão a perseguidos políticos, vítimas das ondas da ditadura, manifestou a relevância de um viés político-

ideológico de oposição em parte da linha editorial do periódico, embora negada por Falcão.

A experiência de colaboradores como João Ubaldo Ribeiro trazia um olhar fresco para o jornalismo da Bahia que sedimentava grandes talentos e afirmava outros em formação. Em se tratando de Ubaldo, a experiência no JBa. já havia sido experimentada no início da sua trajetória profissional. Entretanto, nesse estudo, será focalizado seu retorno ao jornal, desta vez como colunista, com uma trilha de escritor e romancista já iniciada.

Desta feita, Ubaldo Ribeiro encontrou-se num contexto de perseguição política, em que a instauração do regime ditatorial impõe uma dinâmica diferente ao jornal, exigindo dos seus repórteres e profissionais, coragem e habilidade para manter a dignidade da informação em tempos de violenta imposição da censura e da força policial. Alguns dos nomes que se destacaram nesse contexto foi João Carlos Teixeira Gomes que sofria retaliações diretas e ameaças. Numa dessas investidas, ACM tentou enquadrá-lo por crime de Segurança Nacional, de cujo tribunal Gomes saiu ileso. Mas a marca da coragem ficou como referencial para os seus colegas de trabalho, assim como João Ubaldo Ribeiro que citará Gomes, como editor chefe, em vários momentos da coluna estudada.

Em meio ao contexto de guerra impetrada pelo AI5 contra a liberdade de expressão, a ascensão e consolidação do carlismo marcariam também, de forma decisiva e instável, a sobrevivência do JBa. A inicial proximidade entre ACM e João Falcão descambou para uma terrível queda de braços, envolvendo muito mais do que dois homens. Esse conflito acabaria por fazer aquela redação de jornal passar por muitos desgastes, onde nenhuma parte cedia, mas no final a influência do jornal não seria suficiente para mantê-lo em pé por muito tempo.

A despeito da coragem de seus editores e colunistas e do investimento de João Falcão, o JBa. passaria a sofrer o desgaste da mudança de donos. O final imprevisto tornou-se mais desalentador do que as ameaças e portas fechadas. A morte de um projeto de jornalismo independente que, mesmo enfrentando com garra e profissionalismo, viria sofrer no final com a falta de credibilidade através da mudança de donos e da linha editorial do jornal.

1.1 Um escritor abrindo as janelas da crônica

As janelas da literatura se abriram para João Ubaldo Ribeiro desde a mais tenra idade, quando seu pai o obrigava a ler e recitar textos completos, inclusive em língua estrangeira. A biblioteca da casa tornou-se a incubadora de um escritor em formação. Os fatos relativos às intermináveis leituras do Ubaldo criança não são novidade para os que estudam sua biografia, mas nos remetem à gênese de sua jornada como redator de jornal.

É desse fragmento da biobibliografia de JUR que trataremos aqui: das facetas de formação do redator e cronista, que mais tarde consagra-se como escritor de ficção. A narrativa literária marcaria desde a infância sua preferência pelos contos e romances. Mas a janela da redação jornalística abriu-se para o romancista antes da ficção romanesca. Simultaneamente, a sua experiência como leitor iniciante, JUR viria a exercer, ainda adolescente, o ofício de redator do Jornal da Bahia, cargo conseguido através de indicação de seu pai em 1957. Dessa fase, vale destacar o comentário de Ubaldo que relembra:

Eu fui um péssimo repórter porque era tímido demais. Mas, como falava inglês bem era sempre designado para entrevistar personalidades que se expressavam nesse idioma. Outra qualidade que me ajudou a subir nos jornais em que trabalhei: eu escrevia rápido. Tinha bom senso e era ligeiro: quem trabalha na imprensa sabe o quanto isso é importante na redação. Além do mais, eu trabalhava muito. Fazia sozinho quase o jornal inteiro. (*Cadernos da literatura brasileira*, n.7, 1999, p.31)

A habilidade com o inglês rende-lhe ainda hoje estudos acadêmicos que constata a incomum habilidade do escritor para traduzir seus próprios romances. Maria Alice Gonçalves Antunes confirma:

Em relação ao tipo de autotradução produzida, ressalto que o escritor brasileiro é um dos poucos que traduziram seus textos para uma língua estrangeira entendida como aquela cuja aprendizagem se deu em contextos formais. Os outros autotradutores sobre os quais disponho de informações, à exceção dos escritores catalães e dos poetas escoceses, foram indivíduos que adotaram outras línguas de expressão e que as aprenderam como uma segunda língua. (Antunes, 2007)

Enquanto atuava no JBa., como repórter, João Ubaldo adquire uma experiência que o faz destacar-se, tanto que três anos depois, tornou-se um dos colunistas do JBa. A rotina como jornalista torna-se parte da vida de Ubaldo com espaço e tempo de produção escrita delimitados. No início das edições do JBa., a disciplina era marca de

um profissionalismo que tornariam o periódico respeitado. É Ubaldo quem descreve a dinâmica desse ofício:

O jornalismo dá disciplina. A matéria precisa ter 28 linhas e ponto. Com horário marcado: o jornal fecha às 11 e 30. Não há saída: você tem que escrever.⁶

O exercício profissional também renderia mais notoriedade e responsabilidade ao escritor, levando-o a executar incumbências múltiplas no JBa. Sobre esse período, Cacá Diegues descreve seu reencontro com Ubaldo:

Num fim de tarde, fui procurar Ubaldo na sede do extinto *Jornal da Bahia* onde, se não me engano, ele já era coisa para burro na redação. Jornalista ainda jovem, porém já muito conhecido e respeitado, ele tinha acabado de chegar de uma temporada de estudos nos Estados Unidos, de onde voltara com muita informação literária nova e um inglês de humilhar.⁷

Da época inicial da sua carreira, ressalte-se a brevidade com que as janelas do conto direcionariam seu olhar para “Lugar e Circunstância”, quando participa da antologia *Panorama do Conto Bahiano*, organizada por Nelson de Araújo e Vasconcelos Maia, em 1959. Ao lado da janela de escritor, a janela da redação do Departamento de Turismo na Prefeitura de Salvador como *office-boy*, mas em breve como redator no Departamento de Turismo. Com os contos “Josefina”, “Decalção” e “O Campeão”, contribui para a coletânea de contos *Reunião*, juntamente com David Salles, Noêmio Spinola e Sônia Coutinho, no ano de 1961.

Aparentemente, o batismo de João Ubaldo como contista ofuscaria a sua trajetória como redator de jornal, mas os dois ofícios seriam janelas que se abririam de forma contígua e congruente. O depoimento a seguir permite compreender a inclinação de Ubaldo para a escrita de romances:

Eu não sou contista. Escrevo histórias curtas sem ter a pretensão de contribuir para o gênero. Já os meus romances eu considero mais marcantes, digamos assim.

Em 1963, nota-se a evidente proximidade da relação entre a produção cronística do escritor em formação. Nesse ano, escreve o romance “Setembro não tem sentido”, tendo sido publicado apenas em 1968.

Em 1969, Ubaldo encontra na coluna *Satyricon* espaço para divulgar, de forma irônica, sua primeira experiência romanesca. Nesse comentário da crônica “O Sucesso

⁶ Id. P.32

⁷ Id.p.16

literário”, observamos a abertura paralela das janelas da crônica e do romance como parte de um mesmo cenário:

Mas não é isso. Eu tenho um livro escrito e algumas pessoas compram esse livro. Como o título é “Setembro Não Tem Sentido”, suponho que os compradores são todos nascidos em Setembro, que julga poder esclarecer, pela leitura do livro, tão insólita afirmação sobre seu mês de aniversário. Pessoalmente eu nunca vi ninguém comparar meu livro, embora tenha feito diversas tentativas, encostado pelos cantos das livrarias, olhando os balcões de soslaio, com ares misteriosos. Dever ter gente que pensa que eu sou investigador, ou coisa parecida. Mas só vi alguém pegar meu livro uma vez e foi uma velhinha muito simpática, que segurou um exemplar, abriu no meio, leu durante cerca de um minuto, cheirou e largou o troço lá mesmo. Não deve ter gostado do cheiro. Outra vez, presenciei uma devolução. Uma moça trocou meu livro por dois romances policiais, daqueles portugueses. Bem, pelo menos valia dois romances policiais. Só que ela não precisava ter usados aqueles adjetivos em relação a meu livro, feriu meus sentimentos. (RIBEIRO, 15.07.1969)

Em 1971, reabria-se a mais adornada janela de JUR: a do romance. Desta feita, com “Sargento Getúlio”, obra que lhe renderia o Prêmio *Golfinho de Ouro*, no mesmo ano da sua publicação e o prêmio *Jabuti* concedido pela Câmara Brasileira do Livro, no ano seguinte, na categoria “Revelação de Autor”. Para a crítica, a narrativa aproximava-se de um misto de estilo de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. Quando questionado sobre essa possível influência, o escritor responde:

O *Sargento* começou porque eu queria saber se era romancista mesmo. Eu tinha ficado muito impressionado quando fui convidado por Nelson de Araújo para publicar em livro um conto que tinha saído num suplemento e ele disse para mim. “Até agora só li isso de você, Ubaldo, mas você não é galinha de um ovo só, é?” E eu, mais do que depressa: “Não, claro que não. estou escrevendo umas coisas novas aí”. Ele acreditou e me incluiu no livro *Panorama do conto baiano* (1959). Pois essa história não saía da minha cabeça. Quando publiquei *Setembro não tem sentido*, pensei: “E agora? Será que eu sou romancista de um romance só?” Precisava provar para mim mesmo que não era. Comecei o livro meio atrapalhado, não sabia o que ia fazer. Hoje existem todas essas interpretações, o romance é isso, o romance é aquilo, mas quando comecei eu não sabia de nada, não sabia aonde aquilo iria parar.⁸

Para João Ubaldo Ribeiro, as duas jornadas, na literatura e no jornalismo, eram complementares. A relação com os suplementos literários era oportunidade profícua para a projeção das obras, tanto dele quanto de conhecidos:

Eu não via muita distância entre uma coisa e outra. Eu vivi o tempo áureo dos suplementos literários – dirigia um. Glauber Rocha outro. O jornalismo naquele tempo era uma atividade romântica, boêmia, cheia de artistas.

⁸Cadernos de Literatura Brasileira, n. 7. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março/1999, p36. Comentário de João Ubaldo Ribeiro.

Vivíamos isso intensa e até irresponsavelmente. Imagine que eu e Glauber resolvemos lançar uma coletânea horrorosa de poemas; para promover o livro, eu e Glauber decidimos fazer o seguinte: um escrevia elogiando e outro desancando o poeta. Foi um sucesso.⁹

Não seria possível descrever a abertura da janela da escritura de JUR sem mencionar a presença relevante de Glauber Rocha como grande amigo e incentivador, desde o começo. O cineasta seria um dos projetistas de sua carreira. O comentário pessoal do escritor mapeia as motivações para a sua narrativa às voltas como a temática da identidade nacional:

Eu sou uma invenção de Glauber Rocha. [...] com essa mania de decretar coisas, Glauber passou a cobrar cada vez mais que eu escrevesse. Passava na minha casa e perguntava: “Quero saber o que você, que tem uma responsabilidade com o Brasil como escritor, vem fazendo como escritor, vem fazendo; quero ler. O que é que tem aí?”. Eu vivia preocupado, inseguro, sem saber se tinha vocação mesmo para a literatura. O que Glauber fazia era me estimular. Quando contei que estava pensando em escrever um romance que se passava na Semana da Pátria ele me incentivou muito. Comecei o livro e dava os capítulos para Glauber ler. [...] ¹⁰(*Cadernos da literatura brasileira*, 1999 n.7, 1999, p. 32-33).

Entretanto, é como cronista que JUR experimenta certa estabilidade financeira desde o início da sua trajetória como intelectual. Dessa prática cotidiana com as crônicas, ele não mais se desvinculou como ocorre até a atualidade, escrevendo crônicas para o jornal *O Estado de São Paulo* e *O Globo*.

Nesse ofício, JUR aproxima-se de um maior número de leitores, acostumados ao estilo mais informal, despojado, crítico e cômico do escritor. Por conta disso, é preciso reportar-se ao início da jornada rumo às janelas da crônica, conhecendo a importância da coluna *Satyricon*, editada em 1969 no JBa., como referimos acima. Essa publicação coincide também com fase inicial de afirmação do escritor como romancista, seguidos doze anos de ingresso à carreira como redator diário de jornal. A sua habilidade como redator motivou o pai de Ubaldo a trabalhá-lo no jornal, como afirma “Meu pai me levou para trabalhar em jornal porque eu escrevia bem. De certa maneira, ele acertou: até hoje eu sou, de algum modo, ligado ao jornalismo.” ¹¹

Aparentemente, a janela do cronista não havia sido aberta pelas palavras inspiradoras de Glauber Rocha, apesar disso, através das crônicas, Ubaldo encontra

⁹Idem.p.32.

¹⁰Id.p.32-33.

¹¹¹¹ Id. p.31.

espaço para exercer alguma espécie de ativismo mais direto. Considerando que a crônica pode ser um espaço possível para crítica, ela traz consigo ainda a experiência de produção diária do jornal. O espartilho da escrita cotidiana e com prazo pré-estipulado é experimentada por JUR, desde aquela época até a atualidade, e a sua descrição atesta isso:

É chato, muito chato. Mas é um trabalho, e por isso eu não deixo para a última hora. Na verdade, eu posso entregar meu texto até quinta-feira, mas sempre entrego na quarta, mando por e-mail. (...) ¹²

A responsabilidade na forma como Ubaldo descreve acima o ofício de cronista e redator diário parece esvaziar parte do *glamour* da aura literária, entretanto o seu caráter representativo se mantém preservado, como se confirma a seguir:

Em *Satyricon*, as crônicas apresentam uma leitura picante e bem-humorada dos acontecimentos ocorridos na capital baiana, no final da década de sessenta, relatados no JBa.que, na época era um jornal respeitado naquele contexto. A influência do contexto histórico na carreira de Ubaldo está presente, obviamente, também na produção de outros intelectuais. Mas em relação àquele contexto dos anos 60, vale o destaque de Moacyr Scliar:

Nossa geração começou a publicar nos anos 60 e 70. É uma geração marcada, portanto, pela conjuntura política: pelo golpe de 64, pela repressão pela censura. Tudo isto está em João Ubaldo... Poucos escritores captaram, como ele, o espírito de nossa gente. (SCLIAR apud.BERND, 2001, p.9.)

Ao olhar atento do cronista-escritor, não passaria despercebida a tensão observada pelo cidadão JUR. Ele sofre junto com seus pares no jornal e fora dele, as agruras da ditadura e seu dedo afiado, na Bahia através da figura de Antonio Carlos Magalhães. Os desafios dos jornalistas para sobreviver aos desafios da censura imposta pela ditadura podem ter levado muitos colaboradores do JBa. a usar de criatividade e sutileza para não cair no discurso da alienação ou do silêncio. No caso de *Satyricon*, o escritor faz uso do riso, da comicidade em suas diversas nuances. Mas, em outras

¹²¹²Id.p.46.

¹³¹³Id.ibidem.

situações, acaba sendo mais direto ao referir-se às mordanças imposta pela conjuntura política ditatorial sobre a imprensa e livres pensadores.

A visão algo desalentadora de Ubaldo sobre seu ofício como cronista reflete uma viés aparentemente mercadológico pouco preocupa em parecer outra coisa. O discurso aberto sobre a crônica como forma de sobrevivência corresponde a uma visão da literatura que, como por um toque de Midas, seria antes de tudo uma forma de sobrevivência:

Com relação ao mercado e à situação do escritor hoje no Brasil, eu posso falar por mim. Se você considerar a crônica um biscate literário, eu digo a você: não posso viver sem biscate. Preciso, sim, do que eu ganho com as crônicas. Não preciso desesperadamente, mas preciso. Depois de uma certa idade, você não tem mais resistência para ficar sem dinheiro.¹⁴

A afirmação acima desmonta o discurso aurático, que considera o exercício da escrita como uma espécie de sacerdócio que não demanda, necessariamente, um retorno financeiro. Afirmar sobre dinheiro e sobrevivência financeira são recorrentes nas crônicas de Ubaldo Ribeiro e confunde-se com a história da carreira de muitointelectuais brasileiros, alavancada financeiramente pelos trabalhos nos jornais, como atesta José Marques de Melo:

“Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mais pagava em dia. E era também uma oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente.”, (MELO. 1985,p.114).

A menção do retorno financeiro feita por Ubaldo Ribeiro retoma a força da verve satírica e cômica presente na coluna que confirma ainda questionando um discurso que glamouriza o exercício profissional do escritor. A despeito do riso, eoutrossim com sua ajuda, o colunista apresenta um ativismo crítico proporcional à sua formação cultural e intelectual, já naquela época. Esse teor crítico observado até hoje nas suas crônicas se mantém como confirmação das características citadas nesse início.

O criticismo presente nos textos de João Ubaldo é um traço diferencial da sua escrita, observado também nas crônicas e no início da sua produção no JBa. Entretanto, ao que parece, a sua carreira como romancista era vista por ele como mais importante. Como Ubaldo afirmou, dentre os papéis que Glauber distribuía, o dele era o de escritor e não de repórter ou colunista. Assim a importância desse ofício diário como cronista

¹⁴ Id. p.48.

passa a ser algo mais ligado ao exercício profissional do que parte de uma satisfação pessoal ou exercício de literariedade.

Ubaldo Ribeiro afirma em entrevista¹⁵ ao programa de entrevista ao programa Roda Viva, “Glauber me inventou”. Na mesma ocasião, afirma que a perda de Glauber, foi também a perda da sua referência como leitor e crítico. Fica claro então que a relevância da sua carreira como romancista está, para o escritor, envolta pela aura de uma grande amizade. Por outro lado, a função como cronista é vista mais como parte de uma demanda do redator profissional. Nela, é possível constatar comentários mais diretos e conscientes sobre a necessidade do exercício de cidadania, e também a presença do leitor crítico da sociedade e da política nacional.

Tomando como referência o contexto da experiência inicial de João Ubaldo como colunista — entre 1969 e 1970 — é possível constatar a existência de uma espécie de ativismo social, de inconformismo muito peculiar aos intelectuais desse período. Esse traço não estaria ausente das produções de Ubaldo que apresentará, nesse espaço do colunismo, uma visão questionadora e irônica acerca dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira, baiana e, especialmente, da cidade de Salvador.

Redescobindo as motivações do infante leitor João Ubaldo, é possível encontrar o precoce repórter do JBa. que, na sua loucura permitida, fazia da redação do jornal um exercício de escrita e de talento de escritor. Como em muitos casos, do jornalista nasce o escritor, a escrita cotidiana confunde o ócio criativo, acalentando desse apenas uma distante quimera dos tempos em que escrever não era mera sobrevivência. Mais do que um meio de vida, a escrita se tornaria, para Ubaldo, sua mestra, amiga e provedora e o colunismo bem como a crônica diária não lhe têm abandonado até hoje.

Importa lembrar esses tempos de amizade entre Ubaldo e Glauber — nos idos de 50 e 60 — que renderia ao escritor a inspiração do amigo cineasta que, com maestria, ousava distribuir papéis¹⁶ para os seus pares e estes passavam a desempenhá-lo. Como num acordo de cavaleiros, para Ubaldo ficou o de romancista. A essa missão, Ubaldo pegou-se com afinco a ponto de não se aceitar como contista, nem como

¹⁵João Ubaldo Ribeiro foi entrevistado, no programa Roda Viva na Tv Cultura, em 23 de julho de 2012. Parte dessas afirmações e outras estão presentes em anexo. Especificamente nesse trecho da entrevista, Ubaldo afirma que Glauber o inventou como escritor e, na ocasião da morte do cineasta, ele sentiu um imenso vazio que era a presença de Glauber como referência de leitor crítico para suas produções escritas.

¹⁶Em vários momentos, quer em livros ou entrevista, João Ubaldo Ribeiro refere-se a Glauber como inventor da sua carreira. Um desses foi a menção ao fato no programa Roda Viva de 23 de julho de 2012.

cronista, nem como colunista, mas definir-se como romancista. Trata-se de um papel que cabe carinhosamente na sua memória, como de quem perdeu seu leitor mais querido – Glauber – e, por isso mesmo, encontra nos escombros do jornal diário forças para prosseguir na jornada da escrita.

A despeito de Glauber não lhe ter incumbido o roteiro de cronista, parece que esse *persona*oua em perseguir Ubaldo que se encaixa nele como ninguém. Da sua experiência inicial como colunista, é a que será discutida nesse estudo.

A leitura dos acontecimentos relatados acima, conduzem ao retorno pouco conhecido de João Ubaldo ao JBa. Dessa vez, colabora no columnismo com a coluna *Satyricon* no final dos anos sessenta. A desconhecida coluna¹⁷ reserva aspectos diversificados de um contexto de dificuldades para um escritor em formação. Da aridez desse espaço, atingido por torrentes da censura, João Ubaldo fará uso da coluna para afiar sua pena de escritor.

Da sua experiência inicial como romancista, em 1968, não deixa de ser motivo para assunto de uma das suas crônicas em *Satyricon*. No entanto, a preocupação observada do escritor, relatada na crônica a respeito da recepção do seu primeiro romance não foi o esperado. A espera de dois anos pela premiação do segundo livro – Sargento Getúlio, em 1971 – João Ubaldo escreve como cronista muitas divertidas crônicas sobre o viver diário da Bahia na transição nos anos de 1969 a 1970.

Eram anos difíceis. E como entender de outra forma, senão que o papel de satirista coube bem ao cronista Ubaldo, ligando-o a uma tradição bem mais antiga na literatura baiana. O olhar vivaz e arguto do Ubaldo desenvolvia-se com os graus do criticismo e da ironia.

A sua aparente relação com o pensamento de esquerda¹⁸ permitira ao escritor a experimentação de uma crônica desprezível, mas atenta a tudo, tanto da Bahia, como do Brasil e do mundo. Tudo caberia nesse pequeno espaço da crônica em *Satyricon*.

¹⁷Estranhamente, o escritor Ubaldo não se refere à existência da coluna *Satyricon*, embora sempre se refira à experiência no JBa. Por sempre referir-se a Glauber nesse período descrito da sua vida, pode-se confirmar que ele talvez se refira apenas à fase inicial no jornal, quando era ainda adolescente.

¹⁸Apesar de não ser mais comunista, João Falcão que havia sido antes, acolhia no jornal jornalistas e intelectuais perseguidos pela censura e ditadura, abrigando-os com o emprego no JBa. Essa informação remete à entrevista concedida pelo jornalista Levi Vasconcelos, colaborador do jornal entre os anos de 70 e 80.

Mesmo em seu espaço limitado pela limitação de linhas e caracteres, os textos não ficariam circunscritos aos eventos diariamente relatados.

Como outros intelectuais colegas, João Ubaldo Ribeiro acostumou-se a refletir e opinar, incluindo a esse exercício, a presença do riso e da ironia, talvez como formas criativas de driblar o enquadramento imposto pela censura.

Desse início do escritor ainda pouco conhecido, do colunista já respeitado pela sua habilidade com o texto, ressalta-se ainda a falta de *glamour* no ofício da escrita cotidiana, sob encomenda. De forma explícita, a escrita como fonte de renda é apresentada em muitas crônicas de *Satyricon*, em que o escritor sutilmente convida o leitor ao brinde de sua coluna.

O colunismo, como inovação do JBa., encontrou em Ubaldo um colaborador profícuo. A proximidade é um espaço que permite uma maior interação necessária, especialmente, na construção da ironia, cujo sentido dele depende totalmente da recepção para produzir os muitos significados pretendidos.

em plena tarde, — e outra, foi assaltado

Um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, eram os seguros libertados N. Krasov, Evaghen D. Petras, Ieraximos A. Tsolis, Georges Andreus, Isanilias, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos Agrios e Christos A. Ageris. Esses e outros foram libertados em uma operação de assalto a uma caixa de correio do bairro de Santa Nelly, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento.

As facilidades foram muitas e veio a insperado rubro; um milhão de escudos antigos foi uma moeda que sempre circulou em dois pontos, que serviu de moeda para a circulação. A moeda atual tinha um fundamento, e que os de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

polícia encarregada da elevação no caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter êxito. Há muito tempo, a polícia jamais conseguia desmascarar os ladrões. De posse dessa pista, a polícia interrogou um de seus funcionários que foram

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos rubros a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar um banco e a polícia também voltou a tranquilidade entre os cidadãos os assaltos bem mais frequentes.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1934. Neste ano, os estabelecimentos foram roubados durante o dia, por isso, os cidadãos os assaltos bem mais frequentes.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificadas duas assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar \$1.233.42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado pelo NANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 3 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao comprador a taxa de administração de 2% ao mês, e despesas de transporte e tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade animal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil boes.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);

b — chifres, cascos, barbigas e outros acessórios;

c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Art. 11 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 12 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 13 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 14 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 15 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 16 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 17 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 18 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 19 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 20 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 21 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 22 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 23 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 24 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 25 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 26 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 27 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 28 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 29 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

Art. 30 — O Consórcio Nacional do Bode, tem por finalidade de especial a de possibilitar a propriedade de um bode a cada família brasileira, com o intuito de proporcionar a todos os brasileiros a possibilidade de obter um bode para a produção de leite e carne.

2. O cortinado da crônica nos trilhos jornalístico e literário de Satyricon

As origens mais remotas da crônica remontam ao começo da era cristã, quando o gênero não passava de um relato de acontecimentos cronologicamente ordenados, sem nenhuma intenção opinativa. Nesse formato, ela prossegue até o século XII quando nela se circunscreve a presença de uma visão individual da história. Nesse período, recebe a alcunha de “crônicas”. Decorridos quatro séculos, ela começa a ceder lugar para a história. Mas, sua aparência ficcional emergirá, de modo mais explícito, apenas a partir do século XIX, ocasião em que se aproxima do conto e do poema, impondo-se, porém, como uma forma especial, porque não se permite classificar como aqueles. (SOARES, 2003, p. 64).

Se deixarmos de lado seus antepassados mais remotos e ignorarmos o exagero de se ver no documento zero de nossa literatura, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, nada mais do que uma obra cronística, notaremos que a crônica contemporânea é, de fato, uma das filhas do folhetim francês. Em harmonia com o espírito de importação cultural da época, não demorou para que a moda do *feuilleton* desembarcasse em terras brasileiras. Ocupando inicialmente os rodapés dos periódicos oitocentistas, o folhetim destinava-se ao entretenimento e tornou-se um espaço indefinível e desprezível, capaz de abrigar resenhas literárias, narrativas ficcionais seriadas, críticas de teatro, notícias de eventos sociais ou o que mais a livre escolha temática e formal do espaço propiciasse ao escritor. (FRANÇA, 2008, p.03).

Apesar de sua relação inegável com a história, a crônica não ficaria limitada aos limites impostos pela historiografia. O suporte em que ela inicialmente é publicada – o jornal – permite-lhe resvalar para além das páginas eternizadoras do livro, entretanto, é essa sua liberdade também um tipo de algaz. No entender de Júlio França, isso é sim uma espécie de legado indesejado:

Advinda das páginas efêmeras dos periódicos, a crônica não conta, ao menos a princípio, com o ambiente sacralizador das páginas do livro. Suas origens remotas, que a ligam à historiografia e aos registros documentais, são como uma maldição hereditária: ela nunca está liberta da origem ostentada pela própria etimologia de seu nome, e carrega, como um estigma, sua função primeva de conter e contar o tempo. Refém do peso de sua tradição, o papel de documento da História obnubila sua já tão depreciada condição de obra literária. (FRANÇA, 2008, p.03).

Mas não se pode negar, quer pela sua etimologia, quer pela análise de documentos, a relação da crônica com o tempo, especificamente, com o contexto específico de suas produções. Trata-se apenas de um tempo narrativo, linear, mas

estético, eivado de literariedade, um tempo que se permite conectar o estético ao historiográfico, o literário ao jornalístico, o biográfico ao coletivo. Engendrar esse tempo que transcende o *chrónos* é, na atualidade, o grande desafio para o cronista. Para fazer do instante muito mais do que um mero relato, o cronista precisa trilhar caminhos bem inusitados. Nesse intento, a crônica apresenta-se variada e:

Polimórfica, ela se utiliza afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais..., afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E, enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o (SOARES, 2003, p. 64).

A definição da crônica não pode prescindir da importância do destaque dado a seu caráter fragmentário. O comentário pessoal, as particularidades do olhar subjetivo, a busca do sentido efêmero dos acontecimentos permite ao tempo ser um aspecto para a representação, para a mimese. (RESENDE, 1995, p.17).

A representação do tempo é tema para os cronistas modernos e contemporâneos, é mais do que uma estratégia estética, lança um olhar desconhecido ou inusitado e permite uma releitura da história e, além disso, traz um certo sentido de atemporalidade:

A observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, [Pero Vaz de] Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial (SÁ, 1985, p. 6).

Para Machado de Assis, o cronista seria melhor compreendido como um “historiador das coisas miúdas”. (RESENDE, 1995, p.17). E, na sequência do conceito, o escritor personifica a crônica como uma comadre, velha patusca, que “fareja todas as coisas miúdas e grandes, e põe tudo em pratos limpos”. (RESENDE, 1995, p.21).

O Machado cronista fazia questão de meter o nariz onde ninguém entrava, para descobrir o encoberto, bem como o invólucro a ser destacado deve ser objeto de interesse de outros herdeiros da tradição cronística de historiador de quinzena. Com essa motivação, cresceram tantos outros escritores que encontraram nas asas de um jornal pouso seguro, algumas vezes permanente, para alçar outros voos.

E é no espaço da edição de um jornal que vemos se desenvolver o híbrido gênero que teima que não abrir mão da sua ligação com o tempo, mas o transcende nas revoltas ondas da maré literária, que lhe é sempre contrária. Aliado a tudo isso, sublinha-se a sua relação com as demandas políticas e ideológicas.

Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do *narrador-repórter*), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada ([...]o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação. (SÁ,1985, p. 8).

A arte do cronista se manifesta, doutra sorte, através de sua capacidade de relacionar à coerência do acontecido à coerência interna de seu texto, permitindo-se reinventar o real, injetando nele sangue novo. Eis o desafio de ultrapassar a linearidade do registro circunstancial: espera-se que através do uso de

“suas artimanhas peculiares” ultrapassará os limites do real como é visto por todos nós e alcançará uma dimensão mais profunda: a essência mesma daquilo que o sujeito busca ao recriar um objeto. Nesse momento, o “prosador do cotidiano” também faz ficção(SÁ,1985, p. 74).

O leitor é decisivo como contraparte na recepção das crônicas. A especificidade técnica do espaço de produção da crônica inclui alguns aspectos como cotidiano, brevidade, fragmentário, fuga da linearidade factual. Nem sempre todos atributos se encontrarão no conjunto de crônicas de um mesmo autor, mas em um ponto decisivo todos acabam se encontrando: a necessidade de criar uma empatia textual com às demandas dos leitores. Assim sendo, é preciso conformar-se também ao contexto de recepção, a despeito de que o bate papo, que é a crônica, não se torne um solilóquio. A quantidade de leitores apreciadores da leitura da crônica é muito expressiva para ser ignorada. Daí que:

A crônica, em comparação a outras manifestações consideradas mais nobres da Literatura, possui um número de leitores bastante expressivo – sejam aqueles que,diariamente, abrem as páginas dos jornais à procura de seu cronista dileto, ou os que encerram sua experiência com textos literários nos livros didáticos dos ensinos fundamental e médio. O “sucesso de público” parece estar ligado à sua conformação acerta exigências do mundo moderno. Suas características discursivas, tais como a tendência dialógica, o equilíbrio entre o coloquial e o literário, a economia verbal tão adequada à “pressa” do leitor contemporâneo, ajudam a explicar a permanência e a consolidação do gênero, mas também servem de argumento aos seus detratores. (FRANÇA, 2008, p. 01)

É necessário, ademais, ressaltar o tom com que se desenvolvem as crônicas, sugerindo uma proximidade maior entre o narrador e o leitor. Não apenas é um diálogo, mas um bate papo que acaba por implicar mais proximidade, maior afinidade e que se permite resvalar para a coloquialidade, pouco afeita a outros gêneros, quer literários, quer jornalísticos. A liberdade do diálogo aproximado, presente na crônica é oportuna por estabelecer uma ponte e uma intimidade maior o com leitor diário de jornal:

É como “conversa fiada” que todos os assuntos ingressam nesse espaço literário, sempre na base do dialogismo entre pessoas que se prezam, bate-papo em família ou em reunião de amigos. Assim, mesmo que o narrador não se coloque na primeira pessoa e se dirija claramente a um interlocutor, a ideia de diálogo deve permanecer. (SÁ,1985, p.75)

A liberdade presente na crônica permite ao cronista fazer um texto opinativo que não necessite exatamente de um arcabouço argumentativo. Disso confirma-se que a opinião expressa na crônica esteja simbolizada em uma conversa entre amigos, donde a cumplicidade e verossimilhança substituem a vontade da verdade. Assim do cronista,

Dele não se esperam reflexões documentadas sobre as questões que aborda. Sua voz não é institucional, tampouco carrega o peso de um discurso que se pretende comprometido com a verdade, como o do especialista. A crônica integra o território da dóxa, e não da epistême. Como espaço da dóxa, a crônica possui o que chamarei aqui de dimensão ética. Ela tem permitido ao escritor, ao longo dos anos, penetrar como indivíduo privado na esfera pública, e desenvolver formas de ação não institucionais: juízos pedagógicos ou de cunho moral, formação de opinião, divulgação de comentários e pareceres críticos sobre as questões que mobilizam o interesse social. A tenuidade dos limites do ficcional e do factual dilui as fronteiras entre o autor e o narrador e produz, no leitor, a sensação de cumplicidade que dá à crônica um alcance existencial ímpar na prosa brasileira. (FRANÇA, 2008, p. 03)

É inegável a relevância de se considerar que, no inusitado ofício do cronista, ele além de um coringa que transita entre a literatura e jornalista, ainda carrega consigo a responsabilidade de exercer, de forma consciente, o papel de formador de opinião.

Numa perspectiva panorâmica que entende a crônica como uma interseção entre jornalismo e literatura, Yolanda Muniz Tuzino relata a importância do século XX, como sendo a época que revestiu a crônica da aura de literariedade, como se confirma a seguir:

“A acepção moderna de crônica passou a ser empregada no século XIX, quando tal vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário. O autor Massaud Moisés explica que a ampla difusão da imprensa beneficiou o vocábulo que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica” presente nos jornais impressos.” (TUZINO, p. 3)

Nesse estudo de Tuzino, ela destaca ainda as observações do jornalista José Marques de Melo para quem a crônica nacional difere da internacional. Enquanto, segundo Melo, o jornalismo mundial está relacionado à ideia de relato cronológico, no Brasil, a crônica possui uma visão de gênero que é um texto breve, relacionado à atualidade e publicado em jornal ou revista. Assim, no contexto brasileiro é que ela terá a feição de relato poético do real, situando-se na fronteira entre a informação de atualidade e o relato literário. (TIZUNO, p. 3)

Estudiosos apontam o ano de 1852, como o ano de nascimento da crônica ou folhetim com o surgimento do Jornal do Comércio, como atesta José Marques de Melo,

“É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas, ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc.”; (MELO, 1985, p.113-114).

A definição da crônica abaixo não poderia descrever melhor as categorias sugeridas na definição de Érica Neiva. Tendo em vista a multiplicidade de temáticas, relatos, divagações, reflexões, dentre tantas outras motivações, a expressão de bazar é bastante oportuna.

“Bazar asiático, miscelânea de assuntos. Essa foi a definição do folhetim do século XIX para o escritor e folhetinista José de Alencar. Folhetim, inicialmente, era a denominação de qualquer seção de jornal, na qual publicavam-se desde ensaios a críticas literárias. Com o Romantismo, ele passou a representar uma fórmula literária presa à massificação da cultura, utilizado pela burguesia, classe que também se constituiu como principal público consumidor e o utilizava como uma forma de crítica à cultura aristocrática. Aprecia no rodapé dos jornais, onde eram publicados artigos, críticas literárias ou resenhas.”. (NEIVA, p. 5-6)

Quanto à definição de crônica, como sua localização espacial, encaixa-se no objeto pesquisado – a coluna Satyricon – que era publicada no rodapé do JBa.

“Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos.(...)Antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção ‘Ao correr da pena’, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar

muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.”, (CÂNDIDO, 1989, p. 6-7).

Serve bem a inscrição “artigo de rodapé sobre as variadas questões do dia, do cotidiano” como útil para representar o conjunto das produções da coluna *Satyricon*. Além dela, também foi oportuna a ideia de alguém que escreve “à toa, sem dar muita importância”. Em algumas crônicas estudadas, João Ubaldo Ribeiro dará um tom de pouco caso ao seu exercício como cronista, mas como apresentado no quarto capítulo, essa foi vista como estratégia de aproximação do universo leitor.

2.1 Os tons multicoloridos de *Satyricon*

Em meio ao conturbado contexto da ditadura militar, publica-se na capital baiana, entre 1969 e 1970, a coluna *Satyricon*. Ela foi editada no Jornal da Bahia (JBa.), decorridos onze anos da sua inauguração, e localizava-se na página inicial do caderno 2. Seu autor, João Ubaldo Ribeiro, marca com ela seu retorno ao jornal que o iniciou como repórter.

Do que se empregou nessa pesquisa, foi extraído de fotografias e posterior digitalização do acervo inicialmente levantado de quatrocentas e trinta e seis crônicas, feita pelas bolsistas Bárbara Mercês e Andréia Carvalho. Tendo sido pesquisadas nos acervos da biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, as crônicas figuravam na primeira parte do caderno 2 do JBa. Os textos eram sempre assinados pelas primeiras iniciais, o J e U, seguidas de ponto, referentes ao nome João Ubaldo, e o sobrenome Ribeiro, por extenso. Em algumas edições do jornal, ela não foi publicada, sendo então seu espaço ocupado por texto de outro colaborador.

As cortinas multicoloridas dessa coluna apontavam para a multiplicidade de nuances que se permite a crônica. A releitura da história, a recorrência ao relato jornalístico, o tatear da literariedade, o *chrónos* mimetizado, a historiografia do fragmento, a impregnação político-ideológica são alguns dos tons nos quais João Ubaldo Ribeiro ousou tingir essas cortinas.

Os assustadores ventos soprados pelo AI5 desbotaram as colorações tingidas nessa publicação. A velha patusca, a que se referia Machado de Assis, ri aqui da sua

janela, por entre as cortinas que adornam o jornal e a vida de muitos leitores da capital baiana e do interior do estado.

A isenção esperada no relato jornalístico, em *Satyricon*, cede espaço a uma poética da crônica, bem recebida por um público leitor que encontrará nela motivos para rir, *apesar de você*. As amarras ideológicas presentes em outros gêneros jornalísticos não são bem assimiladas no tear desse tecido *Satyricon*. As críticas, matizadas em vários tons, incluem personalidades da história ocidental, a estrutura governamental da política local, incluindo a menção a intelectuais, aos políticos, às instituições e a vários aspectos da administração pública.

Cada medida dessas cortinas é entretecida com ironia, sátira e comicidade. Assim é observada a descrição de aspectos da história, como na crônica “Paz na Terra”, de 01 de fevereiro de 1969. Nela, o cronista ironiza relatos sacralizados pela história dita oficial, conferindo-lhes uma nova interpretação, como se vê abaixo:

O homem sempre revelou uma infinita compreensão para com o seu semelhante, e disso temos exemplos em toda história da humanidade. Gaius Tranquilus, por exemplo, já contou da inata simpatia de Átila e dos feitos caridosos de Calígula, que nos fazem cada vez mais acreditar na bondade humana. Todo mundo se lembra daquelas fotos que saíram em um número passado de uma revista semanal, mostrando a execução de alguns cidadãos de um país árabe distante. Comovia a eficiência da operação, o ar compreensivo do carrasco, o aspecto solícito da multidão de espectadores (RIBEIRO, 01 fev. 1969).

A descrição do comportamento de Calígula e de Átila feita acima destila o tom de ironia presente em várias crônicas da coluna, que apresentam como temática uma releitura crítica de fatos contundentes da história, especialmente, alguns relativos a figuras proeminentes como reis, imperadores e afins. A seguir, outro exemplo, na menção indireta a Adolph Hitler:

John Kennedy disse uma vez que a vitória tinha muitos pais, mas a derrota era órfã. Isso é verdade, como sabe qualquer pessoa que tenha pertencido ao quadro de um time de futebol. Quando a gente ganha, todo mundo jogou bem. Quando a gente perde, só a gente jogou mal. Lembro-me disso por causa da lista organizada por uma revista americana, dos livros mais finos que poderiam ser escritos. Entre eles está um com o seguinte título: “Alemães que reconhecem terem colaborado com Hitler”. Não que eu tenha raiva dos alemães, que isso é burrice. Mas que, se o cabo da Baviera tivesse ganho a guerra, o livro engrossava, lá isso era. Agora saiu um selo, na Alemanha Ocidental, comemorando o 50º aniversário do correio aéreo alemão, cuja estampa representa o avião em que Hitler percorria o país. Todo mundo diz que não se lembrou do que representava o tal avião. O mal é esse. Ninguém se lembra (RIBEIRO, 15 fev. 1969).

Entretanto, as cortinas de *Satyricon* não serpenteiam apenas contra personalidades da história. Vários assuntos são motes para o conjunto de sua produção. Um dos fios condutores da tessitura da teia cronística é a presença constante do riso, da ironia e da sátira. Mas, do ponto de vista temático, repetem-se na coluna alguns nomes da cultura e da política baiana e soteropolitanas.

As braçadeiras dessas cortinas usam adornos, adereços temáticos diversos e neles se encontram também narrativas, envolvendo alguns dos colaboradores do JBa. Em algumas crônicas, o assunto era resultado da sugestão de algum redator de jornal, como por exemplos “Em defesa do bidê” e “Em defesa do bidê II”, nas quais ao assunto tratado descrito é sugestão de João Carlos Teixeira Gomes. Em todas as crônicas, ao mencionar aos colegas de redação, refere-se a estes de forma honrosa. A seguir, vê-se a menção a Raimundo Reis:

Ontem eu estive com Raimundo Reis. Quando eu cheguei o grande homem estava sentado à sua mesa particular, no Departamento de Publicidade do JORNAL DA BAHIA, revendo algumas faturas.

- Desculpe-me, enquanto eu concluo o meu cotidiano burocrático – disse-me ele, atenciosamente. O Governo insiste em fazer perdurar esta situação: obrigam um gênio a trabalhar.

- De fato – disse eu. – É um absurdo.

- Temos que fingir que essas coisas não existem – explicou ele. Na realidade, tenho horror a esse povo. Sceleratissima gens, como dizia o velho Sêneca. Só pensam em dinheiro. (RIBEIRO, 02 fev. 1970).

Como se vê acima, a descrição dos colegas do JBa. é sempre feita de forma laudatória e galhofeira, na qual se nota uma intenção de comicidade, mas também de cumplicidade para com os companheiros de lutas no periódico. Os embates sofridos naqueles tempos de mordaca ideológica acabavam por fortalecer os laços dos profissionais que laboravam na editoria do JBa. Entretanto, em muitos momentos, os elogios e honrarias eram excessivos, o que configura um olhar irônico a respeito dessa pretensa superioridade dos seus pares.

2.2 As temáticas: partes do cortinado Satyricon

Usando a expressão de Neiva, observou-se a presença de um bazar, uma miscelânea de assuntos na coluna *Satyricon*, que pela sua multiplicidade de tons nos quais se tingiam as cortinas desse universo. Dentre os painéis, figuram “Administração pública”, “Comida e abastecimento” e “Cidadania”. A sua coloração algo verde

amarelada, é entretecida pelos tons de azul e vermelho da bandeira da Bahia. Os bandôs “Heróis”, “Política internacional”, “Releitura de história”, “Revolução tecnológica”, “Economia” apresentam uma visão inusitada de relatos tanto verazes quanto verossímeis.

As braçadeiras: “Pessoal”, “Trabalho como cronista”, “Linguagem”, “Insetos”, “educação”, “vida intelectual” adornam as cortinas, oferecendo-lhes tonalidades de ironia e sátira que recobrem de comicidade aspectos biográficos e literários.

Dos forros “Relatos da coluna”, “Viagem espacial”, “Futebol”, “Jornalismo”, destacam-se a transição constante entre as nuances ficcional e factual.

Trilhos como “Discurso religioso”, “Arte e Cultura”, “Feminismo”, “Saúde”, “Festas”, “Comportamento social”, “Autoajuda” servem como reflexo de fios que cintilam o riso, refletido sob as circunstâncias e discursos sedimentados na história oficial e na cultura nacional e local.

O relato é feito, predominantemente, em primeira pessoa, algo que o cronista considera revolucionário na escrita de jornal daquele contexto de produção e, segundo ele, incomum nos jornais baianos. Esse seria um aspecto distintivo de sua escrita.

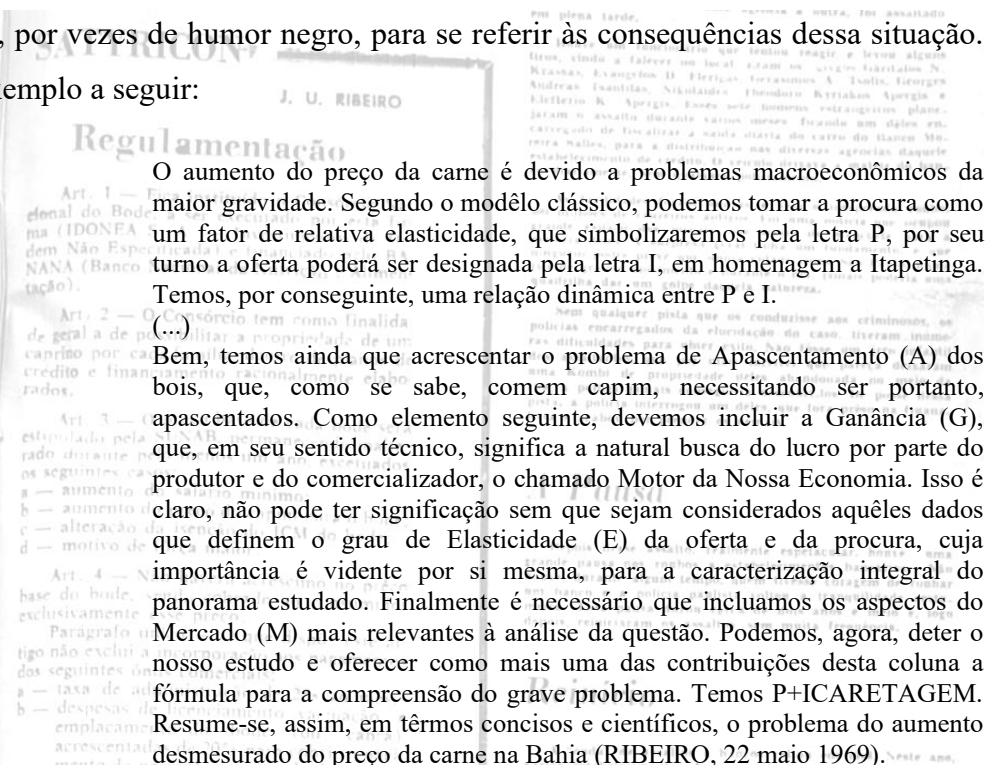
As produções escritas sob a temática “Administração pública”, por serem mais recorrentes, serão tratadas no quinto capítulo. Entretanto, pode-se inferir que a recorrência a essa temática confirma a intenção política inegavelmente presente no conjunto dessas produções, tanto pelo seu teor crítico, quanto pela sua repetição.

No painel “Comida e abastecimento”¹⁹, encontra-se a crítica direta a certos problemas de abastecimento ocorridos na Bahia.

São bem conhecidos os indicadores de qualidade de vida da população que despencam no decorrer da era dos presidentes Costa e Silva e Médici. É gritante o índice de mortalidade infantil em São Paulo, saltando de 70 por mil nascidos vivos em 1964 para 91,7 por mil em 1971. Os problemas da desnutrição que atingiria 70 milhões de brasileiros em 1972, já se fazia sentir também na Bahia quatro anos antes, bem como a existência de 600 mil menores abandonados na Grande São Paulo. O Brasil, apesar da modernização pretendida pelo governo militar, perde em desnutrição, àquela altura, apenas para países como Índia e Indonésia.

¹⁹ Dentre as crônicas que tratam da temática estão: Comida! 25 jan. 1969, Alimentação 21 mar.1969, Comida!03 abr.1969, O caso da batata desaparecida 08 maio 1969, A carne: Uma análise científica 22 maio 1969, Banana para vocês 28 maio 1969, Regulamentação 31 maio 1969, A mista 03 jun.1969, Abaixo o boi 04 maio 1969, A carne 20 ago.1969, Um solanum tuberosum frito 22 ago. 1969, Mangia, mangia, Che Ti Fa Bene 23,24 nov.1969, Ho-ho-ho! 25 dez. 1969. A recorrência ao tema parece supor que o problema do abastecimento afetava a população baiana naquele contexto.

Sobre a ameaça de carência de alimentos e carne, as crônicas farão uso de comicidade, por vezes de humor negro, para se referir às consequências dessa situação. Vê-se no exemplo a seguir:



Na crônica ilustrada acima, o cronista criará um acróstico: P+ICARETAGEM, para destacar fatores que levaram ao racionamento de carne. O tema de abastecimento de carne ou alimentos é retomado em outras crônicas, o que leva a crer que havia uma intenção de denúncia clara nesses textos. Outras questões serão também mote para outras crônicas.

A esse respeito, no painel "Cidadania"²⁰, vários outros problemas enfrentados pelos cidadãos soteropolitanos são tratados de forma crítica e irônica. Algumas produções versam sobre os transtornos sofridos na travessia de Salvador a Itaparica. Exemplo disso é o fragmento da crônica abaixo, em que o narrador descreve a situação de superlotação enfrentada no *ferryboat* a caminho da ilha:

Mas, a proa, sim, a proa. Lá só estão umas quatrocentas pessoas, de maneira que é bastante mais folgado. Olhando para cima (tomando a precaução de não segurar num cabo de ferro, o qual está untado de graxa para evitar a corrosão da maresia) podemos ver um grupo de pessoas no último andar do navio, confortavelmente encostadas na amurada. (Ribeiro, 09,10 fev. 1969)

²⁰ Algumas crônicas tratam da questão da cidadania. Temas como transporte público, problemas na travessia com o ferry boat, saneamento básico, direitos do consumidor são tratados. Exemplo disso são: A eficiência 21 jan. 1969, Como é bom viajar 09,10 fev. 1969, Domingo Na praia 02,03 mar. 1969, Ah que alegria! 05 mar. 1969, Comprar é fácil 29 mar. 1969, Ajudem seu irmão 04 maio 1969, Lá Vamos Nós 23 jun. 1969, O tutu 14 out. 1969, Kilsonski é o maior 06 nov. 1969.

O viés irônico observado na descrição da rotina da travessia é recorrente em também em outros momentos da coluna sobre vários outros aspectos, inclusive sobre o problema dos transportes urbanos.

O bandô “Heróis”²¹ manifesta-se em crônicas semelhantes a pastiches de narrativas clássicas de histórias em quadrinhos, onde a nobreza do heroísmo e caráter dos heróis são postos em cheque a todo tempo. A quebra da seriedade presente na narrativa original gera comicidade e dessacraliza a figura do herói e entrelaçando a narrativa com críticas veladas sobre o que seria politicamente incorreto:

Enquanto isso, entre os que ainda estão funcionando, uma agência americana manda notícia.

METRÓPOLIS (urgente) – Cansado de responder com evasivas às perguntas diárias dos repórteres e do público em geral, Super-Homem finalmente esclarece a todos, batendo o pé no chão com irritação:

– Não caso com Miriam Lane porque não posso! Ora, não chateiem, enjoados!

TANZÂNIA – Apesar de seus veementes protestos, Tarzan acaba de ser considerado pelas autoridades locais, “um perigoso agente do imperialismo branco”. Além disso, o famoso herói está respondendo a inquérito como autor de ultraje público ao pudor, por andar nu em companhia de uma macaca.

NOVA IORQUE – Billy Batson rompeu hoje com sua noiva de longos anos, acusando-a de crueldade mental.

– Pouco se me dá – declarou ela à imprensa. – Ele só funcionava na base do shazam mesmo (RIBEIRO, 30 maio 1969).

A dessacralização da figura do herói reflete a adoção da perspectiva da comicidade que busca subverter o padrão oficial dos discursos oficiais, versando assuntos variados como homossexualismo na figura do super-homem e racismo na figura de Tarzan. A interpretação da narrativa propõe uma revisão desses discursos e da imagem do herói como catalisador disso, desmontando a perspectiva aurática, conferida pela narrativa clássica e redimensionando uma visão sobre preconceitos e práticas sociais, sob o viés do riso.

“Política internacional”²² é um bandô tingido com as cores cinzentas da guerra fria, e vermelha dos combates militares. As questões de conflito entre nações são mote

²¹Dentre as produções que tratam de paródias de textos de herói estão: Segredos e revelações em histórias em quadrinhos 30 maio 1969, O arquivo de super-heróis I 17 jun. 1969, O arquivo de super-heróis II 18 jun. 1969.

²²A Civilização de Hollywood 07 jan. 1969, Paz no Vietnã 08 jan. 1969, A Paz 09, Correspondência Lunar 26,27 jan. 1969, Proteção 28 jan. 1969, Os buracos no céu 30 jan. 1969, Conversando a gente se entende 07 fev. 1969, O Avião de Hitler 15 fev. 1969, O pessoal 26 mar. 1969, O imperialismo 11 abr. 1969, Nada como a coexistência 15 abr. 1969, O Coração de um mulato 16 abr. 1969, As hostilidades 19 abr. 1969, A movimentação do mercado 21 jun. 1969, A salvação 02 jul. 1969, A Nova Guerra 10 jul. 1969, 67. 489.395 ½ -06 ago. 1969, Sinceramente seu 10,11 ago. 1969, O morticínio ao alcance de todos 18 set. 1969, Confissões dele e dele 02 out. 1969, O apartheid é ótimo 09 out. 1969, As Alegre Viagens 09 nov. 1969, O Cavar 18 nov. 1969, Um microbiozinho não faz mal a ninguém 28 nov. 1969, The

para muitas crônicas que transitavam num ano tão marcante como foi o ano de 1969. É relevante, nesse pormenor, salientar a relação entre a prática da tortura, da censura, do terror e do medo, causados pelos militares. Em contrapartida, vê-se a reação da esquerda radical armada no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, considerado o maior ato de guerrilha na época da ditadura, culminando na libertação de 15 presos políticos. A data do sequestro — 04 de setembro de 1969 — coincide com a publicação da crônica, parcialmente apresentada nas próximas linhas, cujo relato apresenta, ironicamente, uma subversão da lógica imperialista sobre os dominados:

Depois de nazista de filme americano, o que eu mais gosto é índio. Qualquer espécie de índio, menos os chatinhos, que são muito boas pessoas e nem morrem no fim do filme nem nada. É verdade que eles não se comparam a nazista de monóculo, mas esses estão ficando cada vez mais raros, agora que o cinema americano deu para ficar “realista”, mostrando nazistas muito simpáticos, cheios de drama na consciência: - Ah, que horrores! Matem essas três mil de vez, mas non me mostre, que eu non suporto! O guerra é horrifel! [...]

De maneira que eu vou ser obrigado a preferir os índios, que sempre fôram muito especializados, morrem bem, fazem careta e tudo o mais. É verdade que o cinema americano falsifica um pouco as coisas, porque eu mesmo conheci vários apachese eram todos baixotinhos, subdesenvolvidos mesmo. Nem de longe parecem com aqueles clinamultes que a gente vê na tela. Mas é possível que, na época da ocupação do Oeste americano, eles fôssem maiores, tendo murchado gradativamente por serem obrigados a morar nos desertos do Arizona, onde eu os conheci e onde água é tão rara que os arizonenses organizaram excursões para levar a gente para uns rêgos de água muito mixurucos. Imaginem se lá eles tivessem a Vasco da Gama. Iam delirar. (RIBEIRO, 04 set. 1969)

Embora a data tenha sido coincidente não é possível afirmar a relação entre a reação da esquerda aos atos da ditadura. Entretanto, o questionamento do discurso de uma ordem instituída é representado pela figura do índio em contraponto à do branco. Em seguida, na mesma crônica, o cronista relata a história de um índio *scout*:

A segunda história é a Ôlho Vivo, um navajo muito mansinho, que já era *scout* e tudo, até com farda da cavalaria. Pois esse Ôlho Vivo estava cavalgando certa feita, quando encontrou um rancho pegando fogo: ao aproximar-se, viu uma mulher belíssima, inteiramente nua, amarrada em quatro estacas.

Que foi que houve aí, Dona — perguntou Ôlho Vivo, ainda montado em seu cavalo.

— Ah, Ôlho Vivo, ainda bem que você apareceu. Eu já estava ficando desesperada.

Aí, Ôlho Vivo olhou bem para ela e, com uma estranha luminosidade no rosto, foi descendo do cavalo.

Wonderful World of Sports 02 dez. 1969, Cada dia uma guerrinha melhor 10 jan. 1970, Abaixo a Opressão 18 fev. 1970, A Salvação do Laos 19 mar. 1970, Paz na Terra 27 mar. 1970, Sonola cassinha de Música no Céu 29 abr. 1970, Vitória total 13 maio 1969, Pau na Crioulada 25 jul. 1970.

– É, dona – disse êle, apeando vagarosamente e indo em direção a ela, – Fique aí quietinha que parece que hoje não é o seu dia mesmo, não. (RIBEIRO, 04 set. 1969)

Observa-se nesta cena, a expectativa frustrada de grande tensão narrativa, cujo desfecho desobedece à lógica linear da narrativa épica. A atitude do índio, nessa cena, subverte o papel do herói-salvador e imprime ao acontecimento um final inusitado. A falta de um sentimento nobre imbuído pelo ímpeto de salvar a mulher em perigo não cabe ao herói cômico. A nobreza heroica, comum nas histórias romanescas, cede espaço aqui à zombaria, onde a descrição da personagem feminina é feita de forma grotesca e aviltante.

“Releitura de história”²³ é um dos mais instigantes bandôs, pois intertextualiza com relatos cristalizados e legitimados pelo discurso da historiografia oficial, conferindo-lhes um olhar totalmente desconcertante e fazendo uma releitura cômica, que apresentam olhares diferenciados sobre os fatos da história.

Encontram-se, nesse bandô, comentários sobre a violência, os abusos, a ganância, dentre outros atributos indesejáveis em personalidades da história ocidental, redimensionados pela argúcia e reinterpretados pela liberdade estilística da crônica e amoral do riso.

É notório que, na contemporaneidade, as narrativas já não reivindicam a inovação, mas seu interesse focaliza-se sobre a reflexão intertextual e dialógica dos discursos montados sobre fatos históricos. O questionamento ideológico presente na leitura contemporânea prima pela fragmentação das grandes narrativas, permitindo uma interpretação negada pela linearidade da interpretação unilateral.

O caráter dialógico, intertextual e subversivo da contemporaneidade pode ser visto na paródia da crônica de Pero Vaz de Caminha encontrada na crônica “As cartas de Manoel Joaquim”, onde é o cronista propõe um diálogo com o texto de Caminha:

²³São várias as crônicas que fazem uma releitura cômica e até mesmo ficcionalizada de relatos cristalizados pela historiografia. No caso da série “As cartas de Manoel Joaquim”, o tema do descobrimento é retomado na paródia da Carta de Pero Vaz de Caminha. São elas: A história é ótima 12,13 jan. 1969, O Perturbado 14 jan. 1969, O Pessoal 15 jan. 1969, Paz na Terra 01 fev. 1969, (sem título) 23,24 fev. 1969, Extratos do diário de Noé 16, 17 mar. 1969, O diário de Noé –II 23, 24 mar. 1969, As cartas de Manoel Joaquim 29,30 jun. 1969, As cartas de Manoel Joaquim II 06,07 jul. 1969, O panteão dos desconhecidos II 03,04 ago. 1969, O panteão dos desconhecidos 14,15 set. 1969, O dos americanos 19 set. 1969, Os grandes Inventores 29 nov. 1969, Os grandes inventores II 07,08 dez. 1969, Os grandes inventores III 13 dez. 1969, Os Grandes Inventores 23 dez. 1969, Uma História de natal 24 dez. 1969, Os grandes inventores IV 28,29 dez. 1969.

Hoje aportamos a hua terra cujo apelido ignoro, porque Ca nunca vi hua terra ton desconchavada. Entretanto, o que parece eh que o Senhor Dom Cabral da-se grandes ares com a descoberta d'elle pois antes de deitar anchora soletrou lá nas bandeirolas: “Portugal sensacional eo sou o Tal”. Apòs o que, dando cambalhotas de satisfasson dirigiu-se aa terra em companhia d’aguns marujos & au lado do Senhor Dom Pero Vaz, o quoaal também tem o porte muv empavonado & carrega na algibeira diversos materiais de escrita, sem duvidas com a finalidade de escrever toda a fassanha. Houve Ca um movimento entre a marujada para que deixássemos aquel par de lunáticos na praia, entre os carangueijos com que si entendem, & seguíssemos todos para as Índias pelo caminho criston, mas au que parece o movimento non podia dar certo visto que a marujada division huas raparigas desprevenidas na praia, sem calçon coecas ou bombachas, as quoaís se afiguravam de muv bom espírito e disposissom amigueira. Son hum pouco paradas de compleissom & alghuas me parecem cadê cima desdentadas, mas son muv melhores quê as bandeirolas do Senhor Dom Cabral, isto lá eh bem verdade. Ah Senhora Minha Dona Isabel, commo pesa cá a abstinencia”(RIBEIRO, 29,30 jun. 1969)

Nesse período, o governo Médici passa a investir bastante na formação técnica e acadêmica dos profissionais com os projetos para a realização do milagre econômico, a partir do que os golpistas pretendiam modernizar o país. A ciência se desenvolvia com o início da pesquisa sobre a fertilização *in vitro* que viria a ser patenteada nove anos depois. A respeito dessa pesquisa, o cronista posiciona-se através do bando “Revolução tecnológica”, cujas crônicas²⁴ tratam do assunto. A primeira delas ressalta a surpresa do cronista diante de tal invenção:

Tenho certeza de que Raimundo Reis, aí do outro lado, está falando em mulher. Mal sabe êle que os britânicos andam conspirando. É preciso imediata ação, em nome dos nossos mais altos ideais. Eu já falei para você se levantar daí e você ainda não se levantou, o que significaria que você merece ficar sentado aí pelo resto da vida, oh mau caráter. Porque eu lhe conto o que êsses ingleses estão bolando. Eles estão bolando substituir as mulheres por garraões. É isso mesmo. Pode ser bom para inglês mas é péssimo para mim, em verdade lhe digo.

Mas eu digo o que os ingleses estão fazendo. São os doutores Bavister, Edwards e Steptoe, que conseguiram criar embriões humanos dentro de garraões. Quer dizer, estão tratando de dispensar aquele ritual antigo, que, desde tempos imemoriais, o pessoal vem aperfeiçoando. (RIBEIRO, 11 jul. 1969)

O olhar atento de Ubaldo Ribeiro aos avanços na área da inseminação artificial é um registro do período da história da medicina, feito de forma jocosa, usando a expressão garraão para se referir ao invento. Em 1970, é retomada essa temática, como se confirma pela sequência textual a seguir:

²⁴A ameaça Britânica 11 jul. 1969, A Ameaça do garraão 28 fev. 1970, O relatório Do Garraão (I) 20 mar. 1970, O relatório do Garraão (II) 22,23 mar. 1970, O relatório do Garraão (III) 24 mar. 1969.

Salvador, 20 de março de 1980 – HOSPITAL DA CONCEPÇÃO ENGARRAFADA.

Hoje o dia aqui transcorreu sem anormalidades de monta. O expediente foi iniciado como de costume, com a abertura dos novos garrafões. As estatísticas se confirmaram novamente. Dos 235 bebês engarrafados há nove meses passados, quase todos nasceram normalmente, com exceção de um que talhou na garrafa, e outro, cujo pai o havia pedido com gás e ele veio sem gás. As reclamações paternas e maternas mantiveram-se também no mínimo habitual. Dois casais reclamaram a troca do sexo das crianças, por engano nas anotações do Hospital. Um deles aceitou o garoto de qualquer maneira, mas o outro devolveu a criança, a qual terá que ser liquidificada, caso não possa ser contornada a situação até amanhã. Os fetos utilizados como objetos dos experimentos para aperfeiçoamento do processo vão ser retirados dos garrafões amanhã, no Quebra-Potes Anual da Associação Brasileira de Médicos Fecundadores de Garrafões. Vão sair monstrosinhos excelentes para estudados.

A rotina diária também não teve novidades. Na Ala Nova, uma equipe de enfermeiras, liderada pelo Dr. José Botija, teve que enfrentar alguns problemas com um garrafão que estava sofrendo fortes contrações desde a madrugada (RIBEIRO, 28 mar. 1970).

A comicidade é visível na descrição de um procedimento científico que, na época ainda não era concreto, e que viria a ser colocado em prática apenas no ano de 1978.

Por fim, destaca-se o bandô “Economia”, matizado pelas nuances desenvolvimentistas e que, apesar delas, deixam-se anuviar pela relação paradoxal com as condições sociais desfavoráveis para as classes menos privilegiadas.

Isso tudo vem a propósito do fato de eu andar pensando muito nos problemas que o Brasil tem, em matéria de exportação. Como se sabe, o Brasil anda na pior com alguns produtos aí, de maneira que a gente precisa diversificar. É necessário que valorizemos produtos esquecidos, a fim de que possamos fazer a Europa se curvar novamente, que tem muito tempo que ela não se curva. Por exemplo, estamos agora presenciando um comércio crescente de formigas cuiabanas, ou seja, formigas nascidas na progressista cidade de Cuiabá, Estado de Mato Grosso. As ditas formigas, caracterizadas pelo seu desenvolvido espírito cívico, têm o hábito de devorar outras formigas facilitando, desta forma, a prosperidade de nossa lavoura. Antes que se crie a Formigobrás, centralizando toda a atividade em torno das cuiabanas e proibindo a sua exportação, devemos aproveitar e faturar em cima dos úteis insetos. Vocês se lembram de que nós já exportamos urubus para os Estados Unidos. Ou seja, urubu deve ter petróleo. Porque os americanos são um povo muito eficiente, um povo superior, não sabe o senhor, de forma que é difícil que eles houvessem importado urubus, sem que aos ditos membros da família dos Catártidas tivessem petróleo, urânio ou coisa que o valha. Vê lá se eles querem comprar uma partida de papa-capins (RIBEIRO, 12 jul. 1969).

É conhecida, naquela transição ditatorial, a preocupação do Estado em manter o papel de investidor na indústria pesada, bem como o êxito com os lucros auferidos com as estatais, e as condições criadas para expansão de condição de produção de bens duráveis. Por outro lado, tudo isso redundou numa alta concentração de renda que

chegaria, dez anos depois, à condição de escravidão do trabalho campestre e semiescravidão do trabalhador assalariado que teria de trabalhar cento e cinquenta e três horas para receber um salário (MECHI, 2006, p.1). A temática recebe atenção em crônicas escritas no ano seguinte²⁵.

Outro adereço dessas cortinas são as braçadeiras, como a “Pessoal”. Como a denominação sugere, as crônicas desse assunto apresentam os relatos pessoais do escritor, narrados com engenho, arte e riso. Algumas das crônicas tratam de problemas de saúde, como a calvície; outras, de acontecimentos pessoais. A liberdade formal da crônica, ao mesmo tempo em que suscita a possibilidade de um aparente certo desleixo quanto à escolha temática, por outro lado, oferece ao leitor a proximidade de aspectos ligados à sua biografia. É a calvície, o distúrbio neurovegetativo, os problemas com o uso da televisão, as conversas de botequim. Nessa linha, apresenta-se como exemplo um trecho da crônica “Não me sinto bem”:

Atualmente, eu ando sentindo uns troços. Aliás, eu sempre ando sentindo uns troços. E todo troço que eu sinto parece destinado a me remover definitivamente deste vale de lágrimas. Não quero que eu seja hipocondríaco, absolutamente. É bem verdade que passei por uma fase em que só me sentia confortável tomando antibióticos. Isso, se devia ao fato de que minhas tendências épico-poéticas me faziam imaginar, quando eu tomava antibióticos, que havia um bravo exército dentro de mim, combatendo furiosamente as forças do mal. (RIBEIRO, 17 abr. 1969)

Alguns meses depois do mês de abril, a partir do dia 22 de outubro de 1969, Ubaldo Ribeiro anuncia na coluna seu afastamento da redação para cuidar de problemas de saúde ligados a um distúrbio neurovegetativo. Dos dias 23 de outubro até 03 de novembro de 1969, a coluna não será publicada no JBa. Em seu lugar, outros textos estarão ocupando seu espaço. No dia 04 de novembro de 1969, o cronista volta à sua cadeira com a crônica “Voltei!”. Nela, o autor menciona, de forma jocosa, os inconvenientes enfrentados em seu retorno:

Sim, e já o encontro aí, pressurosamente sentado no local de costume. Fique sabendo que eu não pretendia voltar hoje. Pelo contrário, ando até pior dos troços neuro-vegetativos, porque agora, está dando um negócio em minha perna, a qual, da mesma forma que a pálpebra, deu para mexer-se com inteira autonomia, nos momentos mais inconvenientes, ela não mexe toda: mexe só até o ponto de fazer um colombinho muito interessante, assim perto do glazíngus, pegado ao glúteos aximos, que é um músculo que a gente tem onde você está sentado. Dói as penças. Resta o consolo de que eu

²⁵Governar é exportar minhocas 06 jul. 1969, Imaginação na exportação 12 jul. 1969, A balança de pagamentos 28 jul.1969.

provavelmente sou o orgulhoso proprietário da única perna vago-simpática da Bahia.

Sim, eu não pretendia voltar hoje, com a perna neste lamentável estado, mas fui obrigado a fazê-lo, devido a uma peculiar série de circunstâncias. Em primeiro lugar se aproveitaram de minha ausência aí e fundaram um jornal nôvo. Isso não se faz. Em segundo lugar, apareceram algumas versões a respeito de minha doença que eu prefiro, por uma questão de decôro e propriedade, não mencionar (RIBEIRO. 04 nov.1969).

Até mesmo a menção feita aos problemas de saúde é feita, de forma zombeteira, pelo cronista. O comentário remete ao estilo cômico observado na maior parte das crônicas da coluna. O fato de referir-se a si mesmo confirma o tom de rebaixamento característico do riso da zombaria.

Sobre a braçadeira “Trabalho como cronista”, pela sua importância para os objetivos dessa pesquisa, a análise das produções será feita, de forma mais detalhada, *a posteriori*, no capítulo quatro.

“Linguagem” é uma braçadeira de crônicas²⁶ contendo críticas a jargões profissionais na área das ciências humanas, ao discurso acadêmico e pseudocientífico. Além disso, são também destacadas as dificuldades nas regras da gramática normativa da língua portuguesa. Exemplo disso é o trecho abaixo, aludindo o jargão da sociologia:

Toda profissão tem uma língua especial, que não sai, a não ser em casos excepcionais, do âmbito dos entendidos. As ciências sociais, entretanto, principalmente a Economia e a Sociologia, têm o seu jargão mais difundido porque tratam de coisas que interessam a todo mundo e que todo mundo julga entender. Por outro lado, a moda é muito inconstante, mesmo em coisas tão sérias quanto a ciência, de maneira que é frequente, que apareça uma expressão ou palavra que passe a ser considerada de uso obrigatório em qualquer conferência, livro ou artigo. O tempo de “engajar”, por exemplo, já passou. Mas “ênfatizar” continua firme, embora com alguns sintomas de decadência. (RIBEIRO, 04 mar. 1969)

A crítica aos jargões parte da intenção de zombar os discursos totalizantes da ciência, e o vazio sugerido por trás dessas construções linguísticas são sugeridos como modismos ou parte de discursos ideológicos.

Na braçadeira “Insetos”²⁷, o cronista relata suas queixas devidas à presença de insetos e a ineficiência dos órgãos públicos no combate a pestes. Em algumas delas, o cronista menciona um rato conhecido como Arnaldo e gera comicidade pela

²⁶sem título 04 mar. 1969, Fale e Escreva bem a sua língua 24 abr. 1969, A última Flor do Lácio 15 ago. 1969, O Oficialês 11 set. 1969, O papo das letrinhas 15 jan. 1970, Escreva moderninho 16 maio 1970, O Papo das Letrinhas II 30 jun. 1970.

²⁷As Africanas, 05 jan.1969; Tudo às abelhas 16 an.1969, A invasão dos bárbaros 19/20 an.1969, O Expediente 31 jan.1969, Os Anjos Exterminadores 23 abr. 1969, Os Invasores 29 maio 1969, Procura-se um Gato israelita 21 jun. 1969, As muriçocas Inexistentes 21 maio 1969,

familiaridade descrita por um inseto abjeto que, ao mesmo tempo, simboliza a proximidade das péssimas condições sanitárias enfrentadas na cidade de Salvador. As muriçocas são sempre parte das queixas sobre incômodos:

dêscubro este chocante fato em minhas pesquisas, os machos não mordem, preferindo alimentarem-se romanticamente de néctar de flores, pólen e outras sutis substâncias. As fêmeas são as que mordem. Vejam vocês. E adiciono ainda a esta preciosa comunicação a informação de que, para muitas dessas fêmeas, o nosso sanguezinho é indispensável para que elas desfrutem das alegrias da maternidade. Sem, meus caros concidadãos, sem chupar o nosso sangue, elas não podem conceber, deixando dessa maneira, de perpetuar a espécie. Sabendo, como sei, que já foi mordido por milhares de muriçocas não posso deixar de pensar que sou um benemérito da espécie (RIBEIRO, 29 maio 1970).

Os acontecimentos referidos a insetos são também críticas a aspectos relacionados a problemas de administração das cidades, como saneamento, e à ineficiência de instituições responsáveis por minimizar esses problemas.

A preocupação com a formação escolar do cidadão brasileiro, foi tema também de muitas produções de João Ubaldo Ribeiro. Para Mechi (2006)

A análise da educação ao longo dos 21 anos de ditadura militar deixa transparecer de forma bastante nítida uma das grandes contradições do regime: produzir mecanismos de desenvolvimento acelerado de acumulação de capital e garantir, simultaneamente, o acesso da população aos direitos de bem-estar social. Esse impasse não encontrou solução, e os direitos de bem-estar foram sacrificados em nome do desenvolvimento acelerado. (MECHI, 2006)

Além da reforma nos níveis de ensino, expandiu-se a rede física e o número de vagas nos estabelecimentos escolares, mas o investimento em educação não era suficiente para absorver toda a demanda escolar e os recursos para a educação foram resvalando para o desenvolvimento priorizado na economia. (MECHI, 2006).

Sob essas circunstâncias históricas, assenta-se a braçadeira “Educação”, em que o autor apresenta o olhar atento a essa transformação e aos equívocos, decorrentes do interesse na quantidade em detrimento da qualidade no ensino. A ironia acompanha os relatos²⁸, que vão desde a crítica ao uso dos jargões profissionais até a análise crítica sobre a mudança de perspectiva nos meios pedagógicos, como no viés da crônica “A evolução pedagógica”, parcialmente apresentada a seguir:

O aluno Asclepiades Hoisel tem revelado grande desinteresse em classe, caracterizando-se pelo seu péssimo comportamento. Além de tudo é burro e

²⁸ Lesmas fazem bem 04 fev. 1969, Os incorruptíveis 22 fev. 1969, Eu sou A favor 22 mar.1969, Tudo sem mestre 06 maio 1969, O Sorriso de Desdém 15,16 jun. 1969, Como estamos de vestibular 07 jan. 1970, A Alegria de estudar 23 jan. 1969, A evolução pedagógica 25 mar. 1970, A Auto Graduação 26 mar. 1970.

não aprende nada, nem mesmo a tabuada de 2, e ele já tem 15 anos. Minha vontade é dar uns cascudos nele, ou então mandar dizer aos pais que o matriculem em outra escola.

Centro Vocacional e Orientacional Psico-pedagógico e Fenomenológico da Graça, novembro de 1969.

1. A respeito do aluno Asclepiades Hoisel Junior, o relatório da comissão conjunta de psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, antropólogos e pedagogos pode ser resumido como se segue:

1.1—O aluno em pauta apresenta os seguintes sintomas:

1.1.1—Alheamento ao interrelacionamento interpessoal professor — classe e classe-classe, o que se explica como se segue:

1.1.1.1—A culpa é da professora.

1.1.2—Comportamento (behavior) anti-social, com elevado índice de atividades disruptoras e disruptivas (utilizada aqui a distinção entre os dois termos, feita por Baloney e Bullshit, in “Annals of the American Society for the Study of Anomalous Behavior in Stupid and Unruly Brats”, apud Moron, B.O., The Clod Who Came to Dinner, pp. 212 e 213) e graves consequências jurídico-sociais, refletidas na estruturação de sua personalidade, o que se explica como se segue:

1.1.2.1—A culpa é da professora (RIBEIRO, 25 mar. 1969).

“A vida intelectual” é outra braçadeira que adorna, com sátiras, o tecido *Satyricon*. Nela, o cronista não deixa de citar a emergente classe de especialistas no contexto universitário, nem economiza argumentos contra os exageros. É fato que:

Durante a ditadura, o Brasil começou a formar uma pequena, mas expressiva, elite universitária, desenvolvendo pesquisas de ponta; os resultados do surgimento dessa elite podem ser verificados hoje, através de pesquisas em áreas nas quais o Brasil ganhou destaque internacional, como é o caso da engenharia genética, valendo ao país a participação no projeto Genoma (MECHI, 2006, p. 1).

Dentre outras produções²⁹, “Vida intelectual” foi o mote da crônica, parcialmente apresentada a seguir que desvenda os mistérios de como se tornar um intelectual:

Ser um intelectual, por outro lado, envolve uma certa especialização. Não é absolutamente a mesma coisa ser um intelectual cinematográfico, um intelectual literário ou um intelectual musical. Na realidade, são freqüentemente coisas muito diversas, e qualquer deslize pode ser-lhe fatal. É bem verdade que existem determinadas características comuns — ou mais ou menos comuns — a todos. Nesta primeira lição, antes de entrarmos nas áreas especializadas, devemos examinar algumas dessas características gerais.

1 O INTELLECTUAL NÃO GOSTA OU DESGOSTA DAS COISAS — Um intelectual jamais diz que “gosta disso ou “não gosta daquilo”. Ele sempre “tem horror”, “detesta” ou “adora” ou é “vidrado em” (atenção para a regência: “vidrado por” é cafonice). Quando se tem horror, é facultado vomitar, correr ou agredir, conforme as inclinações de cada um: quando se é vidrado, é facultado beijar, abraçar ou botar no bolso sem a permissão do dono (RIBEIRO, 08 jul. 1970).

²⁹Lesmas fazem bem 04 fev. 1969, Os incorruptíveis 22 fev. 1969, Eu sou a favor 22 mar. 1969, Tudo sem mestre 06 maio 1969, O Sorriso de Desdém 15, 16 jun. 1969, Como Ser um Intelectual (I) 08 jul. 1970, Como Ser um Intelectual (II) 09 jul. 1970, Como ser um Intelectual (III) 10 jul. 1970, 11 Como Ser um Intelectual (IV) 11 jul. 1970

A ironia marcada na descrição do intelectual é recorrente em outras produções sobre a mesma temática, do que se permite inferir que a presença da comicidade como arma eficaz desferida contra a glamourização do ofício referido.

Não se poderia deixar de salientar os forros que recobrem as cortinas *Satyricon*, mesclando discurso histórico ao ficcional. Dentre eles³⁰, encontram-se “Relatos da coluna”, nos quais se pode encontrar a presença do narrador de contos e casos no espaço que seria das crônicas. O trânsito entre contos, casos e crônica manifesta o hibridismo propício à produção de crônicas. A noção de veracidade encontra-se ludicamente multifacetada onde ocorre o jogo de palavras presente em outras narrativas do autor. Algumas situações narradas são relatos seriados e outros incluem textos memorialistas com apelo regionalista.

Em Itaparica, ninguém duvida da palavra de Zé do Jegue, porque Zé do Jegue pode ficar magoado se alguém duvida de sua palavra e, quando Zé do Jegue fica magoado, costuma haver grande preocupação entre os circunstantes, todos receando algumas alterações desastrosas na saúde, pois Zé do Jegue é um homem de atitudes radicais que, segundo ele próprio esclarece, não tem medo nem de ferrão de arraia. Ora, sabe-se que a ferroada da arraia é por demais reimososa e causa diversas dores no ferrado, inclusive dor de ir no banheiro, o que pode ser muito embaraçoso, já que não costuma haver banheiros em saveiros, catraias, canoas e outras embarcações empregadas pela diligente população da ilha para buscar o peixe. Aliás, um incidente acontecido com Edinho Cuiúba demonstra a procedência dos receios locais em relação a arraia – ou mesmos a niquins, que são peixes de menor monta – pois esse Edinho Cuiúba, numa expedição de pesca em companhia de Raimundo Budião, aconteceu ser ferrado por uma arraia, ficando em estado verdadeiramente lastimável, com dor de ir ao banheiro e diversas outras dores, mesmo porque é sabido em toda a ilha que Budião não é dos companheiros mais solidários num momento de infelicidade, tendo até quase abandonado Cuiúba em pleno mar, narrando, além de tudo, a triste ocorrência aos freqüentadores da venda de Bambano, para grande consternação de toda a família cuiúba. É verdade que Edinho Cuiúba não é exatamente o que se pode designar por um ilhéu valente, mas, mesmo assim, vê-se que o ferrão da arraia não é algo com que se possa brincar. (Ribeiro, 13,14 abr. 1969)

³⁰O Diabo de Santo Amaro 12 abr. 1969, O rabo de arraia nos mares 13,14 abr. 1969, O Sagrado Salário 18 abr. 1969, A cruel vingança de asa branca contra Bertinho P. 27,28 abr. 1969, A pobrezinha de Wall Street (capítulo no 4.697) I – 10 maio 1969, A pobrezinha de Wall Street (capítulo no 4.697) II – 11,12 maio 1969, A pobrezinha de Wall Street (capítulo no 4.697) III – 18,19 maio 1969, A pobrezinha de Wall Street (capítulo no 4.697) IV – 25,26 maio 1969, A grande Tourada de Santo Antônio 08,09 jun. 1969.

Algumas semelhanças são encontradas entre esses relatos e algumas publicações do escritor como o livro de contos “Já podeis da Pátria Filhos”³¹ e de crônicas “Arte e Ciência de roubar galinhas”³², coletânea de textos publicados inicialmente em jornais.

A corrida espacial e aventuras siderais³³ motivam o forro “Viagem espacial”. No ano seguinte ao lançamento do filme *2001 – Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick, o homem pisa na superfície da lua, sob os paços flutuantes de Neil Armstrong e Edwin Aldrin. O gigantesco passo da ciência, representativo da corrida motivada pela guerra fria entre Estados Unidos e Rússia, não passaria despercebido ao autor, que o celebra de forma inusitada. O riso aqui cede espaço à honra.

Vocês devem estar pensando que eu não dei importância ao fato, mas não é nada disso, como já expliquei em outra ocasião, geralmente escrevo estas crônicas com uma semana de antecedência. É por essa razão que não quis escrever nada sobre a viagem à Lua. Fiquei com medo de que alguma coisa desse errado e, depois, o que eu escrevesse parecesse cruel ou de mau gosto. Mas acho que nada deu errado, de maneira que posso escrever para que vocês saibam como avalio devidamente a importância do momento.

(...)
Mas, seriamente, eu me encontro meio sem jeito para escrever a crônica de hoje, porque tenho medo de ficar solene e pomposo. Estou realmente comovido com o que aconteceu e fiquei acordado toda a noite do domingo, esperando ouvir novidades sobre a descida. E, hoje, a verdade é essa, não me incomodo se os astronautas lá em cima são americanos, japoneses ou australianos. Eu estou muito orgulhoso de ser um homem, apesar de tudo. E nós já chegamos lá em cima. (RIBEIRO, 23 jul.1969).

Numa das raras, senão única ocasião de seriedade, o riso cede espaço à comoção. A referência ao feito dos astronautas marcaria toda uma geração e não foi diferente no registro pelo cronista.

O forro “Futebol”, na coluna *Satyricon*, esvoaçava sob os ventos nacionalistas da ditadura. As máximas do presidente Médici - “Ninguém segura este país” ou “Brasil; ame-o ou deixe-o” – retumbam nos ouvidos e no imaginário dos brasileiros que encontram no futebol motivo de orgulho nacional. Se a educação vai mal, a economia cresce e a seleção canarinho se agiganta.

³¹ Inicialmente publicado em 1981 pela Nova Fronteira; foi reeditado, com dois contos incluídos, sob o título *Já podeis da Pátria Filhos*, editados posteriormente em 1991, 1997 pela mesma editora e, em 2007, pela Objetiva.

³² Publicado pela Nova Fronteira em 1999.

³³ Viagem espacial, Apolo vista daqui -11 jan.1969, Segredo especial – 21 jan. 1969, A grande viagem para o infinito 01,02 jun.1969, A Oxossi - 15 01 jul. 1969.

No país do futebol, o cronista encontra muito argumento para algumas das suas produções³⁴. No trecho a seguir, ele comenta a tensão nas expectativas do final da copa que ocorreria em 21 de junho de 1970, com vitória dos brasileiros.

A copa é boa, mas tem suas desvantagens. Como, por exemplo, eu ter que escrever essas mal traçadas sem saber o resultado de Brasil e Tchecoslováquia, porque os despeitados botaram minha coluna aqui no segundo caderno, e o segundo caderno fecha meio dia. Não sei até onde irá a inveja dessa gente (RIBEIRO, 04 jun. 1970).

O tema do futebol é recorrente na coluna, entremeado de comentários sobre a copa do mundo e de casos de jogos envolvendo experiências com pessoas conhecidas de João Ubaldo. Em todo o caso, prevalece a cultura do futebol como marca de uma cultura e nacionalidade.

“Jornalismo” é um forro que reveste a coluna através de um diálogo claro e aberto entre a crônica e notícia, entre o literário e o jornalístico. Em muitas situações³⁵, como a subsequente, o cronista faz de *Satyricon* uma paródia de notícias e reportagens ou então do jargão jornalístico.

PILÃO ARCADE (Do correspondente) Surgiu ontem num ponto dos arredores da cidade conhecido como Buraco de Aparício um jorro de água quente. Segundo as autoridades locais, o jorro que apresenta uma vazão muito forte tem uma temperatura de cerca 80 de graus centígrados. O povo acorre ao local para contemplar a novidade. Já se torna um pequeno lago em torno do jorro. O Prefeito vai providenciar a análise da água a fim de verificar se é água mineral.

DO CHEFE D REPORTAGEM DA AGENCIA FAROFINO PARA O CORRESPONDENTE NA BAHIA – Saiu notícia reportagem TV Guanabara dizendo pequena cidade Pilão Arcade Bahia ameaça. Da destruição violenta erupção material em ebulição PT Verifique informação vg dá grande matéria. (Ribeiro, 20,21 jul. 1969)

O céu não ficará de fora desse cortinado *Satyricon*. Combinando o estilo formalista do palavreado religioso, o cronista faz prevalecer o lúdico, o risível, no trilho

³⁴O jogo viril 255 fev. 1969, Bola preta para vocês 11 jun.1969, A Soccer International, Inc.19 jul.1969, Por que me ufano 29 jul. 1969, A tabela moral 20 set. 1969, O Torneio da Aleluia 19 nov. 1069 Os mil do Vitória 22 jan 1970, O Alto nível das narrações 15 maio 1970, O alto nível das narrações 30 maio 1970, Como ganhar a copa 31 maio, 01 jun. 1970, Para ganhar é preciso trabalhar 03 jun. 1970, Se a gente Não ganhar a Gente perde 04 jun. 1970, Como foi 06 jun. 1970, É hoje! 07,08 jun. 1970, Anátema! Anátema! 10 jun.1970, O comentário 17 jun, 1970, A taça é nossa 21,22 jun. 1970, crise do futebol Baiano 06 ago. 1970, A solução para o Futebol Baiano 06 set. 1970

³⁵Os fatos são sagrados 20,21 jul. 1969, Um instrumento pérfuro-cortante 30 ago. 1969, Notícias de São Paulo 24 abr. 1970, Os nossos ídolos 12 set. 1969, 24 Os velhos tempos I 24 set. 1969, Os velhos tempos II 25 set. 1969, Os velhos tempos III 26 set. 1969.

do “Discurso religioso” cuja estrutura parodia esse discurso³⁶, entremeando-o com elementos e relatos pontuais que destoam do tom do texto sacro e, por isso mesmo, produz-se a comicidade. É o que ocorre no fragmento de crônica abaixo:

Regulamentação

Departamento de Relações Públicas e Atendimento à Clientela – Expediente do Dia – Anjo Encarregado: XI.2/32 – Oficial de Dia: Santo Antônio – Seção Atendida: Salvador, Ba, Brasil.

(...)

DESESPERADO – O atraso na resposta a seu pedido foi devido ao longo andamento do processo. Lamentamos não ser possível conceder sua solicitação de que o São Cristovão seja campeão baiano por cinco vezes seguidas. Eis um trecho do despacho da Instância Superior: “... isso é difícil até para mim”. Por outro lado, advertimos que sua ponderação de que o time deveria ser penta-campeão por ter o nome de um santo foi julgada insolente, pois o próprio São Cristovão considera a existência dessa agremiação com seu nome sumamente embaraçosa. Faça penitência.

ACM – consideramos seu pedido imaginoso, mas, infelizmente, não vemos como poderemos, sem causar grandes transtornos, esculpir em nuvens, no céu, durante 15 minutos, uma efígie sua junto com uma de Ruy Barbosa e outra de Tomé de Souza. Por outro lado, sua promessa de, caso seu pedido seja atendido, asfaltar a Catedral foi julgada inadequada. Raios na Câmara de Vereadores também são difíceis, nesta época do ano. Providenciaremos umas goteiras.

JUR – Sua argumentação no sentido de convencer a burocracia celeste a lhe conceder o primeiro prêmio da Loteria Federal não foi levada em conta. Aliás recebemos uma média de 200,000 pedidos desses por semana, todos se julgando muito originais. Temos conhecimento também de que houve uma tentativa de suborno de sua parte, junto a São Cipriano, o que é muito grave. Sua ficha aqui não é das melhores. (RIBEIRO, 06,07 abr. 1969).

Uma análise mais acurada permite supor também que o discurso religioso presente na série sobre “o expediente lá de cima” seria uma sátira à ditadura militar.

No trilha “Arte e Cultura” encontram-se crônicas³⁷ sobre a má qualidade da transmissão de imagens pela televisão, os programas de auditório, a substituição de valores culturais pelo entretenimento, descrição de espaços culturais em Salvador. Alguns desses textos dialogam com o discurso de programas televisivos, em cuja representação, as personagens vão desde artistas nacionais até personalidades da política

³⁶ As crônicas relacionadas à temática são: O expediente lá de cima 06,07 abr. 1969, O Expediente lá de cima 14 maio 1969, O Expediente lá de cima II 15 maio 1969, 27 O expediente lá de cima* 27 maio 1970

³⁷ A imagem padrão 29 jan. 1969, O protesto 05 fev. 1969, TCA e a Cultura 07 abr. 1969, Falta de Caráter 04 abr. 1969, Cultura e Entretenimento 07 maio 1969, Os cobóis 20 maio 1969, Cultura e Entretenimento 27 maio 1969, Segredos e Revelações das Histórias em Quadrinhos 30 maio 1969, Entretenimento e Cultura II 12 jun. 1969, Para ser um baiano típico 28 jun. 1969, Arte pela Arte 02 ago. 1969, Entretenimento e Cultura 05 ago. 1969, Mais uma vez se curva 23 ago. 1969, O Bahianopitecus Supinus 05 set. 1969, A Rádio Itaparica 07,08 set. 1969, A festinha intelectual 11 out. 1969, Dulcineia naquela base 16 out. 1969, A Excelsa Condição Humana 17 out. 1969, Entretenimento e Cultura III 18 out. 1969, O Festival 11 nov. 1969, O concerto número um, para balde, elefante e orquestra 12 nov. 1969, Kahn, o Cna-Can 14 nov. 1969, 23,24 cuidado com eles, O Anjo da Geral 26 nov. 1969, A Arte 04 dez. 1969, As festas populares 06 dez. 1969, Jingle Bells 14,15 dez.

local. Exemplo disso é o trecho transcrito abaixo, cuja expressão usada no título – Mais uma vez se curva – é retomada em várias outras crônicas, em que o cronista se reporta a aspectos da cultura nacional ou regional, sempre de forma irônica ou satírica.

Regulamentação

Art. 1 — Como, por exemplo, quando João Gilberto, no mesmo programa, foi apresentado como um “excelente cantor português, *João Gilberto*”. Era a divulgação do nome do nosso país.

Art. 2 — Como, por exemplo, quando Jack Paar, que era um figurão da NBC, visitou o Brasil em companhia de sua família e foi muito bem tratado. No Rio, segundo ele mesmo contou, pusera até helicóptero da Força Aérea à disposição dele. Quando ele chegou lá, disse que nós éramos um povo muito simpático, “*a gentle people, a very gentle people*”, com tradições muito pitorescas. [...] Finalmente, para culminar a apresentação, ele anunciou uma nova descoberta, uma jovem cantora que ele tinha achado no Brasil, em companhia de seu pai, que também era artista. Surge, então em cena, Eliana Pittman, cantando “Garôta de Ipanema” em inglês, com um sotaque nefando, na versão para o homem (havia outra, para cantoras), nervosíssima e toda espaventada. Depois, ainda durante o número dela, entrou o Booker, tocando saxofone. Aí o número acabou. Veio para o palco a mãe de Eliana. Cena seguinte: Eliana chorando e abraçando “seu” Jack Paar. Aquê vexame. E “seu” Jack Paar com ar de benevolente e bondoso, superintendendo aqueles pobrezinhos a quem se dera a grande chance.

Depois, quando eu cheguei ao Brasil, vi o retrato de Eliana numa revista “Nova Iorque se Curva Diante de Eliana: Um Grande Sucesso!” Acho que único novaiorquino que se curvou foi a encarregada da limpeza, quando teve de passar esfregão nas lágrimas que derramaram no chão (RIBEIRO, 23 ago. 1969).

O tom de ironia com que são descritos o tratamento equivocado de João Gilberto, a temática da nacionalidade e o sucesso de Eliana Pittman refletem uma visão mais crítica sobre o Brasil que não comunga bem com a perspectiva otimista eivada pelo viés desenvolvimentista do governo militar.

O trilho “Feminismo” vem na esteira das conquistas alcançadas desde 1962, quando no governo de João Goulart, é sancionada a Lei nº 4.121, ampliando os direitos da mulher casada no Brasil. Dois anos depois, juntamente com o impacto do golpe, o ano de 1964 traz consigo a revolução da minissaia. Vários outros *tabus* viriam ser quebrados pelas mulheres em todo o mundo e, em *Satyricon*, o cronista debruça-se sobre algumas dessas reivindicações³⁸. No trecho a seguir, as mulheres são descritas fazendo greve de sexo:

³⁸Dentre as crônicas sobre esse tema estão: Dar a César o que é de César 20 abr.1969, Queremos campeonato 23 maio 1969, A Justa Remuneração 07 ago. 1969

O plano das mulheres de hoje, essas reacionárias, é desistir de, enquanto os homens não deixarem de fazer a guerra. Que isso seja um programa adequado para os vietnamitas e os americanos, vá lá, por que qualquer programa parece adequado para os americanos e vietnamitas. Mas para nós? Para nós, que não gostamos de briga? Eu, inclusive, estou disposto a oferecer uma fórmula conciliatória. As mulheres podem fazer o que querem, mas suas restrições serão estendidas exclusivamente a veteranos da Guerra do Paraguai para lá. Por exemplo, nenhum sujeito que tenha lutado na Guerra da Independência terá direito a. Acho isso muito justo. Afinal de contas, ser herói não é nenhuma desculpa para ficar aí fazendo guerra atôa, ainda mais contra um povo tão simpático como os portugueses. Isso é justo. O mesmo tratamento severo deve ser estendido à turma da Guerra do Paraguai. Nenhum velhote desses vai aproveitar-se da situação. Tem que pagar pelo fato de ter andado guerreando. Mas nós? Por que nós? É revoltante.

Nesse panorama sombrio, não obstante, sempre restam alguns tênues raios de esperança. O primeiro deles são as furadoras de greves. Não é possível que nenhuma delas fure a greve. É verdade que, por exemplo, ser a única a furar a greve numa cidade (Ribeiro 20 abr. 1969)

As expressões “desistir de” e “direito a” têm a sua concordância interrompida sem se completar na estrutura sintática da oração. Porém, o sentido é compreendido pelo teor completo da crônica. A incompletude dos enunciados, faltando a palavra *sexo* está também relacionada à falta de liberdade de expressão, ocasionada pelo AI5. Qualquer palavra que levantasse suspeita poderia levar a consequências graves e então a escolha pela supressão dos complementos verbal e nominal atende à demanda do silêncio.

No trilho “Saúde”, a leitura das crônicas³⁹ permite acompanhar alguns avanços da área médica. Algumas delas servirão de mote para o olhar de surpresa do narrador, que se transforma em compreensão alternativa e cômica de alguns avanços da medicina. Segue-se um dos casos de apropriação:

Existe um médico nos Estados Unidos, chamado Gobind Khoranade (aqui na Bahia, corana é nome de uma folha que se usa aí para certo banho de assento, mas o departamento do doutor é outro), que está aprendendo a programar gente. Ele diz que vai demorar um pouco, mas que vai acabar conseguindo dar um negócio qualquer para os futuros pais, a fim de os futuros pais terem o tipo de criança que quiserem. Evidentemente que, em se tratando de coisa muito cara, somente os chamados homens de posse poderão dispor dos necessários recursos. É verdade que, depois que o negócio virar lugar comum, é possível que os pobres tenham vez, mas — não sei porque — a minha tendência vai ser não confiar muito em menino despachado pelo INPS. Não é por nada não, mas com as filiais e tudo o mais, é bem possível que façam algumas confusões. Podem esquecer de programar os cabelos, o nariz, os dentes ou coisas piores, de modo que o mais seguro vai ser mesmo uma clínica particular (RIBEIRO, 18 jun. 1970).

³⁹Tome mais um troço 29 ago. 1969, A programação da população 18 jun. 1970.

A preocupação com a interferência da ciência na genética, ligada à gestação já havia sido explorada nas crônicas, sobre fertilização *in vitro*, comentadas anteriormente. No caso dessas, o cronista posiciona-se na direção contrária a esses avanços, que em última instância, seriam um risco para a saúde das pessoas.

No tecido social do final da década de 60 e início dos anos 70, a conjuntura sócio-econômica e cultural estimula o surgimento de expressões juvenis. Dentre elas, destacam-se:

Movimentos como o psicodelismo, o feminismo, uma certa revitalização da volta à natureza, festivais de música que se transformam em verdadeiros *happenings* de liberação, vertigem, a proposição de uma nova forma de relação, em que se privilegia o amor livre, movimentos estudantis e as comunidades hippies, entre outros. Uma sensação de instabilidade e a consequente necessidade de escapismo — própria de momentos de grande reviravolta de valores —, promovem, na grande maioria dos jovens, a necessidade de uma vida mais saudável, simples, natural. (CIDREIRA, 2008, p.36)

É sob esse solo que transcorre o trilha “Comportamento Social”. Nele é possível encontrar crônicas⁴⁰ que examinam ou prescrevem atitudes em espécie de um manual de conduta, como vemos na linha a seguir:

Não é fácil ter sucesso com as mulheres, principalmente porque é preciso ter sucesso com as mulheres para ter sucesso com as mulheres. É uma espécie de resultado da lei da oferta e da procura. Em todo caso, prosseguindo na série de cursos relâmpagos oferecidos por esta impávida coluna, tentarei oferecer alguns subsídios aos necessitados.

Em primeiro lugar, a maior dificuldade consiste em manter-se na moda. Todas as mulheres costumam negar que gostam de homens bonitos, o que é uma cínica mentira, como todos nós, feios, sabemos. A única coisa que varia é o que elas acham bonito. Se fosse moda de roupa, seria fácil. Mas é moda de cara, o que dificulta bastante as coisas, considerando-se que mudar de cara de ano em ano apresenta problemas freqüentemente insuperáveis. Há alguns exemplos disso, como o professor Ricardo Rubeiz que muda de nariz o tempo todo, mas isso por fatores alheios a sua vontade: o nariz dele cresce uns dois quilos por ano, tornando necessária a remoção periódica de excesso. (RIBEIRO, 29 abr. 1969)

Os comentários e conselhos pessoais não estão relacionados apenas a casos amorosos, mas também à subversão de valores e da ética. Nessa compreensão, vê-se a crítica aberta contra o *jeitinho brasileiro*:

⁴⁰Lesmas fazem bem 04 fev. 1960, Os incorruptíveis 22 fev. 1969, Como se dar bem numa festinha, 01 mar. 1969, A intelectualidade ao alcance de todos 27 mar. 1969, Lição de como ter sucesso com as Mulheres 29 abr. 1969

E por que as pessoas agem assim? Porque, na mente da maioria dos que pedem pistolão, todo mundo age assim. É o sistema. Todo mundo deve enquadrar-se no sistema. Portanto ninguém é culpado por curva-se ao sistema. As pessoas não percebem que elas próprias são o sistema, o qual não é uma entidade metafísica acima delas. Depois, de pijama em casa, assistindo à televisão, ordenam solenemente a corrupção de político Beltrano, que trocou leis por votos, ou do político Sicrano, que embolsou o dinheiro que se destinaria a obras assistenciais. Só que acabaram de fazer exatamente a mesma coisa, em outro nível. Ou seja, para a maioria das pessoas, corrupto é todo aquele que fez alguma coisa desonesta que não nos trouxe benefício direto algum. (RIBEIRO, 22 fev. 1969)

Seria impossível, nesse estudo preliminar sobre *Satyricon*, contemplar todas as nuances desse cortinado. Algumas colorações, porém, serão consideradas pormenorizadamente no decorrer da análise por serem tonalidades que demonstraram ter relação mais direta com aspectos decisivos no desenvolvimento e declínio histórico do periódico - JBa. Dentre as temáticas a serem examinadas nos próximos capítulos, foram selecionadas apenas aquelas relacionadas a aspectos sociopolíticos, especialmente, os que mais se confundiam com a história do JBa., a saber, problemas de administração pública e os ligados à política.

SATYRICON

Regulamentação

Art. 1 — O Consórcio tem como finalidade a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes, após virarem com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil boes.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma pausa de dois dias. Durante esse tempo, a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa deu-se de dois anos e meio, pois, a polícia jamais conseguira controlar os ladrões de bodes. A polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa deu-se de dois anos e meio, pois, a polícia jamais conseguira controlar os ladrões de bodes.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguirem resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 12.000,00 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



3. As janelas protetoras do riso e da comicidade

3.1 Na penumbra da ditadura, abrem-se as janelas do riso

“Ah, meu filho, se houvesse mais riso no mundo, a coisa seria diferente”. João Ubaldo Ribeiro

Com essa observação, extraída da primeira crônica publicada na coluna *Satyricon*, inicia-se a necessidade de uma reflexão acerca da importância do riso tanto na produção de crônicas, quanto no contexto da coluna citada, que coincide com as experiências iniciais de João Ubaldo Ribeiro como romancista.

Para discutir sobre o riso, é preciso de pronto retomar Aristóteles, para quem os poetas imitavam homens melhores, piores ou iguais a nós. É mister considerar a diversidade do objeto dessa imitação como distintivo da essência da tragédia e da comédia. Para o filósofo, a distinção se dá pelo vício e pela virtude. Deduz-se que os homens inferiores, detentores dos vícios, seriam os piores e caberia à comédia ser o espaço de sua representação. (ARISTÓTELES, 1985, p. 247).

A segunda parte do tratado aristotélico sobre a comédia, supostamente perdida, confere-lhe o lugar que tem sentido, historicamente, nas discussões teóricas, sofrendo por essa falta e pelo objeto analisado. O riso, portanto, teria sido relegado a um segundo plano desde a Antiguidade. Não obstante, define-se pelo seu caráter bastante particular, refletindo aspectos específicos de uma cultura e identidade social. No parecer de Arêas:

Todos temos de concordar que, se os povos mais diferentes se assemelham no pranto, o contrário acontece no riso: cada povo e cada classe social ri à sua maneira (ARÊAS, 1990, p. 10).

Se é possível rir de imperfeições, numa tradição histórica, elas seriam atribuídas a certos extratos sociais. Desde a Renascença, a comédia seria imitação dos mais pobres:

Reis e príncipes renascentistas não olhavam com bons olhos a possibilidade de serem observados segundo uma perspectiva cômica, assim como não podiam admitir pensamentos e atos sublimes da parte de seus súditos mais humildes. (ARÊAS, 1990, p.65).

Esse engavetamento do cômico a certas condições sociais, seguramente, não se sustentaria por muito tempo, especialmente, se considerarmos a verve satírica, cujos representantes não economizariam suas críticas a certas camadas da sociedade. Na literatura satírica brasileira, especificamente na poética supostamente atribuída a Gregório de Matos, as labaredas satirizam não apenas os negros, mulatos e mulatas, mas também o alto clero e governadores.

De qualquer sorte, é interessante observar o ângulo do olhar satirista e cômico. Trata-se de um olhar de cima para baixo. E é esclarecedor destacar que a altivez na análise é intencional e necessária à produção de alguns tipos de riso, como por exemplo, o irônico, o satírico, de derisão. Acerca disso, vale salientar a definição:

FRYE (op. cit., p.39ss) é retomado por Esslin (op.cit. p.78) quando afirma que as personagens das tragédias pertencem ao rol dos deuses ou heróis e são olhados de baixo para cima; as da comédia são vistas da plateia e, finalmente, na farsa, elas são sem dúvida olhadas de cima para baixo pelo espectador. Portanto, mesmo que a comédia inclua personagens de classe social elevada, elas estarão necessariamente preocupadas com problemas menores, isto é, cotidianos, de qualquer homem normal: casamento, adultério, aquisição de dinheiro, etc., enquanto que ações como traição assassinato ou vingança escapariam ao gênero cômico (ARÊAS, 1990, p. 17)

Se há o riso, ri-se não apenas de homens inferiores, ou assim vistos por quem ri. Mais do que isso, o riso é resultante da imitação de ações ridículas, de um ridículo que, embora feio e disforme não implique dor. (ARISTÓTELES, 1985, p. 250).

Desses aspectos do riso, destacam-se algumas nuances do riso na produção de crônicas de João Ubaldo Ribeiro, no contexto *Satyricon*. A sua presença é notada no conjunto das produções, como no excerto abaixo, donde lê-se a descrição de tipos de bêbados, com a utilização de terminologia com expressão em latim, num tom supostamente científico:

Seguem abaixo as categorias principais, na mais objetiva terminologia científica, acompanhadas de um sumário descritivo para cada tipo.

ABUSATUS BELLICOSUS -- Geralmente magro e baixote, o membro desta espécie se caracteriza pelo seu comportamento agressivo em relação a todos os circunstantes, sem distinção de sexo, cor ou religião. Essa hostilidade se manifesta por qualquer razão que pareça lógica ao Bellicosus, sorrisos extemporâneos, cerveja quente, enfim, qualquer coisa pode desencadear a reação do Bellicosus. O melhor remédio consiste em colocar um espelho resistente defronte do espécime que se quer evitar, a fim de que ele agrida o espelho e passe o resto da noite choramingando, com a mão cortada (RIBEIRO, 01 jan. 1969).

Na descrição acima, vê-se claramente a presença do ridículo ou de ações que tipificam o objeto do riso, conforme anteriormente citado. As outras definições de bêbados seguem no mesmo paradigma como *intellectualis deslumbratus*, *chatus narrativus*, *descontrolatus facialis* e *simpaticus gregarius*. Nelas vemos o contraponto da seriedade de uma expressão pseudocientífica para denominar um comportamento ridículo ou risível.

Cumprre destacar ainda a ligação entre a crônica e o riso. O despojamento e o tom de bate papo presentes na crônica concedem-lhe a opção de tratar de ações menores, de homens inferiores. Se, em outras narrativas clássicas, o efeito cômico é contido pela sacralização do relato literário, na crônica ele se manifesta com maior liberdade pelo seu caráter fragmentário e próximo da realidade cotidiana, em que as pessoas se manifestam fora do ambiente sublime das grandes narrativas da literatura.

A despeito do seu caráter passageiro e fugaz, a crônica se permite também ser um espaço de reflexão dos acontecimentos. A presença do riso nela também atende a um tipo de proposta de correção do que está fora de um padrão aceitável socialmente. A intenção moral inerente ao riso é apontada em produções literárias como na definição da comédia como descrito a seguir:

Muito também tem sido discutido a propósito da intenção moral da comédia, e é bem conhecida a afirmação de Cícero de que a comédia é uma imitação da vida, um espelho de costumes e uma imagem da verdade (mais que a tragédia, a comédia dependeria de interesses locais e imediatos da audiência) (ARÊAS, 1990, p.18).

Outro traço característico é a função social do riso que se manifesta no ambiente social. Todo seu efeito se dá nesse espaço, como é descrito abaixo sobre a comédia:

A palavra *plaudite* no fim de uma comédia romana, o convite à audiência para fazer parte da sociedade cômica, pareceria um tanto deslocada no final de uma tragédia. O desenlace da comédia vem, por assim falar, do lado do palco onde está a audiência; na tragédia vem de algum mundo misterioso, no lugar oposto. (FRYE, 1973, p.164)

A comicidade é potencializada no contexto social em que se realiza e é dele que extrai subsídios para sua produção. O fato de ser um fenômeno social faz do riso, em sua plena realização, também um excelente recurso para captar elementos de identidade cultural, de uma dada comunidade:

Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. Ouçamo-lo bem: não se trata de um som articulado, nítido,

acabado, mas alguma coisa que se prolongasse repercutindo aqui e ali, algo começando por um estalo para continuar ribombando, como o trovão nas montanhas. E, no entanto, essa repercussão não deve seguir ao infinito. Pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira, mas, ainda assim, sempre fechado. O nosso riso é sempre o riso de um grupo (BERGSON, 1987, p.8).

Embora se ria daquilo que é específico de um povo, também se fazem, através disso, críticas aos desvios observados. A máxima latina *ridendo castigat mores* sintetiza a essência da correção presentes no riso, manifestada na sua realização no espaço da sátira e da ironia.

Sobre a sátira, concebida como parte da representação do riso de derisão e zombaria, atende à demanda de apontar o que está fora do comum, ridículo, voltando seus disparos, muitas vezes, para as instituições e para as autoridades. A função corretiva da sátira é salientada por João Adolfo Hansen, desde as suas origens:

Evidenciou-se que a sátira, gênero retórico-poético, é homóloga das práticas inquisitoriais de denúncia e confissão, porque a interpretação que as regras é a mesma, fundando-se no Direito Canônico, como doutrina da luz natural da Graça inata em distinções especiosas de *legal, legítimo, eterno, natural, positivo, puro e impuro*, metaforizadas ou aplicadas nos poemas pelas técnicas retóricas de uma racionalidade não-psicológica em que a hierarquia é nuclear. (HANSEN, 2004, p.25-26)

A relação da sátira com as práticas de denúncia retomam a intenção de correção presente no riso.

O riso na crônica ou em outros relatos literários, muitas vezes, não apenas explora apenas as ações ridículas de homens “inferiores”, mas debruça sobre o ridículo, propondo com o escárnio solução para o desvio apontado, seja pela crítica mesma, seja pelo apelo à mudança.

A diferença essencial entre a tragédia e comédia, entre o discurso sério e o jocoso é essencialmente a solução, o escape, a capacidade de reconstrução sobre as ruínas do discurso ou da interpretação dos eventos sociais. A emersão sobre os escombros é estilhaços dos desvios da sociedade é o que dá à comicidade o sabor do saber, o riso do siso e a oportunidade de revisão daquilo, que, de outro modo, não poderia ser visto.

Para Vilma Arêas, a tragédia não admite uma solução ou uma reposta e a comédia, sim, onde, e dentro de uma visão tradicional sobre o convencionalismo dos finais cômicos, ocorreria uma liberação individual traduzida também em termos de

reconciliação social. (ARÊAS, 1990, p. 21). Essa reconciliação recupera o que Henri Bergson denomina de função social do cômico:

Bergson recupera uma precisa função social do cômico: embora marginal, o cômico é entendido como elemento produtivo e positivo, pois o riso, pelo temor que inspira, reprime as excentricidades, isto é, “toda rigidez de caráter”, e suaviza tudo o que puder restar de mecânico na superfície do corpo social. Portanto, o nó central da teoria de nosso autor atribui uma função de benévola correção desempenhada pelo riso, diante do desvio representado pelo cômico. “Essa rigidez é o cômico e a correção dela é o riso”, afirma ele, sugerindo que o objetivo seria alcançar a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis através dessa solução. (ARÊAS, 1990, p. 28)

O riso trata, em geral, dos assuntos de um determinado contexto, com o objetivo final de criticar alguns aspectos da sociedade, ressaltando o ridículo. Disto se pode relacionar que, na crônica, o riso encontra um lugar de funcional otimização para seus efeitos, porque ela tem ampla circulação social, diária e permite e é influenciada pelos acontecimentos de um dado contexto. A relação crônica-riso é uma simbiose perfeita de dois espaços de discurso literário, considerados híbridos, imprecisos, escorregadios. Dessa imprecisão, emerge a sua importância como aporte de um discurso e uma fala social silenciada.

A boa crônica atrai o riso e o riso. Ou seja, não se trata de um riso “distraindo”. O humor surge a partir da reflexão instantânea que a sátira provoca. A troça, a ironia e mesmo a chalça provocam o leitor atento (FRAZÃO, 2008, p.3).

No caso específico da produção de crônicas da coluna *Satyricon* de Ubaldo Ribeiro, publicada entre 1969 e 1970, a comicidade é parte da releitura zombeteira de fatos sociais, críticas sócio-históricas e culturais. Além disso, essa preocupação em retratar de forma crítica aspectos da cor local ou da identidade nacional, encontrada em parte da produção literária de Ubaldo, é também encontrada na coluna. O viés da comicidade presente nas crônicas analisadas serve como uma tentativa de desconstrução dos discursos hegemônicos ligados a aspectos étnico-sociais, político-ideológicos, filosóficos e sociológicos⁴¹. Em *O caminho do meio: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*, Zilá Bernd e Francis Utéza observam a relação da desconstrução discursiva associada ao riso:

⁴¹Embora eu me refira aqui à coluna *Satyricon*, por nela se encontrar a análise de assuntos diversos e discursos hegemônicos de toda sorte – políticos, ideológicos, filosóficos – essa não é uma exclusividade da coluna, pode também ser vista nas produções de crônicas de João Ubaldo Ribeiro hoje. Entretanto, foi necessário ressaltar isso, para que se confirme essa tendência do escritor, desde a sua fase inicial como colunista.

As grandes obras de nossa literatura exercem predominantemente a função dessacralizadora onde a ironia e a paródia efetuam a saudável e sempre necessária função de pôr em xeque “verdades” estabelecidas, possibilitando ao leitor a reavaliação de suas “certezas”. A obra de João Ubaldo Ribeiro tem o mérito de ativar as duas funções, pois ao mesmo tempo em que rememora elementos fundacionais, evoca mitos de origem e relembra contos e lendas de extração oral, atua constantemente, através do riso, no sentido da subversão dos discursos rituais esclerosados, transgredindo conceitos como os de herói e povo, como em *Viva o povo brasileiro*, e inscrevendo no tecido literário as múltiplas falas do povo, sobretudo a fala daqueles que não têm voz, que estão aliçados das instâncias de poder. Desconstruindo a fala hegemônica das elites, procura resgatar a fala reprimida do povo. (BERND, UTÉZA, 2001, p. 11).

O riso é considerado na maioria das abordagens teóricas como um motor que propulsiona uma crítica velada, um discurso silenciado, uma queixa não dita. Considerado por muitos como fundamental na desconstrução da fala hegemônica das elites, a galhofa constrói-se como parte de um discurso propositadamente dissonante da crítica racional, plausível. O tom de comichade na literatura do cronista se manifesta através da valorização do falar local ou regional como uma alternativa necessária para preencher o vazio da retórica pautada no rebuscamento de normas e recursos estilísticos.

É esse saber livresco das elites que João Ubaldo Ribeiro tenta desconstruir, mostrando, ainda segundo a receita antropofágica, sua vacuidade através do humor e da paródia. Contrariamente ao discurso popular, sempre transmitido através de uma linguagem espontânea e mesclada de africanismo, como é hoje a língua portuguesa do Brasil, o discurso das elites vem sempre envolto por um estilo grandiloquente e obscuro, uma espécie de parnasianismo empolado e tardio, necessário para dar aparência de verdade às mistificações que veiculava (BERND, UTÉZA, 2001, p. 92).

A literatura de Ubaldo é parte de um constructo maior que surge como espaço para repensar discursos basilares na formação cultural da nacionalidade brasileira, que se dá pelo viés da comichade. O que ocorria em contos e romances não se restringiria aos relatos posteriormente consagrados nas mãos do escritor. No contexto *Satyricon*, encontra-se a presença inicial da verve satírica e cômica do autor a se construir, apresentando as categorias subcitadas:

Com João Ubaldo, o texto literário torna-se o espaço privilegiado de encontro de vários tipos de discurso como o histórico, o científico, o mítico, o etnográfico etc., que se interpenetram (sic), reconstituindo os discursos flutuantes dos vários momentos da nossa História (BERND, UTÉZA, 2001, p. 92).

A presença do riso, na coluna *Satyricon*, foi mais do que uma escolha, era uma opção de sobrevivência, considerando o contexto repressivo pós AI5 no Brasil, onde nem jornalistas, nem artistas podiam dar asas a sua imaginação, onde a ludicidade passa a ser vista não apenas como lugar de subversão de regras estéticas, mas, principalmente,

institucionais e ideológicas. De forma jocosa, se diz muito mais do que seria aceitável num discurso sério. Entretanto, há um preço a ser pago por quem encontra no riso uma saída plausível para externar seu pensamento em desacordo com o de algumas instituições. Sobre o que se paga por essa escolha, Cleise Mendes elucida:

Se é verdade que a comédia parece atrair a estima da maioria ao público ([...]) tal preferência é inversamente proporcional ao prestígio que tem obtido junto aos críticos e teóricos do drama e do teatro. A existência desse divórcio entre os fruidores e os estudiosos do cômico não é objeto apenas de especulação acadêmica ou assunto que interessa apenas a meia dúzia de pesquisadores (...) a questão é cíclica, constante, periódica, insiste. Ela tem consequências concretas, gera efeitos diretos sobre o todo da vida cultural e sobre a prática profissional dos artistas. (MENDES, 2006, p. 79).

De acordo com Cleise Mendes, os artistas ligados ao teatro sofrem por escolherem a comédia como forma de expressão, o que se evidencia no relato seguinte:

Quando em 1997 foi conferido ao comediógrafo, diretor e ator Dario Fo o Prêmio Nobel de Literatura, a imprensa italiana foi agitada pela ala mais conservadora de intelectuais, que se mostrou indignada com essa premiação “indigesta”, com a concessão de tal mérito a um “saltimbanco”, um “bufão”(…) (MENDES, 2006, p. 77).

O preconceito quanto ao uso sistemático do riso como procedimento estético talvez tenha levado o cronista baiano a restringi-lo às suas produções de contos e crônicas, já que o traço de comicidade em seus romances é pontual e não contumaz. Todavia, a recorrência do riso nas produções de *Satyricon* permite afirmar que o traço risível está bastante presente em outras produções ulteriores do escritor, fora de um espaço acadêmico como as crônicas, publicadas inicialmente em jornal.

3.2. Sátira e ironia: olhares enviesados por entre as cortinas *Satyricon*

Como descrito no primeiro capítulo, o colunismo foi uma das inovações do JBa. e *Satyricon* era um dos exemplos de espaço de divulgação da escrita de grandes intelectuais que se formariam naquele jornal. O olhar sobre as cortinas da coluna *Satyricon* requeria do cronista uma contemplação que se dava de cima para baixo. A altivez do olhar irônico e satírico é proporcional à necessidade de se encontrar graça na desgraça, escape da repressão, sobrevivência intelectual em meio às agruras da ditadura.

O recurso à ironia esbarra com o recurso estilístico e retórico na sua fluidez e proximidade com outras formas de gracejo:

A ironia é assim um fenômeno nebuloso e fluido, e por isso Muecke (1978, p. 8-12) relaciona uma série de dificuldades para conceituá-la: em primeiro lugar, os pontos de contato existentes entre as várias formas tornam possível defini-la de muitos diferentes ângulos. Fala-se de ironia trágica, cômica, de modo, de situação, filosófica, prática, dramática, verbal, retórica, auto-ironia, ironia socrática, romântica, cósmica, do destino, do acaso, de caráter – conforme a perspectiva de nomeação –, que pode preocupar-se com efeito, meio, técnica, função, objeto, praticante, tom ou atitude. Além disso, cada autor tem a sua própria ironia, que não difere apenas em técnicas, estratégias ou estilos de época (DUARTE, 2006, p.17).

A despeito da vacuidade da definição da ironia pela sua proximidade com a sátira, paródia, humor ou grotesco (DUARTE, 2006, p. 18-19), será útil para esse estudo a seguinte definição de Laugsberg:

A ironia (*simulatio, illusio, permutatio ex contrario ducta*; em grego ironia=antífrase), como tropo de palavras ([...]) é a utilização do vocabulário que o partido contra emprega para os fins partidários, com a firme convicção de que o público reconhece vocabulário. Deste modo, a credibilidade do partido que o orador defende é mais reforçada e de tal modo que, como resultado final, as palavras irônicas são compreendidas num sentido que é contrário ([...]) ao seu sentido próprio (LAUGSBERG, 1972, p. 163-164).

Para Propp, a definição de ironia não seria também complicada. O autor considera que:

(...) na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo. ... Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade (PROPP, 1992, p. 125).

Seguindo-se à definição de ironia, segue-se à do ironista como alguém que constrói os enunciados, fazendo uso da duplicidade no sentido dos enunciados, sendo que a eficácia do sentido se dá na interpretação contrária do que se afirma:

Em qualquer de suas formas, a ironia será uma estrutura comunicativa. De fato, nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, e este será alguém que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida. (DUARTE, 2006, p.19)

A ironia como procedimento estético não é exclusividade da comédia, mas lhe cabe bem o papel de aliada quando se trata de criticar erros e condutas, sem se comprometer tanto quanto num discurso sério. No contexto da coluna *Satyricon*, a ironia é uma ferramenta eficaz no combate ideológico às injustiças em vigor que, pelo discurso institucional, se transformavam em verdade incontestável.

Quanto à manifestação da ironia, Cleise Mendes afirma:

A ironia não goza de boa reputação quando se trata de avaliar virtudes e vícios que habitam o espaço da comédia. ([...]) Para Comte-Sponville, por exemplo, a ironia “é o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar”([...]) (MENDES, 2006, p.195)

A espada da ironia afiava-se na mão do cronista de *Satyricon*, que encontrava nela espaço para destilar críticas sobre os procedimentos de políticos, poderosos e até sobre o inatacável sistema ditatorial. É certo que se trata de uma “arma, a ironia é gume perigoso, que não apenas fere seus alvos, mas prejudica o próprio autor, que corre o risco de colher a antipatia dos contemporâneos” (MENDES, 2006,p. 195)

Encontram-se no universo de *Satyricon* as duas armas letais contra o imobilismo da consciência: a ironia e a sátira. Sobre a relação entre a definição delas, vale conferir:

Bergson considera tanto o humor quanto a ironia como “formas de sátira”, mas, a esse respeito Northrop Frye faz uma distinção preciosa para entendermos os diferentes pactos que um comediógrafo pode estabelecer com seu público. “A sátira é uma ironia militante”. Ou tomando o reverso da frase: a ironia é uma sátira “de braços cruzados” (MENDES, 2006, p. 196).

Também na concepção de Propp, pode ocorrer a utilização satírica da ironia (1992, p.126). Em ambos os casos, dá-se o caso do riso da zombaria nascido do desnudamento repentino de defeitos (1992, p.184). Ainda pode-se inferir que a sátira poderá ocorrer através de meios linguísticos, segundo Propp (1992, p.128), nesse caso, ela surge do emprego dos mais variados jargões profissionais ou de castas sociais. Nas suas palavras, um “procedimento deste gênero tem frequentemente um matiz satírico”.

Pode-se compreender-se a sátira também como uma das formas de se perceber a vida. Uma forma que inclui o riso e indignação:

Hay mucho modos de considerar la vida y la sátira es uno de ellos. Contemplar el mundo com una mezcla de risa e indignación no es el más noble ni el que produce mayor número de obras de arte excelsas; pero este es el punto de vista de la sátira. La sátira comienza com una postura mental de crítica y hostilidad, por um estado de irritación causada por los ejemplos inmediatos del vicio y de la estupidez humanos (...)(Hodgart, 1969, 10)

A sátira, como construção do riso da zombaria, parte de um olhar de superioridade que deprecia e rebaixa o objeto da sua crítica:

El enojo del satírico se ve modificando por su sentido de superioridad y desprecio hacia su víctima: su aspiración es que ésta e humilde y la mejor forma de conseguirlo es la riso depreciativa. (HODGART, 1969, P. 10)

O tom de rebaixamento da sátira em parte da literatura de João Ubaldo Ribeiro e na coluna *Satyricon*, atenderá aos objetivos de criticar comportamentos e instituições. Para Klaus Gerth, as sátiras são textos ferinos e rebeldes, que se relacionam criticamente com a realidade e participam da luta política cotidiana (1977). Essa constatação demonstra o grau de comprometimento político da sátira:

El satírico se compromete con los problemas del mundo y espera que sus lectores hagan lo mismo. El así lo hace, aunque esté consciente de que corre un doble riesgo: ele de ser impopular em su próprio tiempo y el de ser olvidado por las generaciones futuras, para las cuales los acontecimientos cotidianos de su tiempo tal vez no tengan más que un interes meramente erudito. El satírico desempeña su más noble papel cuando acepta el desafio del olvido adoptando um tema efimero y desagradable. (HODGART, 1969, p.30)

A amplitude de aspectos é ampla à medida que sejam vários os problemas encontrados na sociedade. Por conta disso, e da forma variada como se faz, a sátira se aproxima mais da definição de um procedimento linguístico, podendo estar presente em muitos gêneros textuais:

A Germanística teve muitos problemas com a sátira. Para isso há bons motivos. Em primeiro lugar, ela não é um gênero em sentido tradicional como a lírica e a épica ou a comédia e o conto. Quando se diz que uma determinada obra é uma “sátira”, pode tratar-se de uma peça, um poema ou uma narrativa, porém igualmente — o que complica a questão — de uma glosa, uma entrevista forjada, um discurso fictício e muito mais. O conceito “sátira” situa-se, por assim dizer, transversalmente entre gêneros e formas textuais (ficcionais e não ficcionais). (GERTH, 1977, p.1)

Na coluna *Satyricon*, analisada nesse estudo, o autor usava nas crônicas um espaço de diálogo, por vezes, irônico e satírico, no qual se podiam espiar, por entre as cortinas de multiformes temáticas e gêneros, os acontecimentos sob as lentes do discurso inconformado de um intelectual em formação, que questionava o discurso oficial, com o recurso do riso para desmontar o tom uníssono das instituições sob a batuta do AI5.

A julgar pela constância diária das crônicas, *Satyricon* reflete parte da visão da sociedade na qual o autor estava inserido e cuja opinião ajudava a formar. Outra forma, a coluna não resistiria ao tempo e à produção cotidiana:

A platéia da sátira, além de permitir-se embarcar num mínimo de fantasia, precisa partilhar certos padrões morais de referência para medir o que é “grotesco” ou “absurdo”; o satirista e o espectador devem concordar quanto a alguma regra de normalidade para obter um efeito do deboche dirigido àquilo que se mostra como diferente ou desviante (MENDES, 2006, p. 197).

Como afirma Cleise Mendes, a ironia é um recurso retórico a serviço de qualquer gênero, seja ele cômico ou não. Entretanto, quando se torna um fim em si mesmo, a ironia configura o que se pode chamar de riso da derrisão:

Tudo porém se complica quando a ironia ultrapassa o nível do discurso das personagens e se torna um recurso estruturante de todo o texto. Vemos então surgir uma estranha modalidade a que podemos chamar de “comédia da derrisão”. Aí não se trata mais de enfatizar os elementos obstrutores do desejo de um herói, ou de denunciar jocosamente algum aspecto particular da realidade, mas de projetar a desconfiança e o sarcasmo, como uma sombra inquietante, sobre a totalidade da ordem social existente. (MENDES, 2006, p.197)

A ordem social vigente nos anos de 1969 e 1970 absorvia todas as tensões e conflitos possíveis entre o poder público nacional e local contra intelectuais e ativistas de toda espécie. É nesse contexto, que a ironia se volta com suas flechas numa guerra de guerrilha donde o combatente que a utilizava sobreviveria mais tempo do que o confronto mais direto. As flechas afiadas da ironia e da sátira na produção de crônicas de Ubaldo Ribeiro ainda resistiram mais do que as de outros contemporâneos que sofreram sanções diretas do sistema totalitarista, tendo sido exilados ou mortos por questionar, seja por palavras ou atos, suas prescrições.

A experiência inicial do cronista, além de ser um retrato importante e cômico dos eventos assinalados em sua época, serve como aparato para uma pesquisa histórica dos acontecimentos marcantes num contexto em que pensamento crítico perdia era sufocado. O resgate de eventos ligados a um período de censura enfrentado por intelectuais e livres pensadores, sob o viés da ironia e sátira, tem a sua importância histórica e sociológica. Ao fazer esse resgate e registro, João Ubaldo apresenta em *Satyricon* elementos para compreender aspectos da sua biobibliografia, a partir do olhar inusitado do riso.

Aliado a tudo isso, é possível relacionar a trajetória intelectual de Ubaldo a outras personalidades que marcaram toda uma geração, descritas de uma forma bastante particular e com uma intimidade desconcertante. Isso se confirma pela menção recorrente a personalidades importantes para o jornal como o foi João Carlos Teixeira Gomes, Raimundo Reis, Cid Seixas, Ildásio Tavares, dentre muitos outros.

Mas não apenas de passado vive a coluna *Satyricon*, seu constructo, exceto por algumas expressões características da época, permanece viva e atual na análise de questões que teimam em perdurar na cultura nacional. E para concluir essa reflexão teórica inicial, cita-se um trecho da crônica “Ajudem um irmão”, publicada em 03 de

maio de 1969, onde o cronista confirma sua verve irônica ao tratar de um assunto que ultrapassa os limites do seu contexto histórico.

Eu vivo morto de pena dêsse pessoal que não depende de salário. Nada como a tranquilidade de ter um salarizinho no fim do mês, mesmo que ele atrase, como de costume. Isso porque todo mundo compreende, quando o salário da gente atrasa. Basta que a gente explique, no banco onde tomou dinheiro para fazer face ao atraso anterior, que o salário atrasou. “Háhá”, fará o gerente alegremente. “Isso é assim mesmo. Olhe, faça o seguinte: quando sair o salário, venha pagar que nós esperamos. Não tenha pressa.” A mesma coisa na farmácia, onde a gente compra o remédio. Basta assinar a notinha, que o pessoal espera tranquilamente. O supermercado então, nem se fala. É aquela cordialidade. Isso tudo para não mencionar as outras vantagens, tais como cuidados médicos gratuitos e eficientes, assistência hospitalar, salário família e mais uma porção de outras bossas. Chega a fazer com que o camarada comece a sentir-se mal, de tão privilegiado.

Nesse trecho, se observa o procedimento irônico recorrente e eficaz para a crítica de fundo social. Nela o cronista sempre retoma o discurso do não dito pelo que afirma, em outras palavras, todo seu discurso ideológico se constrói ao dizer o contrário do que está dizendo. Em sua grande maioria, as produções de *Satyricon* confirmam esse tom de ironia e, outras vezes, resvalam para a sátira na descrição de pessoas e acontecimentos mencionados na coluna.

A diretiva da sátira e olhar altivo que inferioriza, citadopor Aristóteles, é o do riso da derrisão, da zombaria. E, para se definir o texto como sátira, a despeito da imprecisão de sua fronteira com outros gêneros literários, e para não se confundir com eles, precisa estar conformado a três características que servem para defini-la: ataque agressivo, norma e forma indireta. (GERTH, 1969, p.2)

Foi possível observar a ocorrência dessas características em algumas das crônicas que serão analisadas nesse trabalho. Em outras, observou-se o uso recorrente da ironia como procedimento eficaz na crítica dos problemas sociais, políticos e até mesmo filosóficos.

3.3 A crônica do viver soteropolitano: Cortinas retorcidas pela ironia e sátira

- Quer dizer que vocês comem urubus?
 - Quando pegamos, comemos, naturalmente.
 - Não é horrível não?
 - É um pouco duro, mas o gosto é o mesmo.
- (João Ubaldo Ribeiro)⁴²

⁴² Extraída da crônica Rodizium nostrum, 10 out. 1969.

Temas ligados à exclusão social estão presentes, de forma direta e indireta, no conjunto das produções⁴³ de *Satyricon*, refletindo as preocupações do cronista João Ubaldo Ribeiro, face ao rumo dos novos acontecimentos.

O *boom* econômico vivido pelo Brasil nos anos de produção dessa coluna não foram seguidos por desenvolvimento social e distribuição de renda. Ambos decresceram proporcionalmente às estatísticas positivas do bolo econômico que deveria ser repartido entre todos os brasileiros, em particular com os necessitados. A década de 60 inicia com seus paradoxos sociais:

Assim, durante a década de 60, a população de Salvador cresceu (cerca de 4,5% por ano), o emprego cresceu (especialmente nos ramos da construção e serviços) e estima-se que a média do produto interno bruto per capita tenha aumentado de 1.835 cruzeiros para 2.410 em 1970 (que em dólares significou 350 e 460, respectivamente). Mas, dados de distribuição de renda em Salvador, coletados para os anos de 1961/2 e 1970 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) por meio de uma pesquisa de amostra de orçamento familiar e depois, em 1971, pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e a Universidade Federal da Bahia, em outra pesquisa, revelaram uma significativa piora na distribuição de renda. A categoria de “muito pobre” - isto é, aquelas famílias ganhando menos que 170 cruzeiros por mês (ou US\$ 32) aumentou de 7,0 para 16,1% entre 1961/2 e 1970 (Tabela 4). No fim do outro espectro, aquelas famílias - as “muito ricas” - ganhando no mínimo 3.350 cruzeiros (ou US\$ 670) por mês cresceram de apenas 0,7% de famílias para 3,8%. De fato, todo o crescimento da renda per capita média, durante esta década, foi devido apenas ao aumento nesta proporção de famílias muito ricas. A renda média mensal de todas as famílias restantes na realidade caiu de 712 cruzeiros (US\$ 135) para 671 cruzeiros (US\$ 127) em 1971 (SPRANDEL, 2006, p.20).

O crescimento financeiro tornou-se proporcional ao crescimento dos bolsões da miséria. E a falta de equalização na distribuição de renda tornou-se emblemática do período, refletida na administração do erário público, conduzindo a economia brasileira a se tornar nação uma das mais desiguais no mundo. Conforme descrição subtranscrita, confirma-se a tendência à concentração de renda como marca de uma política pública equivocada.

As políticas públicas do período não visaram estimular a inclusão dos pobres aos mercados. Acreditava-se que o crescimento da economia iria beneficiar os pobres através do efeito transbordamento. Uma vez que os mercados de bens, serviços e habitação crescessem para atender a classe média, os pobres seriam beneficiados por meio do aumento da demanda de mão-de-obra assalariada, economias de escala e externalidades. Um velho jargão foi largamente utilizado nos anos 60 e 70 para simbolizar a visão dominante sobre a relação entre mercados e pobreza: “deve-se primeiro fazer o bolo para

⁴³ Exemplos são as crônicas: A solução final. 08 fev. 1969; Rodizium nostrum. 10 out. 1969; O lixo é nosso. 21 nov. 1969.

depois distribuí-lo”. Naquela altura, as ações de combate à pobreza eram localizadas e procuravam atender às demandas emergenciais através de medidas essencialmente compensatórias.

Em fins da década de 1960 e início da década de 1970 o Brasil experimentou taxas de crescimento do PIB absolutamente elevadas, num período que ficou conhecido como “Milagre Econômico”. No período, o PIB chegou a crescer mais de 10% ao ano, o que levou vários analistas internacionais a concluir que o Brasil chegaria ao final do século XX como um país industrializado. Os indicadores de pobreza, no entanto, não diminuíram no período. Ao contrário, observou-se um processo de concentração de rendas associado ao elevadíssimo crescimento dos retornos à educação e aumento dos retornos do capital (ARBACHE, 2003, p. 6)

A temática “pobreza e mendicância” começaria a figurar entre as produções intelectuais, ganhando espaço cada vez mais espaço nos círculos e nas inquietações dos intelectuais, como atesta o comentário seguinte:

A partir dos anos 1960, num contexto de ditadura militar e de aprofundamento das especializações universitárias, foram priorizados os estudos de classes e estruturas sociais. Neste contexto, a pobreza começou a emergir como um problema a ser resolvido via processo democrático. Daí a força que tomaram os estudos sobre o “novo”: novos movimentos sociais, nova liderança sindical, novas formas de participação. Nessa mudança, teriam emergido os direitos individuais e coletivos das “camadas populares”. Até então, os pobres na produção intelectual brasileira jamais ocuparam o lugar da renovação ou da transformação (SPRANDEL, 2006, p.19).

Seguindo essa tendência, a questão da exclusão social não passaria incólume das páginas *Satyricon* onde o cronista, com argúcia e ironia, registra os resultados nefastos de uma política excludente, observada também na prefeitura de Salvador. Algumas crônicas da coluna registram as práticas de exclusão e alfinetam os alçozes desse sistema social doentio. Uma delas é “A Solução Final”⁴⁴, usada aqui como exemplo de registro desses sintomas de injustiça social contumaz na capital baiana.

A crônica faz uso recorrente de expressões carregadas de ironia, a fim de demonstrar o repúdio diante das ações executadas pela prefeitura para resolver o problema dos mendigos. No excerto abaixo, destacam-se as expressões “herói”, “remédio”, “intrépido”, “competente” e “cavalheiro”, como exemplos desse tom irônico e sarcástico:

De vez em quando, algum herói inventa uma solução para problemas sociais cujo alcance só as futuras gerações, livres da comprometida perspectiva contemporânea, poderão aquilatar. É o que acontece, por exemplo, com o remédio para evitar a incômoda presença de mendigos nas ruas de Salvador, remédio este concebido e receitado por algum intrépido funcionário municipal e executado sob a competente coordenação de um cavalheiro que atende pela sugestiva alcunha de “Índio”. (Ribeiro, 08.02.1969)

⁴⁴ Publicada em 08 de fevereiro de 1969.

No excerto abaixo, segue-se a descrição da solução aludida no título:

A solução consiste em transportar os mendigos para Arembepe, devidamente amarrados para lá soltá-los sem que eles tenham condições para voltar à cidade. A deportação é feita sem discriminações, já que preferências ou favoritismos não ficaram bem em prepostos do poder público. Dessa forma, são levados, indiferentemente, mulheres, velhos, crianças, aleijados, cegos e assim por diante. Todos são iguais perante a deportação. O resultado da medida é que salvador fica limpa de mendigos (lá em Arembepe a gente não os vê; e o que os olhos não vêem o coração não sente), possibilitando demonstrarmos aos nossos maravilhosos visitantes como somos civilizados e felizes, sem as mazelas tão encontradiças em outras cidades. (Ribeiro, 08.02.1969)

A ironia militante persiste nos trechos a seguir:

O pior disso tudo é a incompreensão que cerca as boas intenções de quem leva a cabo tais medidas saneadoras. Mas não há de ser nada. É comum que pioneiros e desbravadores de novos caminhos tenham que enfrentar esse tipo de oposição. Por isso mesmo, no interesse público tomo a liberdade de oferecer algumas sugestões para garantir o prosseguimento da meritória campanha. (Ribeiro, 08.02.1969)

A crônica se inicia com a necessidade de se resolver o problema da “incômoda presença de mendigos nas ruas de Salvador”. A expressão aspeada revela a crítica irônica sobre a questão da exclusão social e os mecanismos adotados pelo poder público para sanar o problema. A ironia constrói-se através da descrição de uma personagem: “algum herói”, “intrépido funcionário municipal”, culminando com a execução da ação administrativa feita pela “competente coordenação de um cavalheiro que atende pela sugestiva alcunha de ‘Índio’ ”.

A brutalidade da ação governamental executada choca-se com a narrativa de *Satyricon*, que encontra nela a mais pura confirmação de que a exclusão não se dá apenas das condições econômicas favoráveis, no partir do bolo, mas também no plano geográfico, na expulsão do espaço urbano. A retirada dos mendigos para despejo em Arembepe é também analisada com refinamentos irônicos. O gracejo flerta com o discurso igualitário que já se delineava na década de sessenta: “Dessa forma, são levados, indiferentemente, mulheres, velhos, crianças, aleijados, cegos e assim por diante. Todos são iguais perante a deportação.”

As expressões a seguir gritam e protestam diante da narrativa dantesca: homens, mulheres e crianças deportadas como animais para serem despejados numa praia, a fim de se esconder um quadro social indesejado. Todas destacam, de forma sutil, um significado diverso do que é expresso, configurando assim o procedimento irônico. São

política insana e desumana; “dedicados assistentes do poder público; “boas intenções” por péssimo social indesejado; “despreocupada viagem” por fora de seu domicílio. A ironia se escancara: exemplo, as cordas com que os mendigos são amarrados à segurança. Com boa vontade, tudo se resolve”.

No final, o mendigo só seria aceito quando exótico, como no slogan: “Só permita um mendigo Turística”.

A tentativa insana de negar a existência do miserável na cidade é registrada, através dessa crônica, e rechaça a medida adotada pela prefeitura, acusando-a de desumanidade inerente à mesma. Dormir com o mendigo exposto, só mesmo é possível nesse espaço irônico. A ironia final: “E finalmente, quando não mais vivermos, poderemos dormir com a consciência tranquila.”

A situação aludida na crônica acima é a que descreve os horrores da exclusão social, de forma desumanidade das ações dos prepostos policiais com os mendigos, o cronista zomba da falta de solução para o problema dos desabrigados e famintos.

A denúncia social é feita por uma troca de indiferença e exclusão lê-se “solução”, as intenções “boas intenções”; a falta total de consciência é a “consciência tranquila”. O procedimento irônico atende às intenções que não escolhe descrever, de forma direta, a situação na prefeitura.

exótico, como no slogan: “Só permita um mendigo Turística”.

A tentativa insana de negar a existência do soteropolitana é registrada, através dessa crônica, rechaça a medida adotada pela prefeitura, a desumanidade inerente à mesma. Dormir com exposto, só mesmo é possível nesse espaço irônico ironia final: “E finalmente, quando não mais veremos poderemos dormir com a consciência tranquila.”

A situação aludida na crônica acima é a descreve os horrores da exclusão social, de forma desumanidade das ações dos prepostos policiais com os mendigos, o cronista zomba da falta de solução problema dos desabrigados e famintos.

A denúncia social é feita por uma troca de indiferença e exclusão lê-se “solução”, as intenções “boas intenções”, a falta total de consciência tranquila”. O procedimento irônico atende às intenções que não escolhe descrever, de forma direta, a prefeitura.

soteropolitana é registrada, através dessa crônica, rechaça a medida adotada pela prefeitura, acusando-a de desumanidade inerente à mesma. Dormir com o bode exposto, só mesmo é possível nesse espaço irônico e ironia final: “E finalmente, quando não mais vivermos poderemos dormir com a consciência tranquila.”

A situação aludida na crônica acima é a que descreve os horrores da exclusão social, de forma desumanidade das ações dos prepostos policiais com os mendigos, o cronista zomba da falta de solução do problema dos desabrigados e famintos.

A denúncia social é feita por uma troca de indiferença e exclusão lê-se “solução”, as intenções “boas intenções”, a falta total de consciência “consciência tranquila”. O procedimento irônico atende às intenções que não escolhe descrever, de forma direta, a situação na prefeitura.

descreve os horrores da exclusão social, de fo
desumanidade das ações dos prepostos policiais c
dos mendigos, o cronista zomba da falta de se
problema dos desabrigados e famintos.

A denúncia social é feita por uma troc
indiferença e exclusão lê-se “solução”, as inten
“boas intenções”; a falta total de consciênci
tranquila”. O procedimento irônico atende às inten
que não escolhe descrever, de forma direta, a
prefeitura.

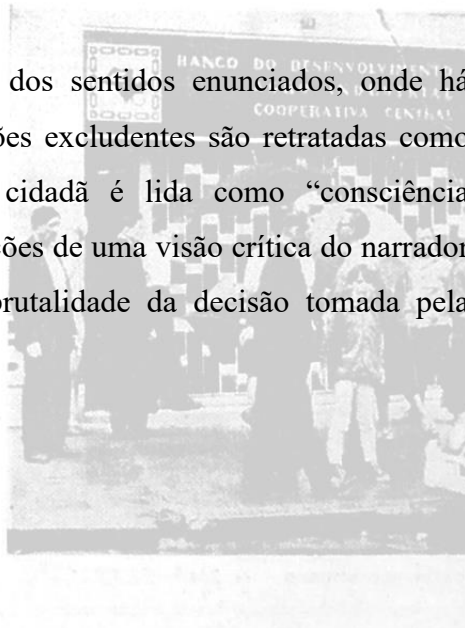
Art. 7 — A entrega do bode antes da entrega do leite, não obriga o produtor a entregar o bode para que seja vendido, doado ou negociado de qualquer forma, a quem o comprador quiser, sob pena de multa de 100 dias de prisão.

Parágrafo único — O pagamento de mais de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir o bode, em vez de bode ficar obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Convórcio, a IDONEA se orientará pela elevad.º objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.



3.4 Cortinas marrons mancham o bordado de *Satyricon*

O saneamento básico também foi motivo para algumas crônicas⁴⁵ em *Satyricon*. A questão do esgotamento é um problema na fase inicial de consolidação da sua implementação, como se confirma a seguir:

A provisão pública de serviços de saneamento básico em grande escala começou no Brasil apenas nos anos 70, quando o País passou a ser predominantemente urbano, com 56% dos 93 milhões de habitantes vivendo nas cidades. A urbanização havia se acelerado nos anos 60, crescendo a taxas de 5,2% ao ano. Entre as décadas de 60 e 70, mais de 20 milhões de pessoas haviam trocado o campo pela cidade, e apenas 11,8 milhões - 12,6% dos habitantes - contavam com serviços públicos de abastecimento de água e 6 milhões - 6,4% - dispunham de sistemas de esgotamento sanitário, concentrados precariamente nas cidades de maior porte.

Até a década de 70, a responsabilidade pela oferta de serviços era municipal, existindo basicamente empresas municipais de águas e esgotos com estruturas administrativas e financeiras inteiramente distintas entre si. Isto implicava obviamente uma oferta insuficiente de serviços. Ao mesmo tempo, não existiam instituições (órgãos, recursos financeiros, planejamento) para ampliar essa oferta na escala necessária, dados os índices de crescimento populacional e de urbanização. (ARRETCHE, 2004)

Pela situação instaurada, em termos de saúde pública, o cronista não poupa suas flechas da sátira, com ironia militante, fazendo desta uma arma eficaz para tentar atrair a atenção dos leitores e governantes para um problema que começa a adquirir proporções catastróficas. Com esse intuito, Ubaldo Ribeiro criou uma série de crônicas, sob o título de “O Cataclisma da Schmuk - I”⁴⁶, que retratou um quadro bizarro das possíveis consequências do alastramento dos problemas pela cidade. No trecho seguinte, extraído da primeira crônica da série, pode-se encontrar o significado da expressão *schmuk*:

Conta a tradição que um diplomata americano, em visita a um distante país, teve que fazer um discurso em praça pública, dirigindo-se aos nativos a respeito da política externa de seu país. A cada trecho capital de seu discurso, a platéia gritava “schumuk! schumk!”. O diplomata não entendeu, mas teve acanhamento de perguntar que significava aquela palavrinha. A julgar pelo tom entusiástico da assistência, inclusive, parecia tratar-se de uma exclamação de aplauso. Mais tardê, terminado o discurso, o visitante foi, em companhia do Premier daquele país, visitar uma das fazendas de gado da região. Lá chegando, tiveram que atravessar um campo cheio de estrume pelo qual só havia uma trilha limpa. O diplomata quase suja os pés, mas foi advertido em tempo pelo seu anfitrião:

⁴⁵ O cataclisma de Schmuk - I 08 abr. 1969; O cataclisma de Schmuk - II 09 abr. 1969; O mar 09 maio 1969; O inimigo lá embaixo 26 jun. 1969

⁴⁶ Publicada em 08 de abril de 1969.

— Cuidado para não pisar na schumuk. Assim, sutilmente explicado o transcendental significado da expressiva palavra “schumuk”, podemos passar ao fascinante tópico de hoje, que tem a ver com um pesadelo que eu tive ontem, alguns dias depois de presenciar um inesquecível espetáculo, no Viaduto da Sé.

A crônica é iniciada pelo narrador com um pequeno relato hipotético para explicar o significado da palavra *schmuk*. No momento posterior, segue-se um comentário sobre o diálogo entre o narrador e os trabalhadores que resolviam o problema de entupimento do esgoto. A descrição do trabalho desses homens é feita como sendo de heróis. Ao final, o cronista promete dar continuidade ao assunto nos próximos dias, com um anúncio em letras garrafais, em cujas crônicas ele irá narrar um sonho que teve na noite anterior.

A expressão espetáculo será repetida no decorrer da crônica e a linguagem utilizada é de tom familiar, entremeada por algumas adjetivações propositalmente laudatórias, para conferir tom irônico ao relato. Algumas dessas qualificações são “inesquecível espetáculo”, “edificante espetáculo”, “o espírito público e senso do cumprimento do dever demonstrado pelo dito funcionário” e “condições especiais em que nos encontramos”. Em todos os destaques em negrito, confirma-se a ironia como recurso da narrativa.

O procedimento irônico configura-se mais especificamente no uso da expressão “o edificante espetáculo”, considerando que o trabalho dos homens pressupõe a descida aos esgotos. Com essa expressão de *edificantespetáculo*, o cronista constrói a estratégia para as duas crônicas dos dias seguintes, nas quais o problema do saneamento básico e a falta de estrutura do esgotamento sanitário serão satirizados pelo cronista, descrevendo quadros de grandes eventos envolvendo Salvador e até Feira de Santana, que acabam sendo cobertas de *schmuk*.

Abaixo, segue o anúncio no final da crônica inicialmente analisada que busca atrair atenção para as demais crônicas da série.

NÃO PERCA AMANHÃ! SENSACIONAL! SALVADOR COBERTA DE SCHMUK! REBELIÃO DOS URUBUS! FEIRA DE SANTANA TAMBÉM AMEAÇADA! NÃO DEIXE DE LER CADA HORRIPILANTE DETALHE, AMANHÃ, NO MESMO HORÁRIO!

A escolha dessa temática descreve um dos graves problemas de ordem social que afetavam e até hoje afetam a saúde pública na Bahia. A questão do saneamento obedece aqui a um procedimento satírico, onde a sátira recai sobre a falta de qualidade da administração da cidade. Isso é feito numa série de crônicas que se constroem num

universo paralelo aos fatos descritos. Ao início da descrição de uma rotina de pesquisa de repórter de rua, a narrativa evolui para o espaço sugestivo do sonho que remete a um problema real.

A magnitude dos acontecimentos descritos pelo cronista explora os padrões dos acontecimentos, para atrair a atenção do leitor para o problema apontado. Num tom apocalítico, a última crônica da série descreve o caos instaurado, concluindo a série de relatos de sonhos que denunciam o sério problema de saneamento em Salvador.

3.5 Cortinas tingidas de amarelo fosco: satirizando o apagão

Em meio às cortinas multicoloridas de *Satyricon*, a falta de eletricidade é tema para algumas crônicas⁴⁷ do autor que faz delas uma reivindicação também do cidadão João Ubaldo Ribeiro, morador, que sofre com os péssimos serviços de abastecimento de eletricidade no seu próprio bairro.

O desenvolvimento econômico no Brasil entre 1968 e 1974 caracterizou o período cognominado de "milagre brasileiro". Nesse período, registraram-se índices de crescimento da economia brasileira, de cerca de onzapor cento e realizaram-se investimentos vultosos em obras de infraestrutura. Mas, o investimento previsto para a eletricidade estimado nesse período não condiz com as demandas sociais previstas, o que é exemplificado através de diversas produções do cronistasobre esse assunto. A escolha da temática reflete também as condições sociais desse período.

Para Celso Rodrigues, as variações dos níveis de consumo de energia elétrica são diretamente proporcionais às variações dos indicadores de crescimento econômico em economias de países com padrões de desenvolvimento semelhantes aos atualmente existentes no Brasil”.(RODRIGUES, 2010, p. 14)

O abastecimento deficitário de energia elétrica encontra as raízes dos seus problemas nas motivações das corporações que fornecem a prestação do serviço. Sobre isso, vale destacar a assertiva abaixo:

A indústria de energia elétrica no Brasil, em seu histórico, seja nos períodos de domínio estatal ou privado, sempre teve por orientação privilegiar o interesse das suas Concessionárias (CAMARGO; RIBEIRO; GUERRA, 2008). Observa-se que, de modo geral, esses interesses sempre foram

⁴⁷ As crônicas sob essa temática são: Os volts fugidios 13 maio 69; A luz 05,06 out 1969; Vamos partir para o Schmuk Luminoso 16 dez. 1969; Abaixo Paulo Afonso dez.1969; O caso do cachorro chocado 30 jul. 1970; A errática ataca novamente 23 abr. 1970.

pautados nas diretrizes de maximização do lucro econômico a curto e médio prazos, decorrentes dos investimentos realizados por essas empresas, e também pela busca da excelência tecnológica dos seus padrões de engenharia (RODRIGUES, 2010, p.14).

Considerando as consequências da falta de uma boa administração, o abastecimento deficitário de eletricidade é apresentado na crônica “A luz”, dentre outras anteriormente citadas. Nela, o problema é descrito especificamente no bairro da Pituba, onde reside o cronista. A crônica adota o procedimento irônico ao descrever as características do que o cronista define como particulares da Pituba. O cronista inicia afirmando “A gente aqui na Pituba tem muito orgulho do bairro. Todo mundo sabe disso” (RIBEIRO, 05,06 out. 1969). A afirmação é negada pelo teor e conteúdo da crônica, que expõe variados problemas do local desde a reação dos seus moradores, até a situação precária do fornecimento de luz.

O primeiro incidente relatado refere-se ao fato de que o cronista afirma ter sido servido um uísque falsificado, tendo que pagar pelo mesmo valor de um uísque importado. A expressão do vendedor descrita evidencia o tom irônico recorrente no decorrer do relato: “Tudo com grandes sorrisos, que é como nós costumamos fazer as coisas na Pituba.” (RIBEIRO, 05,06 out. 1969).

A seguir, o narrador prossegue com o relato, ironizando o comportamento incomum de uma jovem que ele encontra. A ironia se dá por considerar o comportamento de indiferença dela, mediante a exibição que faz do material literário a ser publicado. Como em outras crônicas de *Satyricon* é feita alusão ao possível sucesso da mesma. Em todos os casos, porém, o autor, de forma sarcástica, ri e zomba de si mesmo, considerando a indiferença dos leitores com suas crônicas. Vale transcrever o gracejo:

Pois é, estou assim pensando nisso e olhando a moça junto a mim, no banco do lotação e imaginando como ela ficaria emocionada, se soubesse que o próprio autor do SATYRICON estava sentado em companhia dela e — maravilha das maravilhas! — disposto até a conversar. Mas ela não conversou. Devia ser tímida, porque eu estava levando umas duas dúzias de crônicas para a redação (só faço às dúzias, que é para sair mais barato para o jornal) e, muito discretamente mostrei o cabeçalho a ela: SATYRICON. Hein? Diga lá! Viu você? Ela olhou, leu, olhou para mim e não falou absolutamente nada. Que timidez rapaz, você precisava ver. Da próxima vez, acho que vou precisar encorajá-la com mais decisão.

As moças pitubanas são assim, muito recatadas. (RIBEIRO, 05,06 out. 1969)

A expressão “Companhia de Energia Errática da Bahia” é também tratada com a sigla CEEB em outros textos, onde a comicidade no desdobramento dá sigla e seu

significado confirma o procedimento irônico ao referir-se à instituição sempre de forma honrosa, em claro desacordo com o sentido do conteúdo tratado.

Tudo aqui é diferente, por exemplo, a luz aqui a gente tem nos intervalos. Normalmente, ela falta. Mas, quando vem, que iluminação! Acho que a Companhia de Energia Errática da Bahia capricha com a gente, porque conhece a sensibilidade do pessoal. (RIBEIRO, 05,06 out. 1969).

Um dos pontos altos da produção é o trecho a seguir, no qual o autor dialoga, comicadamente, com o discurso hippie, enviesado da contracultura. Através da ironia, faz do escárnio e da reivindicação, motivos para rir e eternizar na produção crônica suas crônicas, o que sem ela não passaria de um registro calunioso e pessoal.

Você vai à casa de alguém, em qualquer outro bairro, e que você vê? Vê luzes acesas, geralmente em lustres pendurados nos tetos. Luzes monotonamente acesas, brilhando amarelamente. Que graça tem isso? Aqui na Pituba, não. Aqui você vê a luz piscar, o que dá um excelente efeito estelar. Ela não chega a apagar. Simplesmente aumenta e diminui de intensidade, com grandes resultados óticos, porque ninguém precisa tomar LSD para ficar vidrado. A luz que fica bem em cima de minha cabeça, sobre a minha mesa de trabalho, costuma, inclusive dar uns chiados, quando a energia oscila, o que me dá um estímulo especial para escrever. (RIBEIRO, 05,06 out. 1969).

Partindo dos problemas ligados ao fornecimento de eletricidade, Ubaldo Ribeiro cria um relato que satiriza e ironiza a companhia elétrica. Observa-se, nas produções ora citadas, a presença do ironista como quem percebe e explora múltiplas possibilidades de sentido em enunciados irônicos, sendo que o objetivo só se alcança através do efeito correspondente. No procedimento observado, ocorre a inversão entre mensagem enviada e a pretendida (DUARTE, 2006,p.3)



4. Janelas entreabertas para o leitor

Na análise de um constructo literário, é necessário falar sobre sua recepção e alcance sociocultural. Antes de qualquer coisa, se escreve tendo em vista um determinado público, incluindo suas características sociais, culturais e intelectuais. A valorização do leitor como parte essencial para o sucesso de um projeto editorial foi objeto de reflexão da teoria da recepção, iniciada nos anos 60 na Alemanha:

A mais recente da hermenêutica na Alemanha é conhecida como a “estética da recepção”, ou “teoria da recepção”; ao contrário de Gadamer, ela não se concentra exclusivamente em obras do passado. A teoria da recepção examina o papel do leitor na literatura e, como tal, é algo bastante novo. De uma forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e séc. XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos. (...) Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor. (EAGLETON, 1994, p. 80).

Cada vez mais, a preocupação com o leitor dá-se na medida exata em que as configurações mundiais transformam todas as coisas, como num toque de Midas, em dinheiro. A produção escrita despe-se assim da condição de mera transmissora de conhecimentos documentados para tornar-se antes de tudo *mercado*. Não é diferente com o texto literário.

O leitor, centro da teoria da recepção, é visto não mais como mero receptor do conteúdo lido, mas um agente transformador do mundo engendrado no texto. Através da leitura, são preenchidas as lacunas sugeridas pelas entrelinhas do texto:

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho da linguagem. Na terminologia da teoria da recepção, o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária. Para a teoria da recepção, qualquer obra, por mais só lida que pareça, compõe-se na realidade de “hiatos” (EAGLETON, 1994, p. 82)

Esse preenchimento de *hiatos* se dá através da interpretação feita pelos leitores diários e, de alguma forma, vinculados aos acontecimentos históricos. Essa compreensão do texto está também ligada ao contexto histórico social onde ocorrem os eventos factuais. Da influência história desses eventos depende também a forma como os relatos ficcionais serão lidos, interpretados e aceitos.

Para Terry Eagleton, os leitores não se encontram com os textos no vácuo, mas estão social e historicamente situados. Por outro lado, a forma como se interpreta as obras literárias será profundamente condicionada pela sua contextualização histórica. Para Sandra Nitrini, o potencial de sentido da obra é apreendido a partir da recepção diferente de um texto literário por leitores contemporâneos e por leitores historicamente sucessivos (NITIRINI, 1997, p. 171).

A contextualização e sua relação com a recepção é parte da construção da própria obra que, dessa forma, deixa de ser uma produção pessoal para tornar-se uma espécie de patrimônio social. Assim, as interpretações textuais se modificam influenciadas, de alguma forma, pelo referente situacional:

As obras literárias, em si mesmas, não permanecem constantes, enquanto as suas interpretações se modificam; os próprios textos e tradições literárias sofrem modificações ativas, de acordo com os vários “horizontes” históricos nos quais elas são recebidas. (EAGLETON, 1994, p. 89).

Consciente dessa demanda histórica, o cronista está sempre próximo do seu espaço fugaz de produção que é o cotidiano volátil da narrativa jornalística e, por outro lado, transita no emaranhado multiforme das cortinas da literatura. Por outro lado, o leitor é também marcado por sua posição histórica, muito embora, não possa se restringir a ela. Em outras palavras, a interpretação exige que o intérprete procure controlar sua aproximação subjetiva, reconhecendo o horizonte limitado de sua posição histórica. (NITIRINI, 1997, p. 172)

A crônica, produto da junção entre jornalismo e literatura, acaba também, como outros gêneros publicados em jornal, sendo uma produção que precisa atender à ideologia do veículo de comunicação, bem como despertar constantemente interesse de seus consumidores/leitores, que acabam tendo sua leitura direcionada pelos proprietários do periódico ou conselho editorial. (SÁ, 1985, p. 8).

Entretanto, a vantagem da crônica em relação a outros escritos de jornal é a flexibilidade tanto na organização textual, que inclui a brevidade, fragmentação e liberdade formal, que permite o estreitamento de um diálogo com o leitor. O sucesso do uso disso vai também depender da capacidade do cronista de mesclar o coloquial com o literário e, ao mesmo tempo, da pressa do leitor buscando degustando um petisco de

leitura, em um mundo do *fastfood*, onde a pressa domina até a vontade de sorver uma narrativa longa.

É bastante notória a familiaridade de um maior número de leitores com a crônica quando comparada com outros relatos considerados literários, sendo assim procurados os cronistas preferidos, de acordo com as variadas demandas de leitura. O sucesso de público pode ser um dos indícios mais claros de que a crônica como narrativa literária seria um dos gêneros mais adequado às exigências do mundo moderno. (FRANÇA, 2008, p.01). A sua liberdade formal e o tom de bate papo permitem uma aproximação entre a crônica e o fugaz leitor de jornal.

Se para Machado de Assis, o cronista seria um tipo de “historiador das coisas miúdas” (RESENDE, 1995, p.17), sua arte consiste precisamente em não se confundir com o tamanho das coisas que relata, mas em redimensioná-las por um olhar que é também literário e, por isso mesmo, compartilha com o leitor parte da produção final da sua produção literária. Trata-se da responsabilidade de redimensionar o fragmento histórico e eternizá-lo pelo viés do olhar estético.

A crônica brinca com o fazer literário, entremeando-lhe do tom de conversa fiada, de bate papo, onde tudo pode e, apenas uma linha tênue a separa de um diálogo íntimo entre conhecidos. Nessa linha, a trama do cronista não pode deixar esvaziar seu conteúdo estético que justifica sua rubrica de texto literário.

Considerando a fugacidade de seu meio de publicação inicial, a crônica depende, diariamente, do leitor para fazer sentido e viabilizar-se comercialmente num mundo capitalista. O pacto com o leitor, criado através do tom de cumplicidade com numa conversa de roda faz da crônica um espaço de interação entre pessoas e significações (SÁ, 1985, p.75). Entende-se que o diálogo aproximado com o leitor é algo necessário numa sociedade de consumo e a crônica, pela sua extensão e coloquialismo, ganha público e promove o incentivo à leitura numa geração pouco afeita às grandes narrativas. O sucesso literário está ligado à expectativa quanto ao tipo de leitor que irá receber. Assim como o destinatário define a carta, o leitor implícito, o texto literário:

Todo texto literário é construído a partir de um certo sentimento em relação ao seu público potencial, e inclui uma imagem daqueles a quem se destina: toda obra encerra em si mesma aquilo que Iser chama de um “leitor implícito”; inclui em todas as suas atitudes o tipo de público que prevê. O consumo / tanto na produção literária como em qualquer outra, é parte do processo de produção (EAGLETON, 1994, p. 89-90).

Mas, de acordo com a estética da recepção, a leitura não é um espaço de acomodação, mas também muda percepções e visões de mundo. Quanto mais a leitura é rica tanto mais se apresenta como enriquecedora para quem lê:

Em lugar de simplesmente reforçar as percepções que temos, a obra literária, quando valiosa, violenta ou transgredir esses modos normativos de ver e com isso nos ensina novos códigos de entendimento (EAGLETON, 1994, p. 84-85).

Em outras palavras, segundo Wolfgang Iser, a obra literária é mais eficiente à medida que é aquela que força o leitor a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais (EAGLETON, 1994, p. 84).

Entretanto, é preciso repensar a importância da flexibilidade na forma como se recebe um texto. Sua extensão e conteúdo crítico só podem tornar-se um todo coerente, a partir de uma abertura mínima de leitura suficiente para que toda a potencialidade semântica subjacente nos vazios sugeridos pelos enunciados. Sobre essa concepção de leitura, vale salientar o excerto abaixo:

A teoria da recepção de Iser baseia-se, de fato, em uma ideologia liberal humanista: na convicção de que na leitura devemos ser flexíveis e ter a mente aberta, preparados para questionar nossas crenças e deixar que sejam modificadas. (EAGLETON, 1994, p. 85)

Na visão do teórico polonês Roman Ingarden, a obra literária é uma série de *schemata* ou direções gerais, que cabe ao leitor tornar realidade (EAGLETON, 1994, p.83). Ao receptor caberia, portanto, completar a obra, através da interpretação. Sobre o alcance dessa interpretação, há controvérsias:

Para Ingarden, o texto já vem com as suas indeterminações, e o leitor deve concretizá-lo “corretamente”. Isso limita bastante a atividade do leitor, reduzindo-o por vezes a pouco mais do que a uma espécie de “pau para toda a obra” literária, capaz de completar qualquer indeterminação. (EAGLETON, 1994, p. 86)

Para Sandra Nitirini, citando a concepção de Jauss, as indeterminações estão ligadas ao tipo de recepção historicamente influenciada. O potencial sentido da obra é apreendido e legitimado pelas marcas também da historicidade e suas implicações. Dessa forma é possível evitar na leitura uma concepção, assim evitam-se “uma concepção extremamente subjetivista e relativista na medida em que cada tipo de interpretação do texto se legitima por disposições históricas, sociais, literárias, estéticas e pessoas da recepção.” (NITRINI, 2007, p.171)

Seja de forma precisa ou não, a interferência do leitor na produção do sentido do texto, eleva-o à condição do escritor. O terreno da autoria se torna mais escorregadio quando consideramos a importância do leitor como parte desse território:

O verdadeiro escritor é o leitor: descontente com a mera co-participação iseriana na empresa literária, os leitores agora derrubam os patrões e se instalam no poder. Para Fish, a leitura não é a descoberta do que significa o texto, mas um processo de sentir aquilo que ele nos *faz*. (EAGLETON, 1994, p. 91)

A experiência da leitura ou da recepção faz parte de uma modelagem que modifica não só apenas os sentidos imanentes e latentes do texto, como os ressignifica.

Desse modo, infere-se que:

Recepção como noção estética abrange um duplo sentido: passivo e ativo ao mesmo tempo. Define-se como um ato de face dupla que compreende, simultaneamente o efeito produzido pela obra e a maneira como esta é recebida pelo público. Este ou o destinatário podem reagir de vários modos: consumir simplesmente a obra ou criticá-la, admirá-la ou recusá-la, deleitar-se com sua forma, interpretar seu conteúdo, assumir uma interpretação reconhecida ou tentar apresentar uma nova. (NITIRINI, 1997, p. 171)

Assim, a leitura não é pois uma ação passiva, mas transforma-se num fazer poético. O que se verifica como importante não é, portanto, o que o texto nos “faz”, mas ésim aquilo que fazemos ao texto, ou seja, a questão de interpretação. Assim concebe-se que o objeto da atenção crítica é a estrutura da experiência do leitor, e não uma estrutura “objetiva” a ser encontrada na própria obra. (EAGLETON, 1994, p.91)

4.1. O caso *Satyricon*: um escritor em formação e um jornal em vias de consolidação

A coluna *Satyricon* parece até então estar envolta nos escombros de uma pilha de jornais antigos, amarelados, empacotados ou encadernados em acervos públicos na cidade de Salvador, onde foram pesquisadas. Mas a relevância dessas crônicas dá-se quando analisamos o alcance e a expressividade que tiveram no JBa., por terem sido publicadas num jornal considerado por muitos como um símbolo de resistência à censura imposta pelos atos institucionais promulgados pelo governo militar.

Do que se pesquisou em busca dos indícios de comentário sobre a coluna, observou-se⁴⁸ que nem o próprio João Ubaldo Ribeiro faz menção específica à coluna *Satyricon*. O fato de a coluna coincidir com o início da sua carreira como romancista –

⁴⁸Em várias crônicas de *Satyricon*, João Ubaldo Ribeiro revela a falta que o sucesso literário ainda está por ser alcançado. Seja no que se refere à projeção da coluna *Satyricon* ou também, no romance *Setembro* não tem sentido, na crônica “O sucesso literário”, publicada em 15 de julho de 1969.

quando da edição de seu segundo romance *Setembrãotem* sentido em 1968 – esclarece que esse era um período de busca de definição dos rumos de uma carreira literária de sucesso. As crônicas, naquele período, seriam para o escritor uma espécie de laboratório onde ele escondia seus anseios de reconhecimento acadêmico e profissional. Os acontecimentos relativos às finanças e à condição social do escritor abundam nas páginas de *Satyricon* e servem para entender os desafios dos intelectuais que encontraram no JBa. um espaço de acolhimento e, no caso dos perseguidos políticos, até de sobrevivência⁴⁹.

O sucesso provável na recepção de crônicas da coluna *Satyricon* poderia ser comumente associado ao veículo onde elas foram publicadas – o jornal e sua circulação em massa. O JBa. ganhava notoriedade paulatinamente e, nas palavras de João Falcão (2006, p.10), com um perfil moderno, inovador, alcançaria grande êxito com uma campanha vitoriosa de assinaturas por dez anos, que lhe permitira construir uma sede própria no terceiro ano de funcionamento.⁵⁰

À época da publicação da coluna *Satyricon*, em 1969, o jornal buscava e necessitava ampliar seu espectro de leitores e João Falcão, com as assinaturas, promoveu a interiorização na leitura do jornal. Toda a Bahia passava a ler o periódico e não apenas a capital baiana. Dessa jornada, ressalte-se um trecho da parte escrita de um anúncio de propaganda do JBa. em que se descreve o perfil do seu leitor:

Como também provam as pesquisas, quem lê o Jornal da Bahia pertence, majoritariamente, às classes A e B, as de mais alto poder de compra, 31% dos nossos leitores; dos dias úteis, têm curso superior; aos domingos, este percentual sobe para 53%. Atingimos também boa parcela da classe C. Entre o público jovem, detemos a preferência absoluta. Costumamos dizer, até, que quando nasce uma pessoa na Bahia, nasce um futuro leitor do Jornal da Bahia. Tudo isso porque a linha editorial do Jornal da Bahia é dirigida por líderes de opinião, para quem decide. Para pessoas inteligentes e participantes, sejam quais forem as classes sociais a que pertençam. É por isso que os anunciantes precisam do Jornal da Bahia. É por isso que o nosso *slogan* exprime o conceito que a opinião pública formou do JORNAL DA BAHIA: o melhor jornal da Bahia (FALCÃO, 2006, p.101).

Outro trecho do livro que confirma a repercussão do JBa entre leitores e colaboradores do jornal estão em trechos extraídos de carta escrita por Falcão em 15 de março de 1974, no terceiro ano de administração de ACM, em que apresenta relatório

⁴⁹ Segundo entrevista concedida por Levi Vasconcelos, jornalista, antigo colaborador do JBa. e do livro “Não deixe essa chama se apagar: história do Jornal da Bahia”, o acolhimento de alguns perseguidos políticos deveu-se ao regime truculento do regime ditatorial que impedia alguns jornalistas de ter um meio de ganho e sobrevivência(cf. entrevista transcrita em anexo do capítulo 4 dessa dissertação).

⁵⁰ O JBa. inovou ao iniciar uma campanha de 350 assinaturas. Isso pode ser confirmado com a lista de 310 assinantes, presente no anexo 4 do livro (Falcão, 2006, p.218 -223).

da diretoria da Editora Jornal da Bahia S.A., em meio às pressões sofridas do governo em conflito com o periódico.

Não podemos, porém, deixar de assinalar a participação crescente dos nossos leitores e, consequentemente, do aumento na circulação do Jornal da Bahia, tanto na Capital como no interior do estado, onde atingimos no mesmo dia a quase 200 Municípios. O quadro abaixo, comparativo de nossa receita de publicidade e de vendagem de jornais apenas no Estado da Bahia, dará aos nossos acionistas uma ideia numérica do que acima afirmamos (FALCÃO, 2006, p.166).

Segue-se o quadro comparativo da ascensão do JBa, representa a escalada de apoio dos assinantes do periódico e o resultado do seu investimento:

Ano	Publicidade Estadual – Cr\$	Vendagem de Jornal – Cr\$
1970	2.255.722,00	607.008,00
1971	2.411.834,00	1.795.770,00
1972	1.098.419,00	2.595.059,00
1973	1.946.474,00	3.299.796,72

(FALCÃO, 2006, p.166)

A longa duração do jornal, mesmo sofrendo os reveses da ditadura, manifestada na política local de ACM, cuja publicação se daria de 1958 a 1994, perfaz um total de trinta e dois anos de duração, e vinte desses anos, sob intensa perseguição da política local, depois do golpe de 1964.

A criação das colunas no JBa, parece ser uma demonstração do caráter inovador do jornal, que introduzia outras técnicas na área jornalística. A esse respeito, vale destacar o comentário de João Carlos Teixeira Gomes:

Tecnicamente, o Jornal da Bahia instituiu a diagramação prévia (antes feita nas oficinas, com as matérias já compostas em chumbo distribuídas por um retângulo de ferro chamado de “rama”), a valorização das fotos, que começaram a ser usadas na primeira página, o uso diferenciado das manchetes, a utilização do rodapé e, mais importante entre as medidas, a introdução do lead, que reunia no início das matérias os seus dados essenciais, progressivamente diminuídos em importância até o final, numa técnica muito comentada na época e que se chamava de “pirâmide invertida”. (...) Ao lado dos novos rumos formais, o Jornal da Bahia também implantou a reportagem de rua, com a cobertura de locais antes negligenciados como o porto e o aeroporto Dois de Julho, atribuiu grande destaque ao colunismo

(valorizando o político e a coluna social, em plena ascensão, pelo crescente prestígio de Jacinto de Tormes e Ibrahim Sued), estabeleceu a divisão interna da redação por chefias de setor, depois denominadas de editoriais, sistematizou a reportagem policial e o colunismo noturno, registrando fatos da vida boemia, atribuiu grande importância ao repórter fotográfico e instituiu o departamento de publicidade (GOMES, 2001, p. 39-40).

No caso do JBa., pelas razões expostas acima, pode-se apontar um traço inovador presente na coluna *Satyricon*: a presença recorrente da comicidade ligada à subjetivização intencional do relato. Além do caráter dialógico, o cronista aproxima-se ainda mais do leitor, através da narrativa pessoal que, entretanto, sempre resvala para as demandas sociais.

As crônicas da coluna *Satyricon* apresentaram multiplicidade de gêneros, como diálogo, alegoria, monólogo, confissão, entrevista, verso, resenha, relato com personalidades reais e ficcionais, mas todas as construções sempre permeadas pelo riso irônico e satírico, matizadas pelo teor de crítica política, ideológica e filosófica (SOARES, 2003, p. 64). Quanto à temática, as crônicas de *Satyricon* tratam de assuntos variados como: vida pessoal, problemas ligados à administração pública, cidadania, críticas a políticos e figuras públicas, vida pessoal, dentre outros.

Entretanto, a escolha da temática metalinguística com uma reflexão das crônicas de *Satyricon* será objeto da análise seguinte, donde podemos extrair como se deu o pacto sugerido de recepção entre cronista e leitor.

É possível inferir que, no contexto da coluna *Satyricon*, observaram-se dois fatores preponderantes para o sucesso da repercussão dos textos. O primeiro deles foi a visibilidade do JBa. que crescia e estava em sua fase ascendente, antes do que viria a enfrentar com os reveses de uma política local contrária à sua linha editorial e o AI5.

Além da projeção do próprio periódico, João Ubaldo Ribeiro já militava como intelectual e redator de prestígio com experiência jornalística e com certa projeção como escritor, tendo já seu romance publicado - *Setembro não tem sentido*. Embora presente, nas suas crônicas, certa apreensão sobre o sucesso do seu escritor, o cronista desempenha também um papel de relevância social, versando sobre variados assuntos de interesse da comunidade e da cidade do Salvador. Fazendo da coluna um veículo de denúncia de algumas questões ligadas à administração pública, Ubaldo faz dos seus textos também um diálogo possível com o leitor do JBa. Algumas dessas produções foram citadas no capítulo anterior, onde se conferiu também a presença do riso e comicidade no conjunto dessas produções.

Pode-se observar também que, além de se referir a questões de cunho social, muitas crônicas trataram de reflexões e divagações pessoais sobre a situação do escritor, do cronista ou colunista. Dentre elas, serão analisadas a seguir as crônicas: “A prova de Amor”, “O Sucesso literário”, “O Tutu”, “Vocês vão ver”, “Fui rebaixado”, “Em defesa do bidê”, “Está muito fraca hoje”.

O perigo de trabalhar com fontes primárias é um risco que se precisa correr em busca de novas informações. Especialmente, quando essas informações ocorrerem há mais de quarenta anos atrás. Interpretar as motivações por trás dessas crônicas, apesar da distância temporal, é um prazer legitimado pelos estudos da estética da recepção. Dentre as possibilidades de interpretação das crônicas citadas, serão sugeridas hipóteses no subtópico a seguir.

4.2 O pacto da recepção e o riso: motivos para não ser esquecido

Conforme orienta a teoria da recepção, a produção do sentido das crônicas analisadas abaixo sempre estará relacionada ao diálogo do narrador com o possível leitor do JBa. Naquele contexto, era preciso que o leitor viesse a colaborar com a produção do sentido nas entrelinhas das crônicas, tendo em vista a imposição da censura sofrida pelos intelectuais do jornal, inclusive João Ubaldo. A censura impunha um silenciamento só transposto pela interlocução leitora, fundamental à produção dos sentidos sugeridos:

Todo texto é tomado como parte do processo de interlocução. Assim, o domínio de cada um dos interlocutores é parcial em si e não unidade senão no (e pelo) texto. O texto é unidade. Consequentemente a significação se faz no espaço discursivo (intervalo) criado pelo (nos) interlocutores, em um contexto sócio-histórico dado (ORLANDI, 2007, p.77).

Os interlocutores, naquele contexto de *Satyricon*, conheciam as imposições do AI5. A coluna era parte de um discurso dissonante, num jornal que sobreviveu durante muitos anos, às expensas de seus colaboradores entre os quais aqueles que, como Ubaldo Ribeiro, se beneficiaram dele no início da sua jornada profissional. Uma das formas de resistência presente nas crônicas analisadas, frente ao contexto violento da ditadura seria o uso do riso da ironia como uma das formas de comunicação:

No momento em que a violência da ditadura era mais aguda e a censura já se tinha instalada no cotidiano de todo brasileiro, formas muito variadas de comunicação e de resistência se estabeleceram.

Eram os dias em que a tortura e a morte ameaçavam qualquer signo que deixasse supor uma discordância com regime militar. Por medo, já havíamos introjetado a censura, isto é, cada um experimentava, na sua própria intimidade, os limites do dizer. (ORLANDI, 2007, p.114).

Dentre os limites do discurso citados acima, salienta-se também a construção enviesada e irônica presente nas entrelinhas das crônicas de *Satyricon*. Nessa alternativa, encontramos o sentido dividido entre a vontade de dizer e a de interpretá-la. O que está por ser dito, completado, cabe ao receptor fazê-lo:

A esse domínio dividido da constituição da unidade dos sentidos corresponde um domínio de incompletude do sujeito. Assim como o texto não se esgota em um espaço fechado, o sujeito e o sentido também são caracterizados pela sua incompletude. (ORLANDI, 2007, p.77).

Os vazios observados nos enunciados do sujeito nas crônicas citadas completam-se por meio da interpretação dos leitores, compreendendo as sugestões inerentes às construções da ironia, que rebaixam o cronista e a coluna. É preciso compreender também o conceito de rebaixamento no que tange ao grotesco, à sátira e ao discurso ideológico:

Rebaixamento é um conceito elaborado por Mikhail Bakhtin que significa a *transferência ao plano material e corporal (...) de tudo que é elevado, espiritual ideal e abstrato* (BAKHTIN: 1993, p.17). Portanto, o rebaixamento é um modo irreverente de tratar tudo que a cultura oficial eleva ou mesmo sacraliza. Por outro lado, o conceito de rebaixamento sugere o seu oposto, a elevação, operação estilístico-ideológica de enobrecimento de temas e personagens, dando-lhes um caráter de superioridade em que são minimizados ou mesmo suprimidos os aspectos mais vulgares, bem como o efeito cômico. (NUTO, 2002).

Entre a escolha do rebaixamento e da elevação, o autor escolhe a primeira para tratar nesse começo da importância de suas crônicas e de seu discurso naquele contexto silenciador da ditadura. Ao se rebaixar, junta seu discurso aos dos que se opunham ao *statusquo* vigente naquele período ditatorial.

Se os sentidos proibidos “transpiravam” por qualquer signo “inocente” (ORLANDI, 2007, p. 114) as formas de responder à censura eram variadas. Mas a criatividade das formas cômicas e sua multiplicidade em *Satyricon* constituíram instrumentos de resposta à censura e também de visibilidade para o autor. Em todas essas percebemos a intenção subjacente de fazer o leitor refletir sobre acontecimentos que, em muitas situações, diziam respeito à sociedade em que viviam.

A crônica “A prova de amor” de Ubaldo Ribeiro, publicada em 27 de fevereiro de 1969, traz o comentário do cronista acerca sobre uma suposta leitora, chamada de Rosa Maria, pedindo conselhos sobre se deveria ou não dar a prova de amor ao namorado. Sem explicar qual seria a prova, a remetente da carta deixa em aberta a interpretação do cronista sobre isso. Para comentar o teor da carta, é preciso citar a existência da coluna de Marga Mason, existente entre as décadas de cinquenta e sessenta que versava sobre o comportamento e cotidiano das mulheres.

A coluna Marga Mason, foi encontrada entre as publicações da revista Capricho entre os anos de 1950 e 1960. Nessa revista, se buscava encontrar o perfil da moça moderna, sendo uma publicação destinada às jovens em idade de casar ou casadas. Com um tom prescritivo e moralizante, a coluna de Marga Mason usava sempre imperativos ao abordar o comportamento ideal a ser adotado pelas mulheres.

A partir de 1968, a revista Capricho e a coluna começam a apresentar temas mais ousados bem como a participação de moças mais jovens é notada.

No que tange à sexualidade, foi possível verificar que na seção “O coração pergunta, Marga Mason responde”, não foram encontradas, uma vez sequer, as palavras: sexo, virgindade, relação sexual, prazer e suas correlatas. Um termo utilizado com muita frequência era “ceder”, a moça não poderia “ceder”, dar “liberdades”, “intimidades”, senão o rapaz se aproveitaria dela, apenas por diversão. (MIGUEL, 2006, p.5)

Como se vê, a coluna possuía um tom moralista e mantinha um discurso hierarquizante, que circunscrevia as mulheres, apenas ao espaço doméstico e cujas funções restringiam-se à maternidade e ao matrimônio.

Na crônica “A prova de Amor”⁵¹, João Ubaldo menciona a existência da coluna Marga Mason⁵², como uma publicação respeitada e digna de se consultada:

Agora esta na moda gostar de ler consultórios sentimentais, mas eu já gostava há muito tempo. Lia “O coração pergunta e Marga Masson Responde”, numa revista para moça, ainda existe essa seção, mas agora não é mais como antigamente. Nos bons tempos, era gigantesca, com várias páginas cheias de dramas e sensatíssimos conselhos, principalmente os referentes à solicitação – ao que parece muito comum entre os namorados patricios – de “uma prova de amor”. Marga Masson invariavelmente respondia à moça que não desse a tal prova. Se desse, entrava numa fria. Talvez seja por isso que ela tenha sofrido uma certa sabotagem e, hoje, em dia, haja desgastado sua popularidade. Afinal de contas, não adianta lutar contra as inováveis forças do progresso. O pessoal anda mesmo a fim de dar não somente uma, mas diversas provas de amor, numa demonstração evidente de que há muito amor

⁵¹ Publicada em 27 de fevereiro de 1969.

⁵² Apesar de João Ubaldo Ribeiro referir-se à colunista Marga Mason, e o cronista Marga Masson, trata-se da mesma publicação, a julgar pelas referências do contexto histórico e da temática dos textos estarem ligadas ao comportamento feminino.

entre nós. Há tanto amor, que...bem...deixa pra lá, para que não se conspurque o imaculado espaço desta tradicional coluna baiana. (RIBEIRO, 27 fev. 1969).

A seguir, o narrador descreve a dúvida da possível leitora e, mais uma vez, refere-se a Marga Mason, de cujo discurso se apropriaria, para dar uma resposta à leitora:

E, por incrível que pareça, a carta pergunta se Rosa Maria deve dar prova de amor ao namorado. Não explica qual seja essa prova, mas imagino que se trata de algo muito radical, do contrário ela não se incomodaria em escrever a carta. Minha tendência natural, presa ao meu arraigado moralismo, será responder como Marga Masson⁵³: “Manque-se Rosa”. (RIBEIRO, 27 fev. 1969).

A partir desse ponto, o narrador questiona o porquê de ser ele o escolhido para esclarecer a dúvida. A comicidade, presente em toda a extensão da crônica, manifesta-se na ironia quanto o cronista se confessa incapacitado para o aconselhamento solicitado pela leitora que, em sua opinião, deveria ser feito por outra pessoa. No trecho a seguir, encontram-se sugestões de outros conselheiros:

Mas não sei se tenho direito de fazer isso, desconhecendo as circunstâncias específicas ao caso. Ao mesmo tempo, suspeito tratar-se de uma gozação. Por que eu? Por que eu, quando existe, por exemplo, o psicólogo Carlos Mendonça, capaz de abalizados conselhos profissionais? Quando existe, aqui mesmo ao lado, nesta página, o futuro membro da Academia Brasileira de Letras, Raimundo Reis, muito versado em tais questões? Quando existe o poeta e compositor Walter Queiroz Junior, que responderia em música? É um profundo mistério. (RIBEIRO, 27 fev. 1969).

O riso gira em torno da constatação de que, no contexto do relato, apesar da referência a Marga Mason, no contexto do cronista já não haveria mais espaço para o discurso moralizador adotado nos conselhos de Mason. Evidencia-se essa inadequação no trecho seguinte:

Tentei localizar alguma Rosa Maria apropriada, em minhas relações, mas, entre aquelas de que me lembro, não creio que haveria tais dúvidas, algumas porque já deram as provas de amor que já precisaram dar, outras porque ninguém pode ter pedido. (RIBEIRO, 27 fev. 1969).

Para finalizar, o narrador retoma a dúvida quanto à definição da “prova de amor” citada na carta. E conclui, orientando a leitora, a procurar alguém capacitado para resolver o problema:

E o pior de tudo é que continuo sem saber como responder. Pode ser uma coisa perfeitamente inocente. A carta não esclarece esse ponto delicado.

⁵³Conforme anteriormente observado, o cronista refere-se a Marga Mason como Marga Masson.

Ainda há brigas no cinema porque o camarada quer pegar na mão da moça. Bem, nunca vi pessoalmente uma briga dessa natureza, mas me dizem que há e eu acredito. Eu acredito em todo mundo. De modo que pode ser uma coisinha inocente como essa. Eu tenho vocação de Zsu-Zsu Vieira⁵⁴. É um dilema extremamente cruel, porque a tal prova pode não ser desse nível e eu poderia ficar responsável, pelo menos parcialmente, por uma situação de certa gravidade. É por isso que, após detida meditação, depois de ponderar gravemente as variáveis em jogo, decidi tomar um caminho extremo, aconselhando Rosa a consultar impiedosamente o único sujeito que sabe tudo na Bahia, Rosa, converse sobre isso com o poeta e professor Ildásio Tavares⁵⁵, que ele lhe soluciona o problema. Não é possível que ele também não tenha um curso de especialização sobre o assunto. (RIBEIRO, 27 fev. 1969).

Na crônica acima, nota-se a representação clara de uma relação de aproximação entre cronista e leitor, em que o autor ficcionaliza essa relação, criando uma personagem que passa por dilemas comuns às jovens daquele período histórico. Fazendo uso da comicidade, o autor amplia os espaços de diálogo da crônica, intertextualizando e redimensionando outros discursos históricos, mimetizando o autor como uma espécie de conselheiro sentimental que, com poucos conhecimentos nessa área, sente-se incapaz de resolver o problema.

Os vazios observados na produção da crônica transitam sempre em relação ao contraponto dos ideais: liberdade sexual *versus* moralismo. A prova de amor, embora não esclarecida, parece estar bem definida nas entrelinhas como sendo o ato sexual. Embora não se diga, o próprio silenciamento quanto ao tipo de prova é uma ironia que usa o discurso moralizador de Marga Mason como disfarce para a representação de um narrador ingênuo e inexperiente nas questões aludidas.

A crônica como gênero literário permite entremear o discurso lúdico e estético como *mimese* do discurso referencial. As fronteiras são móveis e, deliberadamente, o cronista faz uso da imprecisão para fazer críticas indiretas a discursos, pessoas e instituições, com o uso da ironia e sátira. No caso da crônica descrita acima, as críticas relacionam-se, mais especificamente, ao discurso moralizador sobre a sexualidade e à figura da mulher e o seu papel no relacionamento afetivo.

⁵⁴ O cronista refere-se aqui a Dona Zsu Zsu Vieira, consultora sentimental do jornal carioca *Última hora* entre os anos de 1960 e 1970. Assim como outras consultoras de educação sexual, naquele contexto, ela desaconselhava o ato sexual antes do casamento, considerando que, na maioria dos casos, as moças sofrem muito depois da entrega, correndo o risco de serem abandonadas pelo namorado e considerando-se ordinárias e inferiores, marcadas pela culpa.

⁵⁵ O autor aqui se refere à multifacetada demonstração de conhecimentos na área acadêmica do poeta e compositor Ildásio Tavares, tendo exercido várias outras funções como romancista, novelista, dramaturgo, ensaísta.

Em “O Sucesso literário”⁵⁶, o cronista zomba da transitoriedade do suporte usado na produção de crônicas em *Satyricon*. No decorrer do texto, descreve a recepção do público em relação a seu livro “Setembro não tem sentido” e demonstra, de forma velada, certo desapontamento por não obter a recepção esperada. Na citação do romance, o narrador funde-se à figura do autor, revelando ou representando hipóteses sobre o alcance de seu romance.

É necessário sublinhar a marca de rebaixamento que o narrador atribui a sua coluna de crônicas, ao citar o destino transitório das folhas de jornal das produções de *Satyricon*. Quer pelo aspecto descartável do jornal ou pelo desagrado do público, a *persona* do narrador rebaixado relata o possível insucesso na aceitação dos textos para, com isso, atrair a atenção dos leitores. O procedimento pode ser observado aqui:

É sempre consolador saber que o que a gente escreve tem um destino condigno. O que a gente escreve são os nossos pensamentos solidificados na tinta e no papel para as gerações futuras. Dessa forma nunca morreremos, nós, os que escrevemos. Tudo o que sai de nossa mão e ganha a impressão fica permanentemente incorporado ao patrimônio da posteridade. Isso pode ser comprovado, inclusive, através de um levantamento que eu fiz ainda outro dia, sobre o destino de minhas crônicas, que é o seguinte:

Exemplares estragados, enquanto o pessoal da rotativa acerta a máquina – 500.

Papel de embrulho para peixes, ovos, abacaxis e produtos diversos – 5.400.

Embalagem para o chamado “pombo sem asa” – 600.

Fôrros para latas de lixo, cachorrinho da madame e quejandos – 1.900.

Papel higiênico – 3.200.

Coleções dos membros do meu numeroso fã clube – 2.

Neste levantamento, é claro, há algumas imprecisões, porque nunca é fácil a gente obter todos os dados referentes a determinado problema. Haverá, na verdade, uns dois ou três usos para minhas crônicas que eu prefiro ignorar, com a altivez que me caracteriza. Entretanto, fica patenteado o fato de que, com as minhas crônicas, presto um inestimável serviço público e não há quem possa descrever o orgulho que agente sente ao abrir o embrulho do mocotó e ler vagarosamente entre um pedacinho de pé de porco e outro, o nosso nome, indelévelmente marcado, para sempre. (RIBEIRO, 15 jul.1969)

As expressões “destino condigno”, “patrimônio da posteridade”, “o nosso nome, indelevelmente marcado” confirmam o tom de zombeteiro que brinca com o próprio desprezo e usa da ironia como um modo inusitado de interpretar o relato sobre a transitoriedade do suporte textual do jornal.

O leitor é evocado aqui a interagir, interpretar as pistas que dizem o contrário do que os vocábulos expressam. A significação se constrói pelo oposto, que sugere a situação de inferioridade relacionada à desvalorização do espaço da produção literária.

⁵⁶Publicada em 15 de julho de 1969.

A tônica do rebaixamento é sempre recorrente e aqui é também confirmada na listagem pouco nobre dos destinos prováveis para as crônicas.

Em “O TUTU”⁵⁷, o autor adota um tom intimista e apresenta a dificuldade do cronista em cobrar o que lhe devem e sua facilidade de ser cobrado. Como em muitos textos de *Satyricon*, o cronista se identifica com aqueles que encontram na escrita um meio de vida:

Eu estou aqui, vendo o Johnny Marthis⁵⁸ desmunhecar na TV, e fico pensando como ele anda montado na nota. Outro dia, ele deu uma entrevista e explicou distraidamente que não sabia quanto dinheiro tinha, porque era dinheiro às pencas, veja você. Enquanto isso, eu aqui, naquela pendura, alimentando a leve esperança de que a tal maratona da bondade tivesse sido organizada em minha homenagem. Não é nada, eu achava que merecia. Entretanto, não foi, como nós sabemos, e eu, batalhando no chamado trabalho intelectual, permaneço no exercício daquela infável alegria de pobre: pagar dívidas. Trabalho intelectual, principalmente quando a gente escreve crônicas deste tipo, é muito estimulante, porque as pessoas pensam que a gente está sempre dando risada – veja como ele é tão engraçado, olhe só que gozador. Só que a coisa que me tem feito dar mais risada ultimamente é a maneira hilariante pela qual não fica um tostão guardado; não que haja muitos tostões, mas, logo quando a gente vai ficando afeiçoado a eles, alguém cobra alguma coisa (RIBEIRO, 14 out.1969).

Apesar da notória honra atribuída ao trabalho intelectual (expressão repetida no texto), o cronista mantém a *persona* de rebaixamento, resvalando para as palavras “risada”, “engraçado”, “gozador” e “hilariante”, usando expressões utilizadas por outrem para caracterizar seus escritos. A comicidade como forma de rebaixamento é utilizada também para referir-se ao escritor de crônicas e, por outro lado, leva a supor um eventual desprezo do autor pela sua *persona* cronista que não lhe renderia tanto prestígio e reconhecimento.

No restante do texto, o cronista passa a classificar as pessoas em dois tipos: cobradores e cobrados. Definindo o perfil de alguns *cobradores* como aqueles que, mesmo endividados, consideram sua dívida como um problema dos outros. Segue-se o trecho que confirma isso:

Isso se deve ao fato de o mundo ser dividido em cobradores e cobrados. Eu sou cobrado e tenho a máxima admiração pelos meus amigos cobradores, embora, por mais que tente, não consiga atingir a sua invejável condição. Um deles é tão cobrador que os próprios cobradores das firmas em que ele vive endividado tem um certo acanhamento em lembrar-lhe as contas atrasadas.

⁵⁷Publicada em 14 de outubro de 1969;

⁵⁸Popular cantor norte-americano, com uma carreira versátil notabilizou-se a tal ponto de cantar na televisão aparecendo no Ed Sullivan Show, o mais popular nos Estados Unidos. A referência ao cantor na crônica serve como um comparativo com a profissão de escritor, tendo em vista ainda que o talento de Marthis tenha sido reconhecido desde o início da carreira.

— Meu filho, eu não já lhe disse que não aparecesse esta semana, meu filho? Será possível? Assim não pode, meu filho. Olhe, me faça o obséquio: não me apareça mais aqui! Quando eu tiver dinheiro, eu lhe telefono (RIBEIRO, 14 out.1969).

No decorrer da crônica, o narrador define-se como do time dos cobrados, não dos cobradores. Recorrendo à inversão da lógica, ele se sente cobrado até quando precisa reaver o que foi tirado dele.

Mas o pior é cobrar o que me devem. Morro de vergonha, principalmente porque, por alguma razão misteriosa, todos os meus devedores são do tipo cobrador. Vou lá pegar o negócio e sou recebido por um ar de reprovação e censura tão sentido que, imediatamente, dou uma risadinha, finjo que só apareci para bater um papo e acabo indo embora sem tocar no assunto, que é para não embarçar os amigos. Aí saio e compro um bilhete de loteria (RIBEIRO, 14 out.1969).

Nesse texto, a zombaria incide sobre a falta de reconhecimento e remuneração do intelectual e acaba relacionando o insucesso no mundo literário com consequências, do ponto de vista financeiro. A crônica “Ser importante” apresenta a tentativa de caracterizar o que seriam pessoas importantes, não pela condição financeira ou de nobreza, mas a partir de um determinado comportamento. Inicialmente, o cronista descreve o valor das pessoas pela sua atitude em relação aos acontecimentos:

Existem algumas pessoas que são importantes de nascença. Não me refiro ao Príncipe de Gales ou ao filho de David Rockefeller, mas a outras pessoas, que a gente conhece e que às vezes falam com a gente. Fico com uma bruta inveja, porque nunca consegui ser importante. Já experimentei fumar cachimbo e falar com interrupções – “eh... ahn...” – como um... cientista americano, mas não adiantou. Conheci um camarada que fumava cachimbo e dava uma risadinha, e era respeitadíssimo no prédio em que a gente morava. Era a risadinha mais devastadora que já vi. (RIBEIRO, 15 out.1969).

Como soe acontecer, o narrador apresenta, novamente, um tom de autodepreciação enquanto que os outros personagens da crônica são sempre vistas como superiores.

Quanto a mim, nada que eu faça produz algum resultado, nem mesmo a pose que eu faço quando entro numa reunião qualquer e fico esperando as apresentações feitas pelo anfitrião;

Este daqui é o camarada que escreve o Satyricon!

Antigamente, eu gostava de pensar que a cara do interlocutor era devida ao choque de conhecer uma celebridade, assim de surpresa, sem esperar. Mas não é, não:

Satyricon? Satyricon?

É uma colunazinha no JORNAL DA BAHIA – explico eu, modestamente, esperando um vibrante “aaah!” de reconhecimento.

Pois não – diz o apresentado, tendo, finalmente, uma oportunidade de ser gentil.

Muito interessante. Na primeira oportunidade, eu vou procurar ler sua coluna.

— Muito obrigado – digo eu, lançando-me na direção do copo mais próximo. Quer dizer, não adianta. É uma questão de talento. O sujeito precisa sentir a onda e embarcar nela, no momento exato. Por exemplo, José Amílcar, que comenta futebol na TV Aratu, se dava até bem comigo, mas outro dia, quando eu passei por ele e falei (“i, Zê que é que há?”), ele apenas me acenou distraidamente:

— Como vai, amigo?

Entendi. Isso significa que ele já conseguiu entrar no rol da importância, com muita categoria e dignidade, capitalizando devidamente a sua invejável posição de astro do vídeo. (RIBEIRO, 15 out. 1969).

A citação da coluna aqui é sempre feita de forma zombeteira, a julgar pelas expressões depreciativas “colunazinha”, “modestamente”. A suposta indiferença do leitor é sempre enfatizada através da interpretação cômica e sugestiva. Na sequência, aparecem as tentativas de ascensão:

Mas, como eu disse, é preciso ter talento, senão não adianta. Naquele mesmo dia, inspirado no exemplo edificante de J.A.⁵⁹, experimentei cumprimentar uns dois caras da mesma maneira. Não deu certo. Para cumprimentar dessa forma, é preciso que a gente seja cumprimentada em primeiro lugar. O que aconteceu foi que ninguém falou primeiro. Ficou uma experiência muito frustrante, comigo parado na porta da Livraria Civilização Brasileira, esperando cumprimentos. Enquanto esperava, até ensaiava no espelho:

— Como vai, amigo?

Ninguém falou. Aí eu resolvi reagir contra aquela situação vexatória e comecei a tomar iniciativa. Dirigi uns quatro “como vai, amigos”, aos passantes, mas só obtive em resposta olhares estranhos. Até que passou o professor e poeta Eberard Bezerra Nunes⁶⁰:

— Como vai, amigo – disse eu, com o ar de quem está absorto em graves indagações interiores.

Ele parou diante de mim, ficou olhando para minha cara, puxou minha pálpebra inferior para baixo, espiou cuidadosamente e assumiu um aspecto preocupado.

Venha cá – disse ele, pondo a mão em meu ombro. – Vamos ali, que eu lhe pago um cafezinho. Você não está se sentindo bem (RIBEIRO, 15 out. 1969).

Ao final, fica evidenciado o fracasso em todas as tentativas de se buscar a notoriedade. A cidadania se constrói pela incompletude presente nas recorrente e aparente indiferença dos leitores. O procedimento irônico pode ser também confirmado na atitude do professor Eberard Nunes que, mesmo dando-lhe atenção, parece dar atenção mais por compaixão do que por honra. Em outra interpretação, a leitura permite

⁵⁹ Refere-se às iniciais de José Amílcar, jornalista esportivo da TV Aratu de quem o cronista havia se referido em trecho anterior da crônica, como alguém de sucesso que passou a cumprimentá-lo com um gesto meio indiferente, ao se tornar importante.

⁶⁰ Eberard Diniz Bezerra Nunes foi professor da Faculdade de Administração da UFBA, trabalhou na Construtora Odebrecht S/A e na Dow Química S/A. Seu desempenho profissional o levou também a ocupar cargos em algumas entidades da sociedade, como o de presidente da Câmara de Comércio Americana e o de conselheiro da Associação Comercial da Bahia. Ele também era diretor da Associação Brasileira das Imprensas Oficiais/Seção Nordeste. Além disso, foi ganhador do Prêmio Administrador Emérito em 2003 enquanto era Diretor Geral da EGBA - Empresa Gráfica da Bahia, em Administração Pública. Foi significativa sua contribuição para a imprensa oficial, notadamente a nordestina.

sugerir que o professor tenha considerado o cumprimento como estranho de alguém sem seu juízo perfeito.

A crônica “Vocês vão ver”⁶¹ trata da revanche e insatisfação do cronista, desta vez, por nunca receber presentes ou brindes, como ocorria entre seus pares. A ironia aqui consiste na queixa sobre a inveja dos outros quando é o narrador mesmo quem comenta os presentes recebidos pelos outros. Além disso, manifesta-se sua insatisfação pela forma como é feita a diagramação do jornal e a localização da coluna *Satyricon*. Acitação a seguir introduz a crônica, apresentando a insatisfação do cronista por causa da falta de popularidade.

O ano mal começou e eu já estou chateado. Principalmente por uma razão muito simples. Todos os colunistas daqui andaram publicando agradecimentos por presentinhos, não sei se vocês repararam. Talvez a única exceção além de mim, seja Orlando Garcia, que tentou inutilmente livrar-se das banhas com o resultado de que ficou envenenado por ciclamatos e agora anda com um olhar estranho, que desencoraja qualquer presenteador. Mas eu, que sou uma jóia de rapaz, não recebi nada. No dia primeiro do ano, até botaram minha coluna numa página estranha que tem lá dentro, onde costumam sair as bodas de ouro do casal Serapião Malamado e a formatura em professora da futura jovem Ortinha da Anunciação. Até onde irão o despeito e a inveja de todos esses ressentidos? É difícil dizer, mas há um complô generalizado. Os dois únicos presentes que eu recebi foram um do Piatã Clube e outro da construtora Góes. O primeiro mandou um convite para o réveillon. Está muito certo, obrigado. Mas não mandaram transporte. Porque não mandaram transporte? Deviam mandar transporte! Vão ter má vontade assim no. Ou na. É demais. Quanto à construtora Góes, propriedade de um grupo de capitalistas amigos meus, o presente foi uma agenda. Ora, uma agenda, uma agenda. E ainda mandaram um pacotinho com três amêndoas e uma explicação, dizendo que os árabes acham que três amêndoas é um troço que dá sorte. Boa maneira de evitar mandar um quilo de amêndoas pelo menos. Além de sovinas, ainda tem o desplante de caluniar a literatura árabe (RIBEIRO, 04/05 jan.1970).

Uma das queixas acima refere-se à localização da coluna *Satyricon* que, nesse dia, excepcionalmente ficou na página 2, quando todas as outras foram publicadas na página 1.

No trecho a seguir, o narrador inicia a apresentar uma revanche, usando a coluna como escudo e arma de ataque, ao mesmo tempo. Segue-se a descrição irônica das vantagens auferidas por um colega:

Eu pergunto: porque não mandaram um apartamento? Por quê? Todo mundo sabe que Joaci Góes, quando está enfasiado, dá apartamentos de três quartos como gorjetas ao garçom ali do Galo Vermelho. Para mim manda uma agenda. (RIBEIRO, 04/05 jan.1970).

⁶¹ Publicada em edição conjunto de sábado e domingo, 04/05 de janeiro de 1970.

À reclamação sobre o sucesso alheio, soma-se também a ameaça da revanche do escritor esquecido:

Pois muito bem, está certo. Se é isso que vocês querem, é isso que vocês terão. De agora em diante, vou começar a reduzir esta coluna à metade do tamanho costumeiro, até ela ficar com umas duas ou três linhas, no máximo. Se quiserem ler crônicas, leiam Raimundo Reis aí de junto, que ganhou um Corcel, uma viagem para dois a Paris estada paga, um terreno no CIA, uma semana em Biarritz em companhia da mulher que gravou “Je T’Aime – Moi Non Plus” (você sabe, é aquela tarada), o controle acionário de uma incorporadora e diversos depósitos bancários, além de outros brindes menores, que ele diz que não cita por vergonha. E eu não tirei nem um liquidificador nesses bônus da felicidade. Marmelada, marmelada! Isso tudo é um descabro. (RIBEIRO, 04/05 jan.1970).

No trecho final, o cronista prevê seu futuro, vislumbrando o sucesso que lhe renderia recompensas que agora não recebidas.

Mas vocês estão enganados se pensam que as coisas vão continuar assim. Fiquem sabendo que eu sou aquariano e Aquário é o signo quente, atualmente. E mais: estamos na era de Aquário e no ano favorabilíssimo para Aquário. Vou esmagar a concorrência, escutem o que estou dizendo. E aí quando eu for rico e famoso, vou mandar três amêndoas para cada um de vocês, acompanhadas de um antigo poemazinho chinês.

“Leceba tlês amêndoas e fique contente.

Passando o ano todo sollidente.

Por que podia ser pior.

Se, em vez de tlês, fosse uma só.”

E aí saio para fazer uma conferência em Saint-Tropez para Jane Fonda e Brigitte Bardot, sobre “L’Amour Parmi les Brésilliens”. No meu jato particular. Ferro na boneca. (RIBEIRO, 04/05 jan.1970).

A crônica acima recorre à construção irônica em que o narrador afirma ser vítima da inveja dos outros, quando o texto todo confirma o contrário. Ademais, a utilização da coluna como confirmação da indiferença e, ao mesmo tempo, espaço para predição de um promissor futuro como escritor, atribui ao leitor implicitamente o papel de agente nessa vingança através da recepção da sua obra.

O discurso de vítima do narrador descreve a perseguição sugerida pelo suposto ciúme no ambiente profissional. A estratégia gera possivelmente no leitor a percepção de que a mudança desse quadro dependerá da sua aceitação ou não dos textos do cronista.

Dessa forma, é retomada a concepção de Terry Eagleton (1994, p.91), para quem tudo o que o texto produz no leitor é, em última instância, aquilo que o leitor faz do texto. Ou seja, a interpretação mais acurada levará o receptor ao esquema interno subjacente à crônica. Por outro lado, uma leitura mais rasa, não perceberá que se

delineia essa interpretação, disfarçada no tom intimista e humilhado de falsa modéstia, em busca da notoriedade.

“Fui rebaixado”⁶² apresenta, até no título, o conceito de rebaixamento. Inicia-se com algumas reclamações e comentário sobre uma notícia inusitada relacionada à localização da coluna no jornal. A partir desse dia, a crônica seria posta no rodapé da página 1, do caderno 2 do jornal, diferentemente das crônicas anteriores que ficavam no canto central esquerdo da mesma página. Pelo tom de incoformismo, o cronista busca apoio do leitor para compartilhar sua indignação. A contestação feita pelo narrador contra as estratégias no JBa. para rebaixar sua coluna vem, literalmente, se confirmar na localização gráfica da coluna que, a partir de então, passa a ser publicada no rodapé da primeira página do caderno 2. Até mesmo, questiona algumas inovações gráficas do jornal, além da edição conjunta de sábado e domingo.

Até ontem, eu não tinha olhado o jornal novo, porque andavam gozando a gente por causa da edição do domingo. Isso é uma injustiça. No domingo, a gente pode não ter sido o melhor matutino, mas, seguramente, a gente foi o melhor notitino do Brasil, sobre isso não cabe dúvida. O diabo da máquina só recebia instruções em alemão, e foi uma confusão aqui. (RIBEIRO, 05 mar.1970).

No excerto abaixo, confirma-se a localização da coluna e a discordância do narrador quanto a isso:

Mas ontem eu peguei no jornal para ver como era que estava. Aí foi que eu vi que tinha sido ignominiosamente rebaixado. Até onde levarão o despeito e a inveja? Até onde tentaram solapar o meu fã clube? Eu estava particularmente deprimido ontem, com uma porção de notícias chatas, e aí percebo o lugar em que me botaram: bem debaixo daquelas reportagens sobre a igreja de Pilão Arcado ou sobre os surdos-mudos dos Institutos Pestalozzi de Santa Rita do Passa Quatro, que ninguém lê. Rodapé da Igreja de Pilão Arcado! (RIBEIRO, 05 mar.1970)

Sob o rês do chão⁶³, a crônica prossegue apresentando novos acontecimentos, através do viés da comicidade. As divagações seguintes recorrem ao uso da comicidade como forma de quebrar a aparente tensão presente na introdução do texto e, ademais, aproxima o texto do contexto informativo do jornal. O riso associado à informação seria a junção perfeita para fruição do gosto volátil de leitor de jornal, em busca de uma apreciação mais divertida para o relato da notícia.

⁶² Publicada em 05 de março de 1970.

⁶³ Expressão de Antonio Cândido (CÂNDIDO, 1992, P.85), considerando a localização do folhetim no rodapé.

Em segundo lugar, me informaram que o Brasil agora é um dos maiores exportadores de chifres do mundo e a quantidade de chifres que nós (nós lá eles), estamos exportando é realmente assombrosa. E — vejam os senhores a Decadência do Ocidente — o grande exportador de chifres é o Estado de Pernambuco. Agora, eu sou a favor da ampliação da pauta de exportações e tudo mais, mas exportar chifre eu não acho certo. Fico morto de vergonha, pensando na hipótese de Herman Kahn estar falando, lá na América, que talvez o Brasil atinja agora sua emancipação econômica, através da exportação maciça de chifres. Ou pensando na criação futura da Associação Brasileira de Chifricultores. Por que os europeus querem importar chifres? Eles já não tem chifres que cheguem? Brigitte Bardot deve estar ficando velha. (RIBEIRO, 05 mar.1970).

A última ferramenta do cronista para dar mais ênfase ao material escrito seria a inclusão de elementos de prestígio no periódico. Nada melhor do que o redator-chefe do jornal, demandando sobre que assunto deveria ser tratado na coluna. Na sequência, confirma-se a presença de João Carlos Teixeira Gomes que, como editor-chefe do JBa, sugere um assunto a ser tratado na coluna:

Em terceiro lugar, o senhor Redator-Chefe desta folha, Bel.João Carlos d'Oliveira Teixeira Gomes Fonseca, por alguma razão misteriosa, anda preocupadíssimo com a campanha que tem sido desenvolvida atualmente contra o bidê, e fica enchendo a paciência querendo que eu defenda o bidê.

Por que lá não empreendes uma acirrada campanha em defesa do nosso bidê, hem, homem? — pergunta-me ele, exibindo o seu luminoso dentinho de ouro.

Eu não entendo muito de bidês. Já expliquei isso a ele diversas vezes, mas ele parece não entender. Na realidade, creio que o *off-set* o afetou um pouco. Talvez o JORNAL DA BAHIA devesse ter adotado antes um *off-seis*, ou mesmo um *off-cinco*, para não chocar demais o pessoal. De qualquer forma, todas as vezes que me despeço dele, ele me chama, quando já estou saindo:

— Ei, senhor colunista, êi, senhor colunista!

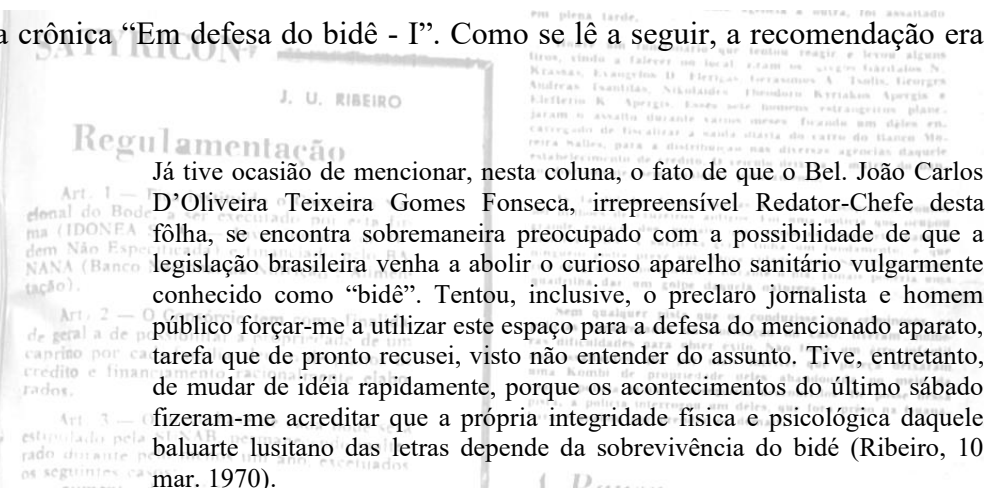
O que foi? Pergunto eu.

— Psssss. Pssss. Pssss. Olha o barulho do bidê, olha o barulhinho do bidê! Pssss.Pssss.

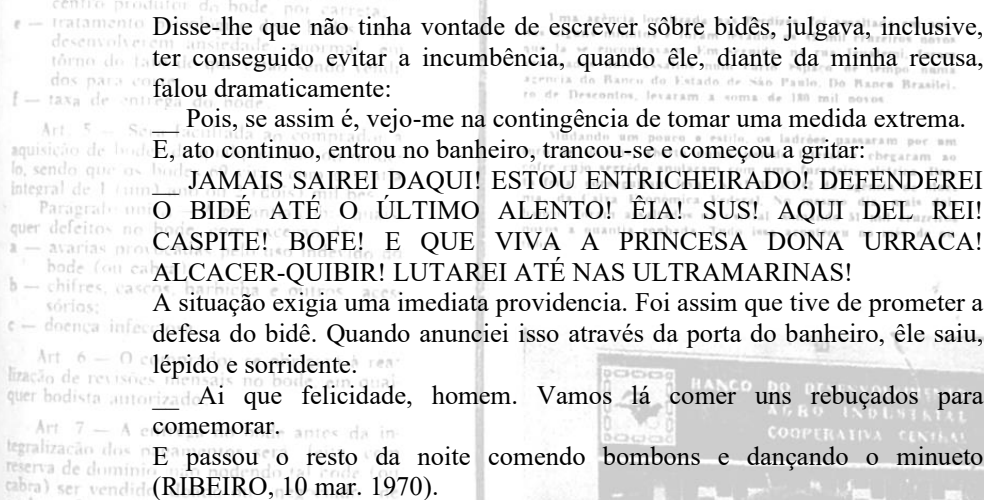
Isso com os olhos brilhando e um sorriso meio aéreo. Quer dizer, onde estamos? Amanhã, se eu continuar segregado aqui em baixo, sem nem um azulzinho aí em cima, vou iniciar uma condenação sistemática do bidê. (RIBEIRO, 05 mar.1970).

A escolha de um tema sugerido por Teixeira Gomes como tema para o texto confere ao texto mais credibilidade junto ao leitor do jornal. Os destaques feitos à edição do periódico, como o *off-set* é uma inovação do JBa., se comparado com outros jornais da época, estão evidenciados na citação acima. A repetição usada por Joca da expressão “Senhor colunista” sugere talvez a insuspeitada responsabilidade do autor, bem como da coluna como representação da linha editorial na figura do seu editor chefe.

Mais uma vez, sob a sugestão de Teixeira Gomes, a temática do bidê será retomada na crônica “Em defesa do bidê - I”. Como se lê a seguir, a recomendação era recorrente:



Acima percebemos a menção honrosa de Gomes como redator-chefe do jornal e a sua influência na definição do assunto do texto. Essa ascensão se mantém no decorrer da crônica, onde o cronista relata a visita do amigo para insistir no pedido. Como se lê na situação sugerida abaixo, embora o cronista recuse, a situação é precipitada a um apelo inusitado.



Ao final, o cronista escolhe por aceitar o pedido do chefe que demonstra satisfação pelo atendimento do pedido.

Se ao cômico cabe sempre a descrição de ações inferiores, o baixo corporal e o burlesco é parte desta representação e, no destaque acima, o grotesco é bastante visível. A própria temática — bidê — remete também ao baixo corporal. O editor, descrito de forma pomposa, gera o contraste cômico que subverte sua posição como intelectual quando relacionados ao assunto — bidê e à sua postura corporal.

A crônica “Está muito fraca hoje!” traz, mais uma vez, uma espécie de tom depreciativo sobre *Satyricon*. No começo, o narrador apresenta a coluna como um “consolo” na caminhada do jornalismo diário. Entretanto, apesar disso, o conteúdo do texto contradiz essa indução. A ironia se confirma pelo restante do conteúdo descrito no decorrer do texto, onde a sua projeção não diz respeito à coluna.

Esta coluna me tem rendido muitas glórias e muitas satisfações, é o que me estimula a prosseguir pela senda ingrata do jornalismo diário. Por exemplo, já fui prêmio de gincana três vezes, valendo mais pontos do que um peru de 15 quilos e outras tarefas do mesmo jaez. No começo, eu não gostava muito de ser prêmio de gincana. Era uma questão de falta de prática, porque eu não sabia que cara utilizar, ao chegar à comissão julgadora. Depois fui aprendendo e, daqui a uns dois anos, seguramente serei um dos melhores prêmios de gincana desta praça, podem ter certeza. (RIBEIRO, 14 jul.1970).

Nesse trecho, os vazios do texto levam o leitor a decodificar o significado, de forma contrária ao que é escrito aqui. As palavras “glórias”, “satisfações”, “prêmio”, “valendo”, “pontos” aqui conduzem ao campo semântico contrário ao que é dito. Com essa inversão de sentidos, confirma-se a intenção de compartilhar com o leitor a produção final do sentido textual, onde o receptor seria o colaborador da construção irônica. O cronista prossegue, com o procedimento irônico, ao citar as cartas que recebe:

A correspondência, esta também me estimula muito. Outro dia, recebi uma carta reclamando que não entregavam o jornal na casa do autor da carta. “Exijo uma providência,” dizia a mencionada missiva. Infelizmente, ainda não pude tomar a dita providência, porque receio que o companheiro desta folha, desportista Enádio Moraes, queira obrigar-me a entregar o jornal pessoalmente, a fim de eu fazer alguma coisa pelos 50 contos que o jornal me paga — como ele vive dizendo o tempo todo. Uma senhora também me escreveu, perguntando “como é que o senhor pode fazer graça, quando o mundo está se debatendo em tantas crises”, mal sabendo ela que eu escrevo estas mal traçadas todos os dias porque a crise em que me debato também não é moleza. Aliás, esta minha crise já está enchendo a paciência. Acho que vou ter que recorrer à Sudene. (RIBEIRO, 14 jul.1970).

O trecho acima cita a presença eventual de uma leitora que demonstra, de forma direta, sua insatisfação. Nessa constatação, configura-se mais uma vez o procedimento irônico quanto ao insucesso na recepção da coluna pela massa de leitores do jornal. O destaque da crônica acima permite uma leitura múltipla dos fatos relatados, com hipóteses sobre possibilidades da interpretação. Na primeira delas, considera-se que a leitora citada seria uma invenção para reforçar o discurso do colunista em busca de um público leitor. A segunda hipótese sugere que a leitora realmente existisse e estaria realmente reprovando o tom jocoso das produções da coluna. A conclusão a que se pode

chegar é que, como em muitos outros escritos do autor, ele pode realmente estar se referindo a uma situação real, mesmo que ficcionalizando-a no universo da crônica.

No terceiro parágrafo da crônica, Ubaldo Ribeiro apresenta-nos o momento em que recebeu o convite para ser mesa diretora em solenidade:

Quanto a convites, homenagens e honrarias, também não tenho mãos a medir, tal intensidade dos meus novos compromissos sociais. Há cerca de duas semanas, por exemplo, fui convidado a comparecer a uma solenidade, na qual deveria tomar parte na mesa diretora. Fiquei muito honrado com o convite e mandei passar a roupa de ver Deus (uma beleza; é meu único terno, modelo Milisam 1962, de corte impecável e em semi-perfeito estado de conservação, que estou guardando para meu enterro), a fim de apresentar-me à altura de magnitude dos acontecimentos. Aí cheguei lá, meio timidamente, fiquei na porta sem querer entrar, pensei em desistir, até que, finalmente, um dos componentes da mesa me viu e acenou afavelmente. Retribuí com o meu melhor sorriso (estilo Zé Amilcar um echtraordinário⁶⁴sorriso) e me dirigi para a mesa, em passadas seguras e cheias de confiança. Então o camarada que me havia acenado puxou o microfone para junto dele e falou:

— Senhoras e senhores, tenho a satisfação de anunciar a presença em nosso auditório do jornalista Guilherme Simões!

Uma salva de palmas. Fiquei meio açanhado, mas fui em frente. Em chegando à mesa, cochichei no ouvido do cidadão o meu nome.

— Quem? — perguntou ele.

— Deixa pra lá — disse eu.

Espero ter representado Guilherme Simões condignamente. Já estou ficando acostumado. Talvez, quando me apresentarem como o Papa Paulo VI, eu vá ficar um pouco sem chave, mas quem sabe. (RIBEIRO, 14 jul.1970).

Observa-se aqui a reiteração do método de demonstrar alguma situação humilhante por que passa o narrador, em que ele alimentava a expectativa de receber honrarias. Esse modelo de narrar pautado no rebaixamento, mesclado ao tom cômico, cria com o interlocutor uma afinidade e aproximação maior.

Na parte final do texto, o cronista relata mais uma situação constrangedora. Nesse caso, alguém que lhe é apresentado e não o conhece nem a sua coluna de crônicas. Ao final, expõe a opinião de um conhecido seu que tinha lido a sua crônica do dia e considerou-a fraca. Eis o final:

Finalmente, a recepção que obtenho nos lugares que freqüento é suficiente para recompensar o trabalho diário. Geralmente, um amigo meu me apresenta:

— Este é o rapaz que escreve Satyricon.

— Quê escreve o quê? — pergunta o apresentado, polidamente.

— O Satyricon. Ah-ah! Não sabe? Aquela coluna do Jornal da Bahia?

— Pois não, pois não — diz o apresentado. — Agora que conheço o senhor, vou procurar ler.

— Não vale a pena — digo eu, modestamente, e vou saindo.

Ai, junto do bar, encontro sempre um conhecido, que me bate no ombro entusiasticamente.

⁶⁴A expressão *echtraordinário* foi assim mesmo grafada e parece manifestar a descrição oralizada de parte de um comentário que parece ser peculiar ao narrador aludido.

— Como vai, tudo bem? Tenho lido sempre suas crônicas! A de hoje está muito fraca, muito fraca!

— Não espalhe – digo eu. (RIBEIRO, 14 jul.1970).

A recorrência à representação do discurso de rebaixamento nas crônicas analisadas recupera a função de comicidade presente no riso da zombaria que produz o escárnio diante de uma situação ridícula. Entretanto, o objeto risível é a própria desvalorização da produção do cronista ou ele mesmo.

Oferecendo um olhar panorâmico sobre essas produções, observa-se sempre a intenção do rebaixamento pelo riso. Em “A prova de Amor”, o cronista se rebaixa ao constatar sua ineficiência para esclarecer as dúvidas da leitora da carta; “O Sucesso literário” apresenta o dilema do descarte do suporte dos textos de jornal; “O Tutu” traz o problema da remuneração baixa quando comparada a outros profissionais; em “Vocês vão ver”, o rebaixamento está ligado à falta de recebimento de honrarias; em “Fui rebaixado”, a indignidade ocorre no nível gráfico, quando a coluna passa a ser publicada no rodapé da página; “Em defesa do bidê” expõe-se o conflito do cronista que não se sente preparado para fazer a defesa de opinião de outrem e, por último, “Está muito fraca hoje!”, onde o julgamento negativo vem por parte do leitor.

A comicidade constrói um narrador quixotesco na coluna *Satyricon*, em cujos eventos dos quais participa sempre ocorrem situações vexatórias. Em algumas delas, o delírio transita entre a figura do cronista, a localização da coluna, a temática dos textos e até mesmo o destino do material usado na edição desses textos.

O riso e a construção irônica presentes e sugeridas nessas crônicas estão também ligados ao seu caráter representativo, como de qualquer texto literário. Disso depende a participação do leitor na produção da coerência:

O texto literário não retrata a realidade propriamente dita, conforme se diz ingenuamente, mas suscita a configuração de uma significação para a realidade do leitor, por ele produzida, a partir dessa relação comunicativa entre texto e leitor. Assim sendo, a obra não traz em si um significado fechado, pronto, mas tal significado é estabelecido durante o processo de leitura, podendo haver, portanto, tantos significados quantos leitores. Por isso o texto não é a expressão de uma realidade anterior a ele, mas contém em seu interior *indeterminações* (que Iser chamará posteriormente de *vazios*), sendo assim capaz de produzir tal apelo (OLIVEIRA, 2007, p.186).

Nas crônicas acima estudadas, a realidade factual parece confundir-se com a textual, muitas vezes, intercambiando entre o que é verossímil e o verdadeiro. Os desvios sugeridos pelo cronista fazem parte da construção literária que retoma também inovações presentes no projeto gráfico e editorial do JBa.

Aliado a tudo isso, João Ubaldo Ribeiro brinca com a presença do leitor em suas crônicas. Em alguns casos, ele é o crítico, o autor, o amigo, o editor. Em todos os casos, eles são parte da construção da trama cronística e fazem do narrador um mero transmissor da interpretação do relato. Isso se dá através dos *vazios* sugeridos pelo autor, como atesta a passagem:

A indeterminação – ou os vazios – constitui condição fundamental para a interpretação. O leitor, no jogo com o texto, deverá suplementar tais vazios para que vivencie a experiência estética. O preenchimento destes *lugares vazios* do texto exige do leitor um papel ativo, já previsto pela obra, como anteriormente apontamos. Ao preencher os *pontos de indeterminação* através do ato de interpretação, o leitor passa por um efeito estético, em decorrência de sua interação com a obra, transformando o significado (o enunciado da estrutura) em significação (o que o leitor constrói). (OLIVEIRA, 2007, p.186).

Dentre as características da crônica nas produções analisadas estão presentes a transitoriedade, a historicidade, a simplicidade e o dialogismo. Dessas destaca-se o dialogismo como o recurso de criação conjunto entre o autor e o leitor, entre o cronista e o receptor. Nessa junção, dá-se o alcance e a extensão das crônicas aqui analisadas, em que a representação do leitor confunde-se com a do narrador. A simbiose nessa relação produção-recepção permite a ampliação do olhar subjetivo para o social.

Dessa contradição, inerente à noção de sujeito (e de sentido), resulta uma relação particularmente dinâmica entre identidade e alteridade: um movimento ambíguo que distingue (separa) e ao mesmo tempo integra (liga), demarcando o sujeito em sua relação com o outro (ORLANDI, 2007, p.78).

O discurso da alteridade é uma forma também de compreender a recepção de uma obra que nunca se conclui nas águas revoltas da leitura. E, no caso desses leitores, era preciso saber nadar por águas turvas pelo silenciamento imposto pela ditadura tanto a que dizia quanto à forma como se podia ler.

...a estética da recepção restitui ao leitor seu papel ativo na concretização sucessiva do sentido das obras ao longo da história. Por outro lado, sublinha Jauss que a estética da recepção não deveria ser confundida com uma sociologia histórica do público, votada apenas para a mudança de seu gosto, de seus interesses e de suas ideologias. (NITIRINI, 1997, p. 172)

Seria impossível deixar de sublinhar que o recurso do riso e da zombaria, reafirmado no rebaixamento recorrente utilizado nas crônicas aqui apresentadas atendem a uma demanda de crítica e denúncia seja contra a condição mesma do escritor – em início de carreira e em busca de reconhecimento literário e projeção –; contra certas escolhas temáticas que reafirmam os lugares baixos – bidê; contra o discurso

moralizante – no caso da coluna Marga Mason; contra a localização da coluna – no rodapé; contra a condição econômica desfavorável – quando se compara com Jonhny Marthis. Ao mesmo tempo, o rebaixamento permite uma aproximação maior com o leitor, dessacralizando o narrador texto da aura literária, que resvala para o tom biográfico e confessional assemelhando-o ao discurso do cidadão, morador de Salvador, que sofre problemas como qualquer leitor do jornal.

A intenção de rebaixar pode ser comparada à técnica da redução, ligada à construção da sátira:

La técnica básica del satírico es la reducción: la degradación o desvalorización de la víctima mediante el rebajamiento de su estatura y dignidad. Esto puede conseguirse en el terreno del argumento y casi siempre se proseguirá en el del estilo y el lenguaje. (HODGART, 1969, P.115)

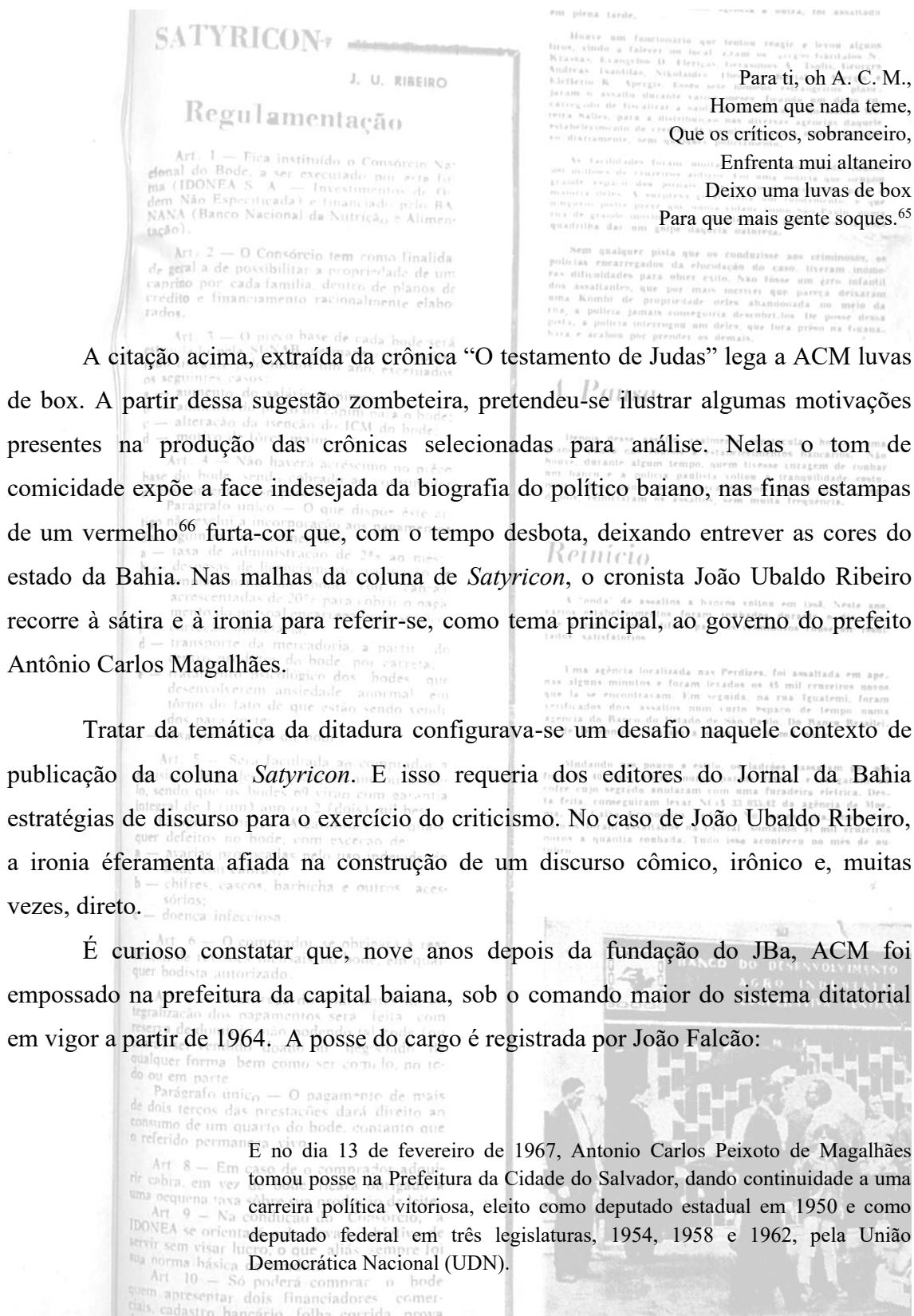
A desvalorização acima aludida pode ser conseguida através do estilo ou da linguagem. Nas crônicas acima analisadas, usou-se a técnica da degradação, retomando a intenção cômica de retratar as atitudes ridículas ou desprezíveis.

A depreciação relaciona-se também ao domínio dividido da constituição dos sentidos. Este está ligado a um domínio de incompletude do sujeito (ORLANDI, 2007, p.77). E, para completar as lacunas dessa incompletude, é fundamental a papel do leitor, sendo que a recepção é sempre historicamente influenciada. (NITRINI, 2007, p. 171).

No contexto da ditadura, essa incompletude se manifesta na ironia e do riso, além do que deixa de ser exposto nos enunciados. Dentre os exemplos mais claros na linguagem, estão a ausência de algumas palavras e o procedimento irônico onde as palavras dependem do papel do leitor para explorar os sentidos contrários daqueles que foram escritos.



5. A saga do herói Asphaltman



⁶⁵ Trecho inicial da crônica “Testamento de Judas”, publicada na edição conjunta de sábado e domingo de 1969, na coluna Satyricon. Trata-se de uma sátira a governantes, às instituições, como a UFBA, dentre outros alvos.

⁶⁶ Refiro-me aqui a tendência oposicionista do Jornal da Bahia, face aos desmandos da política de ACM e o modelo ditatorial implantado no governo local.

O *Jornal da Bahia* passou a conviver com o novo regime, como estava acontecendo com a maioria dos veículos de comunicação do país, que não aderiram ao golpe militar de 1964, mas não podiam hostilizá-lo. (FALCÃO, 2006, p.76)

O destaque dado por João Falcão em seu livro⁶⁷ no relato da história do JBa., descreve ACM como uma espécie de vilão, disposto a fazer oposição ao jornal e, de forma obstinada, tentar liquidar o periódico. A despeito do tom apaixonado de Falcão, os fatos coincidem com a derrocada e falência do jornal, mesmo com todos os esforços do seu fundador, investindo em publicidade, campanha de assinatura e até recursos com venda de bancos para a sobrevivência das publicações.

O discurso idealista de Falcão não combina ou condiz com a maré de fortes pressões ideológicas, em que tanto artistas, livres pensadores e quanto a imprensa passavam pelo pente fino do controle de censura da ditadura. Apesar de ter sido filiado ao comunismo e, mesmo o JBa. não sendo um jornal de militância político-partidária comunista, os colaboradores do jornal terão que conviver com as retaliações da política ditatorial, representado pela figura de ACM.

A notória relação entre ACM e a ditadura é fartamente confirmada por vários estudos, bem como a sua projeção depois do golpe de 1964 que relacionam a ascensão do político com o momento político ditatorial imposto pelos militares:

ACM mantém privilegiados laços com esse novo pólo de poder. Tais relacionamentos, já presentes antes nas articulações do golpe, consolidam-se com a sua posição francamente favorável ao golpe e à ditadura (RUBIM, 2002, p.108).

As ligações entre ACM e Juraci Magalhães eram mal vistas por João Carlos Teixeira Gomes, que antevia nessa aliança política problemas como os que vieram a acontecer, e um dos quais é transcrito a seguir⁶⁸:

Ao assumir a prefeitura de Salvador, Antonio Carlos, embora ainda desconhecido a grosso modo da opinião pública, já era comentado nos meios políticos pelas explosões de seu temperamento e pela sua aderência a Juraci, que muitos julgavam servil. Ainda antes de ter-se tornado deputado estadual,

⁶⁷ Refiro-me ao livro “Não deixe essa chama se apagar”

⁶⁸ Retirado do livro de João Carlos Teixeira Gomes: “Memória das Trevas: uma devassa na vida de Antônio Carlos Magalhães” publicado em 2001.

o que ocorreria em inícios dos anos 50, na condição de simples redator da Assembleia Legislativa do Estado, numa atitude insólita, interferiu nos debates e envolveu-se em atritos com um deputado juracisita, João Carlos Tourinho Dantas, que ele próprio acabaria agredindo, segundo confessa em *Política é Paixão*. Não se tem conhecimento de caso semelhante em qualquer outra assembleia do mundo: um mero funcionário querer interferir em debates políticos e ainda entrar em luta física com um parlamentar (GOMES, 2001, p. 57).

Do que se pode deduzir, não havia qualquer embate entre ACM e o maior acionista do JBa. – João Falcão. Entretanto, alguns acontecimentos viriam a desgastar a relação, com graves consequências para Falcão e para o JBa.

A posse de ACM como prefeito é documentada, dentre outros meios, de comunicação, também pelo JBa, cuja cobertura é criticada por Teixeira Gomes, considerando-a desnecessária e bajulatória:

No entanto, o próprio João Falcão se antecipara em apoiar a gestão de Antônio Carlos na prefeitura, incorrendo numa precipitação que levava a marca (iniludível) da tradicional subserviência com que a mídia estadual, em regra, se coloca diante do poder, num processo de relações parquiais. Logo no dia imediato à posse do prefeito, que ocorrera, como vimos em 13 de fevereiro de 1967, o jornal por exclusiva e desnecessária iniciativa do seu diretor, publicava um editorial que, a pretexto de fornecer subsídios ao programa da nova administração, significava, no fundo, um aceno de adesão e apoio (GOMES, 2001, p. 65).

A aparente batalha prefeito *versus* jornal pareceu mesmo resultar de desavenças de ordem pessoal que descambaram para a maledicência de ambas as partes. Sem perceber sua própria exposição, Falcão registra um diálogo transcorrido entre ele e ACM, no qual o jornalista nega-se abertamente a apoiá-lo como candidato a governador. A passagem subsequente expõe o nível do desgaste:

Ele sobraçava algumas pastas, nas quais me mostrou documentos que indicavam que ele seria o escolhido para governar a Bahia, sucedendo ao governador Luiz Viana Filho.

Deixei-o falar o quanto desejou, sem interrompê-lo. Ao término de sua exposição, falei o seguinte:

“Antônio Carlos, eu vou ser muito franco, o *Jornal da Bahia* não apoiará sua candidatura.

Ele me perguntou, por quê?

Eu lhe respondi:

“Primeiro porque na difícil conjuntura que a nação vive, procurando uma saída para reencontrar o regime democrático, como acabou de declarar em recente pronunciamento o presidente Garrastazu Médici, você não me parece a pessoa indicada para ajudá-lo nessa missão, pelo seu temperamento despótico e antidemocrático.

Segundo: porque você é muito moço e despreparado, não conhece os grandes problemas do estado da Bahia para poder governá-lo.

Terceiro: você, Antonio Carlos, não tem educação doméstica para governar a Bahia” (FALCÃO, 2006, p. 102).

A oposição de ACM ao jornal é também esclarecida por problemas vivenciados por Teixeira Gomes como funcionário do setor de Turismo da prefeitura. Dessa desavença, o jornalista decidiu escrever uma carta de demissão, em que explica os motivos para deixar o cargo. Segundo o escritor e jornalista, ACM foi surpreendido com o teor da carta de demissão na qual o jornalista expunha as razões para sua decisão, expondo a fragilidade moral do político que, segundo ele, tentava barganhar em busca de reforçar o *marketing* da sua administração junto ao JBa. Segue-se um trecho da missiva que apresenta um tom crítico bastante direto:

Rogo-lhe, todavia, que não se perturbe pela primeira vez utilizarei as páginas do meu jornal para não noticiar conscientemente um fato tal como ocorreu. Ao público, direi apenas que o Diretor de Turismo se afasta do cargo pela complexidade de outros afazeres. Não direi a verdade, isto é, que deixa de sê-lo para livrar-se do incômodo de um prefeito que gostaria de ver a pena do jornalista transformada numa extensão do cargo de diretor de uma autarquia municipal.

Esteja também tranquilo a respeito a da minha posição futura quanto à sua administração, pois sei que este é um problema que o preocupará. Acalme-se. Ela permanecerá inalterada. Não titubearei em fazer-lhe justiça se se mostrar voltado para os legítimos interesses da cidade, que, aliás, não precisa apenas de toneladas de asfalto pela cidade (GOMES, 2001, p. 73).

Na carta, observa-se a inquietação de Gomes para quem eram questionáveis as intenções sociais na administração de ACM, daí a expressão *legítimos interesses da cidade*.

O relato épico da ascensão e declínio do JBa feito por Falcão apresenta a vantagem de, apesar da parcialidade, reafirmar uma faceta já conhecida de ACM,

corroborando com a perspectiva ditatorial de um estado antidemocrático, recém-instaurado na nação e, mais do que isso, como ele confirma a intenção de perseguir os jornais que se apresentassem como ameaça ao sistema em vigor. Vale conferir o registro feito por Falcão acerca dessa perseguição:

O jornal da Bahia marchava firmemente seu caminho, quando em abril de 1964, a vitória da ditadura, que chamaram de “revolução”, impôs uma longa censura em toda a imprensa do país. Em 1970, foi nomeado para governar a Bahia o ex-prefeito e governador biônico Antônio Carlos Magalhães, que se tornou inimigo implacável do jornal, obcecado pelo propósito de fechá-lo.

Para isso usou os métodos mais arbitrários e maquiavélicos durante quatro anos, envolvendo: a suspensão de toda a publicidade do governo e das prefeituras, intimidação e perseguição de anunciantes, reduzindo noventa por cento da publicidade, tentativa de obter o controle acionário da empresa; sonegação de informações oficiais, e pressão sobre a Junta Comercial para retardar aumento de capital (FALCÃO, 2006,p.10).

Os métodos utilizados por ACM e sua truculência não foram exclusividade do governo local. No entanto, os relatos fazem crer que Falcão e João Carlos Teixeira Gomes, dentre os colaboradores do jornal, representavam uma ameaça ao prefeito e à onda golpista. Sobre os fatos ligados diretamente à perseguição do JBa, Gomessintetiza:

Sua posse ocorreu em 13 de fevereiro de 1967 e tempos depois se revelaria desastrosa para o Jornal da Bahia, pois foi ainda como prefeito que ele iniciou, em 1969, as sistemáticas perseguições destinadas a submeter ou silenciar o matutino, dando sequência ao duro assédio militar contra o jornal e seus integrantes. Logo após instaurado o golpe, além das minhas freqüentes idas ao quartel da VI região para receber ameaças e das periódicas invasões da nossa sede para a coleta de documentos nos arquivos(...), foram presos nossos redatores José Gorender e Ariovaldo Matos, sob a acusação de terem dado destaques a uma entrevista com membros de uma Missão Comercial chinesa que tinha vindo a Salvador poucos dias antes do movimento e que visitara nossa redação (GOMES, 2001, p. 61).

A figura de ACM é mencionada em vários momentos da coluna *Satyricon*, sempre em tons de ironia, sátira, sarcasmo. A zombaria à figura pública do governante tem uma explicação relacionada à história da ascensão e queda do JBa. Parte dos eventos ocorridos, anteriormente referidos, explicam essa recorrência. Isso ocorre nas crônicas, de forma direta ou metafórica, com o uso de epítetos ou expressões características, em que o cronista utiliza uma espécie de vocabulário particular,

reforçando o viés contrário ao sistema ditatorial no contexto local da capital baiana. A imagem, porém, do prefeito é tratada, de forma mais específica, através da sátira sobre o herói *Asphaltman* ou Homem Asfalto⁶⁹

Para efeito da análise da trajetória desse herói, foram escolhidas quatro crônicas cuja imagem de ACM é retratada como sendo um anti-herói, que materializa a altivez da sua conhecida trajetória biográfica, corporificando os ideais de um sistema totalitarista com as nuances da política local. São elas⁷⁰ “A legião do Dendê”, “A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou *asphalt man* versus *water man*”; “A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou *asphalt man* versus *water man* II”; “A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou *asphalt man* versus *water man* III.”

5.1. Origem do herói Asphaltman: ambição e política em relações de concreto

Se o medo da morte política – A terrível província do olvido, de cujas terras
É tão difícil voltar – embota os princípios
E faz a gente pegar no certo
Para não apostar no incerto?
Assim, a necessidade a nós todos dá vivacidade
E a altaneira fortaleza de caráter
Se empalidece com a atual conjuntura,
E as ligações de outrora, antes tão sólidas,
Com tal situação tem de desfazer-se,
Como é desfeito pela chuva o nosso asfalto.
Desculpe o velho Shakespeare, mas a conjuntura baiana exige
(RIBEIRO, 07 out.1969)

A epígrafe acima apresenta o gracejo sobre o asfalto desfeito, cuja expressão retoma o sentido da sátira sobre a figura de ACM nas crônicas que serão analisadas.

Para iniciar essa análise, é preciso propor uma reflexão sobre a figura do herói e a partir de que olhar cômico se dá sobre o relato da sua narrativa. Enquanto as personagens das tragédias pertenciam ao rol dos deuses ou heróis e são olhados de

⁶⁹ Embora a denominação oscile entre Asphalt man, Asphaltman e Homem Asfalto, será adotada a forma Asphaltman como padrão na análise, embora apareçam as diferentes formas na transcrição das citações das crônicas.

⁷⁰ Por ordem de publicação: “A legião do Dendê” – 05 de jul. 1969; A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man – 24 jul.1969; A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man II – 25 de jul. 1969; A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man III – 26 de jul. 1969.

baixo para cima; as da comédia são vistas da plateia e na farsa, são vistas de cima para baixo. (ARÊAS, 1990, p. 16) Mesmo que a comédia apresente personagens de classe social elevada ou então heróis estarão necessariamente preocupadas com problemas menores, isto é, cotidianos.

A descrição de heróis em relatos de comicidade é preterida em detrimento da descrição de homens “inferiores” ou em situações ridículas. Dessa forma, a tipificação do herói como alguém com seus atributos nobres, quer de caráter ou de aparência, atenderia aos interesses da tragédia e só poderia estar na comédia em situações inusitadas.

Nas crônicas estudadas, o procedimento adotado na representação da personagem é satirizar a figura de um herói local, cujas qualidades se constroem em torno de seus defeitos mais conhecidos. Dessa forma, a escolha da personagem faz parte da construção do riso da zombaria ou da derrisão:

Vemos então surgir uma estranha modalidade a que podemos chamar de “comédia da derrisão”. Aí não se trata mais de enfatizar os elementos obstrutores do desejo de um herói, ou de denunciar jocosamente algum aspecto particular da realidade, mas de projetar a desconfiança e o sarcasmo, como uma sombra inquietante, sobre a totalidade da ordem social existente (MENDES, 2008, p. 197).

Sobre a personagem tratada nas crônicas analisadas aqui, é preciso salientar que a carreira política de ACM se robustece no período ditatorial, com o golpe de 1964, cujo sistema político passa a ser dominado pelo poder militar. A influência adquirida por ele através de laços políticos ocasionou a ascensão da sua carreira política, conforme mencionado a seguir:

(ACM) Foi ocupando importantes cargos, evidenciando seu comportamento fundamentado no pragmatismo político e instrumentalismo oficial adesista, sendo grande beneficiado ao se aliar aos militares do golpe de 64. Não demorou muito para começar a intervir no âmbito nacional ao se eleger em 1958, o cargo de deputado federal, que se reelegeu nos anos de 1962/1966. Seu primeiro cargo executivo foi ao assumir a Prefeitura Municipal do Salvador em 1967 após nomeação do então governador da época, Luiz Viana. Inicia-se então um momento de profundas transformações na cidade, com grandes obras que modificaram o perímetro da cidade, invadindo áreas e fazendo a cidade crescer e superar seus antigos limites urbanos. Em Salvador, tendo como prefeito Clériston Andrade (aliado carlista), ACM promoveu obras na infra-estrutura da cidade, abrindo as conhecidas “avenidas de vale”, que modernizou o tráfego. Priorizou a área de turismo, crescendo ainda mais o seu poderio no estado. O carlismo foi se tornando aos poucos

uma das fortes forças políticas que a Bahia já presenciou (MERCÊS, 2009, p.29-30).

Os acontecimentos ligados à prática administrativa do prefeito ACM, realizados no seu primeiro mandato, caracterizavam uma prática administrativa que intencionava modernizar a estrutura da cidade, através de obras de pavimentação. Essa intenção pode ser confirmada em muitos estudos. O projeto de reforma urbana estava em curso:

A prefeitura de ACM, iniciada em 1967, pôs em prática o projeto de reforma urbana preconizado, ainda na década de 1940, pelo engenheiro Mário Leal Ferreira. Este, fundador do EPUCS (Escritório de Planejamento Urbano da Cidade de Salvador), já havia projetado, quase trinta anos antes da assunção de Antônio Carlos, a possibilidade de o município construir avenidas de vales como alternativa para desopilar o antigo centro histórico da cidade. A execução de tamanho empreendimento seria, por conseguinte, imortalizada pela insurgente cinematografia baiana, que fazia despontar para o mundo, àquela altura, os mais prodigiosos talentos, como o jovem Glauber Rocha (JESUS, 2012, p. 3).

O intento modernizador do político pode ser também confirmado no estudo de Rafael Henrique Jesus sobre os cinejornais em Salvador:

Oscar Santana⁷¹, em entrevista gravada pelo IRDEB para o documentário comemorativo dos 450 anos, “Salvador em película 10”, declarou que era um cineasta “aspirante a arquiteto” e que toda aquela efemeride de grandes obras despertava nele um fascínio muito grande. Empolgado com a ação modernizante do prefeito, o jovem cinejornalista ia a campo produzir reportagens que seriam *a posteriori* exibidas nas salas de cinema de Salvador e de outras cidades do Brasil, já que esses vídeos costumavam circular (JESUS, 2012, p. 5).

O perfil despótico e centralizador de ACM, criticado com maior veemência por João Carlos Teixeira Gomes, em “*Memória das Trevas*”, é confirmado também por outros estudiosos:

Antônio Carlos Magalhães foi obtendo hegemonia política no estado após vencer outras correntes políticas tradicionais do estado como Luis Viana, Juracy Magalhães e Roberto Santos, saindo do período da ditadura consolidado para dominar a Bahia em seu estilo denominado carlismo, tendo como marcas políticas: a coerção, a cooptação, o controle, o comando, a perseguição, o clientelismo, o autoritarismo e o patriarcalismo. Assim eram raras as possibilidades de convivência pacíficas e quando harmoniosas se baseavam na troca de favores e na garantia de vantagens mútuas, esse era o seu modo peculiar de fazer política. ACM não governou sozinho, sendo o carlismo um verdadeiro pacto entre as elites baianas em torno de ACM que

⁷¹Oscar Santana fundou a Sani Filmes, produtora de cinejornais, em 1961. As observações foram retiradas de um artigo que versa sobre a temática dos cinejornais baianos e sobre as representações discursivas construídas por esses veículos acerca da modernização urbana, engendrada em Salvador, sob o governo do prefeito Antonio Carlos Magalhães, entre os anos de 1967 ao ano de 1970..

se manteve de forma duradoura, fruto de apoio e alianças com setores estratégicos do estado, como exemplo o empresariado baiano que estava seduzido pela proposta carlista de modernização conservadora (MERCÊS, 2012, p. 30).

5.2. *Satyricon* apresenta... Asphaltman.

Um herói inspirado na leitura de história em quadrinhos apresenta sua estreia nas cortinas multicoloridas de *Satyricon*. Seu nome varia entre diferentes epítetos tal qual, como muitos heróis, é a sua performance em atos heroicos. Dentre as expressivas variantes da sua designação nas crônicas estão: *Antonino*, *ACM*, *Asphalt man*, *Homem Asfalto*, *Super Grande Herói Baiano*.

À variedade de designações, soma-se o arroubo dos seus variados atributos. Um deles é a dupla personalidade do herói, relembrando o Clark Kent do *Superman*, e serve como estratégia irônica para ilustrar a megalomania do político, cuja influência na Bahia tornou-se marcante para toda uma geração de simpatizantes ou não.

O mito começava a ser montado em torno da figura pública de ACM, e o olhar arguto de Ubaldo Ribeiro personifica-o na personagem alada *Asphaltman* como uma resposta plausível e lúdica, face às turbulências enfrentadas nos embates entre o político e o JBa, bem como de seus colaboradores.

Se a designação de herói era um nome atribuído a grandes homens divinizados, o relato cômico não seria o melhor lugar para sua composição. A figura heroica, normalmente, se destaca pelas suas ações extraordinárias e brilhantismo nos combates, entretanto, aqui essa figura é ridicularizada pelas suas ações que, embora hercúleas, não servem senão como pretexto de deboche.

Não sem intenção é que a escolha do nome para a coluna tenha sido *Satyricon*. Não existe o acaso e, nesse caso, encontramos por detrás de tudo o flerte com a obra de Petronônio e com a demanda de uma vertente de crítica social voltada contra poderes políticos. Dessa feita, diferente da fase final da decadente Roma de Nero. O contexto é a emergente e provinciana capital baiana. O que essas cidades têm em comum, senão a presença da pena satírica voltada contra os que a si mesmo denominam como deuses? A crítica na saga do *Asphaltman* não descreve a podridão moral de uma sociedade, mas a existência de uma figura pública que não poupa esforços para deixar sua marca na

cidade de Salvador e, para tanto, faz conchavos políticos, submete-se a uma política atroz que cerceia a liberdade do cidadão e da imprensa, usa de todos os meios para espalhar o terror sobre os que dele discordassem e para se manter no poder.

Na primeira das crônicas analisadas, “A legião do Dendê”, o cronista dispara flechas afiadas contra ACM, iniciando com um tom lúdico, saudosista e infantil. Rememorando antigas recordações da infância, o cronista reveste-se da *persona* espontânea para cercar o leitor com um relato zombeteiro.

O tom inicial da narrativa é de aparente despreparo e desinteresse do cronista pelo relato, desenrolando-se para o viés da ironia sobre a utilidade do seu ofício de redator:

Se o simpático cavalheiro, ou a bela senhorita que agora me lêem, ficam sem saber por que levei tanto tempo para chegar ao assunto informo que esta crônica ocupa duas laudas e meia de papel a 30 linhas por lauda, de maneira que ninguém pode culpar-me por encher um bocadinho de linguíça de vez em quando visto que não é mole a gente cascar duas laudas e meia todo santo dia, e ainda encontrar infalivelmente, aquele amigo da gente, com a chamada crítica construtiva: “A de hoje estava fraca!” Fraca, bem, deixa pra lá. Ainda bem que eu escrevo este negócio com uma semana de antecedência e nunca me lembro da que estava fraca. Porque eu nunca leio o que escrevo; tenho mais o que fazer (RIBEIRO, 05 jul. 1969).

O rebaixamento, quando é intencional, mais atrai do que afasta, e o narrador aqui se utiliza dessa estratégia para, num tom de coloquialismo, aproximar o leitor até atingir seu intento. A descrição direta sobre o tamanho do texto e seu desinteresse pela releitura tornam o texto tão casual que acaba atraindo pela sua aparente simplicidade. E assim, de forma sutil, o cronista apresenta a necessidade de um mega herói para a Bahia que, como qualquer estado, encontraria nele salvaguarda para suas injustiças sociais.

O vocabulário utilizado na crônica, nascida no espaço do jornal, contém um grau considerável de casualidade, mas à medida que se desenrola o relato, aproxima-se da estrutura paródica da narrativa de uma história em quadrinhos. O resgate do tom da narrativa clássica do herói de gibis e cinemas aqui é importante para o efeito cômico final.

A apresentação da necessidade de um herói é entusiástica, ironicamente entusiástica:

Dessa forma proponho, em primeiro lugar, a criação do maior de todos: o Grande Super Herói Baiano cujo moto será sem dúvida, dentro de um braço: “Tu Pacas et Nos Retribuemos” Êsse super-herói será, na vida cotidiana, um humilde e obscuro prefeito municipal, ocupado lá com seus assuntos e principalmente com os problemas da comunidade que dirige. Mas, no recesso de seu modesto gabinete, ao pronunciar uma palavra mágica (“Antonino”) se transformará em... Será um pássaro? Será um avião? Será um disco voador? Não, caros leitores, será ASPHALTMAN, o temível Homem Asfalto, que, deslizando pelas pistas de nossa moderna capital, empreenderá um combate diuturno contra malfeitores e inimigos dos soteropolitanos. E em qualquer ocasião em que nos sentirmos ameaçados poderemos respirar aliviados, sabendo, que, no momento exato, ecoará a palavra mágica pelos céus de nossa terra: “ANTONINO!” E logo virá em nosso socorro a figura alada do Homem Asfalto, para nos salvar.

Como se vê, só com êsse nôvo super-herói, já se abriam imensas possibilidades, mas eu não vou para aí porque antevejo a Legião do Dendê, um grupo destemido de super-heróis baianos, que nos ajudará a resolver todos os nossos problemas. Mas isso eu conto mais tarde, que a gente tem de economizar. (RIBEIRO, 05 jul. 1969).

Com a proximidade anteriormente aludida entre autor e leitor, o narrador faz o desfecho, relembrando o pacto sugerido pelo tom de bate papo. Parte desse pacto, instaurado pelo uso de uma linguagem despojada, escamoteia a real sugestão de compartilhar e direcionar o receptor a uma interpretação dos fatos sociais, através de um viés ideológico, marcado pela sátira contra o sistema totalitário e seu representante local.

Do olhar altivo, presente no riso da zombaria, o cronista faz uso de forma recorrente. Exemplo disso são os significados das palavras que sempre pululam em torno do não dito. Onde se descreve a figura de um pacato e humilde prefeito, lê-se crítica enviesada ao caráter autoritário, dominador de ACM, bem como de seu oportunismo político e do uso e abuso da mídia como forma de autopromoção.

A resistência do JBa. em servir os interesses midiáticos do político não se daria apenas no plano do contexto referencial. No plano textual e literário, as crônicas aqui analisadas confirmam a veracidade desse confronto.

O fato de o riso ter uma afinidade e proximidade com o ambiente social em que se realiza, também o torna marcado por traços de uma realidade cultural específica. Se a sátira volta suas flechas, historicamente, contra o discurso político ou institucional, aqui

vemos os tons da sua verve, tingidos por um tom multicolorido que ri da unicidade da fala hegemônica da ditadura.

Seguindo a sequência da saga heroica, no dia 24 de julho, é publicada a crônica “A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou asphalt man versus water man – I”. Trata-se de um relato do cotidiano do herói, apresentando sua rotina na administração da prefeitura de Salvador.

Tudo parecia tranquilo naquele belo dia de junho, quando Asphalt Man, o impávido Homem Asfalto, em sua identidade secreta, como o tímido e obscuro ACM, entrou discretamente no Paço Municipal, para iniciar mais um dia de trabalho entre os seus auxiliares (RIBEIRO, 24 jul. 1969).

A crônica estrutura-se em torno de uma visão satírica, descrevendo o herói como alguém humilde, fazendo uso da expressão “o seu feito avesso a alardes e fanfarras”, “Você sabe como eu detesto aparecer” ironizam o perfil arrogante exibicionista de ACM. A comicidade gira em torno da harmonia na relação entre prefeito e vereadores, os quais entoam uma espécie de hino que reafirma sempre o projeto de pavimentar a cidade:

Pague, pague. / Que obras lhe daremos.
Se você tem problema/ Esqueça e vá ao cinema.
Pois, à casa retornado./ Achará tudo asfaltado!
E o faz perder a hora./ Não precisa ficar bruto.
Que nós lhe damos um viaduto
E, com o tutu que nos deste,/ Gritaremos sempre alto:
MAIS AS-FAL-TO!
(RIBEIRO, 24 jul. 1969)

Além da menção satírica à cobrança de impostos, a repetição sistemática do conjunto de vocábulos ligados ao asfalto como “asfalto, asphalt, AS-FAL-TO” ilustra o cerne da representação do herói, ligado às intenções modernizadoras de ACM e o trabalho de pavimentação na cidade como abertura de avenidas e vales.

Um exemplo prático dessa intenção modernizadora foi a criação da Avenida Cardeal da Silva:

Em uma dessas coberturas, A SANI Filmes documenta a inauguração da Avenida Cardeal da Silva, “nova artéria da cidade que ligará os bairros da Federação e do Rio Vermelho”. No filme, aparece o prefeito ACM desfilando em carro aberto, juntamente com o governador Luís Viana Filho e com o então arcebispo primaz do Brasil: o cardeal Augusto Álvaro da Silva, a quem

o prefeito concede a homenagem. As câmeras captam uma multidão que se avoluma nas ruas para ver o prefeito, o governador e o cardeal. Acima de qualquer coisa, é destacado o intenso trabalho do prefeito que aparece posteriormente ao desfile, discursando efusivamente para a multidão (JESUS, 2012, p. 5).

O relato de Rafael Jesus registra a projeção pública das ações do político baiano. Entretanto, esse tipo de aparição de ACM é satirizada na crônica analisada, quando o personagem herói recebe uma sugestão para fazer um pronunciamento diante das câmeras de TV. A atitude do herói, entretanto é modesta e despretensiosa, bem diferente daquela apresentada pelos registros históricos na vida pública de ACM:

A seu lado, um auxiliar sugeriu que ele fôsse a televisão, repetir aquele belo pronunciamento diante das câmaras.

- Deixe disso – falou ele, ruborizando levemente. – Você sabe como eu detesto aparecer (RIBEIRO, 24 jul. 1969).

A megalomania na personalidade do político pode ser notada pela ironia do diminutivo:

Assim, sossegadamente, preparava-se ACM para sentar-se à sua mesa de trabalho, quando, subitamente, soou o sinal de alarme. Sobre a secretária, o telefone vermelho tocou sinistramente; “Toniiiiinho⁷². Toniiiiiiiiinho, Toniiiiiiiiinho!” (RIBEIRO, 24 jul. 1969).

O teor do telefonema coloca o herói baiano diante de seu primeiro desafio:

- Caiu um carro dentro de um buraco na Manoel Dias da Silva, e até agora não puderam pescá-lo porque a água não deixa!

Com o choque da revelação o nosso herói não teve tempo de responder, mas veio outro impacto, logo em seguida:

-Em Amaralina uma nave espacial aterrisou, pensando que estava diante das crateras da Lua!

Era demais. Êle desligou o telefone, com um suspiro cansado. Talvez aquele fôsse um caso para o HOMEM ASFALTO! (RIBEIRO, 24 jul. 1969)

A comicidade é sugerida nesse desfecho através do problema sugerido para ser resolvido. A ação nobre dos heróis contrasta aqui com a evidência de que o ocorrido é

⁷² Também é possível inferir que o diminutivo talvez remeta ao epíteto conhecido do político – Toinho malvadeza.

fruto de uma má administração, cuja pavimentação não resiste às chuvas e intempéries. Dessa forma, pode-se afirmar que o viés irônico, constrói a figura de um anti-herói que precisa resolver estragos que põem em risco sua imagem como administrador. A aparente bravura e os atributos nobres do Homem asfalto são uma sátira aos relatos históricos relacionados à trajetória de ACM.

O herói prossegue na crônica de 25 de julho de 1969, “A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou asphall man versus water man — II”, trazendo preocupações constantes com o problema da cidade. Diante do toque do asfalto-fone, o audaz herói delibera sobre decisões que irá tomar para solucionar o caso.

A ironia direcionada contra a onda modernizante da política carlista se mantém, quando o cronista retoma o assunto, ampliando a sátira a outros setores da administração, às instituições prestadoras de serviço de telefonia, eletricidade, entre outras. As siglas⁷³ e seu respectivo desdobramento é outro ponto alto na produção do riso, porque o significado demonstra a total ineficiência ou desonestidade na condução da administração pública:

Urgia que algo fôsse imediatamente feito.⁷⁴

Inicialmente, com a calma que lhe emprestaram anos de experiência, ACM tentou resolver o problema pelos meios usuais. Um telefone rápido para o DOJP (Divisão de Operações Jenuinamente Paliativas) ou para a SURCAP (Superintendência de Urbanização e Recauchutamento e Serviços de Arrumação Precária) talvez resolvesse tudo. Mas ele não contava com o que aconteceu. Quando ele começou a discar o telefone já dava sinal de ocupado. Um problemazinho qualquer com a TEBASA (Telefones bagunçados Sociedade Anônima) provocava aquela situação (RIBEIRO, 25 jul. 1969).

A crítica sobre o perfil oportunista de ACM é mais uma vez reiterada na ironia sobre o seu aspecto como figura pública sempre em busca de visibilidade midiática é aqui parte de uma construção satírica que zomba de uma descrição inusitada:

Ele hesitou muito antes de tomar a grande decisão. Não gostava de chamar para a ação o Asphalt Man. Só o queria em casos extremos. Mas parecia que não haveria outro recurso (RIBEIRO, 25 jul. 1969).

⁷³As siglas utilizadas nessa crônica são uma de sátira a essas instituições, observada também em várias outras crônicas da coluna.

⁷⁴A palavra *feito* foi incluída porque na edição ficou faltando. Literalmente o enunciado estava: “Urgia que algo fosse imediatamente.”

A transformação do modesto prefeito em Homem Asfalto é outro ponto alto na construção do mito, quando a personagem reluta em se transformar em herói. Em outros relatos, a intenção do herói, que é vital transformar no salvador, enquanto isso, *Asphaltman*, hesita por causa de sua “modéstia”:

Dessa forma, ele mandou fechar o seu gabinete, e com ar resignado, pronunciou a palavra mágica que o transforma no Homem Asfalto: - ANTONINO!

Milagre! Daquela figura tímida e modesta, que antes acabara de cantar o Hino da Administração, em companhia de seus auxiliares, surgiu repentinamente o vulto alado do Homem Asfalto. Sua roupa azul de malha contrastava agudamente com o distintivo vermelho no peito: “Tu Pacas Et Nos Recebemos”. Por trás do poderoso tórax, flutuava uma capa branca, com a legenda invencível: “Sic Illa Ad Arcem Reversa Est”. Na mão direita o acarajang, terrível instrumento de combate, que, lançado ao inimigo, inculcava-lhe irremediável gastrite, voltando à mão do lançador imediatamente (RIBEIRO, 25 jul. 1969).

A modéstia é, na verdade, um disfarce da ironia do aspecto do caráter presunçoso de ACM, tentando imprimir uma faceta dominadora na prefeitura de Salvador. A transformação do discreto servidor do executivo em Homem Asfalto é parte da construção do mito em torno da figura pública e, através do riso, constrói a crítica satírica em torno do prefeito.

A descrição da roupa do herói remonta a associação das cores da bandeira da Bahia, fundidas à marca da sua construção de um sentido particular de fazer política, arrogante, audaz e inconsequente.

A arma utilizada – *acarang* – retoma o elemento cultural baiano, confirmando o aspecto de cor local, conferindo ao herói poderes ligados a uma formação cultural bem delimitada. A comicidade é visível, face ao imprevisível uso dos objetos utilizados na descrição do herói tanto sua roupa ligada a um sentimento identitário, quanto à ferramenta de guerra que causaria o efeito mais relacionado ao ridículo do que ao violento. Na situação aludida, os efeitos negativos do *acarajang* são bem menos violentos do que outros ocasionados pelos poderes de outros heróis e não manifestaria a atrocidade normalmente associada a um combate.

Depois da mudança de papéis, o herói incorpora toda a empáfia caracterizadora da carreira política de ACM. O respeito e honra demonstrado pelos vereadores, descrita na crônica do dia anterior se esvaem completamente depois da mudança de prefeito para herói, ao ponto de atropelar os servidores. Fica evidenciada a tentativa de ridicularizar essas atitudes no trecho abaixo:

E assim, surgindo por entre a fumaça da explosão que o trazia para o combate, Asphalt Man lançou-se pela janela, com o cuidado necessário, porque, da vez passada, no seu impulso, o Homem Asfalto derrubou os vereadores Paulo Fabio Dantas e Urpia Câmara, deixando-os, em estado lamentável. O Homem Asfalto procurava o Asfaltomóvel, que se encontrava estacionado na área rotulado: “privativo do carro um” na frente da Prefeitura, embora o Código Nacional de Trânsito proíba estacionamento privativo. Mas ninguém pode interferir com o Homem Asfalto, nem com os vigilantes que cuidam da preservação de seus interesses estacionativos. Há algo mais altoem jogo (RIBEIRO, 24 jul. 1969).

O perfil vaidoso e altaneiro traçado para o herói-prefeito, eleva-o a uma condição de semideus, acima do bem e do mal, fazendo leis acima das vigentes que o diferenciam do cidadão comum.

Da vaidade, segue-se à preocupação sobre quais medidas seriam satisfatórias para resolver o impasse público causado pelas chuvas.

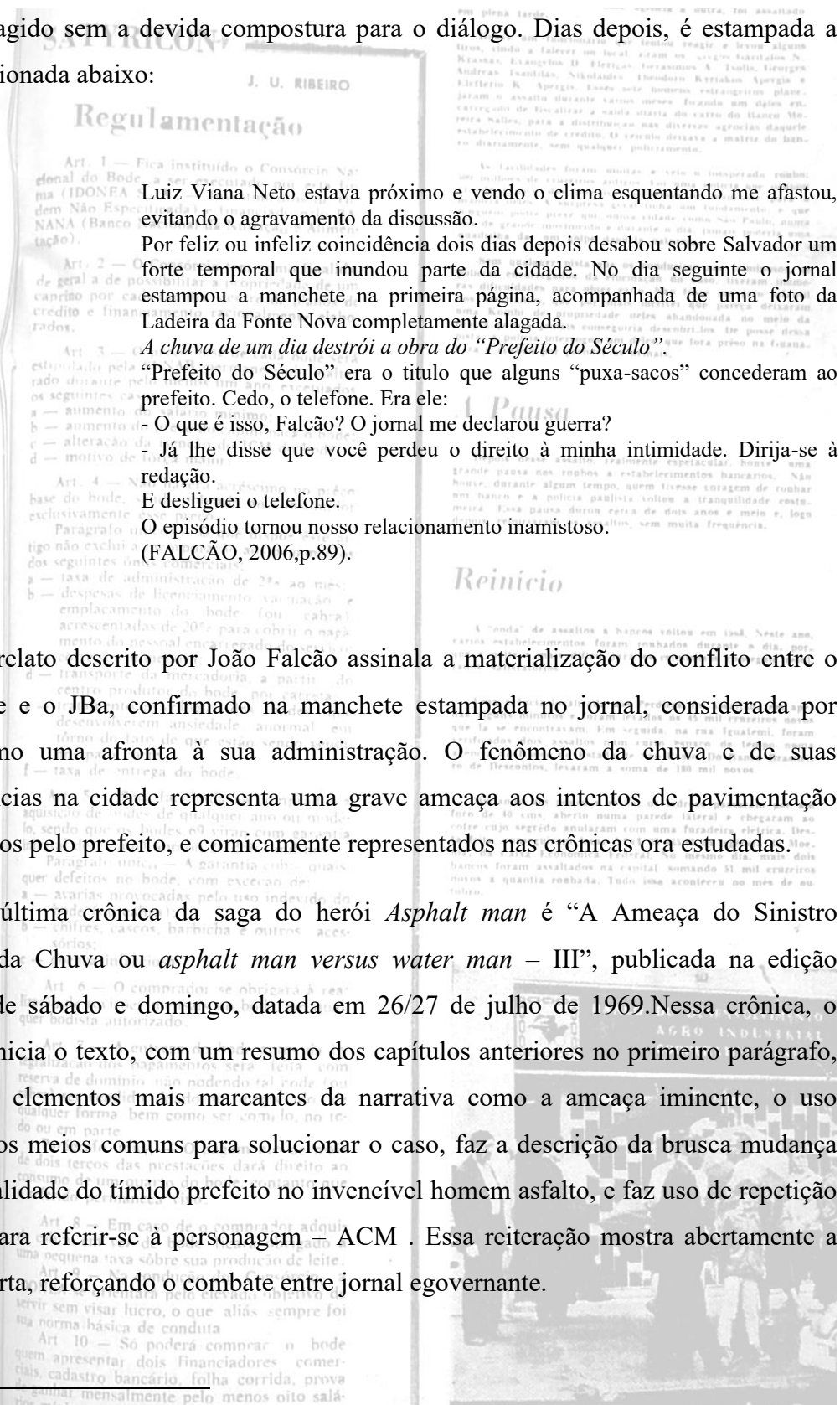
A declaração sobre a falta de consistência do asfalto refere-se a situações vivenciadas pela prefeitura de Salvador, frente às intempéries e pavimentação indevida. No destaque feito, verifica-se a presença do problema citado:

Dentro do Asfaltomóvel, um rôlo compressor especialmente adaptado, o Homem Asfalto dirigiu-se velozmente aos locais indicados. Mas, enquanto vencia as distâncias, não podia evitar um sentimento de apreensão, que lhe tomava o espírito.

- Isso dever ser um serviço para o Homem água – pensava êle. – O meu asfalto não resiste à água, se dissolve imediatamente. O jeito que eu tenho é declarar tudo isso tabu e resolver a coisa tôda logo. (RIBEIRO, 25 jul. 1969).

No encalço das ações ineficientes na condução da coisa pública, estavam os redatores do JBa. É difícil saber qual dos dois se tornou o maior desafeto do prefeito – os redatores, Teixeira Gomes ou João Falcão. Entretanto, a relato seguinte, publicada no periódico, confirma a guerra declarada instaurada desde fatos anteriores a ela. Aqui o

narrador é Falcão⁷⁵, que menciona as consequências de um desentendimento com ACM que teria agido sem a devida compostura para o diálogo. Dias depois, é estampada a nota mencionada abaixo:



Luiz Viana Neto estava próximo e vendo o clima esquentando me afastou, evitando o agravamento da discussão.

Por feliz ou infeliz coincidência dois dias depois desabou sobre Salvador um forte temporal que inundou parte da cidade. No dia seguinte o jornal estampou a manchete na primeira página, acompanhada de uma foto da Ladeira da Fonte Nova completamente alagada.

A chuva de um dia destrói a obra do “Prefeito do Século.”. “Prefeito do Século” era o título que alguns “puxa-sacos” concederam ao prefeito. Cedo, o telefone. Era ele:

- O que é isso, Falcão? O jornal me declarou guerra?

Já lhe disse que você perdeu o direito à minha intimidade. Dirija-se à redação.

E desliguei o telefone.

O episódio tornou nosso relacionamento inamistoso. (FALCÃO, 2006,p.89).

O relato descrito por João Falcão assinala a materialização do conflito entre o governante e o JBa, confirmado na manchete estampada no jornal, considerada por ACM como uma afronta à sua administração. O fenômeno da chuva e de suas consequências na cidade representa uma grave ameaça aos intentos de pavimentação engendrados pelo prefeito, e comicamente representados nas crônicas ora estudadas.

A última crônica da saga do herói *Asphalt man* é “A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou *asphalt man* versus *water man* – III”, publicada na edição conjunta de sábado e domingo, datada em 26/27 de julho de 1969. Nessa crônica, o narrador inicia o texto, com um resumo dos capítulos anteriores no primeiro parágrafo, retoma os elementos mais marcantes da narrativa como a ameaça iminente, o uso ineficaz dos meios comuns para solucionar o caso, faz a descrição da brusca mudança de personalidade do tímido prefeito no invencível homem asfalto, e faz uso de repetição da sigla para referir-se à personagem — ACM . Essa reiteração mostra abertamente a crítica aberta, reforçando o combate entre jornal e governante.

⁷⁵No livro “Não deixe a chama se apagar”, João Falcão (2006, p. 89)relata o confronto provocado depois de um pedido feito a ACM para intervir na libertação do jornalista, redator do JBa e advogado Marcelo Duarte Guimarães, preso e cassado com o AI5. A esse pedido ACM ironizou sobre a ineficiência combativa do JBa quanto a episódios como esses. Devido ao que Falcão considerou descompostura, cortou a intimidade no trato com o político.

A saga do Asphaltman chega ao clímax. No momento do encontro com o inimigo, o Homem Água. O quadro relembra as palavras de Falcão referidas acima, ao relatar o grande temporal que abateu a capital baiana. A proporção do inimigo parece estar à altura do seu rival e o efeito cômico é extraído da paródia de relatos heroicos em que sempre aparece algum cientista transformado em vilão. Da mesma forma, a luta braçal satiriza a fama de ACM como alguém que não hesitaria em fazer uso da força física para impor seu domínio. Seu instinto dominador, já comentado acima, é aqui ilustrado através das onomatopéias comumente utilizadas em *cartoons*. Mas a fama de ACM e o ímpeto de agressividade podem ser confirmados pelo episódio descrito de agressão física ao deputado juracisista.

A repetição das expressões “avenida”, tanto na citação anterior quanto na seguinte, retoma a querela do investimento inicial fornecido pelo governo militar em início do mandato de ACM como prefeito, tratando-se de um investimento vultoso, no período, para a pavimentação da Avenida Cardeal da Silva.

A ironia aqui aparece até nas palavras:

Montando rapidamente em seu veículo parte para outro local sinistrado. Enquanto desliza pelas ruas pensa em seu arquiinimigo, o Homem Água, que através de chuvas corrosivas costuma derreter todo o seu asfalto. “É preciso dar um jeito nisso”, pensou. E, ao chegar em Amaralina, ainda encontrou a figura ameaçadora do Homem Água, curvado sobre as crateras que a sua água havia cavado na pavimentação. “Ih, ih, ih”, ria o terrível cientista louco. Sem mais delongas, Asphalt Man lançou-se como uma flecha sobre o perigoso malfeitor.

- POW! BANG! KAPOW! TWIING!

E já o bandido, sem poder resistir cai na calçada, quando, no último momento, lembra-se do único ponto fraco do Homem Asfalto e ataca sua têmporas grisalhas com um spray preto, com as têmporas pintadas de preto, Homem Asfalto cambaleia e solta sua prêsa, que aproveita a oportunidade para escapar, via Cardeal da Silva, por uma cruel ironia do destino. (Ribeiro, 26/27 jul. 1969).

O *spray* parece representar a tentativa de ACM ao tentar imprimir respeito junto à opinião pública através das câs. Mais do que a busca pela honra, o que se percebe em *Asphalt man* é a megalomania. Com o trecho a seguir e a resposta dada à transeunte, o herói retrata bem esse seu comportamento:

Conseguindo recuperar-se lentamente, voltando a exhibir suas respeitáveis têmporas grisalhas. Homem Asfalto decide tomar uma medida

drástica. Era preciso fazer alguma coisa que resolvesse definitivamente a situação. Não podia mais suportar os gritos de desespero daquela população aflita. Uma mulher, diante da buraqueira de Amaralina, gritava:

- Meu Deus, meu Deus!

- Não me chame agora – disse o Homem Asfalto, pensativamente. – Tenho que dar uma solução definitiva a esse problema (RIBEIRO, 26/27 jul. 1969).

A divinização, na narrativa tradicional do herói, é conferida ao herói clássico como resultado dos seus feitos de nobreza, galhardia e cavalheirismo. Diferentemente, o Homem Asfalto obtém honra, através da subversão do sistema de valores. Onde se espera humildade, coragem, cortesia encontra-se no *Asphalt man* arrogância, violência, insolência a quem a si mesmo imputa o *status* de deus.

O desfecho da saga representa, no detalhe final da crônica, a manifestação mais exata da presunção demonstrada pela personagem herói, cujo raio de atuação não conhece limites.

E, com vôo gracioso para o alto, Asphalt Man preparou-se para colocar em ação o seu plano. Sumiu na distância, sob os olhares admirativos da multidão, que ficou ali mesmo, em redor do Asfaltomôvel, esperando sua volta. Dito e feito. Cinco minutos depois regressava o vulto alado. Nada falou e nada lhe foi perguntado. Não havia necessidade. Pois, naquele rosto tranqüilo e resoluto, se refletia a consciência do dever cumprido. Sim, amigos, São Pedro fôra definitivamente asfaltado (RIBEIRO, 26/27 jul. 1969).

A ação inusitada, tanto hiperbólica quanto cômica, recupera todos os atributos do anti-herói local: altivez, violência, busca desenfreada pelo controle da situação. O asfalto, que não poupa nada nem ninguém, restabelece os dados da história de ACM cujo projeto político de ascensão previa a ideia obsessiva de modernização de Salvador, incluindo a criação de avenidas e vales que deixariam imortalizados seus feitos diante dos habitantes da capital.

No decorrer do exercício da prefeitura, ACM foi descrito como demasiadamente político e insuficiente “polido” para aspirar as eleições futuras ao governo do estado em nota escrita pelo jornalista Newton Sobral do JBa, em 04 de outubro de 1969. Sobre o texto de Sobral, vale sublinhar o comentário de Teixeira Gomes acerca do posicionamento do jornal:

Nenhum leitor precisaria ser particularmente arguto para perceber que o *Jornal da Bahia* não via com bons olhos a possibilidade de Antônio Carlos chegar ao governo do Estado. Elaborada com o prévio conhecimento do diretor Falcão ([...]) a nota devia ser entendida como uma advertência do JBa. a um candidato cuja conduta política já se manifestava hostil, refratário ao diálogo e sempre impositivo – características que se acentuavam em sua personalidade com o passar dos anos, exibindo insaciável apego ao poder. Nunca a Bahia tão manifesta vocação autoritária. (GOMES, 2001, p. 63).

No primeiro ano de publicação de *Satyricon* é publicada a nota acima citada. Se o leitor percebia a linha ideológica do periódico, quanto mais seus redatores. Disso é possível deduzir claramente a anuência entre o ponto de vista satírico e irônico das crônicas aqui analisadas como sendo parte de um discurso oposicionista adotado pelos redatores do JBa. Muito embora essa oposição só pôde ser confirmada mais claramente, por temor das reverses, contra políticos locais, especialmente ACM, que fazia as vezes dos golpistas no contexto baiano.

A sátira política, característica de outras fases posteriores na produção de crônicas de João Ubaldo Ribeiro, é uma faceta que pode ser observada também nessa fase inicial de sua escrita jornalística em *Satyricon*. Por conta da extensão do material pesquisado, não foi possível analisá-lo em toda a sua complexidade e nem era o objetivo dessa pesquisa, cuja intenção é trazer à lume a existência desse material e observar outras marcas da gênese da produção do escritor baiano ainda não pesquisadas. Dentre elas, a plurivocidade da produção do riso que alterna entre a ironia, a sátira, bem como observar a presença do hibridismo na crônica que acolhe outros gêneros como o das histórias em quadrinhos e de narrativas de heróis.

Dentre as características da crônica encontradas nos textos analisados, encontram-se o caráter fragmentário, quando se observa recortes específicos da prática política ocorrida na Bahia naquele contexto. Sem a pretensão de ser totalizante, o cronista apropria-se de certos acontecimentos para tecer considerações críticas acerca do perfil político de ACM e das suas práticas administrativas.

Reafirmando o traço de “historiador das coisas miúdas”, o cronista faz de seu relato um espaço de reflexão dos fragmentos históricos, sem a necessidade de totalização, mas fazendo do detalhe um espaço de compreensão inusitada para velhos relatos.

A coerência do acontecido rende-se à coerência interna de seu texto que, circunscrito a sua perspectiva crítica, relê o relato jornalístico em tom de proximidade maior com leitor e de conversa fiada, resvalando para o tom mítico das histórias de heróis.

A crônica contemporânea encontra no viés perspicaz e crítico do cronista o espaço ideal para o registro e redimensionamento dos fatos, proporcionando ao leitor novos ângulos de interpretação. Nesse espaço, João Ubaldo Ribeiro apresentou-se como um cronista contextualizado e crítico e bem próximo de seus leitores e da demanda de seus pares – redatores e intelectuais em ascensão naquele turbulento contexto. Procura fazer da comicidade no relato de alguns acontecimentos políticos da capital baiana, encontrando nesse espaço de reflexão, uma forma de ficcionalizar a concretude dos acontecimentos políticos com que diretamente lidava.

Pode-se considerar o conjunto das crônicas do anti-herói *Asphalt man* um misto de comentário e paródia de gêneros literários infanto-juvenis como HQs e *comics*. Esses textos se propõem a estilizar todos os traços de seriedade presentes nos relatos de heróis, buscando dessacralizar o herói, acentuando nele os atos de oportunismo, presunção e falsa modéstia, encontrados na biografia do político satirizado.

O hibridismo possível na crônica do anti-herói baiano torna-a um espaço de entretenimento e crítica ideológica, onde tudo o que acontece acaba sendo dito de forma irônica e satírica. A comicidade é, sem dúvida, um recurso indispensável para driblar os algozes políticos, representados tanto pelo AI-5 e a ditadura militar, quanto por ACM, como seu representante local.

A intenção satírica presente nessas produções enfatiza o desmonte da visão sacralizadora dos heróis, quando apresenta o comportamento dos falsos heróis ou dos fanfarrões que seguem buscando méritos indevidos:

La finalidad del satírico consiste frecuentemente en desinflar a los falsos héroes, los impostores y los charlatanes, que pretenden un respeto que no les es debido, y el vehículo que esoge para ello es casi siempre la epopeya burlesca (...) (HODGART, 1969, p.28)

No caso dos episódios do *Asphaltman*, notabiliza-se o retrato de um embuste travestido de herói, que disfarça sob os trajes de herói, a indiferença às verdadeiras

demandas sociais da cidade que administra. A imitação paródica e satiriza zomba da nobreza do herói épico, redimensionando o papel de salvador dos heróis de HQs:

Outra forma de imitação es la *parodia*, que es la base de toda la sátira literaria que tiene como tema la literatura em si misma. Supone aquella la adopción y el dominio del estilo de outro escritor y su reproducción com distorsiones ridiculos. (HODGART, 1969, p. 122)

A paródia do *superman* também sugerida se manifesta através das distorções caricaturais, representando a falta de nobreza de caráter em detrimento de uma política de agressivo marketing político que a tudo asfalta, até o céu.

Fica clara aqui a definição da sátira como parte da construção considerando-se nelas a presença da ironia militante, de cunho ideológico claro, criticando governo e instancias do poder. Ademais, além do efeito intencional crítico e mordaz, confirmam-se as três características de que se constitui a sátira: ataque agressivo, norma e forma indireta.

O ataque agressivo à figura pública de ACM é repetidamente confirmado nas crônicas, onde a aura do herói é sempre destituída de nobres intenções. A norma aqui refere-se à expectativa que o herói se comportasse de forma a atender de fato às necessidades sócias da cidade, incluindo aspectos ligados ao bem estar da população, como saneamento público, saúde, transporte, dentre outros. No momento em que a sátira apresenta um herói só preocupado em asfaltar, essa norma é infringida, e o herói perde sua legitimidade numa interpretação mais acurada das intenções narrativas. Quanto à forma indireta, pode-se observar o uso da paródia de histórias em quadrinhos ou de heróis com os aspectos normalmente associados a esse tipo de narrativa como o herói, alguém em perigo necessitando de salvamento, poderes sobrenaturais, veículo e armas estilizadas.

5.3 O desmonte do discurso da ditadura: a sátira com requintes de religiosidade

Além da figura específica de Antonio Carlos Magalhães, algumas crônicas da coluna retratam, de forma mais enviesada, a situação vivenciada pela imprensa e pelos jornalistas, cuja imposição feita pelo regime ditatorial deixou marcas impagáveis no imaginário político nacional.

A marca do silenciamento e da mordaça foi, entretanto, a mais conhecida. Como costumava acontecer com a produção literária e artística de outros intelectuais, João Ubaldo Ribeiro na coluna *Satyricon* alfineta também o férreo terreno da imposição da censura, de uma forma bastante inusitada.

As crônicas a seguir analisadas tratam da ditadura sob o viés inusitado do discurso religioso, onde a terminologia religiosa confunde-se com a linguagem das instancias de poder inatacáveis.

Os textos escolhidos aqui correspondem a três crônicas, das quais duas fazem parte da série — O expediente lá de cima⁷⁷.

A primeira delas - O expediente lá de cima, publicada em 06,07 de abril de 1969 traz o relato de uma série de respostas a correspondências de solicitações de todo tipo. Dentre os pedintes, encontra-se pedidos de todo tipo, desde maridos a retorno de namorados até pedidos de acerto na loteria.

As denominações dos pedintes são tão sugestivas quanto seus pedidos — CORAÇÃO SOLITÁRIO, BAIANINHA TRISTE, FRUSTADO DO CARTEADO — dentre outras. Duas destas, porém atendem à demanda dessa análise:

ACM — consideramos seu pedido imaginoso, mas, infelizmente, não vemos como poderemos, sem causar grandes transtornos, esculpir em nuvens, no céu, durante 15 minutos, uma efígie sua junto com uma de Ruy Barbosa e outra de Tomé de Souza. Por outro lado, sua promessa de, caso seu pedido seja atendido, asfaltar a Catedral foi julgada inadequada. Raios na Câmara de Vereadores também são difíceis, nesta época do ano. Providenciaremos umas goteiras.

JUR — Sua argumentação no sentido de convencer a burocracia celeste a lhe conceder o primeiro prêmio da Loteria Federal não foi levada em conta. Aliás recebemos uma média de 200,000 pedidos desses por semana, todos se julgando muito originais. Temos conhecimento também de que houve uma tentativa de suborno de sua parte, junto a São Cipriano, o que é muito grave. Sua ficha aqui não é das melhores.

Como se observa, os dois solicitantes aqui estão diretamente relacionados às intenções alocadas nesse estudo. O primeiro é ACM que no pedido, deixa clara a crítica à tendência de megalomania, ligada às intenções do marketing político.

⁷⁷Na verdade, são quatro as crônicas que fazem parte dessa série: O expediente lá de cima de 06, 07 de maio de 1969, O Expediente lá de cima de 14 maio de 1969, O Expediente lá de cima II de 15 maio de 1969, O expediente lá de cima de 27 de maio de 1970. Como se vê, os títulos das crônicas se repetem, mas o conteúdo é diferente nos textos.

Dessa série, escolheu-se para analisar apenas duas, que contêm direcionamento político, com a menção direta a ACM. Além dessa, foi também estudada “O Cântico dos cânticos” de 17,18 maio de 1970.

A representação do cronista vem abaixo, sempre repetindo o procedimento do rebaixamento seja na localização – abaixo de ACM – seja pelo pedido: ganhar na loteria. Como em várias outras crônicas, o escritor queixa-se da sorte financeira. E aqui a saída é, mais uma vez, a comicidade do pedido.

A resposta ao pedido de ACM retoma a crítica ao prefeito do asfalto, explorada no capítulo anterior.

O tom satirizante estabelece um grau de distância bem elevado entre os que pedem e os que podem atender. A relação de poder estabelecida é uma alusão sutil ao poder exercido pelo poder político na ditadura militar, cuja manutenção se dava pelo poderio militar e pelos atos constitucionais para o estabelecimento de um estado totalitário.

Em 27 de maio de 1970, é publicada a crônica homônima “O expediente lá de cima”. Desta feita, o teor dos pedidos retoma a intenção de criticar os métodos ditatoriais, usados pelos militares. Destacam-se a seguir, três pedidos cuja sugestão política é mais evidente:

“EDUCADOR CONSCIENTE, Salvador” – Levamos em consideração todos os seus argumentos, excetuando aquele em que o senhor quer estabelecer jurisdição da Universidade Federal da Bahia sobre os nossos métodos de admissão. Nessa parte, desculpe: os senhores podem ter feito uma reforma excelente, mas a nossa experiência – o senhor há de convir – é bastante maior. De qualquer forma, a resposta é negativa: o vestibular único para entrada no céu está absolutamente fora de cogitações. Já pensou a confusão, quando entrar alguém passando por ter acertado as respostas por acaso? Por outro lado, o nosso método de lidar com excedentes é muito eficiente. Até hoje, não tivemos queixas.

No trecho acima, nota-se a absoluta falta de critérios democráticos ou legítimos na aquisição do poder. Fica clara o *modus operandi* ditatorial nas expressões “nossos métodos” e “o nosso método para lidar com excedentes”. Nelas é possível perceber a intenção de crítica ao totalitarismo em detrimento de outras formas de avaliação.

A seguir, registra-se a resposta ao pedido de um adepto da contracultura:

“TONICO ESTOU-NA-MINHA, Salvador” – Discordamos de você. Se os nossos governantes fumassem maconha (“puxassem um fuminho”, como diz você), isso não ia resolver nada. Lembre-se que o pessoal, em May Lay, estava fumando maconha, e foi aquilo que você já sabe. De qualquer forma, sua preocupação com o destino da Humanidade lhe rendeu 500 pontos positivos em sua ficha. Mas sua pergunta se os apóstolos tomavam bolinha lhe valeu 50.000 pontos negativos. Sorry.

É evidenciado, nessa resposta, o desmonte de um discurso abusivo, escamoteado em um tom religioso. A resposta negativa dessa vez, diz respeito ao comportamento

social que, na época, podia representar algum tipo de subversão também política. Não são poucos os casos de artistas, como Caetano Veloso e Gilberto Gil, exilados por causa de suas posturas pouco aceitas nos tempos da opressão de 1964.

Outra afronta direta ao regime seria qualquer pessoa ou entidade que tivesse algum tipo de afinidade com a ideologia de esquerda. A expressão radical na passagem é um exemplo: ““RADICAL INCONFORMADO, Salvador” — meu caro Radical, ser revoltado é fácil. Difícil é ser revoltoso. 20.000 pontos negativos.”

Nota-se aqui a prática de retaliação — “20.000 pontos negativos” - a qualquer prática política suspeita aos olhos intransigentes dos ditadores. No outro extremo, os aliados políticos seriam tratados com maior consideração, como no caso do político baiano:

“ACM, Salvador” — Inicialmente, nossos parabéns pela sua vitória. Quem diria hem? Infelizmente, mesmo considerando a sua nova situação, o desenho de sua efígie e iniciais em nuvens é considerado um pouco exagerado, ainda. Entretanto, considerando o interesse público envolvido, garantimos que nenhum viaduto cairá nos próximos 6 anos.

Mais uma vez, o mesmo pedido feito na crônica do ano anterior é indeferido. A crítica persiste contra a mania megalômana, rechaçada até pelos seus superiores. O cronista aqui remete, novamente, à questão das obras de pavimentação de qualidade duvidosa - “nenhum viaduto cairá”. A menção a falta de qualidade do asfalto e obras do prefeito é sempre um mote a ser explorado nessas produções.

Por fim, vem uma resposta que surpreende, se sua interpretação não fosse contextualizada devidamente:

“CARIDOSO DESPREENDIDO, Salvador” — Ficamos muito sensibilizados por você ter dado esmolas a todos os quatro mendigos que o procuraram hoje em seu escritório. Quando você chegar ao inferno, o dinheiro lhe será integralmente restituído, com correção monetária.

Encontramos nesse fragmento o comentário indireto feito a personalidades que representassem uma ameaça ao regime. Por que as instancias celestes puniriam uma pessoa caridosa? Fica evidente a perseguição sofrida por pessoas que, assim como João Falcão, ousassem abrigar profissionalmente os perseguidos ou torturados pela política do regime da ditadura. A expressão “inferno” atende ao sentido mesmo de perseguição política e as expressões “dar esmolas” e “dinheiro”, “correção monetária” estão

relacionadas ao apoio financeiro que era dado aos jornalistas e intelectuais vítimas dessa perseguição mais severa, por terem exercido diretamente algum tipo de militância de esquerda.

A última crônica analisada nesse capítulo é uma paródia ao texto bíblico do livro de Cantares de Salomão ou Cântico dos Cânticos. Trata-se da crônica “O Cântico dos Cânticos”, publicada também no mesmo mês, na edição conjunta de sábado e domingo de 17/18 de maio de 1970.

O texto bíblico estrutura-se em torno de um poema lírico dialogado entre o rei Salomão e uma mulher. Ambos, apaixonados, descrevem a dinâmica da conquista até o clímax da união conjugal.

O texto aqui analisado parodia o discurso poético bíblico, esvaziando todo o lirismo e sensualidade presentes no texto, com a intenção de ironizar as práticas da censura impostas pela ditadura. As palavras que, normalmente, suscitariam sugestões emotivas no poema são sempre substituídas pelas correspondentes “censurado”, “censurada” ou “censurados”, como se vê abaixo:

Esta edição de alguns trechos da Bíblia Sagrada é dedicada especialmente aos deputados federais do Brasil

“O meu amado é para mim um ramalhete de mirra. Morará entre os meus censurados.

“Eis como és gentil e agradável, oh amado meu: o nosso censurado é viçoso.

“O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho do censurado: eis que está detrás de nossa parede, olhando pelas janelas.

“O teu pescoço é como a torre de David, edificada para pendurar armas: mil escudos pendem dela, odos broquéis de valorosos.

“Os teus dois censurados são como dois olhos gêmeos de gazela, que se apresentam entre os lírios.

“Favos de mel manam dos teus lábios, oh minha espôsa! Mel e leite estão debaixo de tua censurada e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano.

“Os teus censurados são um pomar de romãs com frutos excelentes: o cipreste e o nardo.

“Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul: assopra no meu jardim para que se derramem os seus aromas: ah, se viesse o meu amado para o seu jardim e censurasse os seus frutos excelentes! (grifo meu)

As palavras existentes no texto bíblico parodiado como “seios” e “veado” seriam considerados inaceitáveis ou próprias de um vocabulário subversivo, daí a substituição pelas correspondentes de *censurado(a)(s)*. reafirma-se a intenção satírica, através da crítica direta aos deputados, encontrada no início.

Pelo que foi estudado aqui, os anos 60 e 70 do século XX na América Latina foram marcados por uma intensa participação dos militares na política, que redundaram em rupturas institucionais por meio de golpes militares. Além do caso do Uruguai, em 1964; da Argentina, em 1966 e 1973; e do Chile, em 1973. O engajamento político foi quase regra na corporação militar desses países – o que significa pensar que as rupturas institucionais não foram resultado de meras ações isoladas executadas por oficiais de alta patente. O Brasil não ficou imune a essa configuração política e o golpe de 1964 representou a confirmação dessa anuência. (BRITO, 2008, p. 64-65)

No caso brasileiro, o golpe contou com o apoio de setores da sociedade civil e a noção de inimigo interno era bastante elástica. Nesse contexto do golpe, foram enquadrados militantes políticos, ativistas sociais a favor das reformas de base, comunistas, militante de esquerda e críticos do regime em geral. (BRITO, 2008, p. 66).

Urgia que algo fosse feito ou dito. Por isso, os artistas e intelectuais brasileiros ousaram afiar suas canetas e dons em prol de um discurso dissonante que soava mal aos ouvidos dos golpistas. A coluna *Satyricon* confirma a contribuição irônica e satírica de João Ubaldo Ribeiro nesse processo. Em meio ao silenciamento imposto pela censura, o cronista, através do riso, da ironia e da sátira, brincou com a incompletude e vazios dos enunciados, legando ao leitor a oportunidade de tornar coerente o questionamento inerente aos textos aqui apresentados.



Considerações finais

Apesar de ter sido um árduo trabalho o trato com o emaranhado de textos soltos e, muitas vezes, em condições difíceis de manipulação, a descoberta das crônicas de *Satyricon* foi mais do que um achado de acervo desconhecido. Dentre as constatações que se podem depreender está a importância de resgatar fragmentos da história baiana num período ditatorial, de duras decisões para um intelectual brasileiro e baiano, como o era João Ubaldo Ribeiro.

Foi o principiante João Ubaldo Ribeiro quem escrevia os textos, cujo estilo solto e descomprometido com o cânone literário ou jornalístico tornaram *Satyricon* uma leitura leve, divertida e esclarecedora e que compreende parte decisiva da história do JBa. A descrição galhofeira do relacionamento do cronista com os pares da redação do jornal conflitava com as tensões vividas por eles naquele ambiente profissional. Apesar dos dissabores, não faltou inspiração em Ubaldo Ribeiro para rir e zombar da situação do profissional do jornalismo, bem como do escritor em ascensão e também do direito indesejado ao silenciamento.

Comentar a história do jornal foi fundamental para compreender as motivações presentes em muitas das crônicas encontradas na coluna. Dentre as temáticas observadas, em sua maioria, observou-se a despreocupação com os grandes temas da narrativa quer jornalística ou literária. A escolha de detalhes aparentemente insignificantes corresponde à liberdade presente na estruturação da crônica que se assemelha mais a um bate-papo do que ao discurso de um orador.

Essa proximidade e aparente frouxidão temática não impediram a construção de uma crítica subliminar às grandes narrativas ou até ao próprio discurso jornalístico. Entretanto, nem sempre os textos versavam sobre assuntos altos, às vezes, abordava como “tipos de bêbado”, “tipos de careca”, “problemas pessoais de saúde”, “encontro despretenso com vizinhos ou amigos”. Outras vezes, as crônicas tratavam também de questões que envolviam a sociedade baiana. Problemas como saúde, saneamento básico, exclusão social, fornecimento de energia elétrica são também encontrados largamente nesse acervo. E nelas encontramos o João Ubaldo Ribeiro ativista social, que questiona a qualidade dos serviços públicos e da seriedade das instituições e governantes.

As críticas são, por vezes, veladas, outras, mais diretas. Mas, em todas elas, o riso manifesta a sua intenção corretiva, revelando as possibilidades de interpretação dos relatos históricos e do discurso unívoco proposto pelas amarras da ditadura. A menção a

assuntos diversos é, em geral, feita de forma irônica e pressupõe a existência de um leitor provável que contribui com os objetivos do cronista.

Dentre eles, está a necessidade de questionar a visão acerca das instituições e personalidades da política baiana. Por uma questão didática, foi feita a escolha de um *corpus* de análise composto por crônicas pautadas na administração pública e na figura do prefeito de Salvador. Essas escolhas conduziram os argumentos a crer que, independentemente da concretude dos fatos, importava mesmo expor uma visão do discurso de poder que, personificado na figura de ACM, representava também a principal ameaça ao projeto editorial do JBa.

O riso presente na produção do acervo estudado atendeu às intenções de subverter o discurso sério e oficial do jornalismo, da imprensa, da historiografia e da ditadura, encontrando as potencialidades de rediscutir questões polêmicas que envolviam a cidadania, a exclusão social, a liberdade de pensamento e expressão. O viés libertador do riso permitiu ao cronista redimensionar o que, num comentário sério, seria comprometedor ou impossível naquele momento histórico.

A escolha de crônicas sobre aspectos da administração pública rendeupreciosos registros sobre o período que, embora considerado próspero, confirmava a contradição entre o desenvolvimento econômico e a distribuição saudável dos recursos do erário público.

A questão da exclusão social, mencionada em algumas crônicas, teve sua importância por apresentar o tom de denúncia presente nas produções de João Ubaldo até a atualidade. Entretanto, elas refletem essa intenção de denúncia num contexto completamente diferente, em que não havia a liberdade de expressão no estado de direito, como hoje, no sistema democrático.

Os desvios presentes na sociedade ou a falta de qualidade na prestação dos serviços públicos eram denunciados através do traço diferencial de sátira e ironia presente nas crônicas do escritor João Ubaldo Ribeiro, coadunando com a posição ideológica da linha editorial do JBa. Constatar se era deliberada a intenção de denúncia não foi objeto dessa pesquisa, mas, pelos fatos encontrados, confirma-se o ataque como defesa, como forma de os intelectuais ligados ao JBa. reagirem às ameaças externas. E João Ubaldo Ribeiro estava entre eles, usando a coluna *Satyricon* para isso.

Por ora, importa também constatar o paralelismo da carreira de romancista de João Ubaldo Ribeiro com a de cronista. A recepção pelo público do romance *Setembro não tem sentido* é apresentado nas crônicas, sob o viés de rebaixamento, semelhante ao

comentário acerca da forma como era recebida a coluna pelos leitores. A expectativa quanto ao sucesso literário, presente nessa coluna, desvela as intenções de um escritor em ascensão, disfarçada num discurso enviesado da crônica que respalda o uso escorregadio da comicidade para analisar o futuro sobre uma carreira literária e colunista ainda originária. A leitura das crônicas no universo *Satyricon* permitiu vislumbrar momentos iniciais da trajetória de João Ubaldo Ribeiro obscurecidos pela consagração contemporânea do escritor.

O caráter revelador de *Satyricon* surpreende até por não ter sido citada pelo seu próprio autor. O silêncio de Ubaldo Ribeiro acerca da coluna pode ser explicado pela inconsistência e insegurança de um começo cercado por ameaças políticas, ideológicas e pela busca de uma autoafirmação literária. Longe daquele que o escritor considerava como uma espécie de guru – Glauber Rocha – cabia a Ubaldo Ribeiro prosseguir no que já se delineava como trilha de escritor e romancista. Mas o caleidoscópio *Satyricon* é um lugar ideal para descobrir alguns conflitos desse início.

A respeito do riso, percebe-se que foi uma saída salutar para a manifestação das tensões que recaíam sobre o cronista. O problema de saúde – neurovegetativo, de origem emocional – é descrito em várias crônicas da coluna e é motivo de afastamento do cronista da coluna durante alguns dias. Além disso, e, pelas razões anteriormente expostas, nos capítulos 2 e 5, é possível constatar que João Ubaldo Ribeiro, no espaço *Satyricon*, apresenta, de forma aberta, o perfil contestador que encontra na comicidade e na leveza da crônica o espaço ideal para se delinear.

As crônicas variam entre assuntos aparentemente pessoais, relatos de acontecimentos de impacto local ou nacional, incômodos ocasionados por insetos, releituras hilariantes da história clássica, séries de relatos ficcionais ou de acontecimentos supostamente verídicos. Os gêneros textuais, da mesma forma, variavam entre textos opinativos, críticas impressionistas, contos, poemas, poemas concretos, narrativas de futebol, etc. No emaranhado de temas e gêneros textuais, não se pode constatar outra afinidade entre as produções da coluna senão a presença da comicidade, da ironia, da sátira na descrição dos acontecimentos da capital baiana, do Brasil e até mesmo do mundo. Recorrendo à metáfora da lata, em *Satyricon* cabe tudo, a ponto de ser um bom subsídio para revisão das definições da crônica, que aqui só pode assim ser definida pelo espaço em que se encontra publicada.

A criação da representação de *Asphaltman* foi, sem dúvida, a catalização desse viés de denúncia, eivado de riso, ironia e sátira voltado para uma personalidade que

representava o sistema ditatorial em vigor. A construção desse herói é uma construção lúdica, através da qual o cronista interpreta, de forma crítica, as motivações do governo de ACM, e que o permite sobreviver à censura contra a livre expressão de ideias.

A comicidade não se configurou apenas como uma saída para as retaliações possíveis da censura, mas foi também uma constante nessas produções, observada como traço da literatura de pequenas narrativas de João Ubaldo Ribeiro, como contos e crônicas. Percebe-se a constância do riso nos textos mais curtos do escritor, em que também ele menciona experiências de sua terra natal. Pode-se inferir que, nesse espaço de produção, Ubaldo Ribeiro mantém um espaço para divagar nas ondas da liberdade formal, livre das amarras da narrativa clássica.

O tom crítico presente nas produções da coluna faz da ironia uma aliada inseparável que dependerá da participação consciente do leitor na construção de um olhar inusitado sobre os fatos ocorridos e noticiados nos meios de comunicação, inclusive aqueles veiculados no JBa. A sátira foi também útil quando o cronista teceu críticas mais diretas, fossem contra o governo ou contra as instituições. Até mesmo o regime militar foi tema de algumas crônicas, corporificado em personagens fictícias e em textos com palavras substituídas pela expressão “censurado(a)(s)”.

A despeito da descrição galhofeira, fica também o registro do perfil modernizador da prefeitura de ACM, tendo em vista a necessidade de pavimentação de grandes vias urbanas como principal plataforma de governo apresentada nas crônicas analisadas. A modernização da cidade nesse formato de administração foi alvo de críticas de colaboradores do JBa. Um dos exemplos claros foi a afirmação de João Carlos Teixeira Gomes dirigida a ACM, de que a cidade precisava mais do que cimento para se desenvolver. (GOMES, 2001, p. 73)

Não apenas Gomes, mas outros intelectuais do JBa., como João Falcão, questionavam o modelo administrativo carlista, em ascensão no estado da Bahia. Considerando o teor das crônicas aqui analisadas, confirma-se a crítica de Ubaldo Ribeiro a esse modelo de condução da coisa pública. O vasto conhecimento do escritor na área da história e da conjuntura sociopolítica mundial capacita-o a navegar em divagações acerca de questões de comportamento social, revolução científica, noções de ética e cidadania. Esses comentários presentes em *Saytricon* oferecem ao pesquisador um olhar diferenciado sobre velhos acontecimentos.

A perspectiva revolucionária presente na década de 60 não deixaria de marcar esse conjunto de crônicas, que são mais do que um registro histórico, mas, sim, uma

leitura arguta, crítica e persuasiva. Essa condução leva o leitor contemporâneo a reafirmar o caráter combativo dos intelectuais e jornalistas naquele contexto histórico e perceber que, entre os baianos, não ocorreu conformismo cego com o estado ditatorial, a despeito dos riscos envolvidos no exercício do senso crítico, direto ou indireto.

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específica) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e assim a noite foi assolada

Assim, como em outros casos, houve um assalto a uma loja de roupas, onde se encontravam alguns tecidos e roupas de valor. Os ladrões, que estavam escondidos no local, foram surpreendidos por um grupo de policiais. Os ladrões foram presos e os tecidos e roupas foram recuperados. O assalto ocorreu durante a noite, quando a loja estava fechada.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado rumo: um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço das páginas, que serviu de momento para a memória deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter o resultado. Não houve um grão de pó dos assaltantes, que por mais esforços que foram deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. Se fosse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, mas acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1964. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, por que a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.824,24 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



Referências Bibliográficas

- ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. Em: SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 64-86.
- ARBACHE, Jorge Saba. Pobreza e mercados no Brasil. CEPAL/DFID LC/BRS/R.135 Março de 2003. Disponível em: <http://www.eclac.org/publicaciones/XML/8/11868/r135jorgearbachepobreza.pdf>. Acesso em 12 jun. 2013.
- ARÊAS, Vilma. *Iniciação à Comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ARRETCHE, Marta T. do ICA. Saneamento Básico. Disponível em: <http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/Contecsi2004/BrasilEmFoco/port/economia/saneamento/apresent/apresent.htm>. Acesso em 13 jun. 2013.
- BERGSON, Henri. *Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BERND, Zilá, UTÉZA, Francis. *O caminho do meio: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2001.
- BRITO, Antonio Maurício Freitas. *O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a resistência à Ditadura militar (1964-1968)* / Antonio Maurício Freitas Brito. – Salvador, 2008. 243 fl.: il. Orientador: Prof. Dr. Muniz Ferreira Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Cadernos de Literatura Brasileira* (João Ubaldo Ribeiro), n. 7. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999.
- CANDIDO, Antonio et alli. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et alli. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CAVALCANTE, Ilane Ferreira, MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Amor e sexualidade na *Revista Realidade* nas décadas de 1960 e 1970. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0533.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2013.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. A MODA NOS ANOS 60/70 (COMPORTAMENTO APARÊNCIA E ESTILO). *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras* vol. 2 (1) 2008. Disponível em: <

<http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n02/pdf/Renata.pdf>>. Acesso em 04 mar. 2013.

CONY, Carlos Heytor. A crônica como gênero e como antijornalismo. Folha de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://vidacronica.wordpress.com/2008/05/14/a-cronica-como-genero-e-como-antijornalismo/>>. Acesso em: 17 dez. 2010.

COUTINHO, Wilson. *João Ubaldo Ribeiro: Um Estilo de Sedução*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/RioArte, 1998. (Coleção “Perfis do Rio”)

DUARTE, Lélia Parreira. Arte & manhas da ironia e do humor. Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/posletras/pdf/Arte%20&%20Manhas%20revisado.pdf>>. Acesso em 09 maio 2013.

DUARTE, Lélia Pereira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: EdPUCMG, 2006.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FALCÃO, João. *Não deixe essa chama se apagar: história do Jornal da Bahia*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

FERREIRA, Muniz Gonçalves. O golpe de estado de 1964 na Bahia, disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1994%3Aaa-o-golpe-de-estado-de-1964-na-bahia-&catid=58&Itemid=414>. Acesso em 15 de abril de 2012.

FRANÇA, Julio . O narrador ético: experiência e sabedoria nas crônicas brasileiras do século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. v. 1. 123p

FRANÇA, Julio . Um cronista no romance: uma hipótese sobre o que levou Machado a abandonar a crônica. In: I Seminário Machado de Assis, 2008, Rio de Janeiro. Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte. Rio de Janeiro: CD- ROM, 2008. v. 1

FRAZÃO, Idemburgo. O bruxo e o louco: a sátira e a chalaça nas crônicas de Machado de Assis e Lima Barreto. Em: *XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências* 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. Disponível em <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/IDEMBURGO_FRAZAO.pdf>. Acesso em 10jun.2013.

GERTH, Klaus. Satire. *Praxis Deutsch*, v. 22, p. 83-86, 1977. Tradução de Aluizia Hanisch e Alvaro S. Simões Jr

GOMES, João Carlos Teixeira. *Memória das trevas: uma devassa na vida de Antônio Carlos Magalhães*. Geração Editorial, 2001.

HANSEN, Adolfo. *Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo/Campinas: Ateliê/ EdUNICAMP, 2004.

HODGART, Matthew. Las técnicas de la sátira. In: Idem. *Lasátira* (Satire). Trad. De Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarram, 1969. P.108-131.

_____. Orígenes y principios. In: idem. *Lasátira* (Satire). Trad. De Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969. p.10-31.

História da Eletricidade no Brasil. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-eletricidade-no-brasil/historia-da-eletricidade-no-brasil-2.php>>. acesso em: 05 de abril de 2013.

http://www.releituras.com/joaoubaldo_bio.asp

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JESUS, Rafael Henrique Costa Santos de. A representação do eu modernizador nos cinejornais da Sani Filmes: em cartaz o prefeito transformador e a cidade renovada. Em: *III Encontro Baiano de Estudos Culturais*, Cachoeira, 2012.

MAIA, Elias da Silva. Algumas Iniciativas da Ditadura Militar Brasileira em Relação à Ciência e Tecnologia: os mecanismos usados nos anos de autoritarismo. Disponível em <http://www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1345059357_ARQUIVO_TextoCompletoS NHCT-12EliasMaia.pdf>. Acesso em 05 maio 2012.

MECHI, Patrícia Sposito. Exclusão e sucateamento: o legado do projeto educacional da ditadura militar brasileira à atualidade. Revista Espaço Acadêmico. No 66, novembro; 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/066/66mechi.htm>>. Acesso em 02 abr. 2013.

MENDES, Cleise Furtado. *A Gargalhada de Ulisses: a Catarse na Comédia*. São Paulo, Perspectiva Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2008.

MERCÊS, Gustavo. Dois pesos, duas medidas: um olhar sobre o Jornal da Bahia. Monografia para conclusão do bacharelado em Comunicação Social, pela UNEB, Salvador, 2009.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. “A revista da moça moderna”: relações de gênero e modos de ser femininos estampados nas páginas da revista Capricho (décadas 1950 – 1960) Florianópolis, 28,29 e 30 de agosto de 2006, UFSC, UESC. Seminário internacional Fazendo gênero no 7. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_12.html>. Acesso em 05 maio de 2013.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no jornal impresso brasileiro. Disponível em <www.unirevista.unisinos.com.br>. Acesso em: 12 de março de 2012.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EdUSP, 1997.

NUTO, J. V. Cavalcanti. Grotresco e Paródia em *Viva o povo brasileiro*. Em: *Revista Brasil de Literatura* (s/n), 2002. <http://lfilipe.tripod.com/Indice2.html> (último acesso 20/04/2011)

OLIVEIRA, Marillia Raeder Auar. Machado de Assis e a Estética da Recepção. *Solettras*, Ano VII, Nº 14. São Gonçalo: UERJ, 184 jul./dez.2007. disponível em: <<http://www.filologia.org.br/solettras/14/16.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2013.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Couto. Estudo da evolução da infra-estrutura sanitária na cidade do Salvador – Bahia: prospecções de futuro para uma efetiva gestão de cidade. Disponível em <<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/abes22/dciiii.pdf>>. Acesso em 08 maio 2013.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60*. Rebelia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1992.

PROPP, V. *Comichidade e Riso* (1976). Trad. Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RESENDE, Beatriz. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

RIBEIRO, João Ubaldo. A ameaça britânica. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, p.01, Salvador, p. 01, 11 de jul. 1970

RIBEIRO, João Ubaldo. A carne: uma Análise Científica. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, p.01, Salvador, 22 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. As Cartas de Manoel Joaquim. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, p.01, Salvador, p.01, 29,30 de junho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. A legião do Dendê. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 05 de julho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 24 de julho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man II. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 25 de julho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. A ameaça do Sinistro cientista da chuva ou asphalt man versus water man III. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 26 de julho de 1969.

em plena tarde. — — — — —

ão Ubaldo. A solução
1, 08 de fevereiro de 196

da Bahia, caderno 2, Satyric

nal da Bahia, caderno 2, Satyric

al da Bahia, caderno 2, Satyric

A Pausa

(I). Jornal da Bahia, caderno

Reinício

da Bahia, caderno 2, Satyric

Al da Bahia, caderno 2, Satyric

nal da Bahia, caderno 2, Satyric

da Bahia, caderno 20, Satyricon

ão. **Jornal da Bahia**, caderno
).

Bahia, caderno 2, Satyricon, p.

va. **Jornal da Bahia**, caderno

em. **Jornal da Bahia**, caderno

RIBEIRO, João Ubaldo. O cataclisma de Schmuk I. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 08 de abril de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O cataclisma de Schmuk II. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 09 de abril de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O expediente lá de cima. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 06.07 de abril de 1969

RIBEIRO, João Ubaldo. O Expediente lá de cima. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01 de 14 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Expediente lá de cima II. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 15 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O expediente lá de cima. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 27 de maio de 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. O cântico dos cânticos. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 17/18 de maio 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. Os incorruptíveis. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 22 fev. 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. O inimigo lá embaixo. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 26 de novembro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Os invasores. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 29 de maio de 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. O lixo é nosso. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 21 de novembro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O mar. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 09 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O rabo de arraia nos mares. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 13,14 abril de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O RELATÓRIO DO GARRFÃO (I). **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 28 março de 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Sucesso literário. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 15 de julho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. O testamento de Judas. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 29 e 30 de março de 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Tutu. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 14 de outubro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Os volts fugidios. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 13 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Paz na Terra. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, Salvador, p.01, 1º de fevereiro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Rodizium nostrum. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 10 de outubro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Segredos e Revelações das Histórias em Quadrinhos. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 30 de maio de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. UGH!. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 04 de setembro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Um Encontro com a Glória. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 25 mar. 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Vamos partir para o Schmuk Luminoso. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 01, 16 de dezembro de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Vocês vão ver. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p. 04 e 05 de janeiro de 1970.

RIBEIRO, João Ubaldo. Voltei!. **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, p.01, Salvador, p.01, 04 nov. 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. (sem título). **Jornal da Bahia**, caderno 2, Satyricon, Salvador, p.01, 04 mar: 1969

RODRIGUES, Alexia de Freitas. *Análise da viabilidade de alternativas de suprimento descentralizado de energia elétrica a comunidades rurais de baixa renda com base em seu perfil de demanda*. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Planejamento Estratégico) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ppe.ufrrj.br/ppp/production/tesis/afrodrigues.pdf>>. Acesso em 05 jun.2013.

RODRIGUES, Celso Reinaldo Cavalcante. *O programa nacional do acesso e uso da energia elétrica – Luz para Todos e seus resultados na Bahia*.2010. 121 f. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Ciências Econômicas. Salvador.

ROSSETO, Robson. A estética da recepção: o horizonte de expectativas para a formação do aluno expectador. Em: *Anais do I Encontro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Formação Continuada*. Faculdade de Artes do Paraná - Curitiba/PR. 2010.Disponível em: <<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/IEncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/10RobsonRosseto.pdf>> Acesso em: 02 de maio de 2013.

RUBIM, Antonio Canelas. ACM: poder, mídia e política. Comunicação & política, n.s., v.VIII, n.2, p.107-149, disponível em <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2001-2%20107128%20antonio%20albino.pdf>>. Acesso em 02 de março de 2013.

RUBIM, Antônio A. ACM: poder, mídia e política. *Comunicação & política*, 2002, v.7, n. 2, p.107-149.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática. 1985.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*, 6. ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 2003.

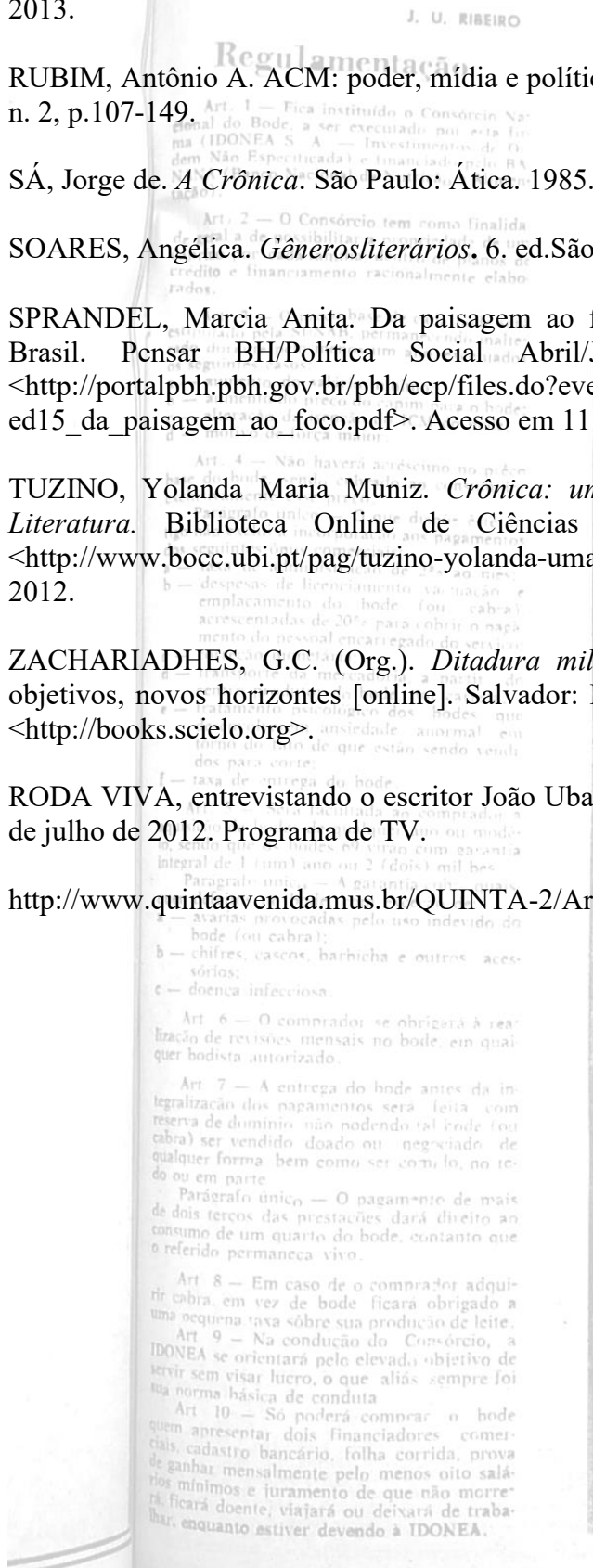
SPRANDEL, Marcia Anita. Da paisagem ao foco: a pobreza nos discursos sobre o Brasil. Pensar BH/Política Social Abril/Junho de 2006, disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=pensarbh_ed15_da_paisagem_ao_foco.pdf>. Acesso em 11 jun. 2013.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. *Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

ZACHARIADHES, G.C. (Org.). *Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 285p. Disponível em <<http://books.scielo.org>>.

RODA VIVA, entrevistando o escritor João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Tv Cultura, 23 de julho de 2012. Programa de TV.

<http://www.quintaavenida.mus.br/QUINTA-2/ArtJohnnyMathis.htm>



As facilidades foram muitas e veio o inesperado rubro; um milhês de crêditos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a memória deles. A imprensa assim tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, tinham poderia uma quadrilha das um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da investigação, tinham a pista, uma Kombi de propriedade deles abandonada em meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um delinque que fora preso na favela.

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos rubros a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar bancos e os bancos também tinham a sensação de que não tinham mais a segurança necessária para os seus negócios.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1984. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, por que os bancos tinham a sensação de que não tinham mais a segurança necessária para os seus negócios. Em alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificadas duas assaltos num curto espaço de tempo numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Quando um porta e saiu, os ladrões passaram por um túnel de 10 cm, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 12.000,00 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros.



ANEXO 1

LISTA DE CRÔNICAS DA COLUNA SATYRICON

Foi catalogada, nessa pesquisa, a quantidade total de crônicas inicialmente encontradas de 434 (quatrocentas e trinta e quatro) crônicas, abaixo descritas, na sequência de sua publicação.

1. Dos bêbados - publicada em 1º de janeiro de 1969.
2. Previsões - publicada em 03 de janeiro de 1969.
3. Recordes - publicada em 04 de janeiro de 1969.
4. As africanas - publicada em 05,06 de janeiro de 1969.
5. A civilização de Hollywood - publicada em 07 de janeiro de 1969.
6. Paz no Vietnã - publicada em 08 de janeiro de 1969.
7. A Paz - publicada em 09 de janeiro de 1969.
8. Os computadores - publicada em 10 de janeiro de 1969.
9. A Apollo vista daqui - publicada em 11 de janeiro de 1969.
10. A história é ótima - publicada em 12/13 de janeiro de 1969.
11. Átila, o perturbado - publicada em 14 de janeiro de 1969.
12. O Pessoal - publicada em 15 de janeiro de 1969.
13. Tudo às abelhas - publicada em 16 de janeiro de 1969.
14. Desilusões ludopédicas (consta na data de 16 de janeiro de 1969) - publicada em 17 de janeiro de 1969.
15. A mini-pílula - publicada em 18 de janeiro de 1969.
16. A invasão dos bárbaros - publicada em 19/20 de janeiro de 1969.
17. O segredo espacial - publicada em 21 de janeiro de 1969.
18. A eficiência - publicada em 22 de janeiro de 1969.
19. Comida! - publicada em 25 de janeiro de 1969.
20. Correspondência Lunar - publicada em 26/27 de janeiro de 1969.
21. Proteção - publicada em 28 de janeiro de 1969.
22. A imagem padrão - publicada em 29 de janeiro de 1969.
23. Os buracos no céu - publicada em 30 de janeiro de 1969.
24. O expediente - publicada em 31 de janeiro de 1969.
25. Paz na Terra - publicada em 1º de fevereiro de 1969.
26. As cabeças - publicada em 02/03 de fevereiro de 1969.
27. Lesmas fazem bem - publicada em 04 de fevereiro de 1969.
28. O Protesto - publicada em 05 de fevereiro de 1969.
29. O Sequestro - publicada em 06 de fevereiro de 1969.
30. Conversando a gente se entende - publicada em 07 de fevereiro de 1969.
31. A solução final - publicada em 08 de fevereiro de 1969.
32. Como é bom viajar - publicada em 09/10 de fevereiro de 1969.
33. O mercado visceral - publicada em 11 de fevereiro de 1969.
34. Eu e grega - publicada em 12 de fevereiro de 1969.
35. A macrobiótica - publicada em 13 de fevereiro de 1969.
36. As platéias - publicada em 14 de fevereiro de 1969.
37. O avião de Hitler - publicada em 15 de fevereiro de 1969.
38. As Fantasias - publicada em 16/17 de fevereiro de 1969.
39. No outro dia - publicada em 20 de fevereiro de 1969.
40. Os incorruptíveis - publicada em 21 de fevereiro de 1969.

41. (Sem título) - publicada em 23/24 de fevereiro de 1969.
42. O jogo viril - publicada em 25 de fevereiro de 1969.
43. A alopecia - publicada em 26 de fevereiro de 1969.
44. A prova de amor - publicada em 27 de fevereiro de 1969.
45. O mundo encantado dos animais - publicada em 28 de fevereiro de 1969.
46. Como se dar bem numa festinha - publicada em 28 de fevereiro de 1969.
47. Domingo na praia publicada em 02/03 de março de 1969.
48. (sem título) - publicada em 04 de março de 1969.
49. Ah que alegria! - publicada em 05 de março de 1969.
50. A careca - publicada em 06 de março de 1969.
51. Continuação da careca- publicada em 07 de março de 1969.
52. Coisas novas - publicada em 08 de março de 1969.
53. De Gaius Tranquillus – A antiguidade Oriental I- publicada em 09/10 de março de 1969.
54. De Gaius Tranquillus – A antiguidade Oriental II - publicada em 11 de março de 1969.
55. Per um Pugno di Dolari - publicada em 12 de março de 1969.
56. Viajantes do espaço* - publicada em 13 de março de 1969.
57. Nós na era eletrônica - publicada em 14 de março de 1969.
58. Vamos integrar! - publicada em 15 de março de 1969.
59. Extratos do diário de Noé - publicada em 16/17 de março de 1969.
60. A folha corrida - publicada em 18 de março de 1969.
61. O dentista- publicada em 19 de março de 1969.
62. Alimentação - publicada em 21 de março de 1969.
63. Eu sou a favor- publicada em 22 de março de 1969.
64. O diário de Noé – II - publicada em 23/24 de março de 1969.
65. A barriga - publicada em 25 de março de 1969.
66. O Pessoal - publicada em 26 de março de 1969.
67. A intelectualidade ao alcance de todos- publicada em 27 de março de 1969.
68. Você tem minhoca na cuca - publicada em 28 de março de 1969.
69. Comprar é fácil- publicada em 29 de março de 1969.
70. A opinião Pública- publicada em 30/31 de março de 1969.
71. Hoje eu deixo - publicada em 01 de abril de 1969.
72. O TCA e a cultura - publicada em 02 de abril de 1969.
73. Comida! - publicada em 03 de abril de 1969.
74. Falta de caráter - publicada em 04 de abril de 1969.
75. O expediente lá de cima - publicada em 06/07 de abril de 1969.
76. O cataclisma de Schmuk I - publicada em 08 de abril de 1969.
77. O cataclisma de Schmuk II - publicada em 09 de abril de 1969.
78. Guenta aí! - publicada em 10 de abril de 1969.
79. O imperialismo - publicada em 11 de abril de 1969.
80. O Diabo de Santo Amaro - publicada em 12 de abril de 1969.
81. O rabo de arraia nos mares - publicada em 13/14 de abril de 1969.
82. Nada como a coexistência - publicada em 15 de abril de 1969.
83. O coração de um mulato - publicada em 16 de abril de 1969.
84. Não me sinto muito bem - publicada em 17 de abril de 1969.
85. O Sagrado salário - publicada em 18 de abril de 1969.
86. As hostilidades - publicada em 19 de abril de 1969.
87. Dar a César o que é de César - publicada em 20/21 de abril de 1969.
88. Os anjos exterminadores - publicada em 23 de abril de 1969.

89. Fale e escreva bem a sua língua - publicada em 24 de abril de 1969.
90. A lição de como vencer na vida - publicada em 25 de abril de 1969.
91. A CRUEL VINGANÇA DE ASA BRANCA CONTRA BERTINHO P. - publicada em 27/28 de abril de 1969.
92. LIÇÃO DE COMO TER SUCESSO COM MULHERES - publicada em 29 de abril de 1969.
93. A lição de como hipnotizar a todos - publicada em 30 de abril de 1969.
94. Vamos estudar o Recôncavo - publicada em 1º de maio de 1969.
95. Ajudem um irmão - publicada em 03 de maio de 1969.
96. O problema do Brasil - publicada em 04/05 de maio de 1969.
97. Tudo sem mestre - publicada em 06 de maio de 1969.
98. Cultura e Entretenimento - publicada em 07 de maio de 1969.
99. O Caso da batata desaparecida - publicada em 08 de maio de 1969.
100. O Mar - publicada em 09 de maio de 1969.
101. A pobrezinha de Wall Street capítulo 4.697/capítulo 4.697-I - publicada em 10 de maio de 1969.
102. A pobrezinha de Wall Street capítulo 4.697 capítulo 4.697-II - publicada em 11/12 de maio de 1969.
103. Os Volts fugidios - publicada em 13 de maio de 1969.
104. O Expediente lá de cima - publicada em 14 de maio de 1969.
105. O Expediente lá de cima II - publicada em 15 de maio de 1969.
106. A juventude desamparada - publicada em 16 de maio de 1969.
107. In Corpore Sano - publicada em 17 de maio de 1969.
108. A pobrezinha de Wall Street capítulo 4.697 -III - publicada em 18/19 de maio de 1969.
109. Os cabóis - publicada em 20 de maio de 1969.
110. A excelentíssima - publicada em 21 de maio de 1969.
111. A Carne: Uma análise Científica - publicada em 22 de maio de 1969.
112. Queremos campeonato - publicada em 23 de maio de 1969.
113. O mar que nos rodeia - publicada em 24 de maio de 1969.
114. A pobrezinha de Wall Street capítulo 4.697 - IV - publicada em 25/26 de maio de 1969.
115. Cultura e Entretenimento - publicada em 27 de maio de 1969.
116. Banana para vocês - publicada em 28 de maio de 1969.
117. Os invasores - publicada em 29 de maio de 1969.
118. Segredos e revelações das histórias em quadrinhos - publicada em 30 de maio de 1969.
119. Regulamentação - publicada em 31 de maio de 1969.
120. A Grande Viagem para o Infinito - publicada em 01/01 de junho de 1969.
121. A mista - publicada em 03 de junho de 1969.
122. Abaixo o Boi - publicada em 04 de junho de 1969.
123. Não precisamos de especialistas - publicada em 05 de junho de 1969.
124. Abaixo o boi - publicada em 06 de junho de 1969.
125. Mais uma Vez a Europa se Curva - publicada em 07 de junho de 1969.
126. A Grande Tourada do Alto De Santo Antonio - publicada em 08/09 de junho de 1969.
127. Procura-se um gato israelita - publicada em 10 de junho de 1969.
128. Bola Preta para vocês - publicada em 11 de junho de 1969.
129. Entretenimento e Cultura - II - publicada em 12 de junho de 1969.
130. O seu dia chegará - publicada em 13 de junho de 1969.

131. Viajar é educativo - publicada em 14 de junho de 1969.
132. O sorriso de Desdém - publicada em 15,16 de junho de 1969.
133. O Arquivo dos Super-Heróis – I - publicada em 17 de junho de 1969.
134. O Arquivo dos Super-Heróis – II - publicada em 18 de junho de 1969.
135. A sua presença é requisitada - publicada em 19 de junho de 1969.
136. Topar ou não topar – Eis a questão - publicada em 20 de junho de 1969.
137. A movimentação do mercado - publicada em 21 de junho de 1969.
138. O estranho caso do pai múltiplo - publicada em 22/23 de junho de 1969.
139. A síndrome de McDivitt - publicada em 24 de junho de 1969.
140. O inimigo lá embaixo - publicada em 26 de junho de 1969.
141. Eu “show” eu - publicada em 27 de junho de 1969.
142. Para ser um baiano típico - publicada em 28 de junho de 1969.
143. As Cartas do Manoel Joaquim - publicada em 29/30 de junho de 1969.
144. A reunião dos Condôminos - publicada em 1º de julho de 1969.
145. A salvação - publicada em 02 de julho de 1969.
146. Todo mundo nu! - publicada em 04 de julho de 1969.
147. A legião do Dendê - publicada em 05 de julho de 1969.
148. As Cartas do Manoel Joaquim – II - publicada em 06/07 de julho de 1969.
149. Em Dó Maior - publicada em 08 de julho de 1969.
150. A Capital do Turismo - publicada em 09 de julho de 1969.
151. A Nova Guerra - publicada em 10 de julho de 1969.
152. A Ameaça Britânica - publicada em 11 de julho de 1969.
153. Imaginação na Exportação - publicada em 12 de julho de 1969.
154. Eu não valho nada - publicada em 13/14 de julho de 1969.
155. O Sucesso Literário - publicada em 15 de julho de 1969.
156. O grande Entalamento - publicada em 16 de julho de 1969.
157. São Paulo Não Tem Isso - publicada em 02 de julho de 1969.
158. Eles São Ótimos - publicada em 18 de julho de 1969.
159. A Soccer Internacional, Inc. - publicada em 19 de julho de 1969.
160. Os Fatos São Sagrados - publicada em 20/21 de julho de 1969.
161. Como ganhar um festival - publicada em 22 de julho de 1969.
162. Lá Vamos Nós - publicada em 23 de julho de 1969.
163. A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou asphalt water man – I - publicada em 24 de julho de 1969.
164. A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou asphalt water man – II - publicada em 25 de julho de 1969.
165. A Ameaça do Sinistro Cientista da Chuva ou asphalt water man – III - publicada em 26 de julho de 1969.
166. O panteão dos desconhecidos - publicada em 27/28 de julho de 1969.
167. Por que me ufano - publicada em 29 de julho de 1969.
168. A Taxa de Respiração - publicada em 31 de julho de 1969.
169. A Óxossi 15 - publicada em 1º de agosto de 1969.
170. A Arte pela Arte - publicada em 02 de agosto de 1969.
171. O Panteão dos Desconhecidos II - publicada em 03/04 de agosto de 1969.
172. Entretenimento e Cultura - publicada em 05 de agosto de 1969.
173. 67.489.395 1/2 - publicada em 06 de agosto de 1969.
174. A Justa Remuneração - publicada em 07 de agosto de 1969.
175. Aqui só tem artista - publicada em 08 de agosto de 1969.
176. O Meu Carro Vem Aí - publicada em 09 de agosto de 1969.
177. Sinceramente Seu - publicada em 10/11 de agosto de 1969.

178. O PNB - publicada em 12 de agosto de 1969.
179. Você Topa(interrogação) - publicada em 13 de agosto de 1969.
180. O mensageiro da Cultura - publicada em 14 de agosto de 1969.
181. A última flor do Lácio - publicada em 15 de agosto de 1969.
182. Tire o Homem da Cozinha - publicada em 16 de agosto de 1969.
183. O Inferno Vai Mal - publicada em 17/18 de agosto de 1969.
184. Os Gênios - publicada em 19 de agosto de 1969.
185. A Carne - publicada em 20 de agosto de 1969.
186. O Duque de Itaparica - publicada em 21 de agosto de 1969.
187. Um Solanum Tuberosum Frito - publicada em 12 de agosto de 1969.
188. Mais uma vez se curva - publicada em 23 de agosto de 1969.
189. Um Presente - publicada em 24/25 de agosto de 1969.
190. Fique Nu - publicada em 27 de agosto de 1969.
191. A Ceroula é Melhor - publicada em 28 de agosto de 1969.
192. Tome mais um Troço - publicada em 29 de agosto de 1969.
193. Um Instrumento Pérfuro-Cortante - publicada em 30 de agosto de 1969.
194. A crítica da Cueca Pura - publicada em 31 de agosto/01 de setembro de 1969.
195. O Doce Imposto de renda - publicada em 02 de setembro de 1969.
196. Alegria, Alegria - publicada em 03 de setembro de 1969.
197. Ugh! - publicada em 04 de setembro de 1969.
198. O Bahianopitecus Supinus - publicada em 05 de setembro de 1969.
199. Entrevista Exclusiva com Antonio Destro Medievo - publicada em 06 de setembro de 1969.
200. A Rádio Ipataparica - publicada em 07/08 de setembro de 1969.
201. Eu não Topo Tôpo - publicada em 09 de setembro de 1969.
202. Comer com imaginação - publicada em 10 de setembro de 1969.
203. O Oficialês - publicada em 11 de setembro de 1969.
204. Os Nossos Ídolos - publicada em 12 de setembro de 1969.
205. A Libertação - publicada em 13 de setembro de 1969.
206. O Panteão dos Desconhecidos - publicada em 14/15 de setembro de 1969.
207. O Herói - publicada em 16 de setembro de 1969.
208. Uma estreita Faixa de Terra - publicada em 17 de setembro de 1969.
209. O Morticínio ao Alcance de Todos - publicada em 18 de setembro de 1969.
210. O Dos Americanos - publicada em 19 de setembro de 1969.
211. A Tabela Moral - publicada em 20 de setembro de 1969.
212. O Neuro-Vegetativo - publicada em 21/22 de setembro de 1969.
213. Os Velhos Tempos I - publicada em 24 de setembro de 1969.
214. Os Velhos Tempos II - publicada em 25 de setembro de 1969.
215. Os Velhos Tempos III - publicada em 26 de setembro de 1969.
216. Saúde e Felicidade - publicada em 27 de setembro de 1969.
217. A Civilização Chega até Nós - publicada em 28/29 de setembro de 1969.
218. Os Velhos Tempos IV - publicada em 1º de outubro de 1969.
219. Confissões Dêle e Dêle - publicada em 02 de outubro de 1969.
220. Prepare-se para a Guerra - publicada em 03 de outubro de 1969.
221. A Luz - publicada em 05/06 de outubro de 1969.
222. Desculpe o Velho Shakespeare, Mas a Conjuntura Baiana Exige - publicada em 07 de outubro de 1969.
223. O Golpe do Baú - publicada em 08 de outubro de 1969.
224. O apartheid é ótimo - publicada em 09 de outubro de 1969.

225. Rodizium Nostrum - publicada em 10 de outubro de 1969.
226. A Bolsa e a Vida - publicada em 11 de outubro de 1969.
227. A Festinha Intelectual - publicada em 12/13 de outubro de 1969.
228. O Tutu - publicada em 14 de outubro de 1969.
229. Ser Importante - publicada em 15 de outubro de 1969.
230. Dulcineia Naquela Base- publicada em 16 de outubro de 1969.
231. A Excelsa Condição Humana - publicada em 17 de outubro de 1969.
232. Entretenimento e Cultura III - publicada em 18 de outubro de 1969.
233. Banzai! - publicada em 19/20 de outubro de 1969.
234. Com Licença - publicada em 22 de outubro de 1969.
235. Voltei! - publicada em 04 de novembro de 1969.
236. Tamos Aí - publicada em 05 de novembro de 1969.
237. Kildonski é o maior - publicada em 06 de novembro de 1969.
238. O dono do cemitério está botando para esbuguelar - publicada em 07 de novembro de 1969.
239. s Alegres Viagens - publicada em 08 de novembro de 1969.
240. O Vácuo - publicada em 09/10 de novembro de 1969.
241. O Festival - publicada em 11 de novembro de 1969.
242. O Concerto Número Um, para Balde, Elefante e Orquestra - publicada em 12 de novembro de 1969.
243. Alô Buenos Aires! - publicada em 13 de novembro de 1969.
244. O Kahn, o Can-can - publicada em 14 de novembro de 1969.
245. A Natureza é Chata - publicada em 15 de novembro de 1969.
246. O Cavisat - publicada em 18 de novembro de 1969.
247. O Torneio de Aleluia - publicada em 19 de novembro de 1969.
248. Estou Passando Mal dos Nunos - publicada em 20 de novembro de 1969.
249. O Lixo é Nosso - publicada em 21 de novembro de 1969.
250. Cuidados com Eles - publicada em 22 de novembro de 1969.
251. Mangia, Mangia, Che Ti Fa Bene - publicada em 23/24 de novembro de 1969.
252. O Bode da Pituba - publicada em 25 de novembro de 1969.
253. O Anjo da Geral - publicada em 26 de novembro de 1969.
254. Olhando os Lírios do Campo - publicada em 27 de novembro de 1969.
255. Um microbiozinho Não Faz Mal a Ninguém - publicada em 28 de novembro de 1969.
256. Os Grandes Inventores I - publicada em 29 de novembro de 1969.
257. O Ovo - publicada em 30 de novembro/1º de dezembro de 1969.
258. A Arte - publicada em 04 de dezembro de 1969.
259. Sentadinho Lá - publicada em 05 de dezembro de 1969.
260. As Festas Populares - publicada em 06 de dezembro de 1969.
261. Os Grandes Inventores II - publicada em 07/08 de dezembro de 1969.
262. Os Grandes Inventores III - publicada em 13 de dezembro de 1969.
263. Jingle Bells - publicada em 14/15 de dezembro de 1969.
264. Vamos Partir para O Schmuk Luminoso - publicada em 16 de dezembro de 1969.
265. A Economia para Frente (ou para baixo) - publicada em 17 de dezembro de 1969.
266. Abaixo, Paulo Afonso - publicada em 18 de dezembro de 1969.
267. Previsões para 1970 - publicada em 21/22 de dezembro de 1969.
268. Os Grandes Inventores IV (*Ludovic Chatus ad Galocham, inventor do cinto de castidade*) - publicada em 23 de dezembro de 1969.

269. Uma História de Natal - publicada em 24 de dezembro de 1969.
270. HO-HO-HO! - publicada em 25 de dezembro de 1969.
271. Os Grandes Inventores V - publicada em 28/29 de dezembro de 1969.
272. Novas Previsões para 1970 - publicada em 30 de dezembro de 1969.
273. Os Mais de 69 - publicada em 31 de dezembro de 1969.
274. Há uma aljava em seu favor - publicada em 1º de janeiro de 1970.
275. A retrospectiva - publicada em 03 de janeiro de 1970.
276. Vocês vão ver - publicada em 04/05 de janeiro de 1970.
277. A Fossa - publicada em 06 de janeiro de 1970.
278. Como Estamos de Vestibular - publicada em 07 de janeiro de 1970.
279. A Economia Abundante - publicada em 08 de janeiro de 1970.
280. Ai minha Barriga! - publicada em 09 de janeiro de 1970.
281. Cada dia uma Guerrinha Melhor - publicada em 10 de janeiro de 1970.
282. Um Domingo na Pituba - publicada em 13 de janeiro de 1970.
283. Ah, A Alegre Estação Turística - publicada em 14 de janeiro de 1970.
284. O Papo das Letrinhas - publicada em 15 de janeiro de 1970.
285. Reformas a Prazo - publicada em 16 de janeiro de 1970.
286. Um Banho de Zunzo - publicada em 17 de janeiro de 1970.
287. Os Nossos Amiguinhos da Floresta - publicada em 20 de janeiro de 1970.
288. Fantasias, Fantasias - publicada em 21 de janeiro de 1970.
289. Os Mil do Vitória - publicada em 22 de janeiro de 1970.
290. A Alegria de Estudar - publicada em 23 de janeiro de 1970.
291. Aurora Boreal - publicada em 24 de janeiro de 1970.
292. O Caso do Rato Maconhado - publicada em 27 de janeiro de 1970.
293. O Dia da Computação - publicada em 29 de janeiro de 1970.
294. Um Charolês Burguês - publicada em 30 de janeiro de 1970.
295. Viva a Diferença - publicada em 31 de janeiro de 1970.
296. Um Encontro com a Glória - publicada em 03 de fevereiro de 1970.
297. Uns Casos - publicada em 04 de fevereiro de 1970.
298. Vem aí a Convenção - publicada em 05 de fevereiro de 1970.
299. Alfa-Cenoura Está entre Nós! - publicada em 06 de fevereiro de 1970.
300. Os Extraordinários Acontecimentos - publicada em 12 de fevereiro de 1970.
301. Uma Agarração Batava - publicada em 13 de fevereiro de 1970.
302. O Caso dos Brocosomas Poliédricos - publicada em 14 de fevereiro de 1970.
303. A Pauta de Exportações - publicada em 15/16 de fevereiro de 1970.
304. As Inimigas da Pátria - publicada em 17 de fevereiro de 1970.
305. Abaixo a Opressão - publicada em 18 de fevereiro de 1970.
306. Eu Sou Uma Nulidade - publicada em 19 de fevereiro de 1970.
307. A Cheirofrenia - publicada em 20 de fevereiro de 1970.
308. Corta, corta! - publicada em 21 de fevereiro de 1970.
309. A Pioria dos Serviços - publicada em 24 de fevereiro de 1970.
310. A Estranha - publicada em 25 de fevereiro de 1970.
311. A Defesa da Moralidade - publicada em 26 de fevereiro de 1970.
312. O Venusiano - publicada em 27 de fevereiro de 1970.
313. A Ameaça do Garraão - publicada em 28 de fevereiro de 1970.
314. O Off-set - publicada em 01/02 de março de 1970.
315. Almoço no ar - publicada em 03 de março de 1970.
316. Emilinha, minha filhinha queridinha do coração - publicada em 04 de março de 1970.
317. Fui Rebaixado - publicada em 05 de março de 1970.

318. Governar é Exportar Minhocas - publicada em 06 de março de 1970.
319. O problema da ferrugem - publicada em 07 de março de 1970.
320. Em defesa do bidé I - publicada em 10 de março de 1970.
321. Em defesa do Bidé II - publicada em 11 de março de 1970.
322. Os clássicos são vermelhos - publicada em 13 de março de 1970.
323. Cuidado com a conscientização - publicada em 14 de março de 1970.
324. A telefone Bagunçados S.A. - publicada em 15 de março de 1970.
325. O filé de Jegue - publicada em 15 de março de 1970.
326. A Salvação do Laos - publicada em 19 de março de 1970.
327. O Relatório da Garrafão (I) - publicada em 20 de março de 1970.
328. O Garrafão (II) - publicada em 22/23 de março de 1970.
329. O Garrafão (III) - publicada em 24 de março de 1970.
330. Evolução Predagógica - publicada em 25 de março de 1970.
331. A Auto-Graduação - publicada em 26 de março de 1970.
332. O Testamento de Judas - publicada em 29/30 de março de 1970.
333. As Novidades Pitubanas - publicada em 31 de março de 1970.
334. A Civilização - publicada em 1º de abril de 1970.
335. A Semana da Alimentação - publicada em 02 de abril de 1970.
336. O Dia em que Minha Prima Mercês foi Hipnotizada I - publicada em 03 de abril de 1970.
337. O Dia em que Minha Prima Mercês foi Hipnotizada II - publicada em 04 de abril de 1970.
338. O Caso da Fera de São Francisco - publicada em 05/06 de abril de 1970.
339. A fossa - publicada em 09 de abril de 1970.
340. A plataforma - publicada em 10 de abril de 1970.
341. Efêmerides do dia de Hoje. O 11 de abril na História - publicada em 11 de abril de 1970.
342. Os Estados Arqueológicos - publicada em 12/13 de abril de 1970.
343. Um Domingo de Emoções - publicada em 14 de abril de 1970.
344. O Triste Caso da Lactite Emasculante - publicada em 15 de abril de 1970.
345. Os Riscadores de Listas Brancas em Sapatos Pretos - publicada em 16 de abril de 1970.
346. Ortega and Gasset, Lope of the Vega and Fred G. Lorca - publicada em 17 de abril de 1970.
347. O Boi Fechado - publicada em 18 de abril de 1970.
348. O Sequestro - publicada em 19/20 de abril de 1970.
349. A verdadeira História de Mirebeau e o L-Dopa - publicada em 21 de abril de 1970.
350. A Errática ataca Novamente - publicada em 23 de abril de 1970.
351. Notícias de São Paulo - publicada em 24 de abril de 1970.
352. Levantem as Saias! - publicada em 25 de abril de 1970.
353. Levanta daí que dá câncer - publicada em 26/27 de abril de 1970.
354. A Granfinagem - publicada em 28 de abril de 1970.
355. Sonola Cassinha de Música no Céu INCOMPLETO - publicada em 29 de abril de 1970.
356. A ortographia - publicada em 30 de abril de 1970.
357. O Elo de Ligação - publicada em 1º de maio de 1970.
358. Brinquedos Educativos - publicada em 03/04 de maio de 1970.
359. Novidades da Pituba - publicada em 05 de maio de 1970.
360. Revistinha de Mulher Nua - I - publicada em 06 de maio de 1970.

361. Revistinha de Mulher Nua – II - publicada em 07 de maio de 1970.
362. As Muriçocas Inexistentes - publicada em 08 de maio de 1970.
363. Anauê - publicada em 09 de maio de 1970.
364. Mamãe - publicada em 10/11 de maio de 1970.
365. O Meu Aniversário - publicada em 12 de maio de 1970.
366. Vitória Total - publicada em 13 de maio de 1970.
367. O Mis-em-Plis - publicada em 14 de maio de 1970.
368. O Alto Nível das Narrações - publicada em 15 de maio de 1970.
369. Escreva Moderninho - publicada em 16 de maio de 1970.
370. O Cântico dos Cânticos - publicada em 16/17 de maio de 1970.
371. Como enfrentar o Custo de Vida - publicada em 19 de maio de 1970.
372. Aquilo - publicada em 20 de maio de 1970.
373. O Filme de Cobói - publicada em 21 de maio de 1970.
374. O Filme de Guerra - publicada em 22 de maio de 1970.
375. O Bochechol - publicada em 23 de maio de 1970.
376. A Documentação - publicada em 24/25 de maio de 1970.
377. Entretenimento e Cultura - publicada em 26 de maio de 1970.
378. O expediente lá de Cima - publicada em 27 de maio de 1970.
379. O Cobiçado Cetro - publicada em 28 de maio de 1970.
380. A correspondência do México - publicada em 30 de maio de 1970.
381. Como Ganhar a Copa - publicada em 31 de maio/1º de junho de 1970.
382. Como Ganhar a Copa - publicada em 31 de junho/ 1º de julho de 1970.
383. José da Silva, Estruturalista - publicada em 02 de julho de 1970.
384. Para ganhar, é preciso trabalhar - publicada em 03 de julho de 1970.
385. Se a gente não ganhar, a gente perde - publicada em 04 de julho de 1970.
386. Ah, meu Santo Antonio - publicada em 05 de julho de 1970.
387. Como Foi - publicada em 06 de julho de 1970.
388. É Hoje! - publicada em 07/08 de julho de 1970.
389. Anátema, anátema - publicada em 10 de julho de 1970.
390. A volta do neuro –vegetativo - publicada em 11 de julho de 1970.
391. Entretenimento e Cultura(Inter) - publicada em 12 de julho de 1970.
392. Série “Grandes Momentos do Nosso Esporte” I- O dia em que eu joguei contra o Oriente - publicada em 13 de julho de 1970.
393. Série “Grandes Momentos do Nosso Esporte” I- O dia de Dr. Pascásio - publicada em 14/15 de julho de 1970.
394. Série “Grandes Momentos do Nosso Esporte” I- O dia em que dei uma dedada no goleiro da baixa - publicada em 16 de julho de 1970.
395. O comentário - publicada em 17 de julho de 1970.
396. A Programação da População - publicada em 18 de julho de 1970.
397. A platéia - publicada em 19 de julho de 1970.
398. Série “Grandes Momentos do Nosso Esporte” I- O dia em que nosso goleiro era falso ao corpo” - publicada em 20 de julho de 1970.
399. A taça é nossa - publicada em 21/22 de julho de 1970.
400. As comemorações - publicada em 26 de julho de 1970.
401. A emancipação - publicada em 27 de julho de 1970.
402. As máximas de Galileu - publicada em 28/29 de julho de 1970.
403. O Papo das Letrinhas II - publicada em 30 de junho de 1970.
404. O Rei das Mulheres - publicada em 1º de julho de 1970.
405. Novidades da Pituba - publicada em 02 de julho de 1970.
406. O Filme Histórico Italiano - publicada em 04 de julho de 1970.

407. O Filme Mexicano - publicada em 05/06 de julho de 1970.
408. Salve o Arenão - publicada em 07 de julho de 1970.
409. Como ser um intelectual (I) - publicada em 08 de julho de 1970.
410. Como ser um intelectual (II) - publicada em 09 de julho de 1970.
411. Como ser um intelectual (III) - publicada em 10 de julho de 1970.
412. Como ser um intelectual (IV) - publicada em 11 de julho de 1970.
413. Presentinhos - publicada em 12/13 de julho de 1970.
414. Está muito fraca hoje - publicada em 14 de julho de 1970.
415. Meu amigo que é maníaco - publicada em 15 de julho de 1970.
416. Bem que eu podia ser misso - publicada em 16 de julho de 1970.
417. A tradicional hospitalidade baiana - publicada em 17 de julho de 1970.
418. Piauí-Peng, Paraíba-Sahn, Bahia-Lay - publicada em 18 de julho de 1970.
419. O roteiro da semana - publicada em 19/20 de julho de 1970.
420. Incrível, porém verdadeiro - publicada em 21 de julho de 1970.
421. A paquera - publicada em 22 de julho de 1970.
422. O supremo incisivo - publicada em 23 de julho de 1970.
423. O aproveitamento da midi e da maxi - publicada em 24 de julho de 1970.
424. Pau na crioulada - publicada em 25 de julho de 1970.
425. A balança de pagamento - publicada em 28 de julho de 1970.
426. A mais nova profissão - publicada em 29 de julho de 1970.
427. O caso do cachorro chocado - publicada em 30 de julho de 1970.
428. Itaparica não precisa! - publicada em 31 de julho de 1970.
429. Não há mais respeito - publicada em 02/03 de agosto de 1970.
430. Les Pensées - publicada em 04 de agosto de 1970.
431. A Era do Zangão - publicada em 05 de agosto de 1970.
432. A Solução Para a Crise do Futebol Baiano - publicada em 06 de agosto de 1970.
433. Ela é Ele - publicada em 07 de agosto de 1970.
434. Tenebra et Tremeliquem - publicada em 11 de agosto de 1970.

Parágrafo único. — A garantia de quais quer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado, de qualquer forma, bem como ser cotado, no todo ou em parte.

Parágrafo único. — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.



ANEXO 2

CRÔNICAS CITADAS NOS CAPÍTULOS 01 E 02

CRÔNICA CITADA NO CAPÍTULO 01

NADA COMO A COEXISTÊNCIA

(Publicada no Jornal da Bahia em 15 de abril de 1969)

Num excepcional furo de reportagem, esta denodada coluna consegue apresentar hoje, na íntegra, o texto do tratado de cooperação para a exploração pacífica da energia atômica, que devera ser assinado em breve pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

Art. 1 – Os signatários comprometem-se a usar a energia atômica exclusivamente para fins pacíficos.

Parágrafo único – Jogar bomba atômica em Chinês é considerado um fim pacífico.

Art. 2 – Não estão incluídos, neste Tratado, a produção, armazenamento e, aperfeiçoamento de bombas e artefatos bélicos nucleares, que poderão prosseguir como sempre, contanto que sejam sossegados e pacíficos.

Art. 3 – É terminantemente proibida a explosão de qualquer engenho nuclear, sob quaisquer condições.

Parágrafo único – Excetuam-se do disposto acima as explosões caracterizadas por um ou mais dos seguintes aspectos:

I – Engano de boa fé.

II – Combinação através de telefone vermelho.

III – Testes dentro do limite da razoabilidade, compreendendo estes os que não causarem uma precipitação radioativa na atmosfera capaz de prejudicar seriamente a saúde de mais de 200.000 pessoas, ou 2.000.000 de animais.

IV – Força maior.

V – Manutenção da integridade ideológica do ocidente ou do Oriente, conforme o caso.

Art. 4 – Para os efeitos deste Tratado, o mundo fica dividido em dois setores distintos, cada um sob a responsabilidade de um dos signatários.

Parágrafo primeiro – A matrícula de qualquer um dos blocos poderá ser feita pelos países interessados mediante apresentação de requerimento à repartição competente, instruído por certidão de independência, atestado de idoneidade moral fornecido pela UNESCO, folha corrida e 3 mapas aerofotogramétricos completos tamanho 3x4.

Parágrafo segundo – qualquer país que se oponha a divisão estabelecida acima será considerado Inimigo da Paz e da Civilização, devendo ser imediatamente sumária.

Parágrafo terceiro – A divisão a ser estabelecida será feita através de regulamento baixado conjuntamente pelos governos signatários após o que cada país dividido deveria enquadrar-se no prazo de 30 dias.

Art. 5 – Para a execução do Tratado, será instituída uma comissão Permanente, que assegure representação a todos os interessados. Participarão da comissão 5 representantes dos Estados Unidos, bem como um observador dos países divididos, sem direito a voto.

Art. 6 – Das decisões da comissão caberá recurso a Deus ou ao fantasma de Karl Marx os quais, não se manifestando em três dias, através de documento dos próprios punhos, em dez vias e com firma reconhecida, terão negado provimento ao recurso de forma tácita.

Art. 7 — Os países divididos serão auxiliados nas pesquisas atômicas pacíficas que desejarem fazer, através da concessão de empréstimos ou da venda de material. Qualquer patente, entretanto, será de propriedade do protetor do bloco a que pertencer o país em questões, como pagamento parcial dos empréstimos e do material.

Art. 8 — Os casos omissos serão resolvidos pela comissão Permanente.

PELA PAZ NA TERRA.

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta forma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específicada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado rumo: um milhão de caprinos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de estímulo para a maioria deles. A imprensa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter o resultado. Não fosse um erro infantil dos assaltantes, que por mais insensíveis que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguiria descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, bato e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.824,22 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



CRÔNICAS CITADAS NO CAPÍTULO 02

PAZ NA TERRA

(Publicada no Jornal da Bahia em 01 de fevereiro de 1969)

O homem sempre revelou uma infinita compreensão para com o seu semelhante, e disso temos exemplos em toda história da humanidade. Gaius Tranquillus, por exemplo, já contou da inata simpatia de Átila e dos feitos caridosos de Calígula, que nos fazem cada vez mais acreditar na bondade humana. Todo mundo se lembra daquelas fotos que saíram em um número passado de uma revista semanal, mostrando a execução de alguns cidadãos de um país árabe distante. Comovia a eficiência da operação, o ar compreensivo do carrasco, o aspecto solícito da multidão de espectadores.

Isso tudo me ocorre a propósito dos recentes enforcamentos no Iraque, que, inclusive, foram televisionados para uma interessada população. Devem ter sido enforcamentos de alta precisão, realizados dentro da mais perfeita técnica. Lembra, inclusive, a punição para ladrões que havia na Índia, há relativamente pouco tempo. Consistia no seguinte método imaginoso e humanitário: pegava-se o paciente, desnudava-se o paciente e colocava-se o paciente diante de uma entusiástica platéia, reunida especialmente para esse fim. Em seguida, mandava-se buscar uma vara de bambu, afiada a fimo, e fincava-se a referida vara (a essa altura, resistente como aço, mas bastante flexível) no chão. Finalmente, vinha o momento culminante da função: sentava-se o paciente na vara e esperava-se, entre aplausos e olhares curiosos, que a impalação surtisse seus efeitos.

Ora – dir-se-á isso são hábitos bárbaros, que não mais estão em prática. É claro, é claro. Antigamente, como no tempo de Henrique VIII, os condenados ainda tinham de fazer comentários elogiosos ao rei, senão a coisa piorava. Ana Bolena fez Isso: “Vou ser decapitada a machado, mas um príncipe mais nobre e generoso do que Henrique nunca houve...” Hoje em dia, também, não se executam meninos e rapazinhos, como ocorria na própria Inglaterra. A não ser nos documentários de Giacomo Jacoperti, o qual, segundo consta, dá dinheiro aos carrascos a fim de que eles esperem o momento de melhor incidência de sol, colaborem na escolha de ângulos de filmagem etc. Entretanto, não é tão verdade assim que esses atos não estejam mais em prática. Nos Estados Unidos, a tendência é a abolição da pena de morte, mas, mesmo assim, ainda existe a força, a cadeira de gás e a cadeira elétrica. O último desses três métodos é o mais moderninho, como todo mundo sabe. Exige apenas alguns preparativos de menor importância. Raspa-se a cabeça do condenado e usa-se um pouquinho de água salgada nos locais do corpo em que serão aplicados os elétrodos: têmporas, pés, punhos, etc. Isso para facilitar a condução da corrente elétrica e para não haver demoras inconvenientes, muito desagradáveis para todos. Em redor, há algumas testemunhas especialmente convidadas. Todas são aconselhadas a colocar um lenço no nariz, a fim de não se molestarem com o acentuado cheiro de carne queimada que invade o recinto. Depois de alguns instantes, a justiça está feita e todos vão em paz para casa.

Já o enforcamento envolve um alcapão. Em alguns casos, porque o condenado é excessivamente leve, torna-se necessário que o carrasco o abrace, a fim de que se dê o fraturamento da coluna vertebral da maneira mais cientificamente aconselhável. No caso da câmara de gás, caem umas cápsulas dentro de um recipiente cheio de ácido, sob a cadeira do executado, com a conseqüente formação de um gás venenoso. Os únicos inconvenientes para as testemunhas, no caso, são que o condenado entra em feias contorsões, que são de muito mau gosto, e as janelas para a observação do ato são extremamente reduzidas, dificultando uma visão perfeita por parte dos interessados.

Outro dia, numa carta a um semanário um ilustrado missivista pediu a pena de morte para o Brasil. Sinto-me bem quando vejo um camarada tão progressista assim.

O AVIÃO DE HITLER

(Publicada no Jornal da Bahia em 15 de fevereiro de 1969)

John Kennedy disse uma vez que a vitória tinha muitos pais, mas a derrota era órfã. Isso é verdade, como sabe qualquer pessoa que tenha pertencido ao quadro de um time de futebol. Quando a gente ganha, todo mundo jogou bem. Quando a gente perde, só a gente jogou mal. Lembro-me disso por causa da lista organizada por uma revista americana, dos livros mais finos que poderiam ser escritos. Entre eles está um com o seguinte título: “Alemães que Reconhecem. Terem colaborado com Hitler”. Não que eu tenha raiva dos alemães, que isso é burrice. Mas que, se o cabo da Baviera tivesse ganhado a guerra, o livro engrossava, lá isso era. Agora saiu um selo, na Alemanha Ocidental, comemorando o 50º aniversário do correio aéreo alemão, cuja estampa representa o avião em que Hitler percorria o país. Todo mundo diz que não se lembrou do que representava o tal avião. O mal é esse. Ninguém se lembra.

Não sei se vocês já repararam como os filmes americanos deram para apresentar uma porção de nazistas bonzinhos. Antigamente, os nazistas eram todos péssimos, de monóculo, risadinha sádica, chicote na mão e condecorados por terem denunciado as próprias mães à Gestapo. Agora não. Um tem problemas freudianos e bombardeia Londres porque vê em Churchill a figura paterna, que deseja inconscientemente destruir. Mas faz isso com lágrimas nos olhos e grandes tiradas filosóficas sobre O Sentido da Vida. A inutilidade da Existência e O Conflito Entre O Ser e O Dever Ser (Sin e Sollen). Outro executava judeus em Treblinka porque não tinha do que viver e o salário da SS era melhor do que nada, a fim de que ele pudesse sustentar a mãe doente e o pai alcoólatra, além de 26 irmãozinhos desamparados. Finalmente, o comandante de um submarino, desses que torpedeavam navios de passageiros, diz algumas frases célebres, no momento em que acaba de dar a ordem de disparo. “Sabe, tudo isso me deixa deprimido”, explica, dando um último olhar pelo periscópio e pedindo sua dose terapêutica de “schnapps”. Ou, então, contempla o horizonte e pergunta: “Por que, por que, por quê. Ou, ainda, olha com desprezo o marinheiro que comemora o êxito do torpedeamento, empurra-o para o lado e diz, mordendo os lábios: “Cale a boca, você não sabe o que está fazendo”.

Todo mundo que tem mais de 30 anos se lembra de alguma coisa. Outros andaram lendo “Ascensão e Queda do Terceiro Reich”, ou algo do gênero. Mas os jovens, esses não se lembram e, para eles, Hitler qualquer coisa assim como Napoleão, que viveu num ano aí qualquer, fazendo uma guerra aí qualquer, vencida no devido tempo pelo Capitão América, Tocha Humana e Centelha, além do Capitão Marvel, cuja colaboração foi decisiva. Depois que a Alemanha livrou-se Reichstag para ficar no Bundestag, na sua atual condição de Bundesrepublik regida pelo Bundesrat, as coisas mudaram radicalmente, ao ponto de ninguém ter achado nada demais comemorar-se o aniversário do correio aéreo como uma estampa do avião de Hitler. A república de Weimar deixou uma das constituições mais avançadas de nosso tempo. E deixou mais uma melancólica memória. Não que a Bundesrepublik esteja no mesmo caminho. O problema é que a amnésia de muita gente faz com que as coisas apareçam mais remotas do que são, mais distantes do que devia ficar menos pertinentes a nosso tempo do que, na realidade, são por que um selo com o avião com o avião de Hitler lembra muito mais a Luftwaffe do que a Lufthansa.

UM ENCONTRO COM A GLÓRIA

(Publicada em 02 de fevereiro de 1970)

Ontem eu estive com Raimundo Reis. Quando eu cheguei o grande homem estava sentado à sua mesa particular, no Departamento de Publicidade do JORNAL DA BAHIA, revendo algumas faturas.

- Desculpe-me, enquanto eu concluo o meu cotidiano burocrático – disse-me êle, atenciosamente. O Governo insiste em fazer perdurar esta situação: obrigam um gênio a trabalhar.

- De fato – disse eu. – É um absurdo.

- Temos que fingir que essas coisas não existem – explicou êle – Na realidade, tenho horror a êsse povo. Sceleratíssimas, como dizia o velho Sêneca. Só pensam em dinheiro.

Sentei-me então, esperando que ele terminasse as instruções que dirigia ao pessoal do Departamento. Algumas horas antes, êle me havia mandado um recado, dizendo que queria falar comigo. Depois de alguns momentos, terminou a desagradável tarefa, recebeu com desprezo um cheque de 28 000 cruzeiros novos e excusou-se novamente: tinha que dar um parecer a uma companhia americana, a respeito de altas questões mercadológicas. Os representantes da companhia esperavam-no pressurosamente, na Sala de Pensar que a direção do jornal reserva o grande homem.

- Você pode assistir a meu parecer – disse-me ele, com magnanimidade. – Talvez aprenda alguma coisa.

Na Sala de Pensar, os americanos se revelavam justificadamente preocupados. Raimundo cobra quinhentos dólares por palavra e estava muito sociável na ocasião, de forma que, antes de iniciar um parecer, decidi contar uma piada explicar a última fase da pintura de Degas e reproduzir em seu discurso diante da Academia de Ciências da Suécia. A cada palavra, os americanos estremeçam, porque a secretária de Raimundo tomava notas de tudo, inclusive de cigarros e risadinhas.

- Por favor, Mr. Reis – disse finalmente u deles. – Nós já estar devendo 345 mil dólares e nada de parecer, ainda.

- Que mesquinha – exclamou o grande homem. – Eu só querendo se gentil. Mas se é assim...

E deu seu parecer. Entusiasmados os americanos pagaram 819 000 dólares (entregaram o cheque à Secretaria, porque Raimundo se recusa a tocar em dinheiro ou coisa semelhante) e foram embora.

- Acabei de sedimentar o capitalismo nos trópicos – explicou-me o grande homem.

- Não sei se agi bem. Enfim, já dizia o poeta: Whether we write or speak or do but look, we are ever unapparent. What we are cannot be transfused into word or book.

De volta à sua mesa, tirou uma garrafa de Chivas e pôs duas doses:

- Este uísque é um tanto debochado – disse, com algum desgosto. – Na Escócia mesmo o uísque tem um sabor completamente diferente. Eu sempre disse: uísque não viaja bem. Enfim, tem-se que morar aqui, não é mesmo?

Por alguns instantes, fêz-se silêncio na sala. Ouvia-se apenas a suave música saída do equipamento. Ampex feito de encomenda para o grande homem e o leve ruído de uma das secretárias fazendo strip-tease para o seu ligeiramente entediado patrão.

- A Sally é ótima – falou ele, apontando a secretária, que acabava de remover a saia ao som de Saint Louis Blues tocado por King Oliver – Mas, às vezes. Fico em dúvida sobre se ela gosta de mim mesmo ou de meu dinheiro. Chega a ser inquietante.

Depois de algum tempo perguntei-lhe por que não havia chamado à sua presença.

- Queria oferecer-lhe um emprego na Raimundo Reis Foundation — explicou ele — É um mecenato que eu estou estabelecendo para intelectuais pobres. Mas, por enquanto só posso pagar-lhe cinco milhões por meio turno. Os outros beneficiários dão muita despesa.

- Quem não os outros beneficiários?

- Jorge Amado e Caribé. Está custando uma fortuna financeira o trabalho desses dois meninos.

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode, por carreta;
- e — tratamento psicológico dos bodes, que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil hectares.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e outra, foi assaltado

As facilidades foram muitas e veio o inesperado rumo: um milhão de cruzeiros antigos. Foi assim que, em 1964, a polícia paulista pôde que, antes, tinha sido como São Paulo, nome de grande movimento e durante o dia, foram feitas uma quadrilha das um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter o caso. Não houve um grão infante dos assaltantes, que por mais incrível que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. Se fosse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, mas acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou à tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1966. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificadas duas assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um turno de 10 dias, abertos numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.833,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A CARNE: UMA ANÁLISE CIENTÍFICA (Publicada em: 22 de abril de 1969)

O aumento do preço da carne é devido, a problemas macroeconômicos da maior gravidade. Segundo o modelo clássico, podemos tomar a procura como um fator de relativa elasticidade, que simbolizaremos pela letra P por seu turno a oferta poderá ser designada pela letra I, em homenagem a Itapetinga. Temos, por conseguinte, uma relação dinâmica entre P e I. Sabemos, entretanto, nem só de oferta e procura vive a economia, principalmente um de seus aspectos mais complexos, como é o abastecimento de gêneros de primeira necessidade. Por exemplo, nenhum estudo sobre o assunto estaria completo, sem que se estudasse o problema do preço do boi em pé, o qual –ninguém ignora – custa bastante mais do que o boi em decúbito dorsal ou mesmo em decúbito ventral. As razões para isso são bastante complexas, razão por que não cabe aqui dissecá-las. Basta que se saiba que o boi, principalmente em Itapetinga, recusa-se terminantemente a deitar-se ou ao menos, sentar-se, causando grandes transtornos ao abastecimento e dores de cabeça a SUNAB, sem necessidade. Aliás, o boi é o principal responsável pela calamitosa situação, mas não desejo fazer acusações neste momento.

Como eu ia dizendo, os fatores que interferem na fixação do preço do produto em pauta são de ordem diversa. Segundo o técnico norte-americano Swift MeatLoaf, devemos ainda colocar na equação o Consumo, que simbolizaremos pela letra C. tratando-se de boi, que, para ser comido, precisa, antes se devidamente trucidado, adicionaremos o Abate (A). No nosso caso, baiano é especialíssimo, juntemos logo a Retração (R) do comprador, face à embananação (perdão, devemos dizer “desequilíbrio funcional”: emenda aí, Nivaldo) dos preços provocados pela interação dos primeiros quatro fatores. Ora, meus caros amigos, teremos assim todos os elementos para avaliar a situação? Absolutamente. MeatLoaf – que, como americano é muito eficiente, um povo superior, não sabe o senhor – adverte que não devemos para por aí. Há que considerar, em função da retração, o Excedente da produção que inevitavelmente se formará (E). Tal excedente é devido ao fato de que limpo, liso, leso e louco, o consumidor deixará de comprar tanto quanto comprava, fazendo com que os produtos não vendam tanto quanto antigamente. Acresça-se a isso, como componente da fixação do preço do produto a Tributação (T) que incide tanto sobre o boi em pé, quanto sobre os sentado ou deitado, no momento em que este é comercializado. Como se sabe, o Governo, malvado, tributa os bois que os abatedores produtores vendem. É verdade que os tributos são transferidos para o consumidor, mas, de qualquer modo, os produtores ficam muito ofendidos com a Tributação porque fica parecendo que o Governo não gosta deles. Isso não se faz.

Bem, temos ainda que acrescentar o problema de Apascentamento (A) dos bois, que, como se sabe, come capim, necessitando ser portanto, apascentados. Como elemento seguinte, devemos incluir a Ganância (G), que, em seu sentido técnico significa a natural busca do lucro por parte do produtor e do comercializador, o chamado Motor da Nossa Economia. Isso é claro, não pode ter significação sem que sejam considerados aqueles dados que definem o grau de Elasticidade (E) da oferta e da procura, cuja importância é vidente por si mesma, para a caracterização integral do panorama estudado. Finalmente é necessário que incluamos os aspectos do Mercado (M) mais relevantes à análise da questão. Podemos, agora, deter o nosso estudo e oferecer como mais uma das contribuições desta coluna a fórmula para a compreensão do grave problema. Temos $P+ICARETAGEM$. Resume-se, assim, em termos concisos e científicos, o problema do aumento desmesurado do preço da carne na Bahia.

COMO É BOM VIAJAR

(Publicada no Jornal da Bahia em 09/ 10 de Fevereiro de 1969)

Sim, como é bom viajar para Itaparica neste ensolarado dia de domingo. Deve haver, inclusive, neste momento, alguém no navio, lendo esta crônica e pensando na sabedoria destas palavras. É verdade que os 16 rádios portáteis aí do lado atrapalham um pouco a concentração, mas isso seria até bastante suportável, se não fosse uma menininha enjoada em cima do jornal da gente. É verdade que não é culpa dela enjoar. O chato é que ela, por falta de espaço, está encarapitada por cima da nossa cabeça. Mas deixa pra lá, são desconfortos naturais para quem está planejando um domingo alegre lá na ilha. Se houvesse lugar para sentar seria um pouco melhor, porque me pé a gente cansa um pouco, principalmente levando-se em conta o fato de que as meninas que estão excursionando, em mais uma promoção do Grêmio Littero-Recreativo de Santa Rita do Passo Quatro, ficam passando de um lado para o outro, geralmente por cima do sapato da gente.

Mas essas coisas são mesmo contratempos menores. E a beleza da baía? É a alegria do pessoal que está encostado no bar, tomando sua pacata cervejinha e cantando uns sambinhas de roda? Não importa que eles tenham levado uma batucada de 16 figuras e estejam fazendo um pouquinho mais barulho do que seria de desejar. É a espontaneidade natural da juventude, e a gente mesmo Sab quanto é agradável tomar aquela cervejinha morninha, morninha, mordiscando uma coxinha de galinha somente um pouco antiga, ou um suculento pastel, jocosamente cognominado de “balofão” pelos fregueses de melhor humor.

Com alguma boa vontade, a gente consegue dar uma voltinha em torno do navio, para encostar na amurada da proa e respirar o puro ar marinho da natureza nos oferece. Da popa para a proa, a gente só leva uns quinze minutos, porque hoje, na verdade, o navio não está tão cheio como domingo passado, o recorde era 26 minutos, assim mesmo na base do empurrão desleal, o que aliás, não se faz. Lá na proa, o ar livre nos alivia um pouco da concentração de gente dentro de navio. E o cheirinho de óleo que de lá evolava estava meio enjoativo. Mas isso é culpa nossa, por não termos a fibra de um verdadeiro lobo do mar. Mas, a proa, sim, a proa. Lá só estão umas quatrocentas pessoas, de maneira que é bastante mais folgado. Olhando para cima (tomando a precaução de não segurar num cabo de ferro, o qual está untado de graxa para evitar a corrosão da maresia) podemos ver um grupo de pessoas no ultimo andar do navio, confortavelmente encostadas na amurada. Por que há tão puçá gente lá? É porque a entrada lá é proibida. Aquelas pessoas vão ali porque são amigas do comandante. É justo. Quem manda a gente não ser chapa do comandante?

Se prosseguimos o nosso passeio (pedindo desculpas a essa freirinha por lhe termos pisado o habito inadvertidamente, em virtude de havermos sido empurrados por um cidadão, que por sua vez, tentava evitar que um lindo garotinho lhe enfiasse um sorvete pela perna da bermuda a dentro), se continuarmos a nossa alegre jornada pelo navio, vamos ver que estamos garantidos contra qualquer acidente. Na popa, solido e impávido está um bote salva-vidas, que nos conduzirá para terra firme em qualquer emergência. Deve ter uns cinco metros de comprimento. De maneira que cabe todo mundo que está no navio e ainda sobra. Respiramos aliviados. Alguém é previdente e vela por nós. Aquele bote é uma garantia, todo pintadinho de branco impermeável.

E, finalmente, quando saltamos em Itaparica, todas em perfeita ordem (pulando pelos lados do navio, mas em perfeita ordem), ficamos agradecidos pelas condições de conforto e segurança que nos são oferecidas. E começamos logo a antecipar a viagem de volta. É doce morrer no mar.

SEGREDOS E REVELAÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

(Publicada em: 30 de maio de 1969)

Para começar, grandes novidades para quem lia histórias em quadrinhos na década de 40. Tocha Humana e Centelha são hoje isqueiros de um milionário texano. Tocha mal consegue inflamar o mindinho. Ciclone o homem mais rápido do mundo, aposentou-se, mas, como a pensão de herói não era grande coisa, faz bico como um garçom de um “drive-in” em Tijuana num péssimo ambiente por sinal. Homem de borracha é apagador da sala principal das datilografias de uma companhia de seguros. Vive morto de cansado.

Há quem pense em trazer de volta êsses heróis, mas o investimento em dentaduras postiças, muletas, etc. é excessivamente pesado para que alguém possa arriscar-se assim sem mais nem menos. Enquanto isso, entre os que ainda estão funcionando, uma agência americana manda notícia.

METRÓPOLIS (urgente) – Cansado de responder com evasivas às insistentes perguntas diárias dos repórteres e do público em geral, Super-Homem finalmente esclarece a todos, batendo o pé no chão com irritação:

- Não caso com Miriam Lane porque não posso! Ora, não chateiem, enjoados!

TANZANIA – Apesar de seus veementes protestos, Tarzan acaba de ser considerado pelas autoridades locais, “um perigoso agente do imperialismo branco” Além disso, o famoso herói está respondendo a inquérito como autor de ultraje público ao pudor, por andar nu em companhia de uma macaca.

NOVA IORQUE – Billy Batson rompeu hoje com sua noiva de longos anos, acusando-a de crueldade mental.

– Pouco se me dá – declarou ela à imprensa. – Ele só funcionava na base do shazam mesmo.

WICHITA – A cidade foi hoje surpreendida com um Piquet organizado por Tonto, que desfilou conduzindo um cartaz com os seguintes dizeres: “ZORRO DISCRIMINA. INDIAN POWER”.

Chamado a prestar esclarecimentos, Zorro recusou a fazer comentários, entretanto, inquirido sobre se era verdadeira a acusação de Tonto, segundo a qual o seu companheiro branco o obrigava sempre a comer na cozinha, Zorro respondeu, com visível irritação:

- E onde é que você queria que eu botasse um índio sujo para comer?

PATÓPOLIS – O Serviço de Saúde Pública prendeu hoje o Pato Donald. Ao que parece, o famoso palmípede era uma ameaça à higiene pública, por não mudar de roupa a mais de 15 anos.

PITTSBURGH – O célebre mágico Mandrake foi surpreendido hoje, ao tentar, sem êxito bater a carteira de um passageiro, no mesmo transporte coletivo em que viajava. –os tempos andam difíceis – explicou Mandrake à Polícia.

MIAMI – No segundo dia de sua lua de mel, aqui na Flórida, o marido de Mary Marvel surpreendeu a todos com a declaração de que buscaria a anulação de seu casamento. os motivos não foram revelados, mas um repórter ouviu o marido comentar em voz baixa com um amigo:

-Vá ser invulnerável assim no inferno!

UGH!

(Publicada em 04 de setembro de 1969)

Depois do nazista de filme americano, o que eu mais gosto é índio. Qualquer espécie de índio, menos os chatinhos, que são muito boas pessoas e nem morrem no fim do filme nem nada. É verdade que eles não se comparam ao nazista de monóculo, mas esses estão ficando cada vez mais raros, agora que o cinema americano deu para ficar “realista”, mostrando nazistas muito simpáticos, cheios de drama na consciência:

- Ah, que horrores! Matem essas três mil de vez, mas não me mostre, que eu não suporto! O guerra é horrível!

De maneira que eu vou ser obrigado a preferir os índios, que sempre foram muito especializados, morrem bem, fazem careta e tudo o mais. É verdade que o cinema americano falsifica um pouco as coisas, porque eu mesmo conheci vários apaches e eram todos baixotinhos, subdesenvolvidos mesmo. Nem de longe parecem com aqueles clinamultes que a gente vê na tela. Mas é possível que, na época da ocupação do Oeste americano, eles fossem maiores, tendo murchado gradativamente por serem obrigados a morar nos desertos do Arizona, onde eu os conheci e onde água é tão rara que os arizonenses organizaram excursões para levar a gente para uns rêgos de água muito mixurucos. Imaginem se lá eles tivessem a Vasco da Gama. Iam delirar.

Mas eu sei duas historinhas de índio eu gostaria de contar-lhe. A primeira aconteceu com Burro Prêto, um chefe apache que foi visitar Las Vegas e perdeu no jogo todo dinheiro que levava. Aí ele ficou bastante aborrecido e decidiu tentar ir à forra, para o que necessitava de um pouco mais de capital de giro, razão por que acendeu uma fogueirinha e começou a fazer sinas de fumaça para a tribo:

Grande Chefe Burro Prêto precisa dinheiro. Mandem dinheiro urgente.

E ficou lá, fazendo sua fumaça durante uns três dias, sem que ninguém da tribo respondesse. Ele já estava para desistir, quando o governo resolveu testar uma bomba atômica bem ali, no deserto de Nevada. Burro Prêto assistiu à explosão de um pôsto de observação e, quando subiu o cogumelo, surgiu imediatamente uma fumacinha do lado da tribo:

- Já vai, já vai, o dinheiro já vai. Não precisa gritar.

A segunda história é a Ôlho Vivo, um navajo muito mansinho, que já era scout e tudo, até com farda de cavalaria. Pois esse Ôlho Vivo estava cavalgando certa feita, quando encontrou um rancho pegando fogo: ao aproximar-se, viu uma mulher belíssima, inteiramente nua, amarrada em quatro estacas.

- Que foi que houve aí, Dona - perguntou Ôlho Vivo, ainda montado em seu cavalo.

- Ah, Ôlho Vivo, ainda bem que você apareceu. Eu já estava ficando desesperada.

Aí, Ôlho Vivo olhou bem para ela e, com uma estranha luminosidade no rosto, foi descendo do cavalo.

- É, dona - disse ele, apeando vagarosamente e indo em direção a ela, - Fique aí quietinha que parece que hoje não é o seu dia mesmo, não.

AS CARTAS DO MANOEL JOAQUIM

(Publicada no Jornal da Bahia em 29/30 de Junho de 1969).

A publicidade é o diabo. Com tanta onda que fizeram em torno da carta de Pero Vaz de Caminha esqueceram completamente as cartas de Manoel Joaquim da Madragôa, honrado marinheiro lusitano, que participou da expedição de Cabral e que também enviou suas cartinhas. Não a FI Rei evidentemente, mas a certa rapariga do Porto conhecida como Dona Isabel Vilarinho do Tombo, cujo ultimo nome talvez se devesse à sua grande popularidade entre os marinheiros da época. As cartas ficaram esquecidas durante muito tempo, mas agora depois de exaustivas pesquisas, esta coluna tem o prazer de divulgar em primeiríssima mão, trechos seletos da correspondência de obscuro navegante português, Manoel Joaquim da Madragôa, que deverão se de grande interesse para o esclarecimento de pontos controvertidos de nossa História.

“Mu dina senhora mia Dona Isabel faz tempo que já deixamos lá o porto e ca non sei aonde vamos parar por mais que dê tratos ao bestunto. Tive a impressão de que estaríamos destinados aa America, mas verificando o meu passaporte descobri que lá só estavam registradas as Índias ficam para bandas diversas daquelas a que nos vamos agora. O passadio a bordo eh dos mais paulificantes visto que non fazemos nada além de espiar com grandes cuidados o navio capitão e aonde o Senhor Dom Cabral nos faz La sinais com suas bandeirolas a fim de manter o moral da esquadra. Volta & meia escreve lá com suas bandeirolas: “Dou hum doce a quem primeiro avistar terra”. Ou então, “Benfica tudo ou nada”. Ca non me parece que sejam coisas mu dignas de leitura, mesmo que sejam apenas para levantar o moral da esquadra. Passo o resto do tempo a ouvir o marulho das ondas, mas as ondas que aqui marulham nom, marulham como lá”.

“Senhora Dona Isabel, eh como dizem os antigos: non vem de garpho que hoje o dia eh de sopa. Non sei por que cargas d’ ágoame-ti-me eu nesta expedição desmiolada. Inda mais que de vós sinto tantas saodades que já se me arrebenta phivela do cinto. Non me posso esquecer-me da vossa cara ton fremosa, ton fremosa que me abrem ca as ventas com a lembransa. A coisa vos digo, si de novo regresso aa terrinha, nunca mais me porão as mãos pra um cruzeiro deste quilate pois prefiro ficar a vender fato no mercado a ter que firo ficar a vender fato no mercado a ter que ler as bandeirolas do Senhor Dom Cabral, o qual se sente mu engenhoso e sistoso, a soletrar asnicas por riba do mastaréu. Hah poucos instantes mesmo, pendurou La a seguinte inscricsson: “Com Purtugal navegação sensacional para descobrir se doutro lado há al”. Isto La elle julgou sem duvidas sobremaneira engenhoso, porque se quedou a rir durante tanto tempo, que se vio acommetido de solussos para grande preocupasson da marujada, a que non apraz sercapitaneada aus arrancos. Si me passa aqui um transatlântico britânico, faço-me ao largo com elle & adeus oh Cabral, com Purtugal sensacional. Tenho cá os nervos em pandarecos”.

Hoje aportamos a hua terra cujo apelido ignoro, porque Ca nunca vi hua terra ton desconchavada. Entretanto, o que parece eh que o Senhor Dom Cabral da-se grandes ares com a descoberta d’ elle, pois, antes de deitar anchora soletrou lá nas bandeirolas: “Purtugal sensacional eo sou o Tal”. Após o que, dando cambalhotas de satisfação dirigiu-se AA terra em campainha d’alguns marujos & ao lado do Senhor Dom Pero Vaz, o qual também tem o porte mu empavonado & carrega na algibeira diversos materiais de escrita, sem duvidas com a finalidade de escrever toda a façanha. Houve Ca um movimento entre a marujada para que deixássemos aqui par de lunáticos na praia, entre os caranguejos com que si entendem, & seguíssemos todos para as Índias pelo

caminho crestou, mas ao que parece o movimento non podia dar certo visto que a marujada divisem as raparigas desprevenidas na praia, sem Calmon coisas ou bombachas, as quais se afiguravam de mu bom espírito e dispusessem amigue ira. Sem hum pouco paradas de compleisson & alguhas me parecem cadê cima desdentadas, mas son muy melhores que as bandeirolas do Senhor Dom Cabral, isto lá eh bem verdade. Ah Senhora Minha Dona Isabel, commo pesa cá a abstinencia”.

“ Fomos todos obrigados a descer, coisa que non fizemos com muita relutância, pois todos tinham interesse em examinar aquela raparigas de que escrevi. Non eh todos os dias que se tem semelhante ocasiona & mesmo pode-si dizer que sem ton desmiolado com mando, eh bem possível que nos despenquemos por alguns despenhadeiro abaixo, ao prosseguir viagem. O Senhor Dom Pero Vaz permanece a escrever os relatos d’elle. O Senhor Dom Cabral faz por palestrar com os residentes desta terra, no que non parece ter resultados muy bons, visto a lingoa que falam ser de pagons e non entenderem lingoa de criston. Os outros, communicasson. As moçoilas são muy risonhas e faceiras. Senhora Dona Isabel: depois eo escrevo mais”.

Art. 4 — Não haverá acrescimo na preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo unico — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplaceamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade animal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo unico, — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbigas e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de dominio não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo unico — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

As facilidades foram muitas e veio a insperado rubor; os milhões de crupios antigos, foi uma coisa que não se podia dizer que não tivesse uma certa importância.

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A “onda” de assaltos a bancos voltou em 1934. Neste ano, certos estabelecimentos foram roubados durante a dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 22.824,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A AMEAÇA BRITÂNICA

(Publicada em: 11 de julho de 1969)

Não sei se o prezado amigo leu, mas se não leu, levante-se daí e parta para a ação porque os ingleses estão ameaçando a gente outra vez. A primeira vez foi uma inglesa (que certamente, não arranhou nada, da última vez que esteve em Paris, e ficou complexada), e cuja inglesa inventou que, para fazer com que os homens deixassem a guerra, era preciso que tôdas as mulheres do mundo se recusassem a. Mesmo que os homens insistissem em. Ora, veja você. Graças, entretanto a uma veemente denúncia, aqui desta tribuna, a idéia foi abandonada. Mesmo porque, felizmente havia algumas traidoras dentro do movimento, que se recusavam terminantemente a deixar de. Contudo, a nova ameaça não é de greve o que é muito sério, porque a gente sempre poderia contar com as furonas, essas denodadas que a História aprenderá a reconhecer. Agora a ameaça vem de homens, pasme o colega. São uns... Olhe que eu digo uma hora dessa, quando a voz que ora se me embarga na garganta finalmente se liberta, mo protesto justo e na revolta santa que me anima neste momento. Tenho certeza de que Raimundo Reis, aí do outro lado, está falando em mulher. Mal sabe êle que os britânicos andam conspirando. É preciso imediata ação, em nome dos nossos mais altos ideais. Eu já falei para você se levantar daí e você ainda não se levantou, o que significaria que você merece ficar sentado aí pelo resto da vida, oh mau caráter. Porque eu lhe conto o que êsses ingleses estão bolando. Eles estão bolando substituir as mulheres por garrafões. É isso mesmo. Pode ser bom para inglês mas é péssimo para mim, em verdade lhe digo.

Mas eu digo o que os ingleses estão fazendo. São os doutores Bavister, Edwards e Steptoe, que conseguiram criar embriões humanos dentro de garrafões. Quer dizer, então tratando de dispensar aquele ritual antigo, que, desde tempos imemoriais, o pessoal vem aperfeiçoando. Já os egípcios haviam inventado. Os chineses, antes que os ocidentais jamais tivessem pensado nisso, já haviam descoberto a. Mas isso é uma digressão. o que interessa são as consequências do que os ingleses estão fazendo. A primeira delas, que me deixou imensamente chocado, foi uma revelação feita por um velho amigo meu de cujo nome “no me quero acordar” como diria o velho Cervantes, o qual me afirmou:

- Rapaz, depois dessa noticia dos ingleses, não poso ver um garrafão que não fique todo arrepiado.

Ora muito bem cavalheiro (mas ainda não se levantou daí?) imaginar que humilhação para nos, crianças da Grande Bahia ficar comentando garrafões? Que horror. em vez de Leila Diniz, um garrafão, daqueles verde que o pessoal usa para reunir donativo na porta do Cinema Guarany. Em vez de Elsa Martinelli, uma garrafa. É possível, inclusive, que os fabricantes caprichem, mas eu nunca fui de acreditar em imitações. Acho tudo isso um vexame.

Por esse razão, conclamo, neste momento solene, todos os cidadãos que não tenham sangue de barata a se unirem mim, numa campanha de significação transcendental para a humanidade. a Campanha Contra O Garrafão, eu nunca apreciei garrafões. Do contrario, num futuro breve, a gente vai ter que responder a muita pergunta embaraçosa. Como, por exemplo:

- O senhor que seu filho com gás ou sem gás?

O GARRAFÃO (III)

(Publicada no Jornal da Bahia em 24 de Março de 1970)

Salvador março de 1980

-Extratos do Diário de um Pai Engarrafador.

Terça-feira – Discuti novamente com minha mulher o problema do garrafão. Acho que não vou me dar bem com o garrafão. Insisti com ela a respeito do método tradicional, mas ela está irredutível: é garrafão ou nada. Amanhã vou procurar o médico do garrafão.

Quarta-feira – O médico do garrafão foi muito simpático. Disse que compreendia a minha timidez. Na primeira vez, todos ficam assim. Contou-me o caso de um seu cliente, que também hesitava no começo, mas hoje é o maior engarrafador que ele conhece. Fiquei animado, mas ainda não quis conhecer o meu garrafão. Acho que volto amanhã.

Sexta-feira – Hoje, criei coragem e voltei ao consultório. O medico foi muito compreensivo. Depois de umas horas conversando, concordei em ver o garrafão. Arrependi-me logo de ter hesitado: é um garrafão muito bonitinho de gargalo courrêges, cor de rosa claro. No começo – fiquei de longe, mas a mão de medico me empurrou gentilmente pelas costas. Toquei no garrafão, e confesso que me senti emocionado. Afinal de contas, era a primeira vez que tocava na mãe de meus filhos e isso não acontece todos os dias. Passei assim alguns instantes, até que o medico me perguntou:

— Está pronto?

— Não, não – disse eu, surpreendo-me com meu próprio nervosismo. – Ainda, não doutor, eu preciso de mais tempo. Não se preocupe – disse o médico – volte amanhã.

Terça-feira – Hoje, tive uma surpresa agradável. Quando cheguei, o garrafão já me esperava, com uma novidade: estava todo pintadinho de flores azuis. Uma gracinha mesmo. Desta vez aproximei-me logo e dei-lhe um piparote amistoso. Que som cristalino! Que voz! O médico continuava amistoso e compreensivo.

— Está pronto? Perguntou, como no dia anterior.

— Não sei, doutor – respondi, puxando-o para a janela. – Há uma coisa que preciso saber. É muito importante para mim. Sabe, doutor?

— Pode fala, meu caro – disse ele – Tenha confiança em mim.

Demorei um pouco, mas acabei resolvendo-me a falar.

— Doutor, diga-me uma coisa: este garrafão é— como direi? –Este garrafão já. Este garrafão é estreante?

O médico deu um leve sorriso.

— Meu amigo, eu poderia dizer-lhe que sim, mas acho que, nessas coisas, não adianta mentir. Este garrafão é um dos melhores que temos, é uma jóia de garrafão. Agora, ele realmente já teve um problema. Um caso infeliz. Sabe como é. Mas seria uma crueldade levar isso em conta, você não acha? Sai rapidamente. Era um rude golpe.

Quinta-feira – Resolvi perdoar o garrafão. Passado é passado. Não sei porque ele deva ser punido por algo de que não teve culpa. Quando cheguei, o médico nos deixou a só. Foi a vez de o garrafão ficar tímido. Ah-ah!

Terça-feira – Estive lá de novo. O médico me disse que tudo foi um sucesso, embora o garrafão esteja enjoado um pouco. Voltei para casa feliz, pois eu arranjei o melhor garrafãozinho do mundo e estou muito, muito feliz.

IMAGINAÇÃO NA EXPORTAÇÃO

(Publicada em: 12 de julho de 1969)

O Dr. Manoel do Nascimento Abreu, como sem dúvida, sabe o prezado amigo ou a distinta senhorinha (tire o dedo do nariz, não fica bem você estar lendo o jornal com o dedo no nariz), publicou um inquietante opúsculo a respeito do ôvo. Segundo o ilustre esculápio, o ôvo faz mal. faz tanto mal que pode provocar homossexualismo, veja você. Não que eu, pessoalmente, me preocupe muito com essa ultima hipótese, porque ainda está para nascer um itaparicano criado via Sergipe que seria falso ao corpo. Sabe como é. Não dá pé. Mas o que me preocupa é que eu sempre confiei no ôvo. É tão arrumadinho o ôvo todo certinho. É muito triste saber que, todo êsse tempo o ôvo tem conspirado contra nós, em suas diversas formas. O estrelado o cozido, o mexido, enfim, qualquer ôvo. A gente convive com o aprender a gostar dêle. Agora vem um cientista e diz que, se a gente comer muito ôvo, pode correr o risco de nadar aí pelas margens da vida e tal e coisa. Muito triste. Felizmente, há os defensores do ôvo, o que é consôlo. Espero que seja demonstrado, no futuro que o ôvo é ótimo, que nunca desmereceu a nossa confiança. Acho, inclusive que, em nome de nossas operosas galinhas, devia haver um movimento publicitário, para garantir o ôvo, com um slogan: “O Ôvo É Bom”.

Isso tudo vem a propósito do fato de eu andar pensando muito nos problemas que o Brasil tem, em matéria de exportação. Como se sabe, o Brasil anda na pior com alguns produtos aí, de maneira que a gente precisa diversificar. E necessário que valorizemos produtos esquecidos, a fim de que possamos fazer a Europa se curvar novamente, que tem muito tempo que ela não se curva. Por exemplo, estamos agora presenciando um comércio crescente de formigas cuiabanas, ou seja, formigas nascidas na progressista cidade de Cuiabá, Estados de Mato Grosso. As ditas formigas caracterizadas pelo seu desenvolvido espírito cívico, tem o habito de devorar outras formigas facilitando, desta forma, a prosperidade de nossa lavoura. Antes que se crie a Formigobrás, centralizando tôda a atividade em tôrno das cuiabanas e proibindo a sua exportação, devemos aproveitar e faturar em cima dos úteis insetos. Vocês se lembram de que nós já exportamos urubus para os Estados Unidos. Ou seja, urubu deve ter petróleo. Porque os americanos são um povo muito eficiente, um povo superior, não sabe o senhor, de forma que é difícil que êles houvessem importado urubus, sem que aos ditos membros da família dos Catártidas tivessem petróleo, urânio ou coisa que o valha. Vê lá se êles querem comprar uma partida de papa-capins.

Ocorre-me, por exemplo, explorar a potencialidade das bananas de Ilhéus. As bananas são plantadas como sombreamento para os pés de cacau, de forma que fica uma porção de bananas sobrando. Corta o coração ver tanta banana inútil. Nós podíamos tentar entrar no mercado de bananas, embora a United Fruit já esteja lá, com uma banana efficientíssima, que já nasce carimbada, chamada “chiouita” Mas nós dispomos de outros recursos. Já pensaram um cartaz com Pelé promovendo o consumo de bananas? A pôse dêle eu nem preciso explicar: é parecida com aquela que êle faz, dando um murro no ar, na hora do gol.

E, além das bananas, é tanta coisa para vender que eu vou te contar. Olha, a verdade é que, com uma publicidade bem feita, pode até comprar schmuk baiana. Afinal de contas, nós já estamos comprando shmuk estrangeira, há um bocado de tempo.

NÃO ME SINTO MUITO BEM

(Publicada no Jornal da Bahia em 17 de abril de 1969)

Atualmente, eu ando sentindo uns troços. Aliás, eu sempre ando sentindo uns troços. E todo troço que eu sinto parece destinado a me remover definitivamente deste vale de lágrimas. Não quero que eu seja hipocondríaco, absolutamente. É bem verdade que passei por uma fase em que só me sentia confortável tomando antibióticos. Isso se devia ao fato de que minhas tendências épico-poéticas me faziam imaginar, quando eu tomava antibióticos que havia um bravo exercito dentro de mim, combatendo furiosamente as forças do mal. Se acontecia que eu tinha um dente inclinado, por exemplo, eu praticamente ouvia o fragor da batalha em torno do local intumescido. Ora, vocês podem muito bem visualizar a sensação de desamparo que sentia, quando não estava equipado para o combate. Parecia que eu me estava tornando a vítima indefesa de uma hoste inimiga, que me reduziria a cacos instantaneamente, não fossem tomadas providências imediatas. Depois, abandonei o habito porque não gostei do tom com que um medico se pronunciou sobre o anti-biograma que me obrigou a fazer.

— Seus micróbios estão uma brasa – disse ele em tons soturnos, – Espere até inventarem um antibiótico novo, porque dos existentes eles já são íntimos. Alamardo com esse sinistro aviso, deixei os antibióticos. Mas nunca perdi a mania de ler bulas. Explico a vocês, ignorantes que, segundo uma de minhas bulas favoritas, a melhor forma de se tomar vitamina C por vias gástricas é o ascorbato de cálcio, que não provoca acidez estomacal. Posso ainda esclarecer que a megamicina é o nome comercial de uma potente mistura de tetraciclina e oleandomicina, eficaz contra micro-organismos gram-positivos e gram-negativos. Que significa gram-positivo e gram-negativo eu não sei muito bem, mas isso não tem importância porque o nome é bonito às pencas. Aposto que você mesmo, ai com este segundo caderno de jornal aberto a sua frente, esta carregado de gram-positivos e gram-negativos e nos lugares mais inconvenientes possíveis. Levianamente, nem se incomoda com isso. Ah, temerária criatura em breve estará completamente gram-positivado e talvez seja tarde para salva-lo de um caso fatal de panarício do mindinho.

É verdade que não há razão aparente para a gente se sentir doente, quando não apresenta sintoma algum de doença. Mas o problema é que contam para a gente os sintomas de doenças e a gente, numa sadia e natural reação humana, começa ligo a sentir os supraditos, com todas as características descritas. Por isso é que eu vivo sentindo uns troços, principalmente porque freqüento, numa compulsão inexplicável de que não consigo livrar-me, um grupo de médicos meio tarados, que costuma fazer ponto da rua Chile nas horas mais quietas do dia. Outro dia um deles estava descrevendo o deleitosamente um “neoplasma com uma metafísica fantástica”. Não sei que peste é isso, mas não deve ser boa coisa ou aquele alucinado não estaria falando em tom tão entusiástico.

— Foi só abrir para ver e fechar de novo, porque não tinha mais jeito – explicou ele. – Só você vendo o quadro.

— Um belo caso – disse o outro, com ar contemplativo.

Sem duvida, haveria de tratar-se de um belo caso. Sai temendo pelo meu futuro. E minha situação ainda se agrava porque sou amigo de uma figura simpática e risonha, de convívio usualmente alegre, mas que se menciona qualquer doença perto dele. Outro dia, eu estava sentindo outro dos meus troços e contei a ele, esperando uma opinião encorajadora.

— Veja você Coqueijo estou sentindo um negocio aqui, expliquei.

— Para mim é câncer – disse ele cavernosamente, sem esperar maiores esclarecimentos.

Depois eu soube que esse é seu diagnóstico padrão. Vou acabar botando nele o apelido de Carlos Biopsia. Tenho que me vingar do que ele me fez. Ainda mais agora, que contrai uma insidiosa dermafilose das mais rebarbativas. Não sei se sobreviverei.

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específicada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado roubo: um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço nos jornais, que serviu de incentivo para a maioria deles. A imprensa geral tinha um fundamento, e que ninguém podia prever que, cinco milhas como São Paulo, numa rua de grande movimento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos. Não houve um grão infantil dos assaltantes, que por mais incerto que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificadas duas assaltos num curto espaço de tempo numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



VOLTEI!

João Ubaldo Ribeiro

(Publicada em 04 de novembro de 1969)

Sim, e já o encontra aí, pressurosamente sentado no local de costume. Fique sabendo que eu não pretendia voltar hoje. Pelo contrário, ando até pior dos troços neurovegetativos, porque agora, está dando um negocio em minha perna, a qual, da mesma forma eu a pálpebra, deu para mexer-se com inteira autonomia, nos momentos mais inconvenientes, ela não mexe toda: mexe só até o ponto de fazer um colombinho muito interessante, assim perto do glazíngus, pegado ao glúteos máximos, que um músculo que a gente tem onde você está sentado. Dói as pencas. Resta o consolo de que eu provavelmente sou o orgulhoso proprietário da única perna vago-simpática da Bahia.

Sim, eu não pretendia voltar hoje, com a perna neste lamentável estado, mas fui obrigado a fazê-lo, devido a uma peculiar série de circunstâncias. Em primeiro lugar se aproveitaram de minha ausência aí e fundaram um jornal nôvo. Isso não se faz. Em segundo lugar, apareceram algumas versões a respeito de minha doença que eu prefiro, por uma questão de decôro e propriedade, não mencionar. Coqueijo deve estar envolvido nisso. Em terceiro lugar, andaram espalhando, em outros órgãos de imprensa desta progressista cidade, que eu estou ingerindo bolinhas, além de passar o resto do tempo tomando banho de assento, aqui na Bacia das Moças, na Pituba. Quer dizer, não há respeito humano, não há sentido de solidariedade. Basta a gente descer no IBOPE para lançarem as mais vis acusações. Ora, direis, tomar bolinhas. É bem verdade que eu me vi tentando fazê-lo, numa certa ocasião, esta semana, quando providenciaram uma mesa nova para eu trabalhar, aqui em casa. Quer dizer, não é exatamente uma mesa nova, é uma mesa antiga, daquelas que as mulheres acham lindas. Aí minha mesa anterior foi arquivada e eu, sentindo-me muito Gregório de Mattos vim trabalhar nesta daqui. O primeiro problema foi que era considerado indigno, na época em que a tal mesa foi erigida (é, porque, com o tamanho dela só pode ter sido erigida e não feita, simplesmente) era considerado indigno escrever a máquina, de forma que a mesa somente um ou dois ou três andares mais alta do que o Empire State Building. Visto eu já ter jogado fora minhas penas de ganso e me ter acostumado a só escrever à máquina, fiz diversas tentativas, no sentido de adaptar-me à situação: a. pus a máquina dentro de uns dos galetões, mas diversos mondrongos atrapalham o processo, impedindo lamentavelmente seu êxito; b. sentei em cima de uma almofada, mas aí minhas pernas não passavam por baixo dos mondrongos ínfero-laterais da mesa; c. virei uma gaveta de cabeça para baixo, para botar a máquina em cima do fundo da gaveta, mas a dita se recusou a cooperar. O resultado é que estou sendo obrigado a escrever em cima de um andaime, mas não há de ser nada, eu sempre gostei de viver perigosamente. O pior de tudo é que, para esta mesa daqui seja removida. Será preciso o concurso do Corpo de Bombeiros da Artilharia e Costa Motorizada e do Serviço de Dinamitamento de Pedreiras do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, ou qualquer coisa assim. Mas, apesar de tudo não tomei as bolinhas. Vou tomar é um curso de paraquedismo, que é para me garantir de uma possível queda. Isso para não falar na cadeira que acompanha a mesa, a qual é munida de possantes espigões ornamentais, certamente inspirados naquela máquina que Kafka descreve na Colônia Penal, espigões êsses cuja destinação é a perfuração lenta das costas do sentado, no caso eu.

Bem, tudo isso é apesar de tudo o que disseram e fizeram, eis-me aqui novamente, do alto desta tribuna popular defendendo os fracos e os oprimidos. Mandem presentes.

(Sem título)

(Publicada em 04 de março de 1969)

Toda profissão tem uma língua especial, que não sai, a não ser em casos excepcionais, do âmbito dos entendidos. As ciências sociais, entretanto, principalmente a Economia e a Sociologia, têm o seu jargão mais difundido porque tratam de coisas que interessam a todo mundo e que todo mundo julga entender. Por outro lado, a moda é muito inconstante, mesmo em coisas tão sérias quanto à ciência, de maneira que é freqüente, que apareça uma expressão ou palavra que passe a ser considerada de uso obrigatório em qualquer conferência, livro ou artigo. O tempo de “engajar”, por exemplo, já passou. Mas “ênfatizar” continua firme, embora com alguns sintomas de decadência. O que me preocupa é a possibilidade de essa língua especial passar a uso tão corrente que seja empregada em tôdas as circunstâncias. Imagine, por exemplo, a carta de um cientista social convicto (daqueles que, além de seu jargão, vivem atualizados com a terminologia de tôdas as outras ciências) a sua amada:

Querida,

Realmente, você teve razão, quando assumiu um comportamento claramente agressivo, até mesmo sócio-disjuntor, por ter eu expresso afetividade excessiva por aquela jovem presente à festa. Acontece que eu não estou habituado a me ver inserido em tal contexto. Não havia percebido nem mesmo a funcionalidade do sistema inclusivo, obviamente dirigido para o desvio socialmente aceito de tendências de outra forma valorativamente inaceitáveis por aquele grupo primário. Não tenho justificativas para o ocorrido, exceto aquelas derivadas dos mecanismos de defesa inerentes a minha condição situacional. Você teve toda razão, quando deixou subir de forma tão patente a taxa de adrenalina no seu sangue. Entretanto, devo enfatizar a minha convicção de que você não deve conferir ao referido incidente crítico as potencialidades destrutivas que parecem emergir, durante a nossa comunicação oral, depois da festa. Urge que a inteligência do problema seja conduzida numa perspectiva dinâmica, que incorpore as variáveis que você pareceu escamotear em sua análise inicial. É que seu instrumental crítico ressent-se de um comprometimento excessivo com sua condição de sujeito-objeto da análise, o que invalida a sua alegação de neutralidade axiológica, no caso enfocado.

Você deve lembrar-se de que desenvolvi uma fixação sadia em torno de você, que não é absolutamente ameaçada por comportamentos extemporâneos e facilmente explicáveis, em virtude, notadamente, da excessiva taxa de C_2H_5OH de que fui lamentavelmente vítima na ocasião, até com perturbação de minhas funções motoras. Lembre-se, querida, das minhas tentativas recentes de elevar os meus níveis de poupança, com a finalidade de garantir uma infra-estrutura adequada para a nossa união. Não se diga, inclusive, que ajo dessa forma gratuitamente, porque a demanda para intelectuais de meu tipo supera de longe a oferta, com a clara conseqüência de que me encontro num status de características positivas, que se manifesta através dos padrões honoríficos usuais em nossa cultura. Não deixe, pois, que essa momentânea disfunção comprometa a integridade de nossa relação.

Espero, portanto, que você reconsidere a decisão previamente formulada, a fim de que possamos, em breve, contrair matrimônio e deleitarmo-nos na deliciosa amostragem randômica de constituição de uma prole.

Do seu

Alberto, MA, PhD.

OS INVASORES

(Publicada em: 29 de abril de 1969)

Como sabe o estimado amigo, ou a gentil senhorinha que ora per-lustra esta mal traçadas, nada mais incomodativo do que muriçoca. E o que me ocorre, neste momento em que contemplo uma alentada muriçoca pitubana fazendo as evoluções preliminares ao ataque que desfechará numa questão de segundos. já tentei defender-me mas é inútil, visto que um tal inseticida “spray” de ação múltipla que eu comprei ante-ontem, parece ter a dita ação múltipla dividida em três departamentos distintos: incentivo psicológico à muriçoca, ação vitamínica para a muriçoca e estímulo ao apetite da muriçoca. Há uns dois dias, fiz uma consulta a um professor paulista – dêsses que ora nos visitam, com a finalidade de nos arrancar das trevas da ignorância – mas, êle me informou que: a) São Paulo tem sete vêzes mais muriçocas que os outros Estados do Brasil juntos; b) as muriçocas de São Paulo não podem parar, atacando em turnos, 24 horas por dia; c) se os inseticidas matassem mesmo as muriçocas, para quem é que São Paulo ia vender os inseticidas que a fábrica. Vi-me na contingência de aceitar as ponderadas observações do ilustre “Praeceptor Bahia aorum” (como agora é conhecido todo professor da Universidade de São Paulo, ou mesmo do Instituto de Alta ciência de Botucatu) reconhecendo-lhes a justeza e sapiência. Assim, não tenho a quem recorrer, restando-me meditar, em companhia do prezado amigo ou da graciosa senhorinha, sobre o destino trágico que nos espera, à mercê de muriçocas e muruins nesta bem asfaltada e civilizada Cidade de Salvador.

Esta muriçoca daqui, por exemplo, causa fundas inquietações na alma. Tratar-se-á de um *Anopheles Quadrimaculatus*? Ou quiçá de um *Anopheles Maculipennis*, que ainda é muito mais apavorante? Não ficaria tão assustado, caso soubesse ser um *Culex Farigans*, porque êsse, como o nome indica, não parece ser lá muito perigoso. Mas não tenho certeza. Esta duvida é de enlouquecer. Pior ainda, se fôr o sinistro *Aedes Aegypti*, provavelmente um terrorista árabe disposto a ir às últimas consequências. Não sei. Espero aqui que êle conclua os preparativos para um ataque. Aliás, êle não. Não um êle, e uma ela! Dêscubro este chocante fato em minhas pesquisas os machos não mordem, preferindo alimentar-se romanticamente de néctar de flores, pólen e outras sutis substâncias. a fêmeas são as que mordem. Vejam vocês. E adiciono, ainda a esta preciosa comunicação a informação de que, para muitas dessas fêmeas, o nosso sanguezinho é indispensável para que elas desfrutem das alegrias da maternidade. sem, meus caros concidadãos, sem chupar o nosso sangue, elas não podem conceber, deixando dessa maneira, de perpetuar a espécie. sabendo, como sei, que já foi mordido por milhares de muriçocas não posso deixar de pensar que sou um benemérito da espécie Mas é chato a gente saber que tem um sangue – como direi? – ginecológico, talvez? não é dos momentos mais felizes, neste vale de lágrimas, averiguar que uma vida dedicada ao trabalho acabou por nos agraciar com o título de fertilizante de muriçoca.

É deprimente. Ao encarar esta *Maculipênis* daqui, fico pensando se não seria uma boa idéia que nós todos, em nome do bem desta comunidade, tomassemos anti-conceptivos, a fim de que nossa população muriçoca diminuísse. Vamos fazer isso. A partir de hoje, iniciamos uma nova campanha cívica: Ponha Um Inove Em Sua Muriçoca!

A BARRIGA

(Publicada em: 25 de março de 1969)

A barriga é o nome vulgar dado a uma região de limites vagos, situada na parte frontal da cintura. Sua existência, na maioria dos casos, só é percebida depois de ultrapassada a adolescência. Há que ser distinguida a barriga normal, que pode acometer ambos os sexos (“ventre adiposus”), da barriga excepcional, que só ocorre nas mulheres e é devida à interferência de fatores estranhos (“ventris consequentialis o”, ainda “ventris azaratus”, conforme o caso). Este segundo tipo não interessa a êste ensaio. O primeiro tipo, sim, devido à infausta ocorrência da barriga na maioria de nós.

Existem várias categorias barrigais. A primeira, cuja etiologia é sobejamente conhecida denomina-se cientificamente de “brahma plexus”, ou, em vernáculo, “brahma peito”. Segundo alguns estudiosos, trata-se do deslocamento em massa da musculatura torácica para a região da cintura provocado pela ingestão de contumaz cerveja. Não há certeza quando a essa hipótese, mas o fato é que a cerveja tem mesmo alguma coisa a ver com o fenômeno. O “brahma plexus” tem como característica fundamental o fato de a barriga assumir aspectos semi-esféricos com um acentuado declive, que, inclusive, pode ultrapassar 60 graus. Grande parte das vítimas do “brahma plexus” não vê os próprios pés há muito tempo.

Outro tipo de barriga é a que é provocada pelo consumo indiscriminado, numa só refeição de um cardápio composto de verduras sortidas, leite gordo, carne de porco, pão com manteiga, arroz, batatas fritas, creme de leite, queijo, meia lata de goiabada e tiragostos variados. Essa condição tende a emprestar a seu possuidor um ar ligeiramente apalermado, além de sujeitá-lo a não pode levantar-se da mesa. Limita-se êle, na maioria dos casos, a olhar para cima com os olhos revirados e a originar ruídos diversos, nem sempre bem recebidos pelos circunstantes.

A barriga esferóide não é o único tipo conhecido. Existe também, por exemplo, a de escadinha, assim chamada por espriar-se graciosamente em degraus de solidez duvidosa. Alguns possuidores dêsse tipo de costumam, para consolar-se, comparar o seu estado com um mar que se desmancha em revoltas ondas. È verdade que tal barriga treme com o andar do freguês mas essa é a única semelhança.

A medicina desconhece qualquer solução para o problema da barriga que conta com milhões e milhões de sofredores em todo o mundo. Todo médico que diz haver solução, das duas umas: a) nunca teve barriga e, portanto, nunca vivenciou a gravidade da questão. b) é um barrigudo cínico. O remédio indicado por êles consiste na realização de exercícios físicos, todos de muito fácil e divertida execução. O melhor consiste em se amarrar os pés na parte superior de uma prancha inclinada numa curva aguda e levantar o tórax repetidamente, a fim de que se consiga tocar com os dedos na ponta dos pés. Com isso, a barriga pode ir embora, mas deixa duas hérnias um aneurisma na aorta, enfisema pulmonar e uma crise psicológica de difícil superação. Isso quando não mata o barrigudo, o que já tem acontecido, com a suprema e final humilhação: para o enterro, o caixão tem que ter sua parte superior ampliada, para conter a barriga. O barrigudo pode também tentar uma dieta (que costuma emagrecer tudo menos a barriga), massagens e sauna. Nada disso adianta. O melhor mesmo é integrar-se numa cada vez maior sub-espécie do “homo sapiens”: o “barrigutus conformatus”.

O RABO DE ARRAIA NOS MARES

(Publicada no Jornal da Bahia em 13/14 de abril de 1969)

Em Itaparica, ninguém duvida da palavra de Zé do Jegue, porque Zé do Jegue pode ficar magoado se alguém duvida de sua palavra e, quando Zé do Jegue fica magoado, costuma haver grande preocupação entre os circunstantes, todos receando algumas alteração desastrosa na saúde, pois Zé do Jegue é um homem de atitudes radicais que, segundo ele próprio esclarece, não tem medo nem de ferrão de arraia. Ora, sabe-se que a ferroadada da arraia é por demais reimosa e causa diversas dores no ferrado, inclusive dor de ir no banheiro, o que pode ser muito embaraçoso, já que não costuma haver banheiros em saveiros, catraias, canoas e outras embarcações empregadas pela diligente população da ilha para buscar o peixe. Aliás, um incidente acontecido com Edinho Cuiúba demonstra a procedência dos receios locais em relação a arraias – ou mesmos a niquins, que são peixes de menor monta – pois esse Edinho Cuiúba, numa expedição de pesca em companhia de Raimundo Budião, aconteceu ser ferrado por uma arraia, ficando em estado verdadeiramente lastimável, com dor de ir ao banheiro e diversas outras dores, mesmo porque é sabido em toda a ilha que Budião não é dos companheiros mais solidários num momento de infelicidade, tendo até quase abandonado Cuiúba em pleno mar, narrando, ale, de tudo, a triste ocorrência aos freqüentadores da venda de Bambano, para grande consternação de toda a família cuiúba. É verdade que Edinho Cuiúba não é exatamente o que se pode designar por um ilhéu valente, mas, mesmo assim, vê-se que o ferrão da arraia não é algo com que se possa brincar.

Era esse o assunto da conversa matinal dos cidadãos locais, no bate-papo de todos os dias, na Praça do Mercado, após a jornada de trabalho que, neste dia, havia durado de 4 da manhã às 7, muito mais do que o costumeiro, razão por que havia excepcional fadiga entre os cidadãos, naquela manhã. Estavam reunidos alguns dos melhores representantes da comunidade, entre os quais Abafa-Banca, Sete Ratos, Rigno, Revoltoso, Cabeça Reta, Bom Cabelo, Chico Cordeiro e Piroca, o qual havia acabado de pronunciar um discurso em favor de Caetano do Açougue, quando toma umas e outras, e Piroca esta sempre tomando umas e outras. O discurso de Piroca foi pronunciado entre muitos aplausos dos presentes, havendo apenas uns apartes e, quando ouve algum costuma cuspir no aparteador, de modo que, sabendo-se que nenhum itaparicano na posse de seu juízo gosta de ser cuspidado, ninguém aparteia Piroca em voz alta. Mas o aparte referiu-se ao fato de Piroca haver afirmado que o “homem daqui é Caetano”, quando, na realidade, não há feito em toda a ilha, com exceção talvez das porfias de João das Botas e Maria Felipa, que possa superar o combate mantido por Zé do jegue contra uns cações a caminho da ilha de Medo, combate este que durou toda a noite. Na realidade, Zé do Jegue pode ingressar tranquilamente no rol desses heróis, porque, ao ser encontrado pelos concidadãos, no dia seguinte ao da batalha, com um talho na barriga, passou um tempo enorme sem querer contar o que tinha acontecido, só o fazendo por insistência geral. Aconteceu que, no temporal da noite anterior, Zé do Jegue foi pegado no meio do mar, vindo da ilha do Medo, aonde havia ido pegar uns vermelhinhos e distrair as idéias. Ora – disse Zé – o temporal, lá pelas tantas, acabou por virar a canoa. Felizmente era a canoa de Paparrão e como todos sabem por aquelas paragens, canoa de Paparrão não afunda, visto que ele tem uma reza infalível para benzer as embarcações, de modo que cada canoa de paparrão não afunda mesmo. Mas Zé, ao tentar virar a canoa, viu-se acometido por uns cações martelos que andavam rondando aquela zona e teve que tomar providências rápidas, porque, se a gente não toma providências rápidas, quando está dentro da água com cações, caba virando comida de cação e qualquer um pode lhe

informar que virar comida de cação não deve ser das melhores coisas dessa vida, a julgar pelos dentes do bicho e pelo bafo que ele tem. Aliás, nenhum itaparicano gosta de ser comida de coisa alguma, mesmo que não seja um cação martelo, de maneira que Zé se viu obrigado a passar a noite inteira empregando seus conhecimentos de capoeira contra os bichos. Era fincar as mãos no casco da canoa, que ainda estava virada, e descer o rabo de arraia no nariz dos bichos. Era cação vindo e cação tomando cacetada. Às vezes, cansava um pouco, porque eram bem uns vinte cações, mas Zé, que andava muito por Maragogipe, fazia orações a São Bartolomeu, recuperava as forças e mandava o pé nos cações, Madrugadinha, os bichos desistiram, não sem um ter conseguido dar uma dentadinha nos quartos de Zé, razão pó que estava ele com aquele talho no lombo. Essa história impressionou muito a população da ilha porque não havia precedente para o caso, já que a maioria das pessoas não se sente segura batendo num cação martelo nem com um mourão de vinte oitavos, quanto mais os pés, porque cação martelo come qualquer coisa, até mesmo os pés de Zé, que Chupeta não é bobo – a atribuir aquele corte ao ataque de um dos cachorros de Zé, irritado porque seu dono não lhe dava comida há dois dias. Mas tudo isso se desfez, diante do heroísmo tranqüilo daquele homem. Porque, quando lhe perguntaram se a dentada do cação não ficou doendo, na hora ele respondeu estoicamente, olhando para o horizonte e pitando o Astoria que havia tirado da orelha:

— Não, não doía... Só quando eu dava risada.

- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplantamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode, por carreta;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade animal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes, ao virar com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil hectares.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado, de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, certos estabelecimentos foram roubados durante a dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 12.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



LÁ VAMOS NÓS

(Publicada em: 23 de julho de 1969)

Vocês devem estar pensando que eu não dei importância ao fato, mas não é nada disso, como já expliquei em outra ocasião, geralmente escrevo estas crônicas com uma semana de antecedência. É por essa razão que não quis escrever nada sobre a viagem à Lua. Fiquei com medo de que alguma coisa desse errado e, depois, o que eu escrevesse parecesse cruel ou de mau gosto. Mas acho que nada deu errado, de maneira que posso escrever para que vocês saibam como avalio devidamente a importância do momento. Não que todo mundo pense da mesma forma. Como, por exemplo, um locutor da TV Itapoã que, no domingo, explicou por que haviam interrompido a apresentação do programa de Jota Silvestre:

- Tivemos que interromper devido a dois grandes acontecimentos: o jogo Bahia e Fluminense de Feira e a chegada do homem à Lua.

Quer dizer, se o jogo fosse Bahia e vitória, em final de campeonato, era possível até que nem mencionassem a chegada do homem à Lua. Há de se haver quem concorde com isso, mas na minha modesta opinião, o Prêmio Nacional da Burrice, criado por Raimundo Magalhães Junior e a ser regulamentado por esta coluna, acaba de ganhar um forte candidato. Aliás, a competição entre as estações esteve ótima, o que me deixa muito satisfeito, porque não consigo esquecer o dia em que, quando só havia um canal, telefonei para reclamar qualquer coisa e me reapoderam:

- Mude de canal, meu chapa!

Agora não. Agora, por exemplo, enquanto, num canal, Jota Silvestre estava sentadinho em companhia de uma senhora, no outro, havia um noticiário. Aí o pessoal começou a caprichar, porque, do jeito que estava era que não podia continuar. Afinal de conta, é preciso acabar com esse negócio de dizer que, na Bahia nós somos tão mal informados que, quando o mundo acabar, nós só vamos saber cinco dias depois. Já pensaram nas providências que a gente ia ter que tomar de última hora? É preciso que reduzamos esse prazo a pelo menos dois dias, que é para dar tempo.

Mas, seriamente, eu me encontro meio sem jeito para escrever a crônica de hoje, porque tenho medo de ficar solene e pomposo. Estou realmente comovido com o que aconteceu e fiquei acordado toda a noite do domingo, esperando ouvir novidades sobre a descida. E, hoje, a verdade é essa, não me incomodo se os astronautas lá em cima são americanos, japoneses ou australianos. Eu estou muito orgulhoso de ser um homem, apesar de tudo. E nós já chegamos lá em cima.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado, de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e assim a noite, foi assaltado

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, com os seus ferimentos. Rivas, Kussner e Kussner, que estavam com o bode, foram presos e levados para o hospital. Os outros dois, que estavam com o bode, foram presos e levados para o hospital. Os outros dois, que estavam com o bode, foram presos e levados para o hospital.

Uma Kombi de propriedade deles abandonada em meio da rua, a polícia jamais conseguira desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a noite, com prejuízos de vários milhões de reais. A polícia conseguiu desmontá-la. No mesmo dia, a polícia conseguiu desmontá-la.

SE A GENTE NÃO GANHAR, A GENTE PERDE

(Publicada em 04 de junho de 1970)

A copa é boa, mas tem suas desvantagens. Como, por exemplo, eu ter que escrever essas mal traçadas sem saber o resultado de Brasil e Tchecoslováquia, porque os despeitados botaram minha coluna aqui no segundo caderno, e o segundo caderno fecha meio dia. Não sei até onde irá a inveja dessa gente. De qualquer forma, tenho algumas queixas a registrar.

Em primeiro lugar, o pessoal a Tribuna da Bahia tacou Marco Antônio nuzão na primeira página e repetiu a dose na última, em poses diferentes. Eu sou contra Marco Antônio nuzão, mesmo com um saco de gelo onde não bate o sol. Nem que Marco Antônio estivesse de costas, eu seria a favor, podem acreditar. Telefonei para Zoroastro Santana, que é “copy-desk” de lá, e perguntei a razão para o tresloucado gesto.

- Escute, Zozó, por que vocês botaram Marco Antônio aí pelado na primeira e na última? – perguntei.

- Ah, foi sem querer – respondeu ele.

- A gente ia mandar o Lage desenhar uma tanguinha nele, mas o Lage se recusou a tocar no homem. Acho que não ia ficar bem para ele.

- Mas vocês botaram bem alto – insisti eu.

- Ah, isso foi porque Misael também não quis tocar na foto do homem. Onde ele caiu, ele deixou. Disse que os deveres de um diagramador tem limites.

-Ah- disse eu. – despesas de licenciamento via marão e

- Pois é – disse ele.

Em segundo lugar, continuo chateado com o alêgra que fica gritando “lindo, lindo, lindo” e “por pouco, por pouco, muito pouco, pouco mesmo” e “olha lá, olha lá, olha lá, olha lá” e ponta bota do raio que o parta. Pra mim, isso é falta de respeito. Parece que ele está descrevendo o sereno do antigo Baile de Bonecas, lá no João Caetano. Lindo, lindo, lindo – lá vai Rogéria toda vestida de plumas! Onde já se viu. Quando ele está falando, eu abaixo o som da tevê e escuto rádio. Sou a favor da dignidade futebolística, apesar de torcedor do Vitória.

Em terceiro lugar, estou ficando preocupado com determinados pormenores tecnológicos. Eu estava assistindo à reprise de México e Rússia, quando – surpresa!- faltou luz imediatamente, fui buscar as velas, mas minha tevê é antiquada, não funciona à vela. Por mais que eu iluminasse, não conseguia ver nada. É bem verdade que a luz voltou dentro de uns cinco minutos. Era só uma falta de advertência, para a gente não ficar com muito convencimento, achando que já tem civilização suficiente por aqui. Quando falta luz na final da Copa, ninguém tem nada que reclamar: já fomos avisados.

Ainda no mesmo setor, tenho a registrar que o pessoal da Embratel – ou então os astronautas do satélite aí, sei lá – tem muitos recursos. No jogo Peru e Bulgária, tivemos oportunidade de assistir a dois excelentes “slides”: um de Belo Horizonte e um de Salvador mesmo. O de Belo Horizonte durou pouco. O de Salvador, evidentemente, demorou mais. Eram ótimos “slides”, sem dúvida alguma. Finalmente, o áudio faltou, no primeiro tempo e parece que a turma andou transmitindo daqui mesmo do Brasil. Foi bom, porque era vez do lindo-lindo-lindo, e a voz dele se ouviu muito pouco, pouco, muito pouco, pouco mesmo. Agora, ficou a dúvida. Se o pessoal pode narrar tão bem daqui, por que mandar gente ao México quando poderíamos só receber o rádio e ouvir o estilo inimitável aqui do Antônio Sampaio? Ia ser melhor:

-Pele! Rivelino! Clo-doaldo! Perde para Asparukov! Isso não é nome de gente! Muda esse nome ra-paz! Agradece o presente Everaldo! Não é assim, rapaz, tome ju-izo! Vamos consertar is-so! Se continuar, boto Zagalo pra fora!

Pelo menos, a gente ia ter a côr local.

OS FATOS SÃO SAGRADOS

(Publicada em: 20/21 de julho de 1969)

Todo mundo tem um amigo que viu um disco voador. Eu devo ser um caso excepcional porque tenho diversos amigos que viram disco voador, inclusive alguns que bateram papo com, os homenzinhos verdes, outros que impressionaram os ditos homenzinhos com o brilhantismo de sua inteligência e assim por diante. Às vezes, eu fico inclinado a acreditar nos discos, com tanta notícias de jornais e tido mai., entretanto uma certa prática em questões de imprensa me faz desenvolver algum ceticismo em relação a tais notícias. Por que a gente aqui se entusiasma um pouco às vezes sabe como é. É muito natural. Vejam o que aconteceu quando descobriram uma fonte de água quente em Pilão Arcado.

PILÃO ARCADE (Do correspondente) – Surgiu ontem num ponto dos arredores da cidade conhecido como Buraco de Aparício um jorro de água quente. Segundo as autoridades locais, o jorro que apresenta uma vazão muito forte tem uma temperatura de cerca de graus centígrados. o povo acorre ao local para contemplar a novidade. Já se torna um pequeno lago em torno do jorro. O Prefeito vai providenciar a análise da água a fim de verificar se é água mineral.

DO CHEFE D REPORTAGEM DA AGENCIA FAROFINO PARA O CORRESPONDENTE NA BAHIA – Saiu notícia reportagem TV Guanabara dizendo pequena cidade Pilão Arcado Bahia ameaça. Da destruição violenta erupção material em ebulição. PT Verifique informação vg dá grande matéria.

BAHIA 19 (AGENCIA FAROFINO) – A pequena cidade de Pilão Cavado no interior de Estado da Bahia está agora em rebuliço com a descoberta feita pelo cidadão Aparício Arcado de uma fonte de água misturada com urânio. A estranha fonte já ameaça inundar a cidade e queimar os arredores pois sua temperatura é calculada em cerca de 800 graus centígrados. O Prefeito que é cientista está mobilizando uma equipe para analisar a água.

COLUNA DE MUHMUD FUED – Posso informar em absoluta primeira mão que o veio de urânio descoberto em Pinhão calado no interior da Bahia é dos mais ricos jamais encontrados. O Governo Federal devia entrar em ação imediatamente inclusive mandando tropas, para garantir o achado.

DO CHEFE DE REPORTAGEM DA AGENCIA FAROFINO PARA O CORRESPONDENTE NA BAHIA – Que negócio é esse trôpa federal cidade Pontão Armado vg aqui se fala guerrilha chefiada por um tal de Aparício Carvalho vg coisa está preta vg pode dar crise ministerial vg aqui também se diz Aparício dispõe de grande reserva de material atômico.

BAHIA BRÉSIL, 20 (Agence Xerète) – Vila Aparício uma das maiores cidades do estado brasileiro da Bahia e centro industrial de pesquisas nucleares está ameaçada de destruição por uma inundação se precedentes. O fenômeno iniciou-se quando uma torrente com uma vazão de 8000 000 litros por minuto irrompeu pelo solo dirigindo-se velozmente para o centro da cidade. Os desabrigados já se contam aos milhares. O Governo francês está cogitando enviar ajuda aos flagelados sob forma de cobertores, gêneros alimentícios e remédios.

VILA APARICIO MINAS GERAIS – (do correspondente) – Em solenidade realizada hoje o Prefeito desta cidade recebeu das mãos do Cônsul das França uma remessa de cobertores, gêneros alimentícios, vacinas contra tifo e outras doenças. Como doação do Governo Francês “Esperamos que isso possa minorar sua grande desgraça”, dizia o comunicado do Governo Francês.

- Não estou entendendo nada – declarou o Prefeito à reportagem. – Mas é sempre bom uns cobertorezinhos.

SALVADOR BAHIA – (from Billy Rubberneck correspondent) – Chegando cidade de Salvador descobri grande agitação em tôrno rumores guerrilhas cidade interior os Segundo recentes informações guerrilha chefiada por Aparício Carvalho vg que dispõe de 8000 000 homens armados PT Vou investigar PT Viajo hoje cidade de Arcado.

COLUNA DE ANTHONY MISINFORMED NEW YORK TIMES – Novamente esquentar a América Central numa rotina que já deveria ter aberto os olhos do Gôverno dos Estados Unidos, em relação a sua política externa. Em El salvador segundo um despacho do nosso correspondente Billy Rubberneck irrompeu um movimento de guerrilhas chefiada por Aparício Caballo (cujo nome em espanhol deve indicar sua violência e fôrça física) que já ameaça abalar os fundamentos do governo salvadorenho. caballo está firmemente entrincheirado na cidade de Bahia Arcado e até o momento não se podem avaliar as consequências do movimento.

COLUNA DE MÁRIO DESTRO RIO DE JANEIRO – Cabe outra vez a êste colunista denunciar graves irregularidades que vêm ocorrendo sem que se tomem providências. Segundo informações confidenciais de uma fonte que não posso revelar, subversivos franceses estão armando uma cabeça de ponte em Minas Gerais tendo inclusive transportado grande volume de material para a pequena cidade de Vila Aparício naquele Estado. É preciso que isso seja investigado com urgência. Não podemos permitir que coisas como essa continuem acontecendo debaixo de nossos narizes incautos.

DO CHEFE DE REPORTAGEM DA AGÊNCIA FAROFINO PARA O CORRESPONDENTE NA BAHIA – Consiga qualquer maneira entrevista com esse Aparício Cavalão vg revista Time interessada compara matéria PT Tome cuidado o homem é uma fera vg está disposto a tudo.

DO CORRESPONDENTE PARA A AGÊNCIA FAROFINO – Único Aparício nesta cidade não gosta de ser chamado Cavalão vg acha que é porque tem dentes grandes pt Não é de conversar muito vg tem 45 anos de idade vg é capenga e trabalha como ajudante funileiro.

REVISTA “ESPIE”, SÃO PAULO – É um homem silencioso de poucas palavras. Os seus 46 anos são visíveis nas linhas de seu rosto, que é marcado caracteristicamente pelos dentes enormes. Se não se soubesse que é um perito em fundição de metal, poderia ser tomado por um ignorante Mas essa impressão logo desfeita pelos seus olhos firmes e determinados. Aparício Cavalão sabe o que e há muita gente para quem seu comando é lei.

Bem, enfim, se não houvesse imprensa, a vida seria meio sem graça.



O EXPEDIENTE LÁ DE CIMA

(Publicada em 06/07 de abril de 1969 no Jornal da Bahia)

Departamento de Relações Públicas e Atendimento à Clientela – Expediente do Dia – Anjo Encarregado: XI.2/32 – Oficial de Dia: Santo Antonio – Secção Atendida: Salvador, Ba., Brasil.

CORAÇÃO SOLITÁRIO – Compreendida sua situação. Realmente, trata-se de um transe Doloroso. Infelizmente, entretanto, à secção de Fornecimento de Maridos não poderá atender seu pedido com a brevidade solicitada, já que a oferta do produto se encontra em nível baixo ao passo que a demanda permanece como sempre. Sugerimos sua entrada no Consorcio de Maridos, com entrega garantida em 50 meses. Consulte seu pároco. Outrossim as velas acessas em são Francisco Foram anotadas, com agradecimentos.

DESESPERADO – O atraso na resposta a seu pedido foi devido ao longe andamento do processo. Lamentamos não ser possível conceder sua solicitação de que o São Cristovão seja campeão baiano por cinco vezes seguidas. Eis um trecho do despacho da Instancia Superior: “... isso é difícil até para mim”. Por outro lado, advertimos que sua ponderação de que o time deveria ser penta-campeão por ter o nome de um santo foi julgada insolente, pois o próprio São Cristovão considera a existência dessa agremiação com seu nome sumamente embaraçosa. Faça penitencia.

ACM – consideramos seu pedido imaginoso, mas, infelizmente, não vemos como poderemos, sem causar grandes transtornos, esculpir em nuvens, no céu, durante 15 minutos, uma efigie sua junto com uma de Ruy Barbosa e outra de Tomé de Souza. Por outro lado, sua promessa de, caso seu pedido seja atendido, asfaltar a Catedral foi julgada inadequada. Raios na Câmara de Vereadores também são difíceis, nesta época do ano. Providenciaremos umas goteiras.

JUR – Sua argumentação no sentido de convencer a burocracia celeste a lhe conceder o primeiro prêmio da Loteria Federal não foi levada em conta. Aliás, recebemos uma média de 200,000 pedidos desses por semana, todos se julgando muito originais. Temos conhecimento também de que houve uma tentativa de suborno de sua parte, junto a São Cipriano, o que é muito grave. Sua ficha aqui não é das melhores.

ALMA LOUCA – O céu não fornece a documentação solicitada. Seus problemas com sua mulher podem, no Maximo ser resolvidos com o auxilio de uma agencia de detetives, ou coisa que o valha. Console-se: seu caso não é o primeiro, nem será o último.

DESAJUSTADO – Compreendemos o sentido das festas de largo da Bahia, mas transformar o Rio Joanes em cerveja gelada, durante as comemorações da Conceição da Praia não seria dos milagres mais meritórios já concedidos por este Departamento. Julgamos que cada um estaria melhor comprando sua própria cerveja engarrafada. Pense nos prejuízos aos fabricantes do precioso liquido capitalista também é filho de Deus. NB: procure um médico e faça uma hepatograma. A opinião aqui é que a sua cirrose não demora.

FRUSTADO DO CARTEADO – Realmente, “Royal straight flushes” de outros não são muito comuns, e você não é o único a nunca ter feito um deles. Achamos, inclusive, que isso não interessa muito aqui. Contudo, um santo, que prefere ficar anônimo e que gosta de assistir a um pokerzinho de vez em quando, prometeu-lhe pelo menos um “straight” de espadas no próximo sábado. Observe, contudo, que não se responsabilizará pela mão dos seus oponentes. Leve pouco dinheiro.

SATYRICON-7

mas não temos certeza

es ou então converter-se em

promessa de ir a pé ao Pórf

Contenha-se

o seu onígio de guarda por que a

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevada objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

zer com que Wanderley Cardoso
de seu quarto. Podemos consen-

mento em relação à monogamia e

com a nossa chancela mesmo vo

al, não acreditamos muito), e a

Reinício

m felizes nesta Páscoa, deixou e
atendê-lo, encomendamos um lau

amos de uma coisa: você foi o único
ranho

agência localizada nas Férzizas, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que a se encontravam. Em seguida, na rua Igatemi, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levando a soma de 180 mil cruzeiros.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 40 cms, abertu numa parede lateral e chegaram a cozeir coffee quebrando com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 13 383,42 da agência de Moana, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.

MAIS UMA VEZ SE CURVA

(Publicada em: 23 de agosto de 1969)

De vez em quando, uma revista resolve fazer reportagens sobre Fulaninha Cavalcante ou Beltraninha Bulcão, que fazem o maior sucesso no exterior. Como consequência, o nome do Brasil é conhecidíssimo, todo mundo em Paris só fala no Rio, em Nova Iorque a moda é figa baiana, em Tóquio a mania é aprender português, e assim por diante. Isso é muito bacana, porque enche de orgulho o nosso peito; olhe aí, mais uma vez a Europa se curva.

Bem, eu detesto ser chato, mas o fato é que, nos Estados Unidos, para a esmagadora maioria das pessoas, a palavra *Brazil* é geralmente escrita com letras minúsculas, no plural, com o significado de castanha do Pará. Chato, porém, verdadeiro. Mas sempre resta a divulgação de nossa música e o intercâmbio que a gente faz, convidando artistas estrangeiros para os nossos festivais, o Carnaval e assim por diante. Isso, realmente, produz muito efeito. Como, por exemplo, quando Connie Stevens veio fazer uma temporada no Rio e de volta a América, falou no Brasil. Disse que gostou muito, era tudo muito pitoresco. Por exemplo, era obrigada a carregar muitas malas de dinheiro pela rua, para fazer pagamentos corriqueiros, como táxis, gorjetas, etc. e tal. É um dinheiro tão engraçado, sabe? Certamente estava no programa ela mostrar um Ministro de Estado brasileiro de *sombrero*, fazendo a *siesta*, mas é possível que não tenha havido tempo.

Como, por exemplo, quando João Gilberto, no mesmo programa, foi apresentado como um “excelente cantor português, *João Gilberto*”. Era a divulgação do nome do nosso país.

Como, por exemplo, quando Jack Paar, que era um figurão da NBC, visitou o Brasil em companhia de sua família e foi muito bem tratado. No Rio, segundo ele mesmo contou, pusera até helicóptero da Força Aérea à disposição dele. Quando ele chegou lá, disse que nós éramos um povo muito simpático, “*a gentle people, a very gentle people*”, com tradições muito pitorescas. Por exemplo, aqui não havia presunto. Curioso, não? As mulheres daqui não usavam calça compridas, porque os maridos não deixavam, sendo ferozes latinos ciumentos (êle ficou hospedado no Copacabana Palace, onde realmente ninguém usa calça comprida e muito menos biquíni). Depois para mostrar o “temperamento orgulhoso” daquele povo tão simpático, contou uma piadinha, a respeito de um homem que desceu do bonde e caiu. Quando os circunstantes começaram a dar risada, o homem sacudiu a cabeça e disse orgulhosamente: “eu desço do bonde da maneira que gosto”. Não é sensacional? Finalmente, para culminar a apresentação, êle anunciou uma nova descoberta, uma jovem cantora que êle tinha achado no Brasil, em companhia de seu pai, que também era artista. Surge, então em cena, Eliana Pittman, cantando “Garôta de Ipanema” em inglês, com um sotaque nefando, na versão para o homem (havia outra, para cantoras), nervosíssima e tôda espantada. Depois, ainda durante o número dela, entrou o Booker, tocando saxofone. Aí o número acabou. Veio para o palco a mãe de Eliana. Cena seguinte: Eliana chorando e abraçando “seu” Jack Paar. Aquêlê vexame. E “seu” Jack Paar com ar de benevolente e bondoso, superintendendo aquêlê pobrezinhos a quem se dera a grande chance.

Depois, quando eu cheguei ao Brasil, vi o retrato de Eliana numa revista “Nova Iorque se Curva Diante de Eliana: Um Grande Sucesso!” Acho que único novaiorquino que se curvou foi a encarregada da limpeza, quando teve de passar esfregão nas lágrimas que derramaram no chão.

DAR A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

(Publicada no Jornal da Bahia em 20/21 de abril de 1969)

Pelo que estou lendo nos jornais, as mulheres parecem estar querendo tirar de Lisístrata novamente (parênteses embaraçoso: será “Lisístrata” ou “Lisístrata”, sem acento? Não sei e como tenho certeza de que ninguém botou num gravador o jeito com que Aristófanes pronunciava o nome, e, mais ainda, como não consigo imaginar Lisístrata sem assento, fica como saiu. Qualquer engano deve ser atribuído a Nivaldo, aí da revisão, que fica muito mais fácil). Mas, com perdão da digressão, estava eu a comentar com certa inquietação o fato de que as mulheres estão querendo tirar de Lisístrata outra vez. Para cavalheiro — ou a gentil senhora — que não entendeu bulhufas esclareço altaneiramente que não se trata de uma nova marca de desodorante. Trata-se, sim de uma resoluta dama da Grécia antiga, que, com a finalidade de acabar as guerras que, por sua vez, estavam acabando os homens, decidiu iniciar um movimento altamente subversivo, movimento este cuja perspectiva é encarada com horror por todos os homens. Que resolveu, juntamente com todas as outras mulheres deixar de cumprir os chamados deveres conjugais, enquanto os homens persistissem em guerrear. Só que, a bem da verdade, não foi bem assim a formulação de Lisístrata, que era mais desbocada do que sete fateiras de mau (e é por isso que eu sei que ela tem assento; ela mesma dizia, com tidas as cinco letras).

O fato, entretanto, é que Lisístrata liderou a tal subversão, com tamanha eficiência que todas as mulheres aderiram mesmo as que estavam mais a perigo, o que demonstra eloqüentemente a capacidade de chefia daquela terrível senhora. Até as solteironas mais aflitas, veja o senhor, até aquelas aderiram. O resultado foi que os homens acabaram desistindo da guerra, como é natural, porque a guerra sem o repouso do guerreiro não é moleza.

Mas agora, querem tentar isso de novo. Saiu no jornal. Ora, meus queridos amigos, meus prezados confrades e correligionários. Onde estamos? Não estamos, seguramente, na Grécia Antiga, onde esse negócio de faltar mulher, no fundo, não era tão grave assim. Estamos, eu e vosmecê, no Brasil, onde a falta de mulher ainda representaria um grave obstáculo ao nosso desenvolvimento por ser execrada pela esmagadora maioria da população masculina, com a notória exceção de determinados setores, mas esses não valem. Esses gostam mesmos é de Grécia Antiga. O pessoal da modernidade não encara com muita simpatia essa nova bolação. Contudo, ela está diante de nós, com todas as suas sinistras implicações. As mulheres continuarão aí mesmo, de mini-saia, biquine e outras bossas. O principal é que não vai continuar e, como dizia o velho Descartes, numa de suas frases mais luminosas “o principal é o principal”, no que estava mais uma vez coberto de razão, na aparente tautologia de seu postulado.

O plano das mulheres de hoje, essas reacionárias, é desistir de, enquanto os homens não deixarem de fazer a guerra. Que isso seja um programa adequado para os vietnamitas e os americanos, vá lá, por que qualquer programa parece adequado para os americanos e vietnamitas. Mas para nós? Para nós, que não gostamos de briga? Eu, inclusive estou disposto a oferecer uma fórmula conciliatória. As mulheres podem fazer o que querem, mas suas restrições serão estendidas exclusivamente de veteranos da Guerra do Paraguai para lá. Por exemplo, nenhum sujeito que tenha lutado na Guerra da Independência terá direito a. acho isso muito justo. Afinal de contas, ser herói não é nenhuma desculpa para ficar aí fazendo guerra à toa, ainda mais contra um povo tão simpático como os portugueses. Isso é justo. O mesmo tratamento severo deve ser entendido á turma da Guerra do Paraguai. Nenhum velhote desses vai aproveitar-se da situação. Tem que pagar pelo fato de ter andado guerreando. Mas nós? Por que nós? É revoltante.

Nesse panorama sombrio, não obstante, sempre restam alguns tênues raios de esperança. O primeiro deles são as furadoras de greves. Não é possível que nenhuma delas fure a greve. É verdade que, por exemplo, ser a única a furar a greve numa cidade poderá acarretar alguns problemas. Mas o que são esses problemas diante da gratidão imorredoura de toda uma população masculina. Dessas heroínas, poderá ser dito com justiça que nunca tantos deveram tanto a tão poucas, pelo bem de todos e felicidade geral da nação. Existirão problemas de racionamento, sem duvida, mas não haverá aquela cruel certeza do nunca mais.

A segunda esperança é a elaboração de um documento — estilo folha corrida, naturalmente — no qual o cidadão terá declarada a sua absoluta falta de participação em qualquer conflito que esteja ocorrendo em qualquer parte do mundo. Este documento deverá ser parte do equipamento de todos os paqueras, como preliminar indispensável a. Finalmente a ultima e mais forte das esperanças jaz na nossa confiança inabalável no caráter e na fibra das mulheres. Elas não topariam esse esquema por muito tempo. Por que, meu caro amigo, esta escrito: sempre se dará a Cesar o que é de Cesar.

- b — alteração do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade animal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes a9 virão com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1934. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 1 223.42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A PROGRAMAÇÃO DA POPULAÇÃO

(Publicada em: 18 de junho de 1970)

Existe um médico nos Estados Unidos, chamado Gobind Khoranade (aqui na Bahia, corana é nome uma folha que se usa aí para certos banhos de assento, mas o departamento do doutor é outro), que está aprendendo a programar gente. Ele diz que vai demorar um pouco, mas que vai acabar conseguindo dar um negócio qualquer para os futuros pais, a fim de os futuros pais, terem o tipo de criança que quiserem. Evidentemente que, em se tratando de coisa muito cara, somente os chamados homens de posse poderão dispor dos necessários recursos. é verdade que, depois que o negócio virar lugar comum, é possível que os pobres tenham vez, mas – não sei porque – a minha tendência vai ser não confiar muito em menino despachado pelo INPS. Não é por nada não, mas com as filiais e tudo o mais, é bem possível que façam algumas confusões. Podem esquecer de programar os cabelos, o nariz, os dentes ou coisas piores, de modo que o mais seguro vai ser mesmo uma clínica particular.

Mesmo assim, entretanto, deverá haver algumas diferenças de nível e entre os diversos tipos de criança. Certamente que haverá modelos melhores do que os outros, pagamento a prestação e semelhantes comodidades. Isso para não falar em outras vantagens: o camarada já vai nascer com número do imposto de renda, título de eleitor, folha corrida e documentos igualmente indispensáveis ao exercício da sua cidadania. Agora, bacana vão ser os pais ditando o preenchimento da ficha ao médico.

- Sexo?
- Louro e machão. Sempre tive vontade de ser louro e machão.
- Hum. Vejam aqui alguns modelos do catálogo.
- Este daqui! Gostei deste daqui!
- Mas, meu bem, você não acha este daqui exagerado?
- Talvez fosse melhor o outro, o 14- B.
- Que nada, mulher, você não entende nada dessas coisas. Bota aí doutor, bota aí: quero o 348-C, modelo reforçado. Bote por minha conta.
- Muito bem. Aptidões.
- Ah, bota êle para saber desenhar e tocar música. Eu sempre quis ter um filho quieto, que goste de desenhar, tocar música, balé...
- Você quer é um fresco! Bote aí doutor: futebol, falar alemão...
- Falar alemão? Receio que...
- Eu sempre tive uma inveja zôrra de quem fala alemão. Não dá para êle sair falando alemão?
- Bom, podemos dar aptidão para línguas. Alemão, especificadamente, não dá.
- Bem, então bote línguas. Bote mais: engenharia, despongar de ônibus – eu nunca acertei a despongar de ônibus, - escrever...
- Bem, eu devo lembrar ao senhor que cada uma dessas aptidões se adiciona ao custo geral da programação.
- Ah, é? Quando é que eu vou pagar por aptidão?
- Mais ou menos mil cruzeiros, a depender do tipo.
- Então, deixa pra lá. Deixa só engenharia, pronto. Êle sendo bom engenheiro, já quebra o galho.
- Pois não. Altura?
- Deixa ele baixinho mesmo, que é para poder aproveitar a cama do irmão. Não precisa muita altura.
- Pêso?

- Temperamento?
- Aporrinhado. Se fôr manso, entra pelo cano. Bote aí: abusado. Comigo não faço por menos.

- Aporrinhado. Se fôr manso, entra pelo cano. Bote aí: abusado. Comigo não or menos.

- Inteligência?

- Que dê pra quebrar o galho. Inteligente demais começa a querer botar banca na de mim e aí não dá pé. Sabe, doutor, eu quero tudo de melhor para meu filho.

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode ficará obrigado a pagar uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

nt. 10 — Se poderá comprar o bode
nt. 11 — Apresentar dois financiadores comer-
nt. 12 — Cadastro bancário, folha corrida, prova
nt. 13 — ganhar mensalmente pelo menos oito salá-
nt. 14 — mínimos e juramento de que não morre-
nt. 15 — ficará doente; viajará ou deixará de traba-
nt. 16 — rar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

e nunca começa a querer botar barreira entre mim e ele.
 Mas, depois de tudo de melhor para meu filho, ele me dá
 o melhor de si.

A Pausa

Itipois drase assalto, realmente espetacular, house um grande pausa nos negócios a estabelecimentos bancários. Não house, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar um banco e a polícia paulista soltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1988. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque à noite é mais difícil para os criminosos conseguir reu-

Alindando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 40 cms, aberto numa parede lateral e chegaram a cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Depois da feita, conseguiram levar N°s 33 033,42 da agência de Moçim da Gaija, da Caixa Económica Federal. No mesmo dia, mais do que haviam foram assaltados na capital somando 31 mil cruzados novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de novembro.

LIÇÃO DE COMO TER SUCESSO COM MULHERES

(Publicada no Jornal da Bahia em 29 de abril de 1969)

Não é fácil ter sucesso com as mulheres, principalmente porque é preciso ter sucesso com as mulheres porque é preciso ter sucesso com as mulheres para ter sucesso com as mulheres. É uma espécie de resultado da lei da oferta e da procura. Em todo caso, prosseguindo na série de cursos relâmpagos oferecidos por esta impávida coluna, tentarei oferecer alguns subsídios aos necessitados.

Em primeiro lugar, a maior dificuldade consiste em manter-se na moda. Todas as mulheres costumam negar que gostam de homens bonitos, o que é uma cínica mentira, como todos nós, feios, sabemos. A única coisa que varia é o que elas acham bonito. Se fosse moda de roupa, seria fácil. Mas é moda de cara, o que dificulta bastante as coisas, considerando-se que mudar de cara de ano em ano apresenta problemas freqüentemente insuperáveis. Há alguns exemplos disso, como o professor Ricardo Rubeiz que muda de nariz o tempo todo, mas isso por fatores alheios a sua vontade: o nariz dele cresce uns dois quilos por ano, tornando necessária a remoção periódica de excesso.

A solução para a maioria de nós consiste em que tenhamos a adaptação a um dos padrões comumente aceitos. Assim, você pode ser:

O GRACINHA – O tipo gracinha é admirado pelas mulheres por razões absolutamente incompreensíveis para os outros homens. Isso porque o tipo gracinha costuma ter um ar subnutrido, a pele excessivamente branca, os cabelos escorridos pela testa e um gogó gigantesco, que sobe e desce quando o gracinha engole em seco, timidamente o que acontece no mínimo três vezes por minuto. Na opinião dos homens, toda mulher que gosta do gracinha é anormal. Mas tem quem goste de anormal.

O LINDO – O lindo (“boniton insuportabilis”) é um tipo encontradiço em praias, sorveterias e festinhas, desaparecendo completamente em outras circunstâncias. Atualmente anda de gola “roulé”, cabelo comprido e ar sonhador. Tem o defeito de nunca sentar-se imediatamente, vendo-se compelido a ficar em pé junto à cadeira durante algum tempo ou andar de um lado para o outro em passadas vagarosas. Estaria ameaçado de extinção completa pelos outros homens, não fosse o fato de que seu vocabulário é muitas vezes de 30 palavras curtas. Acredita-se que devido a sua altura, o sangue nunca irriga completamente as 250 gramas de cérebro de que dispõe. Não obstante, é um tipo perigoso, cujo faturamento é freqüentemente elevadíssimo.

O CEREBRAL – O cerebral usa bigode, faz citações em inglês (embora seja especialista em línguas mortas orientais) e diz palavrões em abundância, atividade que parece agradar imensamente as mulheres. Sua principal característica é olhar fico para as mulheres, as quais comentam sempre “aqueles olhos penetrantes”. O tipo mais perigoso que existe é o mestiço de cerebral com lindo que, felizmente, é raríssimo.

O MAGNATA – O magnata não se distingue por nenhum traço físico especial, exceto, talvez uma leve barriga. Sua principal característica é abusar do poder econômico, mas as mulheres parecem apreciar essa falta de ética notadamente porque o magnata dirige um Puma, esteve três vezes na Europa no ano passado e levou Elsa Martinelli para passear de lancha quando ela esteve aqui. A pergunta sobre se ele e Elsa Martinelli...sabe como é, o magnata nunca responde preferindo sorrir e perguntar discretamente ao garçom se ali não vendem um escocês de 20 anos. Esse tipo não tem absolutamente escrúpulo algum, devendo ser evitado pelos outros homens a qualquer custo.

OS INCORRUPTÍVEIS

(Publicada no Jornal da Bahia em 22 de Fevereiro de 1969)

Todo mundo sabe como a juventude é incorruptível, como são sagrados dos valores respeitados por moços e moças, como é difícil com que aqueles que ainda não passaram dos 30 anos se contaminem com a atitude moral que acomete as pessoas mais vividas. A juventude não faz concessões, é rigidamente presa a seus princípios e suas convicções.

Todo mundo também sabe quanto o pai de família comum, o homem que luta pelo sustento seu e de sua família as voltas com um salário que nunca dá para as despesas, é um ressentido contra os privilégios e as situações excepcionais, as desigualdades provocadas pela situação econômica ou pelo prestígio.

É verdade. Toda essa gente é incorruptível. Exceto na hora do vestibular. Para os professores da Universidade Federal da Bahia, o vestibular não mais apresenta problemas. Pode-se acusar o computador de tudo, com a consciência leve e tranqüila. Para o professor da Universidade Católica de Salvador, entretanto, a era tecnológica ainda não trouxe uma válvula de escape para o pistolão. Na universidade Católica, as provas ainda são feitas da forma tradicional, sem a tal objetividade conferida pelo computador, esse infalível solucionador dos problemas educacionais brasileiros (só que na América onde sobram computadores, os exames são corrigidos por professores mas isso só mostra que estamos mais adiantados do que os americanos).

Bem, de qualquer forma sendo o professor, um ser desprezivelmente humano e, como tal, muito sujeito a indesejável possibilidade de não ser objetivo, ainda resta, para os vestibulandos da universidade Católica e seus severos pais o recurso de se pedir o “interesse” do professor. Se aprovado, o estudante talvez seja o primeiro a apontar favoritismo no professor, o mais veemente em analisar-lhes as falhas e defeitos. Isso para não falar na hora em que o universitário estiver salvando o Brasil quando, todos os professores tidos como corruptos deveriam ser, no mínimo, enforcados como em Bagdá. Na hora do pedido, entretanto, o estudante comparece com o seu cartãozinho ou acompanhado pela figura que patrocina, cego para corrupção que apontará mais tarde, inflexivelmente. O pai telefona. O amigo do pai telefona. Todas as pessoas que no momento seguinte estarão falando nos males do Brasil, na falta de seriedade e compostura, telefonam para pedir o tal “interesse”. O vestibular, como todos sabem, já é um processo odioso, certamente discriminatório e pleno de defeitos. Mas nada disso importa, contanto que o candidato de gente consiga aprovação, mesmo com o prejuízo de alguém que não teve recomendação.

E por que as pessoas agem assim? Porque, na mente da maioria dos que pedem pistolão, todo mundo age assim. É o sistema. Todo mundo deve enquadrar-se no sistema. Portanto ninguém é culpado por curvar-se ao sistema. As pessoas não percebem que elas próprias são o sistema, o qual não é uma entidade metafísica acima delas. Depois, de pijama em casa, assistindo à televisão, ordenam solenemente a corrupção de político Beltrano, que trocou leis por votos, ou do político Sicrano, que embolsou o dinheiro que se destinaria a obras assistências. Só que acabaram de fazer exatamente a mesma coisa, em outro nível. Ou seja, para a maioria das pessoas, corrupto é todo aquele que fez alguma coisa desonesta que não nos trouxe benefício direto algum.

ANEXO 3

CRÔNICAS CITADAS NOS CAPÍTULOS 03, 04 E 05

CRÔNICAS CITADAS NO CAPÍTULO 03

DOS BÊBADOS

(Publicada no Jornal da Bahia em 01 de Janeiro de 1969)

Talvez seja um pouco tarde para falar no assunto, porque o réveillon já passou, deixando pesadas baixas entre os levantadores de copo da cidade. De qualquer forma, as festas de largo vêm aí, de modo que é possível que a modesta contribuição científica que pretendo dar não seja inteiramente inútil. Trata-se de uma classificação de diversos tipos de bêbados, elaborada depois de exaustivas pesquisas, naturalmente por um grupo misto de americanos e paulistas, que são gente muito pesquisadora. Seguem abaixo as categorias principais, na mais objetiva terminologia científica, acompanhadas de um sumário descritivo para cada tipo.

ABUSATUS BELLICOSUS -- Geralmente magro e baixote, o membro desta espécie se caracteriza pelo seu comportamento agressivo em relação a todos os circunstantes, sem distinção de sexo, cor ou religião. Essa hostilidade se manifesta por qualquer razão que pareça lógica ao Bellicosus, sorrisos extemporâneos, cerveja quente enfim, qualquer coisa pode desencadear a reação do Bellicosus. O melhor remédio consiste em colocar um espelho resistente defronte do espécime que se quer evitar, a fim de que ele agrida o espelho e passe o resto da noite choramingando, com a mão cortada.

INTELLECTUALIS DESLUMBRATUS – Geralmente turista ou amigo de infância ou ambas as coisas, este tipo caracteriza-se pelo seu vocabulário altamente especializado. Expressões típicas: “Genial; muito válido; estou impactado, mas preciso conscientizar; é uma fossa; Paris é uma cidade tão chata” e assim por diante. As atividades típicas; chorar; fazer declarações de maior e amizade a todas as pessoas num raio de, pelo menos 50 metros; cantar sambas de roda desentoadamente; paquerar mulher alheia. Quando do sexo feminino, o tipo em questão tornasse ainda mais absolutamente insuportável, devendo ser amordaçado sob pena de irreversível deterioração do ambiente. Para o tipo masculino, devem ser aplicados corretivos físicos ou, caso isso ainda o torne mais chorão, a técnica do impacto verbal, com a utilização de frases chave, tais como “Hegel era burro”, ou prefiro J.B. Tanko a Godard” que tendem a deixar o Intellectualis em estado de exasperação ou fundição de cuca, com o resultado de que ele se retira.

CHATUS NARRATIVUS – Tipo de grande extroversão, cujo principal talento consiste em contar casos de anedotas, principalmente relacionados com sua vida particular. O Sub-tipo Narrativus. Confidencialis pode, inclusive, tornam o ambiente sobremaneira carregando ao fazer determinadas descrições em voz alta. É absolutamente impossível fazer o Narrativus calar a boca. O único recurso é dar-lhe cada vez mais bebida a fim de que ele fique em estado de coma.

DESCONTROLATUS FACIALIS – Espécie sujeita a variadas modificações em todo o corpo, visíveis principalmente na cara. A depender do caso individual, os sintomas podem ser olhos esbugalhados ou revirados, contorções bucais, esticções contínuos no pescoço, língua de fora, olhar distante e vazio, e caretas sortidas. Geralmente silencioso, este tipo tende a abraçar o circunstante mais próximo, oferecendo-lhe ainda soluções e eructações variadas, além de um bafo frequentemente mortal. Remédios: glicose na veia.

SIMPATICUS GREGARIUS – Reconhecível a distancia, por estar sempre sorridente e por chamar todo mundo de “meu” alguma coisa. Costuma apresentar fortes tendências organizadoras, coordenando grupinhos, sugerindo joguinhos e tentando conciliar casais brigados. Frases típicas: “Se a gente não se divertir, o que é que vai levar da vida?” “Ah, meu filho, se houvesse mais riso no mundo, a coisa seria diferente;” “a pena é mais forte do que a espada” “tristezas não pagam dívidas”. Deve-se ter muito cuidado com o Gregarius, porque não é incomum que ele faça visitas de 15 ou 20 dias seguidos. O recurso mais eficiente é bater em retirada estratégica, mas com muito cuidado, porque se o Gregarius perceber, vai atrás.

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes a9 virão com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Nem qualquer pistola que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter culto. Não fosse um erro infantil dos assaltantes, que por mais nervos que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguiria descobri-los. Se fosse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda. Não acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A “onda” de assaltos a bancos voltou em 1964. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.834,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 31 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



AJUDEM UM IRMÃO

(Publicada em: 03 de maio de 1969)

Eu vivo morto de pena dêsse pessoal que não depende de salário. Nada como a tranquilidade de ter um salariozinho no fim do mês, mesmo que ele atrase, como de costume. Isso porque todo mundo compreende, quando o salário da gente atrasa. Basta que a gente explique, no banco onde tomou dinheiro para fazer face ao atraso anterior, que o salário atrasou. “Há há”, fará o gerente alegremente. “Isso é assim mesmo. Olhe, faça o seguinte: quando sair o salário, venha pagar que nos esperamos. Não tenha pressa. A mesma coisa na farmácia, onde a gente compra o remédio. Basta assina a notinha, que o pessoal espera tranquilamente. O supermercado então, nem se fala. É aquela cordialidade. Isso tudo para não mencionar as outras vantagens, tais como cuidados médicos gratuitos e eficientes, assistência hospitalar, salário família e mais uma porção de outras bossas. Chega a fazer com que o camarada comece a sentir-se mal, de tão privilegiado.

Agora chato é ter dinheiro e não depender de salário. Cada dia se torna mais cansativo ser rico. É um inferno. Em primeiro lugar o rico tem a desagradável sensação de que ninguém cuida dêle. O assalariado não. O assalariado tem um Departamento de Pessoal que só pensa nele, estabelece o seu horário de trabalho, faz com que ele preencha úteis e indispensáveis formulários, atende com presteza os seus requerimentos e assim por diante. Em segundo lugar, as obrigações do rico são terríveis. Por exemplo, o imposto de renda, oferecendo tôdas aquelas deduções e abatimentos para quem investe, obriga o rico a utilizar-se dessas vantagens com a consequência de que ele cada vez mais rico, aumentando, por sua vez, a trabalhadeira. Não sei onde vamos parar, assim. Estão querendo provocar um enfarte nas classes produtoras.

Finalmente o pessoal que não vive de salário é muito injustiçado. Agora mesmo – e é por isso que estou envolvido nessas profundas meditações – não querem prorrogar a isenção do ICMS para os abatedores, os quais, muito injustamente, deverão suspender o abate, caso não seja aceita a sua compreensível reivindicação. Não querem prorrogar a isenção do ICMS! Já pensaram na gravidade disso? Já pensaram nos lucros cessantes? Querem tirar o caviar da boca dos filhos dos abatedores isso é o que eles querem! Assim não tem quem agüente. É por essa razão que eles numa justíssima reação deixarão de matar o boi, a fim de que o consumidor não fique pegando o boi à custa dêles, que ninguém é de ferro. E tudo isso – notem bem – à custa de sacrifício pessoal. Porque, suspendendo o abate, eles vão trancar sua única fonte de rendas. Enquanto ao bate estiver suspenso, eles não terão do que viver. Ficarão marginalizados por uma simples questão de espírito público, para demonstrar a iniquidade flagrante de sua situação.

Aproveito a oportunidade agora em vista dessa dramática situação para sugerir medidas radicais, que visem a fazer com que problemas angustiantes dessa natureza não mais surjam. Como tudo que é verdadeiro a sugestão reveste-se de encantadora simplicidade. É o seguinte. Delfim: de agora em diante serão dispensados todos os impostos por tempo indeterminado. Todos, com exceção daqueles que serão pagos através de desconto no envelope de pagamento dos que recebem salário. Porque êstes têm a segurança do salário e podem pagar imposto à vontade. E a única maneira de estimular a economia. Porque, sem pagar imposto, o pessoal das produtoras ficará estimulado a produzir cada vez mais e, o que é mais importante tratará de conceder imediatos e enormes aumentos de salários a seus empregados, para quem em consequência o pagamento de impostos não provocará baixas no orçamento doméstico. É tudo uma

questão de macro economia nacional Já pensei até no "slogan" ótimo: "Para sua maior satisfação, tome lá uma isenção".

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode, por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes, que desenvolverem ansiedade, anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes, após virão com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e outros, em assalto

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Esquivel D. Farias, Teófilo A. Tóth, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogis e Klefeterio K. Apogis. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a matilha do banco diariamente, sem qualquer polêmica.

As facilidades foram muitas e veio a insperado roubo; um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que não era a possibilidade de que, como em São Paulo, numa rua de grande movimento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos, não fosse um erro infantil dos assaltantes, que por mais nervos que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar um banco e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.824,22 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



RODIZIUM NOSTRUM

(Publicado em 10 de outubro de 1969)

- Reverendo, o senhor acha que esse movimento pelo mandato de tempo certo para o Papa vai vingar?
- Não sei ainda, meu filho, mas, sem quere ser subversivo, eu realmente acho que estamos precisando de umas mudanças. Assim como está não pode confirmar.
- Por quê? Que eu saiba, sempre foi assim e nunca houve problemas.
- Como nunca houve problemas? Você nunca ouviu falar de Alexandre VI, aquele que... Bem, deixa pra lá, ninguém é perfeito.
- Mas Alexandre VI foi há tanto tempo. Há centenas de anos não há problemas com os Papas.
- Sim é verdade. Mas há uma questão de princípio envolvida nisso. Assim como está, não há a menor possibilidade de rodízio democrático. O que nós queremos é uma liderança dinâmica. Nós queremos renovação! Nós queremos...
- Desculpe a interrupção, mas me parece que essa renovação sempre ocorre, por ocasião da morte de um Papa. Depois os cardeais se reúnem, e...
- Aí é que está, Vê-se logo que você não entende nada de Ciência Política. Você acha isso democrático?
- Mas que é que tem a ver a escolha do Papa com democracia?
- Muita coisa. Nós precisamos incorporar as conquistas políticas dos últimos séculos à prática da Igreja. A temporariedade das funções eletivas. O sufrágio universal. O mandato imperativo. Um porção de coisas, meu filho.
- Sim, mas por quê? O que me preocupa é a razão para isso.
- Bem, é preciso haver renovação. Não fica bem esse negócio de a gente parecer anacrônica em relação às outras instituições. Na minha opinião, o Papa deveria ter um mandamento de quatro anos, com possibilidade de somente uma reeleição. Os candidatos seriam escolhidos em convenções partidárias.
- Espere aí, já existem partidos na Igreja?
- Meu filho, perdôe a expressão, mas você está por fora mesmo. É claro que existem partidos. Eles apenas não são oficiais. Há o Partido do Nôvo Catecismo, o Partido Ortodoxo, o Partido Ecumênico Universal, o Partido Teilhard de Chardin, enfim, o que não falta é partido.
- É esses partidos tem divergências profundas mesmo?
- Não exatamente. Sabe como é, a gente concorda no Fundamental. O acidental é que é fogo.
- O problema do celibato, por exemplo, é acidental?
- Eu mesmo não me preocupo muito com isso, porque estou muito satisfeito, a minha condição de solteiro, mas talvez seja porque eu tenho um irmão casado e, quando o vejo discutindo com a mulher, tenho a impressão de que o Bom Deus me abençoou com o celibato. Entretanto, para alguns de nós, o problema é muito importante. Inclusive, dizem que quem originou essa história foi Santo Agostinho, de maneira que é possível considerar-se o problema como acidental e não fundamental.
- O senhor pertence a algum dos partidos citados?
- Pertença ao MDB – Movimento em Defesa da Batina. Somos contra o uso do clergyman. Mas parece que estamos minoritários. Não conseguimos nem organizar um diretório.
- E quanto ao movimento pela temporariedade do mandato do Papa? Quais serão as próximas providências?

- Bem, estamos organizando uma manifestação em Roma. Já distribuimos um abaixo assinado. Vamos lutar pela reunião de um novo Concílio.
- E a Instância Superior aprovaria tudo isso?
- Não sei, porque Ele nunca se mete nessas coisas.

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Gado Não Especificado) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil hectares.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os assaltados N. Krasov, Esmerino D. Ferreira, Teodoro A. Tsalis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Eleftherio K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um plano, carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a maioria do banco diariamente, sem qualquer polêmica.

As facilidades foram muitas e veio a insperado roubo; um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos, não houve um grão infante dos assaltantes, que por mais incerteza que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, abriram numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A SOLUÇÃO FINAL

(Publicada no Jornal da Bahia em 08 de Fevereiro de 1969)

De vez em quando, algum herói inventa uma solução para problemas sociais cujo alcance só as futuras gerações, livres da comprometida perspectiva contemporânea, poderão aquilatar. É o que acontece, por exemplo, com o remédio para evitar a incomoda presença de mendigos nas ruas de Salvador, remédio este concebido e receitado por algum intrépido funcionário municipal e executado sob a competente coordenação de um cavalheiro que atende pela sugestiva alcunha de “Índio”.

A solução consiste em transportar os mendigos para Arembepe, devidamente amarrados para lá solta-los sem que eles tenham condições para voltar à cidade. A deportação é feita sem discriminações, já que preferências ou favoritismos não ficaram bem em prepostos do poder público. Dessa forma, são levados, indiferentemente, mulheres, velhos, crianças, aleijados, cegos e assim por diante. Todos são iguais perante a deportação. O resultado da medida é que salvador fica limpa de mendigos (lá em Arembepe a gente não os vê; e o que os olhos não vêem o coração não sente), possibilitando demonstrarmos aos nossos maravilhosos visitantes como somos civilizados e felizes, sem as mazelas tão encontradiças em outras cidades.

Entre as críticas que tem sido feitas à nova medida, só uma se justifica, assim mesmo num elevado plano filosófico. E que se considerado haver precedentes históricos no sul do país – como diria um comercial de TV— nós não atingimos a plenitude das possibilidades oferecidas. No tempo do Rio da Guarda, lá na Guanabara, a solução era final mesmo, sem oportunidade de apelação. Aqui os pioneiros dessa recente reforma social não tem sido suficientemente radicais, o que pode fundamentar críticas de ordem ética, baseadas num compreensivo pragmatismo. Enfim, nada nesse mundo é perfeito, nem mesmo o trabalho desses dedicados assistentes sociais.

O pior disso tudo é a incompreensão que cerca as boas intenções de quem leva a cabo tais medidas saneadoras. Mas não há de ser nada. É comum que pioneiros e desbravadores de novos caminhos tenham que enfrentar esse tipo de oposição. Por isso mesmo, no interesse público tomo a liberdade de oferecer algumas sugestões para garantir o prosseguimento da meritória campanha. Em primeiro lugar, nada como uma boa “blitz” de relações públicas. Para os mendigos ainda não transportados, deverão ser distribuídos atraentes folhetos explicativos dentro das técnicas desenvolvidas pelas agências de turismo americanas: “FREE”! Uma viagem grátis a Arembepe: “Desfrute as delicias de uma das mais belas praias do Brasil, numa despreocupada viagem que não lhe custará um centavo!” Para os que não souberem ler, um vigilante de boa voz ficará encarregado de expor o conteúdo do folheto promocional, em palestras com “slides” e outras bossas. Para os cegos, serão impressas brochuras especiais em alfabeto Braille. Certos detalhes desagradáveis deverão ser habilidosamente superados. Assim, por exemplo, as cordas com que os mendigos são amarrados serão descritas como “cintos de segurança”. Com boa vontade, tudo se resolve.

Em segundo lugar, a comunidade deveria também ser alertada para o problema. Conferencias na TV seriam muito úteis: “Só permita um mendigo em seu Bairro, se ele for Atração Turística”. Um centro de orientação vocacional, dirigido por voluntários, poderá ministrar lições aos mendigos em fase de exportação para Arembepe, a respeito de como utilizar o extenso mercado de trabalho à sua disposição, naquele aprazível recanto. Os mais abastados poderiam fornecer caminhões para o transporte em massa. Em suma, não há limites para a ação conjunta, em torno de tão claro ideal. E finalmente, quando não mais vislumbrarmos mendigos em Salvador, poderemos dormir com a consciência tranquila.

O CATACLISMA DA SCHMUK –I

(Publicada no Jornal da Bahia em 08 de abril de 1969)

Conta a tradição que um diploma americano, em vista a um distante país, teve que fazer um discurso em praça publica, dirigindo-se aos nativos a respeito da política externa de seu país. A cada trecho capital de seu discurso, a platéia gritava “schmuk! Schmak!”. O diplomata não entendeu, mas teve acanhamento de perguntar que significava aquela palavrinha. A julgar pelo tom entusiástico da assistência, inclusive, parecia tratar-se de uma exclamação de aplauso. Mais tarde, terminado o discurso, o visitante foi, em compainha do Premier daquele país, visitar uma das fazendas de gado da região. Lá chegando, tiveram que atravessar um campo cheio de estrume pelo qual só havia uma trilha limpa. O diplomata quase suja os pés, mas foi advertido em tempo pelo seu anfitrião:

— Cuidado para não pisar na schmuk. Assim, sutilmente explicado o transcendental significado da expressiva palavra “schmuk”, podemos passar ao fascinante tópico de hoje, que tem a ver com um pesadelo que eu tive ontem, alguns dias depois de presenciar um inesquecível espetáculo, no Viaduto da Sé. Com as chuvas, havia sido entupido um esgoto qualquer por ali, com o resultado de que umas três lojas ficaram inundadas não só de água, como também de uma mistura homogeneizada de bláh, glure e bastante schmuk. Aquela gracinha. Aconteceu, então que prepostos municipais, mandados pelo DOJP, se não me engano, compareceram ao local, a fim de providenciar o desentupimento do que se encontrava entupido, para grande desgosto e preocupação dos circunstantes. O desentupidor mor era um heróico cidadão equipado de calção, botas de borracha, um charuto e uns goles profiláticos de cachaça, tomados com antecedência. Armando com essa moderna parafernália, ele desceu por um buraco aberto no chão, de onde enchia baldes com a mencionada mistura, enviando-os para cima por uma corda puxada pelos seus colaboradores. Fiquei muito admirado com o espírito publico e senso do cumprimento do dever demonstrado pelo dito funcionário e vi-me obrigado a cumprimentá-lo.

— Escute aqui — eu, respirando através de um lenço Paramount (são perfumados) — quanto você ganha para fazer esse servicinho?

— Três cruzeiros por dia! — respondeu-me ele entusiasticamente.

— Não diga — disse eu. — E há uma verba especial para os charutos?

Ele não respondeu. Provavelmente porque havia escorregado e estava no momento, atravessando algumas dificuldades lá em baixo. Vendo que o diálogo com ele se tronava difícil, em virtude das condições especiais em que nos encontramos, inquiri do seu companheiro Ca em cima, sobre se eles não ficavam doentes com aquele trabalho.

— Deus é grande — falou ele, com ar estico, aproveitando a oportunidade para dar-me uma facadinha de 50 centavos, com a finalidade de também comprar o seu profilático, cuja marca registrada é um conhecido réptil dos nossos rios tropicais.

Impressionado com o edificante espetáculo, estive alguns dias pensando nesses trabalhadores anônimos que passam a maior parte de sua vida enchendo baldes de schmuk, munidos de botas, charutos e cachaça. O resultado é que, depois de ser informado a respeito de alguns inquietantes fatos relacionados com a rede de esgotos de salvador e outras cidades, tive o pesadelo q eu me referi e que, infelizmente, não posso contar hoje por falta de espaço. Mas conto amanhã.

NÃO PERCA AMANHÃ! SENSECIONAL! SALVADOR COBERTA DE SCHMUK! REBELIÃO DOS URUBUS! FEIRA DE SANTANA TAMBÉM AMEAÇADA! NÃO DEIXE DE LER CADA HORRIPILANTE DETALHE, AMANHÃ, NO MESMO HORÁRIO!

A LUZ

(Publicada no Jornal da Bahia em 05/06 de outubro de 1969)

A gente aqui na Pituba tem muito orgulho do bairro. Todo mundo sabe disso. Ontem mesmo, estava justamente pensando nesse assunto, lembrando uma dose dupla de uísque falsificado, que tomei num restaurante pertinho aqui de casa, uma falsificação que fazia gosto. Só mesmo para um restaurante pitubano. Eu descobri a falsificação e disse ao garçom ocasião, em que o dono veio para a minha mesa, reconheceu que provavelmente era falsificado mesmo, afirmou que isso eram os ossos do ofício, eu achei tudo muito simpático, e ele me cobrou o mesmo preço que eu pagaria por uma dose de uísque legítimo. Tudo com grandes sorrisos, que é como nós costumamos fazer as coisas na Pituba.

Pois é, estou assim pensando nisso e olhando a moça junto a mim, no banco do lotação e imaginando como ela ficaria emocionada, se soubesse que o próprio autor do SATYRICON estava sentado em compainha dela e — maravilha das maravilhas! — disposto até a conversar. Mas ela não conversou. Devia ser tímida, porque eu estava levando umas duas dúzias de crônicas para a redação (só faço às dúzias, que é para sair mais barato para o jornal) e, muito discretamente mostrei o cabeçalho a ela: SATYRICON. Hein? Diga lá! Viu você? Ela olhou, leu, olhou para mim e não falou absolutamente nada. Que timidez rapaz, você precisava ver. Da próxima vez, acho que vou precisar encorajá-la com mais decisão.

As moças pitubanas são assim, muito recatadas. Tudo aqui é diferente. Por exemplo, a luz aqui a gente tem nos intervalos. Normalmente, ela falta. Mas, quando vem, que iluminação! Acho que a Companhia de Energia Errática da Bahia capricha com a gente, porque conhece a sensibilidade do pessoal. Você vai à casa de alguém, em qualquer outro bairro, e que você vê? Vê luzes acesas, geralmente em lustres pendurados nos tetos. Luzes monotonamente acesas, brilhando amarelamente. Que graça tem isso? Aqui na Pituba, não. Aqui você vê a luz piscar, o que dá um excelente efeito estelar. Ela não chega a apagar. Simplesmente aumenta e diminui de intensidade, com grandes resultados óticos, porque ninguém precisa tomar LSD para ficar vidrado. A luz que fica bem em cima de minha cabeça, sobre a minha mesa de trabalho, costuma, inclusive dar uns chiados, quando a energia oscila, o que me dá um estímulo especial para escrever. Todo escritor precisa viver perigosamente e a certeza de que, um dia aquela lâmpada poderá explodir me dá a convicção de que estou partilhando dos perigos de Hemingway, na Guerra Civil Espanhola. Quando ela não chia, a crônica sai mixa (não vale dizer “mixa como a de hoje”: por que é que eu só arranjo leitores metidos a sabidos?)

Para eletrodomésticos, é ótimo também. Outro dia, por exemplo, quando eu estava assistindo a um programa de TV falado em italiano (aliás, eu acho que esse pessoal das tevês paulistas já está exagerando), a TV, que já vinha aumentando e diminuindo a imagem num belo ritmo, acabou dando também o seu chiado, bambeando um bocadinho, logo em seguida e, finalmente, apagando para todo o sempre, bem na hora em que a moçinha estava dizendo “cerca um altro argomento di conversazione”. Quer dizer fiquei sem TV. Vou escrever um cartãozinho de agradecimento a Compainha.

A geladeira, isso devo reconhecer, é que as dá bem. Porque, quando a luz vai embora mesmo e volta de repente, com pujança invulgar, ela dá umas sacudidelas e estremece toda. Acho que sou o único proprietário de uma geladeira com reumatismo na cidade.

Nós aqui ficamos muito agradecidos pelo serviço que recebemos da Compainha. Outro dia mesmo, em palestra com o espanhol do Armazém Popular, conceituado estabelecimento varejista da Pituba, ele me disse que gostava muito, quando faltava luz o domingo inteiro.

— A gente no vende picolé e cerveza — explicou ele. — Quer decir tiene prejuicio pra burro, mas em compensación fecha cedo, bai dormi e ai aumenta a produtividade. ^{assaltado}

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode, por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes, que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Esquivel D. Ferreira, Teófilo A. Tsalis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Eleftherio K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a malta do banco diariamente, sem qualquer polêmica.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado roubo: um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que ninguém podia prever que, com o roubo, o banco de São Paulo, numa rua de grande movimento e durante o dia, tivesse podido uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos, não houve um grão infantil dos assaltantes, que por mais incerteza que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



CRÔNICAS CITADAS NO CAPÍTULO 04

A PROVA DE AMOR

(Publicada no Jornal da Bahia em 27 de Fevereiro de 1969)

Agora esta na moda gostar de ler consultórios sentimentais, mas eu já gostava há muito tempo. Lia “O coração pergunta e Marga Masson Responde”, numa revista para moças. Ainda existe essa seção, mas agora não é mais como antigamente. Nos bons tempos, era gigantesca, como várias páginas cheias de dramas e sensatíssimos conselhos, principalmente os referentes à solicitação — ao que parece muito comum entre os namorados patricios — de “uma prova de amor”. Marga Masson invariavelmente respondia à moça que não desse a tal prova. Se desse, entrava numa fria. Talvez seja por isso que ela tenha sofrido uma certa sabotagem e, hoje, em dia, haja desgastado sua popularidade. Afinal de contas, não adianta lutar contra as inováveis forças do progresso. O pessoal anda mesmo a fim de dar não somente uma, mas diversas provas de amor, numa demonstração evidente de que há muito amor entre nós. Há tanto amor, que...bem...deixa pra lá, para que não se conspurque o imaculado espaço desta tradicional coluna baiana.

Mas conto essa história toda porque me aconteceu algo de muito embaraçoso, que não sei se levo a sério ou não. Ocorre que recebi uma carta (no duro que recebi uma carta, embora isso não seja frequente entre nós). Fazendo uma consulta sentimental. Não sei o que pensar. Está muito bem escritinha, com letra redonda de moça, num envelope branco, assinada “Rosa Maria”. E, por incrível que pareça, a carta pergunta se Rosa Maria deve dar prova de amor ao namorado. Não explica qual seja essa prova, mas imagino que se trata de algo muito radical, do contrario ela não se incomodaria em escrever a carta. Minha tendência natural, presa ao meu arraigado moralismo, será responder como Marga Masson: “Manque-se Rosa”. Mas não sei se tenho direito de fazer isso, desconhecendo as circunstâncias específicas ao caso. Ao mesmo tempo, suspeito tratar-se de uma gozação. Por que eu? Por que eu, quando existe, por exemplo, o psicólogo Carlos Mendonça, capaz de abalizados conselhos profissionais? Quando existe, aqui mesmo ao lado, nesta página, o futuro membro da Academia Brasileira de Letras, Raimundo Reis, muito versado em tais questões? Quando existe o poeta e compositor Walter Queiroz Junior, que responderia em música? É um profundo mistério.

Tentei localizar alguma Rosa Maria apropriada, em minhas relações, mas, entre aquelas de que me lembro, não creio que haveria tais dúvidas, algumas porque já deram as provas de amor que já precisaram dar, outras porque ninguém pode ter pedido.

E o pior de tudo é que continuo sem saber como responder. Pode ser uma coisa perfeitamente inocente. A carta não esclarece esse ponto delicado. Ainda há brigas no cinema porque o camarada quer pegar na mão da moça. Bem, nunca vi pessoalmente uma briga dessa natureza, mas me dizem que há e eu acredito. Eu acredito em todo mundo. De modo que pode ser uma coisinha inocente como essa. Eu tenho vocação de Zsu-Zsu Vieira. É um dilema extremamente cruel, porque a tal prova pode não ser desse nível e eu poderia ficar responsável, pelo menos parcialmente, por uma situação de certa gravidade. É por isso que, após detida meditação, depois de ponderar gravemente as variáveis em jogo, decidi tomar um caminho extremo, aconselhando Rosa a consultar impiedosamente o único sujeito que sabe tudo na Bahia, Rosa, converse sobre isso com o poeta e professor Ildásio Tavares, que ele lhe soluciona o problema. Não é possível que ele também não tenha um curso de especialização sobre o assunto.

O SUCESSO LITERÁRIO

(Publicada em 15 de julho de 1969)

É sempre consolador saber que o que a gente escreve tem um destino condigno. O que a gente escreve são os nossos pensamentos solidificados na tinta e no papel para as gerações futuras. Dessa forma nunca morremos, nós, os que escrevemos. Tudo o que sai de nossa mão e ganha a impressão fica permanentemente incorporado ao patrimônio da posteridade. Isso pode ser comprovado, inclusive, através de um levantamento que eu fiz ainda outro dia, sobre o destino de minhas crônicas, que é o seguinte:

Exemplares estragados, enquanto o pessoal da rotativa acerta a máquina – 500.

Papel de embrulho para peixes, ovos, abacaxis e produtos diversos – 5.400.

Embalagem para o chamado “pombo sem asa” – 600.

Fôrros para latas de lixo, cachorrinho da madame e quejandos – 1.900.

Papel higiênico – 3.200.

Coleções dos membros do meu numeroso fã clube – 2.

Neste levantamento, é claro, há algumas imprecisões, porque nunca é fácil a gente obter todos os dados referentes a determinado problema. Haverá, na verdade, uns dois ou três usos para minhas crônicas que eu prefiro ignorar, com altivez que me caracteriza. Entretanto, fica patenteado o fato de que, com as minhas crônicas, protesto um inestimável serviço público e não há quem possa descrever o orgulho que agente sente ao abrir o embrulho do mocotó e ler vagarosamente entre um pedacinho de pé de porco e outro, o nosso nome, indelevavelmente marcado, para sempre.

Mas não é isso. eu tenho um livro escrito e algumas pessoas compram esse livro. Como o título é “Setembro Não Tem Sentido”, suponho que os compradores são todos nascidos em Setembro, que julga poder esclarecer, pela leitura do livro, tão insólita afirmação sobre seu mês de aniversário. Pessoalmente, eu nunca vi ninguém comparar meu livro, embora tenha feito diversas tentativas, encostado pelos cantos das livrarias, olhando os balcões de soslaio, com ares misteriosos. Dever ter gente que pensa que eu sou investigador, ou coisa parecida. Mas só vi alguém pegar meu livro uma vez e foi uma velhinha muito simpática, que segurou um exemplar, abriu no meio, leu durante cerca de um minuto, cheirou e largou o troço lá mesmo. Não deve ter gostado do cheiro. Outra vez, presenciei uma devolução. Uma moça trocou meu livro por dois romances policiais, daqueles portugueses. Bem, pelo menos valia dois romances policiais. Só que ela não precisava ter usados aqueles objetivos em relação a meu livro, feriu meus sentimentos. Finalmente de outra feita recebi um exemplar de meu livro de volta, num envelope branco, todo anotado, com xingamentos dirigidos à minha humilde pessoa. Fiquei muito sensibilizado e aproveitei esta oportunidade para agradecer de público, já que não pude agradecer pessoalmente, visto o remetente não ter incluído o seu endereço.

Eu sempre tive sorte em matéria de venda de livros, aliás. Uma vez me levaram para o Rio, para um tal festival de escritos no shopping Center de Copacabana onde gente famosa venderia os livros para nós. eu participava de uma antologia, em companhia de três amigos. Na minha barraquinha, estava Ilka Soares vendendo o livro de outro escritor. Mas o famoso que ia vender o nosso livro só apareceu rapidamente atrasado comunicou que a mulher dêle tinha um amante, que aquilo era um absurdo e que não ia vender livro de baiano nenhum, retirando-se em seguida. Ilka, naturalmente, esgotou os livros do outro camarada. Ficou até com pena de mim, vendeu uns dois meus, bateu no meu ombro deu no pé. É isso mesmo. Quando eu tirar o Prêmio Nobel, vocês vão ver.

O TUTU

(Publicada no Jornal da Bahia em 14 de Outubro de 1969)

Eu estou aqui, vendo o Johnny Marthins desmunhecar na TV, e fico pensando como ele anda montado na nota. Outro dia, ele deu uma entrevista e explicou distraidamente que não sabia quanto dinheiro tinha, porque era dinheiro às pencas, veja você. Enquanto isso, eu aqui, naquela pendura, alimentando a leve esperança de que a tal maratona da bondade tivesse sido organizada em minha homenagem. Não é nada, eu achava que merecia. Entretanto, não foi, como nós sabemos, e eu, batalhando no chamado trabalho intelectual, permaneço no exercício daquela inefável alegria de pobre: pagar dívidas. Trabalho intelectual, principalmente quando a gente escreve crônicas deste tipo, é muito estimulante, porque as pessoas pensam que a gente está sempre dando risada — veja como ele é tão engraçado, olhe só que gozador. Só que a coisa que me tem feito dar mais risada ultimamente é a maneira hilariante pela qual não fica um tostão guardado; não que haja muitos tostões, mas, logo quando a gente vai ficando afeiçãoado a eles, alguém cobra alguma coisa.

Isso se deve ao fato de o mundo ser dividido em cobradores e cobrados. Eu sou cobrado e tenho a máxima admiração pelos meus amigos cobradores, embora, por mais que tente, não consiga atingir a sua invejável condição. Um deles é tão cobrador que próprios cobradores das firmas em que ele vive endividado tem um certo acanhamento em lembrar-lhe as contas atrasadas.

— Meu filho, eu não já lhe disse que não aparecesse esta semana, meu filho? Será possível? Assim não pode, meu filho. Olhe, me faça o obsequio: não me apareça mais aqui! Quando eu tiver dinheiro, eu lhe telefono.

Ai o cobrador vai embora humilhadíssimo. E isso é quando as dívidas já tem uns dois meses de atraso, porque no dia do vencimento, ele nem se digna a responder ao cobrador, limitando-se a congelá-lo com um ar de altivo desprezo. Onde já se viu pagar dívida no dia do vencimento?

Comigo é diferente. O abominável instinto de cobrado transparece abjetamente em meu rosto e aí o cobrador tripudia. Houve um tempo em que eu pagava qualquer coisa, inclusive troços de que eu nunca tinha ouvido falar, como uma porção de associações às quais me garantiam que eu pertencia. Hoje em dia, eu deixei de fazer isso, não por ter a minha resistência aumentado, mas porque certamente o pessoal acha que eu sou uma presa fácil demais, não tem graça. Enquanto isso, eu continuo sendo o cara que primeiro acaba de se coçar na mesa do bar; o único que se lembrou de trazer cigarros para a festinha; o presidente que não esqueceu de trazer o livro de cheques; o perdedor do jogo de pauzinhos para decidir quem vai pagar 26 cervejas; o técnico que levou a sério o convite para uma festa do tipo “leve—uma—garrafa—de—escocês—e—um—prato—de—salgadinhos”.

Mas o pior é cobrar o que me devem. Morro de vergonha, principalmente porque, por alguma razão misteriosa, todos os meus devedores são do tipo cobrador. Vou lá pegar o negocio e sou recebido por um ar de reprovação e censura tão sentido que, imediatamente, dou uma risadinha, finjo que só apareci para bater um papo e acabo indo embora sem tocar no assunto, que é para não embaraçar os amigos. Aí saio e compro um bilhete de loteria.

SER IMPORTANTE

(Publicada no Jornal da Bahia em 15 de Outubro de 1969)

Existem algumas pessoas que são importantes de nascença. Não me refiro ao Príncipe de Gales ou ao filho de David Rockefeller, mas a outras pessoas, que a gente conhece e que às vezes falam com a gente. Fico com uma bruta inveja, porque nunca consegui ser importante. Já experimentei fumar cachimbo e falar com interrupções – eh... ahn... – como um... cientista americano, mas não adiantou. Conheci um camarada que fumava cachimbo e dava uma risadinha, e era respeitadíssimo no prédio em que a gente morava. Era a risadinha mais devastadora que já vi. Quanto a mim, nada que eu faça produz algum resultado, nem mesmo a pose que eu faço quando entro numa reunião qualquer e fico esperando as apresentações feitas pelo anfitrião;

__ Este daqui é o camarada que escreve o Satyricon!

Antigamente, eu gostava de pensar que a cara do interlocutor era devida ao choque de conhecer uma celebridade, assim de surpresa, sem esperar. Mas não é, não:

__ Satyricon? Satyricon?

__ É uma colunazinha no JORNAL DA BAHIA – explico eu, modestamente, esperando um vibrante “aaah!” de reconhecimento.

__ Pois não – diz o apresentado, tendo, finalmente, uma oportunidade de ser gentil.

__ Muito interessante. Na primeira oportunidade, eu vou procurar ler sua coluna.

__ Muito obrigado – digo eu, lançando-me na direção do copo mais próximo.

Quer dizer, não adianta. É uma questão de talento. O sujeito precisa sentir a onda e embarcar nela, no momento exato. Por exemplo, José Amílcar, que comenta futebol na TV Aratu, se dava até bem comigo, mas outro dia, quando eu passei por ele e falei (“i, Zé que é que há?”), ele apenas me acenou distraidamente:

__ Como vai, amigo?

Entendi. Isso significa que ele já conseguiu entrar no rol da importância, com muita categoria e dignidade, capitalizando devidamente a sua invejável posição de astro do vídeo. Mas, como eu disse, é preciso ter talento, senão não adianta. Naquele mesmo dia, inspirado no exemplo edificante de J.A., experimentei cumprimentar uns dois caras da mesma maneira. Não deu certo. Para cumprimentar dessa forma, é preciso que a gente seja cumprimentada em primeiro lugar. O que aconteceu foi que ninguém falou primeiro. Ficou uma experiência muito frustrante, comigo parado na porta da Livraria Civilização Brasileira, esperando cumprimentos. Enquanto esperava, até ensaiava no espelho:

__ Como vai, amigo?

Ninguém falou. Ai eu resolvi reagir contra aquela situação vexatória e comecei a tomar iniciativa. Dirigi uns quatro “como vai, amigos” aos passantes, mas só obtive em resposta olhares estranhos. Até que passou o professor e poeta Eberard Bezerra Nunes.

__ Como vai, amigo – disse eu, com o ar de quem está absorto em graves indagações interiores.

Ele parou diante de mim, ficou olhando para minha cara, puxou minha pálpebra inferior para baixo, espiou cuidadosamente e assumiu um aspecto preocupado.

__ Venha cá – disse ele, pondo a mão em meu ombro. – Vamos ali, que eu lhe pago um cafezinho. Você não está se sentindo bem.

VOCÊS VÃO VER

(Publicada no Jornal da Bahia em 04/05 de Janeiro de 1970)

O ano mal começou e eu já estou chateado. Principalmente por uma razão muito simples. Todos os columnistas daqui andaram publicando agradecimentos por presentinhos, não sei se vocês repararam. Talvez a única exceção além de mim, seja Orlando Garcia, que tentou inutilmente livra-se das banhas com o resultado de que ficou envenenado por ciclâmatos e agora anda com um olhar estranho, que desencoraja qualquer presenteador. Mas eu, que sou uma jóia de rapaz, não recebi nada. No dia primeiro do ano, até botaram minha coluna numa página estranha que tem lá dentro, uma onde costumam sair as bodas de ouro do casal Serapião Malamado e a formatura em professora da futura jovem ortinha da Anunciação. Até onde irão o despeito e a inveja de todos esses ressentidos? É difícil dizer, mas há um complô generalizado. Os dois únicos presentes que eu recebi foram um do Piatã Clube e outro da construtora Góes. O primeiro mandou um convite para o réveillon. Está muito certo, obrigado. Mas não mandaram transporte. Porque não mandaram transporte? Deviam mandar transporte! Vão ter má vontade assim no. Ou na. É demais. Quanto a construtora Góes, propriedade de um grupo de capitalistas amigos meus, o presente foi uma agenda. Ora, uma agenda, uma agenda. E ainda mandaram um pacotinho com três amêndoas e uma explicação, dizendo que os árabes acham que três amêndoas é um toco que dá sorte. Boa maneira de evitar mandar um quilo de amêndoas pelo menos. Além de sovinas, ainda tem o desplante de caluniar a literatura árabe. Eu pergunto: porque não mandaram um apartamento? Por quê? Todo mundo sabe que Joaci Góes, quando está enfasiado, dá apartamentos de três quartos como gorjetas ao garçom ali do Galo Vermelho. Para mim manda uma agenda. Isso deve der bolação de um tal Claudio Mello que trabalha lá com ele e que, segundo me contam, foi deportado do Piauí porque exagerou nesse negócio de mandar três amêndoas para as pessoas. É um absurdo. E se estão pensando que eu vou devolver as amêndoas e a agenda, estão muito enganados! É isso que esse piauiense queria, mas eu não devolvo! As amêndoas, Orlando Garcia comeu. A agenda, vou ficar com ela incorporada ao meu patrimônio, junto à minha coleção de Estampas Eucalol e da toalha de linholene que eu ganhei de brinde num baile beneficente cujo bilhete me custou umas vinte toalhas de linholene.

Pois muito bem, está certo. Se é isso que vocês querem, é isso que vocês terão. De agora em diante, vou começar a reduzir esta coluna à metade do tamanho costumeiro, até ela ficar com umas duas ou três linhas, no máximo. Se quiserem ler crônicas, leiam Raimundo Reis ai de junto, que ganhou um Corcel, uma viagem para dois a Paris, estadia paga, um terreno no CIA, uma semana em Biarritz em companhia da mulher que gravou “JeT’Aime – Moi Non Plus” (você sabe, é aquela tarada) o controle acionário de uma incorporadora e diversos depósitos bancários além de outros brindes menores, que ele diz que não cita por vergonha. E eu não tirei nem um liquidificador nesses bônus da felicidade. Marmelada, marmelada! Isso tudo é um descabro.

Mas vocês estão enganados se pensam que as coisas vão continuar assim. Fiquem sabendo que eu sou aquariano e Aquário é o signo quente, atualmente. E mais: estamos na era de Aquário e no ano favorabilíssimo para Aquário. Vou esmagar a concorrência, escutem o que estou dizendo. E ai, quando eu for rico e famoso, vou mandar três amêndoas para cada um de vocês, acompanhadas de um antigo poemazinho chinês.

“Lecebatlês amêndoas e fique contente.

Passando o ano todo sollidente.

Por que podia ser pior.

Se, em vez de tlês, fosse uma só.”

E aí saio para fazer uma conferencia em Saint-Tropez para Jane Fonda e Brigitte Bardot, sobre "L'Amour Parmiles Brésilliens". No meu jato particular. Ferro na boneca.

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Esquivel D. Ferreira, Teófilo A. Tsalis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Klefeterio K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a matilha do banco diariamente, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muitas e veio a insperado roubo; um milhão de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço das jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos, não fosse um grão infantil dos assaltantes, que por mais nervos que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante a dia, por que a noite e mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



FUI REBAIXADO

(Publicada no Jornal da Bahia em 05 de Março de 1970)

Até ontem, eu não tinha olhado o jornal nôvo, porque andavam gozando a gente por causa da edição do domingo. Isso é uma injustiça. No domingo, a gente pode não ter sido o melhor matutino, mas, seguramente, a gente foi o melhor notino do Brasil, sobre isso não cabe dúvida. O diabo da máquina só recebia instruções em alemão, e foi uma confusão aqui.

Mas ontem eu peguei no jornal para ver como era que estava. Ai foi que eu vi que tinha sido ignominiosamente rebaixado. Até onde levarão o despeito e a inveja? Até onde tentaram solapar o meu fã clube? Eu estava particularmente deprimido ontem, com uma porção de noticias chatas, e aí percebo o lugar em que me botaram: bem debaixo daquelas reportagens sobre a igreja de Pilão Arcado ou sobre os surdos-mudos dos Institutos Pestalozzi de Santa Rita do Passa Quatro, que ninguém lê. Rodapé da Igreja de Pilão Arcado! E isso logo na época em que o Secretário Bautista Vidal tenta enegrecer o resto de meus dias, acenando com a perspectiva de irmãos comer bifes de petróleo, em futuro próximo. Não creio que vá gostar dêsse bife tecnológico. Ontem mesmo, tentei experimentar a novidade botando óleo Singer num filé, e ficou detestável. Se Bautista duvida, eu vou chamá-lo aqui em casa para comer umas almôndegas ao mólho de querosene, para ver se ele gosta, ou uns acarajés fritos e, Esso Faixa Dourada Bautista está engordando e não vê melhor jeito de detestar comer do que fazer com que todo mundo como bife de petróleo. Isso não está direito.

Em segundo lugar, me informaram que o Brasil agora é um dos maiores exportadores de chifres do mundo e a quantidade de chifres que nós (nós lá eles) estamos exportando é realmente assombrosa. E — vejam os senhores a Decadência o Ocidente — o grande exportador de chifres é o Estado de Pernambuco. Agora, eu sou a favor da ampliação da pauta de exportações e tudo mais, mas exportar chifre eu não acho certo. Fico morto de vergonha, pensando na hipótese de Herman Kahn estar falando, lá na América, que talvez o Brasil atinja agora sua emancipação econômica, através da exportação maciça de chifres. Ou pensando na criação futura da Associação Brasileira de Chifricultores. Por que os europeus querem importar chifres? Êles já não tem chifres que cheguem? Brigitte Bardot deve estar ficando velha.

Em terceiro lugar, o senhor Redator-Chefe desta folha, Bel. João Carlos d'Oliveira Teixeira Gomes Fonseca, por alguma razão misteriosa, anda preocupadíssimo com a campanha que tem sido desenvolvida atualmente contra o bidê, e fica enchendo a paciência querendo que eu defenda o bidê.

— Por que lá não empreendes uma acirrada campanha em defesa do nosso bidê, hem, homem? — pergunta-me ele, exibindo o seu luminoso dentinho de ouro.

Eu não entendo muito de bidês. Já expliquei isso a ele diversas vezes, mas ele parece não entender. Na realidade, creio que o off-set o afetou um pouco. Talvez o JORNAL DA BAHIA devesse ter adotado antes um offseis, ou mesmo um off-cinco, para não chocar demais o pessoal. De qualquer forma, todas as vezes que me despeço dele, ele me chama, quando já estou saindo:

— Ei, senhor colunista, êi, senhor colunista!

— O que foi? Pergunto eu.

— Psssss. Psssss. Psssss. Olha o barulho do bidê, olha o barulhinho do bidê! Psssss.Psssss.

Isso com os olhos brilhando e um sorriso meio sério. Quem dizer, onde estamos? Amanhã, se eu continuar segregado aqui em baixo, sem nem um azulzinho aí em cima vou iniciar uma condenação sistemática do bidê.

EM DEFESA DO BIDÉ-I

(Publicada no Jornal da Bahia em 10 de Março de 1970)

Já tive ocasião de mencionar, nesta coluna, o fato de que o Bel. João Carlos D'Oliveira Teixeira Gomes Fonseca, irrepreensível Redator-Chefe desta fôlha, se encontra sobremaneira preocupado com a possibilidade de que a legislação brasileira venha a abolir o curioso aparelho sanitário vulgarmente conhecido como “bidê”. Tentou, inclusive, o preclaro jornalista e homem publico forçar-me a utilizar este espaço para a defesa do mencionado aparato, tarefa que de pronto recusei, visto não entender do assunto. Tive, entretanto, de mudar de idéia rapidamente, porque os acontecimentos do ultimo sábado fizeram-me acreditar que a própria integridade física e psicológica daquele baluarte lusitano das letras depende da sobrevivência do bidê. No sábado passado, eu estava em casa tomando umas coisas e olhando um poço de petróleo que a SAER está fazendo aqui na frente de meu edifício (ou no fundo: ainda não consegui chegar a uma conclusão definitiva sôbre se a frente do meu prédio não é, na realidade, o fundo), quando me bate à porta, esbaforidamente, o Bel. João Carlos.

— Mas como está, meu caro? Que surpresa! – disse eu, gentilmente.

— Dê-me lá uma coisita para beber, homem! Estou cá a esfalfar-me de ansiedade.

Estava realmente muito nervoso. Cumprimentou efusivamente a empregada (“e como passava Vossa Excelência?”), tentou acender o cigarro com o chaveiro e pediu a licença para tirar os sapatos.

— Não se molestem—esclareceu. —Têm olor de magnólias.

Ao sentar-se, passou considerável espaço de tempo com o olhar vazio e distante, arriado sôbre uma poltrona. Não falou nada, a não ser pequenas exclamações inteligíveis. De vez em quando, ouvia-se um barulhinho, que êle fazia com a bôca:

— Pssss. Psssss.

Finalmente, depois de um grande e profundo suspiro, ergueu-se na sua cadeira e segurou-me os braços com veemência.

— Tens lá que ajudar-me, homem, tens que fazer algo neste doloroso transe! – exclamou.

Esperei que êle explicasse qual o transe. Depois de outra pausa, em que passou as mãos pela basta cabeleira e exibiu seu famoso dente de ouro, tendo, em seguida, dançando um nervoso minueto ao som do “Cravo Bem Temperado”, de Bach, que estava tocando na vitrola, êle finalmente explicou:

— Querem acabar o bode, homem! Como poderei viver? Tens que fazer uma campanha, uma acirrada campanha, raios!

— Por que você não escreve um editorial?

— perguntei.

— Ah, pensa o caro amigo já não ter eu tentado? Escrevi lá um editorialzinho de truz, intitulado “Salvemos o Bidê”, mas a direção se opôs que o publicássemos. Só me resta uma esperança. Só me resta a tua coluna.

Repeti os mesmos argumentos anteriores. Fiz-lhe que não entendia absolutamente de bidês, mas êle se ofereceu para me dar farto material bibliográfico sôbre o tema. Disse-lhe que não tinha vontade de escrever sôbre bidês, julgava, inclusive, ter conseguido evitar a incumbência, quando êle, diante da minha recusa, falou dramaticamente:

— Pois, se assim é, vejo-me na contingência de tomar uma medida extrema.

E, ato continuo, entrou no banheiro, trancou-se e começou a gritar:

— JAMAIS SAIREI DAQUI! ESTOU ENTRICHEIRADO! DEFENDEREI O BIDÊ ATÉ O ÚLTIMO ALENTO! ÊIA! SUS! AQUI DEL REI! CASPITE! BOFE! E QUE

VIVA A PRINCESA DONA URRACA! ALCACER-QUIBE! LUTAREI ATÉ NAS ULTRAMARINAS!

A situação exigia uma imediata providência. Foi assim que tive de prometer a defesa do bidê. Quando anunciei isso através da porta do banheiro, ele saiu, lépido e sorridente.

— Ai que felicidade, homem. Vamos lá comer uns rebuçados para comemorar.

E passou o resto da noite comendo bombons e dançando o minueto.

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta forma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específica) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade, anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes, ao virar com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e outra, foi assaltado

As facilidades foram muitas e veio o inesperado roubo; um milhês de crêditos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a memória deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que não de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exatos, não fosse um grão infantil dos assaltantes, que por mais incerto que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. Se fosse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1954. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



CRÔNICAS CITADAS NO CAPÍTULO 05

ESTÁ MUITO FRACA HOJE!

(Publicada no Jornal da Bahia em 14 de Julho de 1970)

Esta coluna me tem rendido muitas glórias e muitas satisfações, é o que me estimula a prosseguir pela senda ingrata do jornalismo diário. Par exemplo, já fui prêmio de gincana três vezes, valendo mais pontos do que um peru de 15 quilos e outras tarefas do mesmo jaez. No começo, eu não gostava muito de ser prêmio de gincana. Era uma questão de falta de prática, porque eu não sabia que cara utilizar, ao chegar à comissão julgadora. Depois fui aprendendo e, daqui a uns dois anos, seguramente serei um dos melhores prêmios de gincana desta praça podem ter certeza.

A correspondência, esta também me estimula muito. Outro dia, recebi uma carta reclamando que não entregavam o jornal na casa do autor da carta. “Exijo uma providência,” dizia a mencionada missiva. Infelizmente, ainda não pude tomar a dita providência, porque recebo que o companheiro desta folha, desportista Enádio Morais, queira obrigar-me a entregar o jornal pessoalmente, a fim de eu fazer alguma coisa pelos 50 contos que o jornal me paga – como ele vive dizendo o tempo todo. Uma senhora também me escreveu, perguntando “como é que o senhor pode fazer graça, quando o mundo está se debatendo em tantas crises” mal sabendo ela que eu escrevo estas mal traçadas todos os dias porque a crise em que me debato também não é moleza. Aliás, esta minha crise já está enchendo a paciência.

Acho que vou ter que recorrer à Sudene.

Quanto a convites, homenagens e honrarias, também não tenho mãos a medir, tal intensidade dos meus novos compromissos sociais. Há cerca de duas semanas, por exemplo, fui convidado a comparecer a uma solenidade, na qual deveria tomar parte na mesa diretora. Fiquei muito honrado com o convite e mandei passar a roupa de ver Deus (uma beleza; é meu único terno, modelo Milisam 1962, de corte impecável e em semi-perfeito estado de conservação, que estou guardando para meu enterro), a fim de apresentar-me à altura de magnitude dos acontecimentos. Ai cheguei lá, meio timidamente, fiquei na porta sem querer entrar, pensei em desistir, até que, finalmente, um dos componentes da mesa me viu e acenou afavelmente. Retribuí com o meu melhor sorriso estilo Zé Amilcar um echtaordjinário sorriso) e me dirigi para a mesa, em passadas seguras e cheias de confiança. Então o camarada que me havia acenado puxou o microfone para junto dele e falou:

— Senhoras e senhores, tenho a satisfação de anunciar a presença em nosso auditório do jornalista Guilherme Simões!

Uma salva de palmas. Fiquei meio acanhado, mas fui em frente. Em chagando à mesa, cochichei no ouvido do cidadão o meu nome.

— Quem? – perguntou ele.

— Deixa pra lá – disse eu.

Espero ter representado Guilherme Simões condignamente. Já estou ficando acostumado. Talvez, quando me apresentarem como o Papa Paulo VI, eu vá ficar um pouco sem chave, mas quem sabe.

Finalmente, a recepção que obtenho nos lugares que freqüento é suficiente para recompensar o trabalho diário. Geralmente, um amigo meu me apresenta:

— Este é o rapaz que escreve Satyricon.

— Quê escreve o quê? – pergunta o apresentado, polidamente.

— O Satyricon. Ah-ah! Não sabe? Aquela coluna do Jornal da Bahia?

— Pois não, pois não — diz o apresentado. — Agora que conheço o senhor, vou procurar ler.

— Não vale a pena — digo eu, modestamente, e vou saindo. —
Aí, junto do bar, encontro sempre um conhecido, que me bate no ombro entusiasticamente.

— Como vai, tudo bem? Tenho lido sempre suas crônicas! A de hoje está muito fraca, muito fraca!

— Não espalhe — digo eu.

SATYRICON
Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta lei.

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e outra, foi assaltado

um funcionário que tentou reagir e levou alguns golpes de faca no local onde os olhos habitam. Numa ocasião, o bode foi assaltado por um grupo de ladrões que, ao serem surpreendidos, jogaram o assalto durante vários meses, fazendo um dia em carregado de fiscalizar a saída diária do bode do Banco Nacional, para a distribuição nas diversas agências do país.

As facilidades foram muitas e veio a insperado rubor; um milhão de copos antigos foi uma oferta que ocupou grande espaço das mesas, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, as polícias encarregadas da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exato, não fosse um grão infantil dos assaltantes, que por mais insucessos que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. Se fosse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos rubros a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de entrar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1958. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A LEGIÃO DO DENDÊ

(Publicada em: 05 de julho de 1969)

Como sabem os leitores desta ínclita coluna, sou um renomado especialista em matéria de super-herói. Na verdade, quase viro super-herói uma vez, mas pronunciei “Shazam” errado e acabei caindo no oitizeiro em que me encontrava encarapitado na ocasião. Por outro lado, quando me vestia de Capitão América geralmente não convencia, e tive de desistir, principalmente porque eu morava em Aracaju e em Aracaju, não é das coisas melhores para a saúde sair de máscara com asinha na cabeça, dentro de uma roupa colorida. O pessoal lá costuma impor os seus padrões de maneira enfática, sabe como é, de maneira que Capitão América teve uma carreira curta. Em outra ocasião fui Homem Bala, mas o objeto que usei na cabeça, para substituir o capacete (não encontrei o tamanho certo no comércio de Itaparica) não impressionou bem a população local. Além disso, não consegui voar adequadamente, o que me deixou bastante chateado. Finalmente, fui Homem Submarino duas vezes, mas também tive de abandonar a carreira precipitadamente, devido à incompreensão do pessoal que me tirava da água para fazer respiração artificial. Dessa forma, passe à condição de expert, na qual me encontro até o dia presente e que me autoriza a fazer a proposta objeto da coluna de hoje. Se o simpático cavalheiro, ou a bela senhorita que agora me lêem, ficam sem saber por que levei tanto tempo para chegar ao assunto informo que esta crônica ocupa duas laudas e meia de papelão 30 linhas por lauda, de maneira que ninguém pode culpar-me por encher um bocadinho de linguça de vez em quando visto que não é mole a gente cascar duas laudas e meia todo santo dia, e ainda encontrar infalivelmente, aquele amigo da gente, com a chamada crítica construtiva: “A de hoje estava fraca!” Fraca bem, deixa pra lá. Ainda bem que eu escrevo este negócio com uma semana de antecedência e nunca me lembro da que estava fraca. Porque eu nunca leio o que escrevo; tenho mais o que fazer.

Bem, como eu estava dizendo, tratando-me de um expert em matéria de super-herói, sinto-me autorizado a fazer determinadas sugestões. Porque não há super-heróis específicos da Bahia e isso é – como diria um dos nossos oradores – uma grave lacuna a ser preenchida porque assim não pode continuar. Dessa forma proponho, em primeiro lugar, a criação do maior de todos, o Grande Super Herói Baiano cujo moto será sem dúvida, dentro de um braço: “Tu Pacas et Nos Retribuemos”. Esse super-herói será, na vida cotidiana, um humilde e obscuro prefeito municipal, ocupado lá com seus assuntos e principalmente com os problemas da comunidade que dirige. Mas, no recesso de seu modesto gabinete, ao pronunciar uma palavra mágica (“Antonino”) se transformará em... Será um pássaro? Será um avião? Será um disco voador? Não, caros leitores, será ASPHALTMAN, o temível Homem Asfalto, que, deslizando pelas pistas de nossa moderna capital, empreenderá um combate diuturno contra malfeitores e inimigos dos soteropolitanos. E em qualquer ocasião em que nos sentirmos ameaçados poderemos respirar aliviados, sabendo, que, no momento exato, ecoará a palavra mágica pelos céus de nossa terra: “ANTONINO!” E logo virá em nosso socorro a figura alada do Homem Asfalto, para nos salvar.

Como se vê, só com esse novo super-herói, já se abririam imensas possibilidades, mas eu não vou para aí porque antevejo a Legião do Dendê, um grupo destemido de super-heróis baianos, que nos ajudará a resolver todos os nossos problemas. Mas isso é conto mais tarde, que a gente tem de economizar.

(Publicada em 24 de julho de 1969)

Assim, sossegadamente, preparava-se ACM para sentar-se à sua mesa de trabalho, quando, subitamente, soou o sinal de alarme. Sobre a secretária, o telefone vermelho tocou sinistramente: “Toniiiiinho. Toniiiiiiiinho, Toniiiiiiiinho!” ele ainda hesitou, antes de

responde ao insistente toque. Sabia que algo de grave estava acontecendo. Estendeu a Mao para o aparelho, e do outro lado, uma voz assustada falou:

- Caiu um carro dentro de um buraco na Manoel Dias da Silva, e até agora não puderam pescá-lo porque a água não deixa!

Com o choque da revelação, o nosso herói não TV tempo de responder, mas veio outro impacto, logo em seguida:

-Em Amaralina, uma nave espacial aterrisou, pensando que estava diante das crateras da Lua!

Era demais. Ele desligou o telefone, com um suspiro cansado. Talvez aquele fôsse um caso para o **HOMEM ASFALTO!**

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode, por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes, que desenvolverem ansiedade, anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes a9 virão com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

— ASSALTO A BUNDA, EM ASSALTO

Ribeiro, Evangelina D. Ferreira, Gertrudes A. T. de, Georges, Andréas, Isantilas, Nkolandu, Theodoru, Kiriakos, Apogio e Kleferto K. Apogio. Esses são os nomes dos autores do plano de negócios, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O veículo deixava a malícia do banco diariamente, sem qualquer politização.

grande espaço das prateleiras, que serviu de modelo para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que ninguém poderia negar. A única coisa que não tinha sido prevista, era a reação de um grupo naquela malícia.

Seu qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter sucesso. Não fosse um erro infantil dos assaltantes, que por mais incrível que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguiria descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda. Não acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1964. Neste ano, certos estabelecimentos foram roubados durante a dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



A AMEAÇA DO SINISTRO CIENTISTA DA CHUVA OU ASPHALT VERSUS WATERMAN - II

(Publicada em 25 de julho de 1969)

Resumo do capítulo anterior – Esperando um dia normal de trabalho, o Homem Asfalto, em sua Identidade secreta, entrou na Prefeitura para cumprir suas tarefas cotidianas. Mal chagou contudo, o seu ASPHALTO-PHONE tocou sinistramente: “Toniiinho. Toniiiiiiinho, Toniiiiiiinho!” Era um comunicado desesperado, revelando uma série de ocorrências de grande gravidade, em tôda cidade. Urgia que algo fôsse imediatamente. Inicialmente, coma calma que lhe emprestaram anos de experiência, ACM tentou resolve o problema pelos meios usuais. Um telefone rápido para o DOJP (Divisão de Operações Jenuinamente Paliativas) ou para a SURCAP (Superintendência de Urbanização Recauchutamento E serviços de Arrumação Precária) talvez resolvesse tudo. Mas êle não contava com o que aconteceu. Quando êle começou a discar o telefone já dava sinal de ocupado. Um problemazinho qualquer com a TEBASA (Telefones bagunçados Sociedade Anônima) provocava aquela situação. Ele hesitou muito antes de tomar a grande decisão. Não gostava de chamar apara a ação o Asphalt Man. Só o queria em casos extremos. Mas parecia que não haveria outro recurso. Dessa forma, ele mandou fechar o seu gabinete, e com ar resignado, pronunciou a palavra mágica que o transforma no Homem Asfalto:

- ANTONINO!

Milagre! Daquela figura tímida e modesta, que antes acabara de canta o Hino da Administração, em companhia de seus auxiliares, surgiu repentinamente o vulto alado do Homem Asfalto. Sua roupa azul de malha contrastava agudamente com o distintivo vermelho no peito: “Tu Pacas Et Nos Recebemos”. Por trás do poderoso tórax, flutuava uma capa branca, com a legenda invencível: “Sic Illa Ad Arcam Reversa Est”. Na mão direita o acarajang, terrível instrumento de combate, que, lançado ao inimigo, inculca-lhe irremediável gastrite, voltando à mão do lançador imediatamente. E assim, surgindo PR entre a fumaça da explosão que o trazia para o combate, Asphalt Man lançou-se pela janela, com o cuidado necessário, porque, da vez passada, no seu impulso, o Homem Asfalto derrubou os vereadores Paulo Fabio Dantas e Urpia Câmara, deixando-os em estado lamentável. o Homem Asfalto procurava o Asfaltomóvel, que se encontrava estacionado na área rotulado: “privativo do carro um” na frente da Prefeitura, embora o Código Nacional de Trânsito proíba estacionamento privativo, mas ninguém pode interferir com o Homem Asfalto, nem com os vigilantes que cuidam da preservação de seus interesses estacionativos. Há algo mais alto no jogo.

Dentro do Asfaltomóvel, um rôlo compressor especialmente adaptado, o Homem Asfalto dirigiu-se velozmente aos locais indicados. Mas, enquanto vencia as distâncias, não podia evitar um sentimento de apreensão, que lhe tomava o espírito.

- Isso dever ser um serviço para o Homem água – pensava êle. – O meu asfalto não resiste a água se dissolve imediatamente. O jeito que eu tenho é declarar tudo isso tabu e resolver a coisa tôda logo.

E assim comentava consigo o Homem Asfalto, enquanto chegava rapidamente a Amaralina para verificar os problemas causados pela chuva.

A AMEAÇA DO SINISTRO CIENTISTA DA CHUVA OU ASPHALT VERSUS WATERMAN - III

(Publicada em: 26 de julho de 1969)

Resumo dos capítulos anteriores – Confrontado por terríveis ameaças, o tímido e discreto ACM reluta antes de pronunciara a palavra mágica que o transforma no invencível Homem Asfalto. Tenta resolver o problema através de meios comuns, mas o telefone que procura utilizar dá sinal de ocupado e antes que ele acabe de discar. Sem outro recurso, ACM finalmente pronuncia a palavra mágica, partindo no seu Asfaltomóvel para combater a medonha ameaça.

Atravessando as ruas velozmente no rôlo compressor adaptável conhecido como Asfaltomóvel, o Homem Asfalto dirige-se para a avenida Manoel Dias da Silva, onde encontra uma grande multidão em torno do automóvel afundado. Sem um momento de hesitação, mergulha na grande massa de água, arranca o automóvel sinistrado e o conduz para o sêco. Feito isso, dirige os poderosos jatos do seu Asfaltomóvel para o buraco e o asfalta-o completamente, bem como tôda a vizinhança e alguns curiosos que rodeavam o acontecimento. Diante dos aplausos dos circunstantes, Asphalt Man, modestamente, bate em retirada, limitando-se a cravar uma placa de 10 metros por 20 no local: **MAIS UMA OBRA DO HOMEM ASFALTO!**

Montando agilmente em seu veículo parte para outro local sinistrado. Enquanto desliza pelas ruas pensa em seu arqui-inimigo, o Homem água, que através de chuvas corrosivas costuma derreter todo o seu asfalto. “É preciso dar um jeito nisso”, pensa. e, ao chegara em Amaralina, ainda encontrou a figura ameaçadora do Homem Água, curvado sôbre as crateras que a sua água havia cavado na pavimentação. “Ih, ih,ih”, ria o terrível cientista louco. Sem mais delongas, Asphalt Man lançou-se como uma flecha sôbre o perigoso malfeitor.

- POW! BANG! KAPOW! TWIING!

E já o bandido, se poder resistir cai na calçada, quando, no ultimo momento, lembra-se do único ponto fraco do Homem Asfalto e ataca sua têmeoras grisalhas com um spray preto, com as têmeoras pintadas de preto, Homem Asfalto cambaleia e solta sua presa, que aproveita a oportunidade para escapar, via Cardeal da Silva, por uma cruel ironia do destino. Conseguindo recuperar-se lentamente, voltando a exhibir suas respeitáveis têmeoras grisalhas. Homem Asfalto decide tomar uma medida drástica. Era preciso fazer alguma coisa que resolvesse definitivamente a situação. Não podia mais suportar os gritos de desespero daquela população aflita. Uma mulher, diante da buraqueira de Amaralina, gritava:

- Meu Deus, meu Deus!

- Não me chame agora – disse o Homem Asfalto, pensativamente. – Tenho que dar uma solução definitiva a êsse problema.

E, com vôo gracioso para o alto, Asphalt Man preparou-se para colocar em ação o seu plano. Sumiu na distancia, sob os olhares admirativos da multidão, que ficou ali mesmo, em redor do Asfaltomóvel, esperando sua volta. Dito e feito. Cinco minutos depois regressava o vulto alado. Nada falou e nada lhe foi perguntado. Não havia necessidade. Pois, naquele rosto tranqüilo e resoluto, se refletia a consciência do dever cumprido. Sim, amigos, São Pedro fôra definitivamente asfaltado.

DESCULPE O VELHO SHAKESPEARE, MAS A CONJUNTURA BAIANA EXIGE (Publicada no Jornal da Bahia em 07 de Outubro de 1969)

Ser ou não ser, eis a questão.

É mais nobre aquele que sofre as pedradas.

E as flechas da política ingrata,

Ou aquele que sempre está na onda

E se esquece do passado? Morrer, dormir no pouco...

Essa não, pois, dormindo, a gente fica exposta

A dor da cassação e aos milhares de choques

Que a lembrança do passado traz. Seria a consumação

Da nossa carreira. Morrer, dormir no ponto...

Dormir no ponto é ser idealista. Ai não dá pé.

Porque nessa dormida besta, que idéias farão

Com que saíamos do ostracismo?

Seria uma pausa que não refrescaria. Há que lembrar

Que a coerência pode trazer calamidades.

Pois quem suportaria o desprezo dos ex-puxas,

A fila de lotação, não aparecer na tevê,

As dores do poder perdido, um emprego modesto.

A falta de oficiais de gabinetes e a ausência de elogios,

Quando a gente não está por cima,

Se a gente mesma pode dar um jeito,

Passando ao lado certo na hora certa?

Quem carregaria

O triste fardo das antigas amizades,

Para usar e gemer sobre uma carga incômoda,

Se o medo da morte política — A terrível província do olvido, de cujas terras

É tão difícil voltar — embota os princípios

E faz a gente pegar no certo

Para não apostar no incerto?

Assim, a necessidade a nós todos dá vivacidade

E a altaneira fortaleza de caráter

Se empalidece com a atual conjuntura,

E as ligações de outrora, antes tão sólidas,

J. U. RIBEIRO

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Evaghen D. Petras, Terentios A. Tsolis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogios e Kleférios K. Apogios. Esses sete homens estrangeiros planejavam o assalto durante vários meses, buscando um lugar estratégico de localizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a malta do banco diariamente, sem qualquer policiamento.

As facilidades foram muitas e veio o inesperado roubo; um milhês de cruzeiros antigos foi uma soma que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de momento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elucidação do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter sucesso. Não fosse um erro infantil dos assaltantes, que por mais incerto que parecia deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguiria descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, bato e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1968. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificadas dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um furo de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 22.823,42 da agência de Moçambique, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois assaltos foram realizados na capital somando 31 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



Com tal situação tem de desfazer-se,
Como é defeito pela chuva o nosso asfalto.

Agora, silencio. Vem alguém aí

— Meu nobre correligionário,

Eu sempre o apoiei.

1 — Fica instituído o Consórcio Nacional Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Específicada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, vacinação e emplacamento do bode (ou cabra), acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde, — e outra, foi assaltado

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os assaltados N. Krasov, Escriba D. Fátima, Tereza A. Tadi, Georges Andreus, Isantila, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogis e Eleftherio K. Apogis. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a malta do banco diariamente, sem qualquer polêmica.

As facilidades foram muitas e veio a inesperada reunião: um milhão de crêditos antigos foi uma notícia que ocupou grande espaço dos jornais, que serviu de incentivo para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, os policiais encarregados da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exato, não fosse um grão infantil dos assaltantes, que por mais incerto que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, bota e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1958. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo, numa agência do Banco do Estado de São Paulo, do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos e quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.



O EXPEDIENTE LÁ DE CIMA

(Publicada em 06,07 de abril de 1969)

Departamento de Relações Públicas e Atendimento à Clientela – Expediente do Dia – Anjo Encarregado: XI.2/32 – Oficial de Dia: Santo Antonio – Secção Atendida: Salvador, Ba, Brasil.

CORAÇÃO SOLITÁRIO – Compreendida sua situação. Realmente, trata-se de um transe Doloroso. Infelizmente, entretanto, à secção de Fornecimento de Maridos não poderá atender seu pedido com a brevidade solicitada, já que a oferta do produto se encontra em nível baixo ao passo que a demanda permanece como sempre. Sugerimos sua entrada no Consorcio de Maridos, com entrega garantida em 50 meses. Consulte seu pároco. Outrossim as velas acessas em são Francisco Foram anotadas, com agradecimentos.

DESESPERADO – O atraso na resposta a seu pedido foi devido ao longe andamento do processo. Lamentamos não ser possível conceder sua solicitação de que o São Cristovão seja campeão baiano por cinco vezes seguidas. Eis um trecho do despacho da Instancia Superior: “... isso é difícil até para mim”. Por outro lado, advertimos que sua ponderação de que o time deveria ser penta-campeão por ter o nome de um santo foi julgada insolente, pois o próprio São Cristovão considera a existência dessa agremiação com seu nome sumamente embaraçosa. Faça penitencia.

ACM – consideramos seu pedido imaginoso, mas, infelizmente, não vemos como poderemos, sem causar grandes transtornos, esculpir em nuvens, no céu, durante 15 minutos, uma efigie sua junto com uma de Ruy Barbosa e outra de Tomé de Souza. Por outro lado, sua promessa de, caso seu pedido seja atendido, asfaltar a Catedral foi julgada inadequada. Raios na Câmara de Vereadores também são difíceis, nesta época do ano. Providenciaremos umas goteiras.

JUR – Sua argumentação no sentido de convencer a burocracia celeste a lhe conceder o primeiro prêmio da Loteria Federal não foi levada em conta. Aliás recebemos uma média de 200,000 pedidos desses por semana, todos se julgando muito originais. Temos conhecimento também de que houve uma tentativa de suborno de sua parte, junto a São Cipriano, o que é muito grave. Sua ficha aqui não é das melhores.

ALMA LOUCA – O céu não fornece a documentação solicitada. Seus problemas com sua mulher podem, no máximo ser resolvidos com o auxílio de uma agência de detetives, ou coisa que o valha. Console-se: seu caso não é o primeiro, nem será o último.

DESAJUSTADO – Compreendemos o sentido das festas de largo da Bahia, mas transformar o Rio Joanes em cerveja gelada, durante as comemorações da Conceição da Praia não seria dos milagres mais meritórios já concedidos por este Departamento. Julgamos que cada um estaria melhor comprando sua própria cerveja engarrafada. Pense nos prejuízos aos fabricantes do precioso liquido capitalista também é filho de Deus. NB: procure um médico e faça uma hepatograma. A opinião aqui é que a sua cirrose não demora.

FRUSTADO DO CARTEADO – Realmente, “Royal straight flushes” de outros não são muito comuns, e você não é o único a nunca ter feito um deles. Achamos, inclusive, que isso não interessa muito aqui. Contudo, um santo, que prefere ficar anônimo e que gosta de assistir a um pokerzinho de vez em quando, prometeu-lhe pelo menos um “straight” de espadas no próximo sábado. Observe, contudo, que não se responsabilizará pela mão dos seus oponentes. Leve pouco dinheiro.

JACOB COHEN – Dirija-se a outro departamento, ou então converta-se de uma vez. Esse negócio de querer jogar em duas frentes pode parecer muito sabido, mas não adianta.

BAIANINHA TRISTE – Não vai ser possível fazer com que Wanderley Cardoso se apaixone por você ou que entre voando pela janela de seu quarto. Podemos conseguir-lhe Cid Seixas, mas não temos certeza de que servirá. Mande notificar, com duas semanas de antecedência.

CORAÇÃO VERSÁTIL – A atitude deste departamento em relação à monogamia e de uma firmeza conhecida por todos. Queria, por conseguinte, desisti imediatamente de suas pretensões, ou então, converter-se em maometano, porque talvez Alá lhe consiga quebrar o galho. Por exemplo, seis mulheres, com a nossa chancela mesmo você prometendo integral assistência (no que, por sinal, não acreditamos muito), é algo absolutamente inadmissível.

UNIVERSITÁRIO DESAMPARADO – Não foi inventado nenhum sistema para se aprender Geometria Analítica deitado de barriga para cima e pensando “como seria bom”. Sua promessa de ir a pé ao Bonfim não é exatamente a mais original que recebemos este ano. Mas vá. O exercito lhe fará bem.

ABANDONADO – Francamente! Só por que sua namorada o deixou de repente, não há razão para você pedir que ela fique careca para sempre. Não há nenhum sentido construtivo nisso. Contenha-se.

FIEL – Seu pedido no sentido de que todos sejam felizes nesta Páscoa, deixou este departamento muito satisfeito. Entretanto antes de atendê-lo, encomendamos um laudo psiquiátrico ao seu anjo da guarda por que desconfiamos de uma coisa: você foi o único que não pediu nada para si próprio. Isso é muito estranho.

I – taxa de entrega do bode.

Art. 5 – Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos com garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único – A garantia cobrirá quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a – avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b – chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c – doença infecciosa.

Art. 6 – O comprador se obrigará à realização de revisões mensais no bode, em qualquer bodega autorizada.

Art. 7 – A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único – O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 – Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 – Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 – Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns

tiros, vindo a falecer no local, com os serviços liberados.

Ritorno, Kussow, e outros, foram presos e encaminhados para

uma prisão, onde a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

ser a mesma, pois a situação não é mais a mesma, apesar de

O EXPEDIENTE LÁ DE CIMA
(Publicada em 27 de maio de 1970)

REINO CELESTE. DEPARTAMENTO DE PROMESSAS E PEDIDOS ESPECIAIS, 26 de maio de 1970.

“EDUCADOR CONSCIENTE, Salvador” – Levamos em consideração todos os seus argumentos, excetuando aquele em que o senhor quer estabelecer jurisdição da Universidade Federal da Bahia sobre os nossos métodos de admissão. Nessa parte, desculpe: os senhores podem ter feito uma reforma excelente, mas a nossa experiência – o senhor há de convir – é bastante maior. De qualquer forma, a resposta é negativa: o vestibular único para entrada no céu está absolutamente fora de cogitações. Já pensou a confusão, quando entrar alguém passando por ter acertado as respostas por acaso? Por outro lado, o nosso método de lidar com excedentes é muito eficiente. Até hoje, não tivemos queixas.

“MORENHINHA DESESPERADA, Feira de Santana” – quanto a seu pedido para Agnaldo Timóteo aparecer de repente em seu quarto, no meio da noite; indeferido. Em tempo: não ia adiantar nada.

“TONICO ESTOU-NA-MINHA, Salvador” – Discordamos de você. Se os nossos governantes fumassem maconha (“puxassem um fuminho”, como diz você), isso não ia resolver nada. Lembre-se que o pessoal, em May Lay, estava fumando maconha, e foi aquilo que você já sabe. De qualquer forma, sua preocupação com o destino da Humanidade lhe rendeu 500 pontos positivos em sua ficha. Mas sua pergunta se os apóstolos tomavam bolinha lhe valeu 50.00 pontos negativos. Sorry.

“RADICAL INCONFORMADO, Salvador” – meu caro Radical, ser revoltado é fácil. Difícil é ser revoltoso. 20.000 pontos negativos.

“ACM, Salvador” – Inicialmente, nossos parabéns pela sua vitória. Quem diria hem? Infelizmente, mesmo considerando a sua nova situação, o desenho de sua efígie e iniciais em nuvens é considerado um pouco exagerado, ainda. Entretanto, considerando o interesse público envolvido, garantimos que nenhum viaduto cairá nos próximos 6 anos.

“CARIDOSO DESPREENDIDO, Salvador” – Ficamos muito sensibilizados por você ter dado esmolas a todos os quatro mendigos que o procuraram hoje em seu escritório. Quando você chegar ao inferno, o dinheiro lhe será integralmente restituído, com correção monetária.

“TORCEDOR DO VITÓRIA, Salvador” – Apesar de todos os nossos esforços, tem sido impossível fazer com que o Vitória seja campeão. Falta de caráter não dá para consertar. Experimente o Redenção.

“SOFREDOR SOLITÁRIO, Salvador” – Em resposta à sua primeira pergunta: com o marido dela, certamente que Raquel Weich faz isso tudo. Em resposta à sua segunda pergunta: só perguntando diretamente a ela. Em resposta à sua terceira pergunta: é pecado, sim.

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

(Publicada em 17/18 de maio de 1970)

Esta edição de alguns trechos da Bíblia Sagrado é dedicada especialmente aos deputados federais do Brasil.

“O meu amado é para mim um ramalhete de mirra. Morará entre os meus censurados.

“Eis como és gentil e agradável, oh amado meu: o nosso censurado é viçoso.

“O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho do censurado: eis que está detrás de nossa parede, olhando pelas janelas.

“O teu pescoço é como a torre de David, edificada para pendurar armas: mil escudos pendem dela, o dos broquéis de valorosos.

“Os teus dois censurados são como dois olhos gêmeos de gazela, que se apresentam entre os lírios.

“Favos de mel manam dos teus lábios, oh minha espôsa! Mel e leite estão debaixo de tua censurada e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano.

“Os teus censurados são um pomar de romãs com frutos excelentes: o cipreste e o nardo.

“Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul: assopra no meu jardim para que se derramem os seus aromas: ah, se viesse o meu amado para o seu jardim e censurasse os seus frutos excelentes!

“O meu amado pôs sua mão pela censurada da porta e minhas censuradas estremeceram por amor dele.

“As suas mãos são como anéis de ouro que tem nelas engastadas turquesas. O seu censurado é como alvo marfim, coberto de safiras.

“Que formoso são os teus pés nos sapatos, ó filha do príncipe! As voltas de sua censurada são como jóias, trabalhadas por mãos de artistas.

“O teu censurado é como uma taça redonda, a que não falta bebida. O teu censurado é como um monte de trigo cercado de lírios.

“Os teus dois censurados são como dois filhos gêmeos de gazela.

“A tua estatura é semelhante à palmeira e os teus censurados aos cachos de uma parreira.

“Dizia eu: subirei à palmeira, pegarei em seus ramos. E então os teus censurados serão como os cachos de vida, e o cheiro do teu hálito como o das maçãs.

“Vem, oh meu amado, saíamos nos campos, censuremos nas aldeias.

“Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as vinhas, se abre a flor, se já brotam as romeiras: ali te censurarei o meu censurado.

“A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça e a sua direita me censure.

“Quem é esta que sobre do deserto, e vem censurada tão apazivelmente ao seu amado?

“Temos uma irmã pequena que ainda não tem censurados. Que faremos com esta nossa irmã, quando ela estiver prometida?

“Eu sou um muro e os meus censurados são como suas torres: então eu era, a seus olhos, como aquela que acha paz.

“Vem depressa, amado meu, e faz-te semelhante ao gamo ou ao filho do censurado sobre os montes de aromas.”

ANEXO 4

ENTREVISTA E FOTOGRAFIAS DE ALGUMAS CRÔNICAS

ENTREVISTA CONCEDIDA PELO JORNALISTA LEVI VASCONCELOS⁷⁸ EM 14 DE MAÇO DE 2013

Pergunta 1: Como se deu o acolhimento de jornalistas e intelectuais ligados ao comunismo no Jornal da Bahia?

Resposta: Para não assustar o regime, João Falcão mantinha e aceitava os comunistas, dando cobertura a eles como repórteres no jornal.

Pergunta 2: É possível citar um nome desse grupo?

R: Emiliano José, por exemplo, foi preso, torturado e trabalhou no Jornal da Bahia como jornalista.

Pergunta 3: O que essas pessoas faziam era um tipo de militância jornalística de resistência à ditadura?

R: Antes de tudo, eles estavam lá por uma questão de sobrevivência, pois não havia muito espaço para eles atuarem profissionalmente. Eram considerados malditos... onde quer que fossem por causa do regime.

Pergunta 4: Poderia citar algum outro nome?

R: Dalton Godinho, Oldack Miranda, amigo de Emiliano e José Maria que militou no passado com João Falcão.

Pergunta 5: O Jornal da Bahia foi um empreendimento que contou com capital de empresários e apoio político? Como se deu isso, na fase crítica da briga do jornal com ACM?

R: João Falcão vendeu o Banco Baiano da Produção para bancar a briga entre o jornal e ACM. Apesar de ter outros financiadores, como os assinantes, Falcão foi o maior investidor, inclusive na fase crítica.

⁷⁸ Levi Reis Vasconcelos é jornalista especial do Jornal *A Tarde*, colaborador da página **Política** com a coluna **Tempo Presente**. Foi jornalista no JBa., entre as décadas de 70 e 80, e colaborou com João Falcão na produção do livro “Não deixe essa chama se apagar”, cuja contribuição é citada no livro mencionado. A entrevista foi concedida em conversa gravada e depois digitalizada, no Parque Metropolitano de Pituaçu, em Salvador, Bahia.

FOTOGRAFIAS DE ALGUMAS CRÔNICAS CITADAS NO ESTUDO

FAC-SÍMILE DE CRÔNICA CITADA NO CAPÍTULO 01:

Instauração do Tororó e Proprietária Será Ouvida

De Antonio Carlos de...
...a instauração do Tororó...
...a proprietária será ouvida...

Prêso por Radiagem

Manoel Manoel de Jesus...
...prêso por radiagem...

TRIQUE S.A.

COMUNICAMOS A TODOS OS NOSSOS CLIENTES O NOSSO NOVO ENDEREÇO:
RUA PORTUGAL — N.º 9 — 1.º ANDAR
"BANCO DO TRABALHO"
TELEFONES — 2-36-91 / 92 / 93 / 94
COMÉRCIO N.º 2578-2
TELEFONES DA BAHIA S. A. TEBASA
AVISO AO PÚBLICO
A Telefones da Bahia S/A. — TEBASA avisa o público usuário que em virtude de acidente a Rede Telefônica se encontram paralisados os telefones nos seguintes trechos:
— RUA PORTUGAL
— RUA PINTO MARTINS
— RUA CONSELHEIRO DANTAS
— RUA CONSELHEIRO SARAIVA
— RUA GUNDASTE DOS PADRES E ADJACÊNCIAS
A Companhia está enviando os esforços para colocar em funcionamento os telefones dentro de 48 horas.
A DIREÇÃO N.º 2604

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

O Sucesso Literário

É sempre consolador saber que o que a gente escreve tem um destino condigno. O que a gente escreve são os nossos pensamentos solidificados na tinta e no papel, para as gerações futuras. Dessa forma nunca morreremos, nós, os que escrevemos. Tudo o que sai de nossa mão e ganha a impressão fica permanentemente incorporado ao patrimônio da posteridade. Isso pode ser comprovado, inclusive, através de um levantamento que eu fiz ainda outro dia, sobre o destino de minhas crônicas, que é o seguinte:

- Exemplares estragados, enquanto o pessoal da rotativa acerta a máquina — 500.
- Papel de embrulho para peixes, ovos, abacaxis e produtos diversos — 5.400.
- Embalagem para o chamado "pombo sem asa" — 600.
- Fórras para latas de lixo, cachorrinho da madame e quejandos — 1.900.
- Papel higiênico — 3.200.
- Coleções dos membros do meu numeroso clube — 2.

Neste levantamento, é claro, há algumas imprecisões, porque nunca é fácil a gente obter todos os dados referentes a determinação do problema. Haverá, na verdade, uns dois ou três usos para minhas crônicas que eu prefiro ignorar, com a alíze que me caracteriza. Entretanto, fica patenteadado o fato de que, com minhas crônicas, presto um inestimável serviço público e não há quem possa descrever o orgulho que a gente sente ao abrir o embrulho do mocotó e ler vagarosamente, entre um pedacinho de pé de porco e outro, o nosso nome, indelevelmente marcado, para sempre.

Mas não é só isso. Eu tenho um livro escrito e algumas pessoas compram esse livro. Como o título é "Setembro Não Tem Sentido", suponho que os compradores são todos nascidos em setembro, que julgam poder esclarecer, pela leitura do livro, tão insólita afirmação sobre seu mês de aniversário. Pessoalmente, eu nunca vi ninguém comprar meu livro, embora tenha feito diversas tentativas, encostado pelos cantos das livrarias, olhando o balcão de soslaio, com ares misteriosos. Deve ter gente que pensa que eu sou investigador, ou coisa parecida. Mas só vi alguém pegar meu livro uma vez, e foi uma velhinha muito simpática, que segurou um exemplar, abriu no meio, leu durante cerca de um minuto, cheirou e largou o troco lá mesmo. Não deve ter gostado do cheiro. Nas próximas edições, vou adotar novo cheiro. Outra vez, presenciando uma devolução. Uma moça trocou meu livro por dois romances policiais, daqueles portugueses. Bem, pelo menos valia dois romances policiais. Só que ela não precisava ter usado aqueles adjetivos em relação a meu livro. Feriu meus sentimentos. Finalmente, de outra feita, recebi um exemplar do meu livro de volta, num envelope branco, todo anotado, com xingamentos dirigidos à minha humilde pessoa. Fiquei muito sensibilizado e aproveitei esta oportunidade para agradecer pessoalmente, visto que não pude agradecer pessoalmente, visto que o remetente não ter incluído seu endereço.

Eu sempre tive sorte em matéria de venda de livros, aliás. Uma vez, me levaram para o Rio, para um tal festival de escritores, no Shopping Center de Copacabana, onde gente famosa venderia os livros para nós. Eu participava de uma antologia, em companhia de três amigos. Na minha barracquinha, estava Ilka Soares vendendo o livro de outro escritor. Mas o famoso que ia vender o nosso livro só apareceu rapidamente, atrasado, comunicou que a mulher dele tinha um amante, que aquilo era um absurdo e que não ia vender livro de baiano nenhum, retirando-se em seguida. Ilka, naturalmente, esgotou os livros do outro camarada. Ficou até com pena de mim, vendeu uns dois meus, bateu no meu ombro e deu no pé. É isso mesmo. Quando eu tirar o Prêmio Nobel, vocês vão ver.

O "PA"

O senhor Sr. Rogério é considerado como um pai por...

Ficou aliado: Signora e Ferrinho foram à aldeia e tomaram das as explorações rústicas, dizendo mais que "quem arrua empingarda vai se ver com a gente".

TURURIM, O ÚNICO

De todos os Pataxós, somente um homem pequenino apelidado de Tururim, é que conhece alguma coisa da língua deles, que diz ser o gaurany. A sua história é igual a de todos os outros — seus pais viveram e morreram na aldeia de Ilka Velha. Ele segue a mesma sina, com seis filhos e uma filha, a mulher. Mas, agora saber alguma coisa numa língua estranha e o "ouvi falar" em Teodoro Martins Fontes — pacificador dos Pataxós — Tururim só sabe mesmo é pi caranguejos ou sobre em coqueiros. Suas aptidões não lhe desenvolvem e o parentismo fez dele um homem ativo, que fuma muito e toma cabéca.

Tururim, depois de algum tempo e muito pedido, em uma mensagem, o "Novo cheiro, nosso Papai Velho, deve ter gerado os Pataxós, no Tupizaia — que é a roupa dando kilara nos vivermos, ensinando nossos filhos à leitura, da terra para trabalharmos, pois vivemos aqui nas piores condições". Rufino Vicente Ferreira, o Tururim, diz ter esperança de que sejam os Pataxós, atendidos.

Dono Zefa e seis de seus filhos. Ela é um...

"O SUCESSO LITERÁRIO" — PUBLICADA EM 15 DE JULHO DE 1969, NA COLUNA SATYRICON, NO CADERNO 2, JORNAL DA BAHIA

FAC-SÍMILE DA CRÔNICA CITADA NO CAPÍTULO 2:

O DA BAHIA
PELO DECRETO FEDERAL N. 54021
100.00 Plano "AH"
JANEIRO DE 1969
Pagamentos sem descontos

NCR\$	Prêmios	NCR\$	1º PREMIO
18,00	948	18,00	02712
	8273	18,00	30.000,00
25,00	8436	18,00	CR\$ Nove
	8653	25,00	2º PREMIO
20,00	8986	18,00	08652
18,00			2.500,00
18,00	9		Salvador
25,00	9272	18,00	3º PREMIO
18,00	9331	18,00	02009
	9350	20,00	1.000,00
18,00	9450	18,00	CR\$ Nove
18,00	9479	18,00	Salvador
18,00	9483	20,00	4º PREMIO
18,00	9764	18,00	07116
18,00	9771	18,00	600,00
18,00	9897	20,00	CR\$ Nove
20,00	9933	18,00	Salvador
	9947	18,00	5º PREMIO
25,00			07653
			400,00
			CR\$ Nove
			Salvador
			Aproximação
			2709
			2710
			2711
			2713
			2714
			2715
			NCR\$ 150,00

DO 1.º PRÊMIO, TEM NCR\$ 15,00
— 446 — 653 — tem NCR\$ 30,00
53 tem NCR\$ 15,00
Federal — NELSON CÂNDIDO LIMA
IANA FILHO, comprando Bilhete

SATYRICON

J. U. Ribeiro

Paz na Terra

O homem sempre revelou uma infinita compreensão para com o seu semelhante, e disso temos exemplos em toda a História da Humanidade. Gaius Tranquillus, por exemplo, já contou da inata simpatia de Atila e dos feitos caridosos de Calígula, que nos fazem cada vez mais acreditar na bondade humana. Todo mundo se lembra daquelas fotos que saíram em um número passado de uma revista semanal, mostrando a execução de alguns cidadãos de um país árabe distante. Comovia a eficiência da operação, o ar compreensivo do carrasco, o aspecto solícito da multidão de espectadores.

Isso tudo me ocorre a propósito dos recentes enforcamentos no Iraque, que, inclusive, foram televisionado para uma interessa da população. Devem ter sido enforcamentos de alta precisão, realizados dentro da mais perfeita técnica. Lembra, inclusive, a punição para ladrões que havia na Índia, há relativamente pouco tempo. Consistia no seguinte método imaginoso e humanitário: pegava-se o paciente, desnudava-se o paciente e colocava-se o paciente diante de uma entusiástica platéia, reunida especialmente para esse fim. Em seguida, mandava-se buscar uma vara de bambu, afiada a fígado, e flocava-se a referida vara (a essa altura, resistente como aço, mas bastante flexível) no chão. Finalmente, vinha o momento culminante da função: sentava-se o paciente na vara e esperava-se, entre aplausos e olhares curiosos, que a impalação surtisse seus efeitos.

Ora — dir-se-á isso são hábitos bárbaros, que não mais estão em prática. E claro, é claro. Antigamente, como no tempo de Henrique VIII, os condenados ainda tinham de fazer comentários elogiosos ao rei, senão a coisa piorava. Ana Bolena fez isso: "Vou ser decapitada a machado, mas um príncipe mais nobre e generoso do que Henrique nunca houve..." Hoje em dia, também, não se executam meninos e rapazinhos, como ocorria na própria Inglaterra. A não ser nos documentários de Giacomo Jacopetti, o qual, segundo consta, dá dinheiro aos carrascos a fim de que eles esperem o momento de melhor incidência do sol, colaborem na escolha de ângulos de filmagem etc. Entretanto, não é tão verdade assim que esses hábitos não estejam mais em prática. Nos Estados Unidos, a tendência é a abolição da pena de morte, mas, mesmo assim, ainda existem a força, a cadeira de gás e a cadeira elétrica. O último desses três métodos é o mais moderninho, como todo mundo sabe. Exige apenas alguns preparativos de menor importância. Raspa-se a cabeça do condenado e usa-se um pouquinho de água salgada nos locais do corpo em que serão aplicados os eletrodos: temporais, pés, punhos, etc. Isso para facilitar a condução da corrente elétrica e para não haver demoras inconvenientes, muito desagradáveis para todos. Em redor, há algumas testemunhas especialmente convidadas. Todas são aconselhadas a colocar um lenço no nariz, a fim de não se molestarem com o acenado cheiro de carne queimada que invade o recinto. Depois de alguns instantes, a justiça está feita e todos vão em paz para casa.

Já o enforcamento envolve um alcapão. Em alguns casos, porque o condenado é excessivamente leve, torna-se necessário que o carrasco o abraça, a fim de que se dê o fraturamento da coluna vertebral da maneira mais cientificamente aconselhável. No caso da câmara de gás, caem umas cápsulas dentro de um recipiente cheio de ácido, sob a cadeira do executado, com a conseqüente formação de um gás venenoso. Os únicos inconvenientes para as testemunhas, no caso, são que o condenado entra em feias contorsões, que são de muito mau gosto, e as janelas para a observação do ato são extremamente reduzidas, dificultando uma visão perfeita por parte dos interessados.

Outro dia, numa carta a um semanário um ilustrado missivista pediu a pena de morte para o Brasil. Sinto-me bem, quando vejo um camarada tão progressista assim.

A sociedade precisa tomar consciência do ex-penitenciário e não deve com a visão errônea que ainda possui. Inos que cumprem penas de reclusão ou detinham mal vistos pela comunidade e são dadas bastante e a própria sociedade, às vezes reconduz ao crime uma pessoa e do estado de reintegração. Acho que se o ex-detento como um doente que se a um tratamento visando a cura e não com o doente. A sociedade deve saber reconhecer a naturalidade os que erraram e pagaram pelos, pois só assim o trabalho de recuperação é desejado pelos que se acham à frente. Penitenciário da Bahia — disse o Dias, Secretário da Justiça, que nessa mostra ainda o que se faz visando melhorar os órgãos que compõem a aparelhagem no Estado.

UM TRABALHO QUE PROSSEGUE

Para o Secretário Heitor Dias, uma talidade começou a ser imprimida ao Sistema Penitenciário da Bahia no governo de Otávio. Foi naquela época que se iniciou a com Penitenciária Lemos Brito, em Mata E que o atual governador pretende dar com não só com a ampliação das oficinas ora como também com a fundação da Casa

Presentemente os técnicos da Secretaria do Estado estudam um projeto de criação das obras da Penitenciária Lemos visam dotá-la de novas e diversificadas onde os detentos poderão aprender ou as práticas de trabalho, estando em também a construção, em regime de um Casa do Egresso — disse o Secretário de



"PAZ NA TERRA". PUBLICADA EM 1º DE FEVEREIRO DE 1969, NA COLUNA SATYRICON, CADERNO, JORNAL DA BAHIA.

J. U. Ribeiro

Talvez seja um pouco tarde para falar no assunto, porque o **revellon** já passou, deixando pesadas baixas entre os levantadores de copo da cidade. De qualquer forma, as festas de largo vêm aí, de modo que é possível que a modesta contribuição científica que pretendo dar não seja inteiramente inútil. Trata-se de uma classificação de diversos tipos de bebado, elaborada depois de exaustivas pesquisas, naturalmente por um grupo misto de americanos e paulistas, que são gente muito pesquisadora. Seguem abaixo as categorias principais, na mais objetiva terminologia científica, acompanhadas de um sumário descritivo para cada tipo.

ABUSATUS BELlicosus — Geralmente magro e baixote, o membro desta espécie se caracteriza pelo seu comportamento agressivo em relação a todos os circunstantes, sem distinção de sexo, cor ou religião. Essa hostilidade se manifesta por qualquer razão que pareça lógica ao Bellicosus, no momento. Bigodes, gravatas borboletas, sorrisos extemporâneos, cerveja quente enfim, qualquer coisa pode desencadear a reação do Bellicosus. O melhor remédio consiste em colocar um espelho resistente de frente do espécime que se quer evitar, a fim de que ele agride o espelho e passe o resto da noite choramingando, com a mão cortada.

INTELLECTUALIS DESLUMBRATUS — Geralmente turista ou amigo de infância ou ambas as coisas, este tipo caracteriza-se pelo seu vocabulário altamente especializado. Expressões típicas: "Genial; muito válido; estou impactado, mas preciso conscientizar; é uma fossa; Paris é uma cidade tão chata" e assim por diante. As atividades típicas: chorar; fazer declarações de amor e amizade a todas as pessoas num raio de, pelo menos 50 metros; palar sambas de roda; desentoadamente; paquerar a mulher alheia. Quando do sexo feminino, o tipo em questão tornase ainda mais absolutamente insuportável, devendo ser anoradado sob pena de irreversível deterioração do ambiente. Para o tipo masculino, devem ser aplicados corretivos físicos ou, caso isso ainda o torne mais chorão, a técnica do impacto verbal, com a utilização de frases chave, tais como "Hegel era burro", ou "prefiro J. B. Tannoko a Godard" que tendem a deixar o Intellectual em estado de exasperação ou fundição de cuca, com o resultado de que ele se retira.

CHATUS NARRATIVUS — Tipo de grande extroversão, cujo principal talento consiste em contar casos de anedotas, principalmente relacionados com sua vida particular. O Sub-tipo Narrativus Confiditils pode, inclusive, tornar o ambiente sobremaneira carregado ao fazer determinadas descrições em voz alta. É absolutamente impossível fazer o Narrativus calar a boca. O único recurso é dar-lhe cada vez mais bebidas, a fim de que ele fique em estado de coma.

DESCONTROLATUS FACIALIS — Espécie sujeita a variadas modificações em todo o corpo, visíveis principalmente na cara. A depender do caso individual, os sintomas podem ser olhos esbugalhados ou revirados, contorções bucais estíctos, contínuos no pescoço, língua de fora, olhar distante e vazio, e caras sortidas. Geralmente silencioso, este tipo tende a abraçar o circunstante mais próximo, ofendendo-lhe a alma solong e erutações variadas, além de um bafô fruescemente mortal.



NA BAHIA

[illegible]

NO BRASIL

O ano começa com uma nova indicação do Ministério da Guerra: o General Lira toma o lugar de chefe: uma comissão de todos os seus chefes, incluindo a comissão da Amazônia pelo Equador, antes que o General Lira chegue a exercer o comando. Mas logo em seguida vem a também misteriosa mudança de preço da gasolina, da ordem de 30 por cento, o que significa o mesmo aumento automático no preço das outras coisas, a primeira necessidade da vida. O Presidente declara que não quer publicar o decreto que transfere a Nacional para o Ministério Nacional de Economia. O Ministério da Guerra começa a atacar o Ministério da Economia, e a pedir a renúncia contra o presidente do Conselho de Guerra, no dia 15, anuncia-se que

foco empresarial
de capital norte-
americano, tra-
çada por outros
riscos.

Deserto esp
que participar
contra Pastora
vulgam um c
que testamun
nar a sua at
uma linha de
humana qual
o risco. E
e escândalo d
tasma" em
vidos parlar
deiro e func
co do Brasil
Segurança
que, compr
da Justiça
questrar os l
do.

NO MUNDO

Realiza-se o segundo transplante cardíaco no mesmo médico sul-africano que realizou o primeiro, o Dr. Christian Barnard. O doador é do mesmo gênero, com 55 anos de idade e também de origem sul-africana.



Preço S. A. — REFUSA

Santana (Bahia)
Inda n.º 15159015-6

...anos a oportunidade para agradecer a sim-
ples Srs. acionistas, bem como a confiança dep-
... mandatu que tivemos a honra de exercer nos
... pois a disposição dos Srs. acionistas para que
... argumentos que julgarem necessários.

Feira de Santana, 28 de janeiro de 1969

ION DA COSTA FALCÃO, Presidente
MARQUES PORTO, Vice-presidente
ALDO ODEIRO TORRES, Superintendente
ILDO JOSÉ DE ARAÇÃO, Diretor Comercial
IVAL FERNANDES FALCÃO, Diretor Industrial

DE DEZEMBRO DE 1968

PASSIVO

Capital	
autorizado NCR\$ 2.000.000,00	
de NCR\$ 1.000 Subscrito e	
os recursos próprios dos	
as	227.400,00
maria	13.300,00
exercícios	300.900,00
alocação de ações	25.470,00
acionistas em C/C p/au.	
o de capital	13.300,00 348.070,00
Pagar	2.402,85
Trih. a Pagar	194,00
Diversos	12.048,45 348.070,00
Reserva	
a Diretoria	6.000,00
autorizado (Ações livres)...	1.689.100,00 1.705.100,00
	2.053.170,00

virtude se trata de em... na fase de homologa

JOVINIANO DA FONSECA FILHO
Contador Reg. C. R. C. (86.1) e s

SCAL

...ndo e, estando tudo na mais perfeita ordem, não
...er que devam ser aprovados pelos Srs. acionistas.

Feira de Santana, 30 de janeiro de 1969

ANDRÉ GONÇALVES DA COSTA PEREIRA
RUBIA MENDONÇA
... COSTA E SILVA

SATYRICON

J. U. Ribeiro

A Prova de Amor

Agora está na moda gostar de ler consul-
tórios sentimentais, mas eu já gostava há mu-
lto tempo. Lia "O Coração Pergunta e Marga
Mason Responde", numa revista para moças.
Ainda existe essa seção, mas agora não é mais
como antigamente. Nos bons tempos, era
gigantesca, com várias páginas cheias de dra-
mas e sensatíssimos conselhos, principalmen-
te os referentes à solicitação — ao que pare-
ce, muito comum entre os namorados patri-
cios — de "uma prova de amor". Marga Ma-
son invariavelmente respondia à moça que
não desse a tal prova. Se desse, entrava nu-
ma fria. Talvez seja por isso que ela tenha
sofrido uma certa sabotagem e, hoje em dia,
haja desgastado sua popularidade. Afinal de
contas, não adianta lutar contra as inexorá-
veis forças do progresso. O pessoal anda
mesmo a fim de dar não somente uma, mas
diversas provas de amor, numa demonstração
evidente de que há muito amor entre nós.
Há tanto amor, que... bem, deixa pra lá,
para que não se conspurque o imaculado es-
paço desta tradicional coluna baiana.

Mas conto essa história toda porque me
aconteceu algo de muito embaraçoso, que não
sei se levo a sério ou não. Ocorre que recebi
uma carta (no duro que recebi uma carta,
embora isso não seja frequente entre nós),
fazendo uma consulta sentimental. Não sei o
que pensar. Está muito bem escritinha, com
letra redonda de moça, num envelope bran-
co, assinada "Rosa Maria". E, por incrível
que pareça, a carta pergunta se Rosa Maria
deve dar uma prova de amor ao namorado.
Não explica qual seja essa prova, mas imagi-
no que se trata de algo muito radical, do
contrário ela não se incomodaria em escre-
ver a carta. Minha tendência natural, presa
ao meu arraigado moralismo, será responder
como Marga Mason: "Manque-se, Rosa".
Mas não sei se tenho direito de fazer isso, des-
conhecendo as circunstâncias específicas ao
caso. Ao mesmo tempo, suspeito tratar-se de
uma gozação. Por quê eu? Por que eu, quan-
do existe, por exemplo, o psicólogo Carlos
Mendonça, capaz de abalizados conselhos
profissionais? Quando existe, aqui mesmo ao
lado, nesta página, o futuro membro da Aca-
demia Brasileira de Letras, Raymundo Reis,
muito versado em tais questões? Quando
existe o poeta e compositor Walter Queiroz
Junior, que responderia em música? E um
profundo mistério

Tentei localizar alguma Rosa Maria apro-
priada, em minhas relações, mas, entre aque-
las de que me lembro, não creio que haveria
tais dúvidas, algumas porque já deram as
provas de amor que já precisaram dar, outras
porque ninguém pode ter pedido.

E o pior de tudo é que continuo sem sa-
ber como responder. Pode ser uma coisa
perfeitamente inocente. A carta não esclare-
ce esse ponto delicado. Ainda há brigas no
cinema porque o camarada quer pegar na
mão da moça. Bem, nunca vi pessoalmente
uma briga dessa natureza, mas me dizem que
há e eu acredito. Eu acredito em todo mun-
do. De modo que pode ser uma coisinha ino-
cente como essa. Eu não tenho vocação de
Zsu-Zsu Vieira. E um dilema extremamen-
te cruel, porque a tal prova pode não ser
desse nível e eu poderia ficar responsável, pe-
lo menos parcialmente, por uma situação de
certa gravidade. E por isso que, após detida
meditação, depois de ponderar gravemente as
variáveis em jogo, decidi tomar um caminho
extremo, aconselhando Rosa a consultar ime-
diatamente o único sujeito que sabe tudo na
Bahia. Rosa, converse sobre isso com o poe-
ta e professor Ildário Tavares, que ele lhe so-
luciona o problema. Não é possível que ele
também não tenha um curso de especializa-
ção sobre o assunto.

... enquanto estiver devendo à IDONEA.

"A PROVA DE AMOR", PUBLICADA EM 27 DE FEVEREIRO DE 1969, NA COLUNA SATYRICON, CADERNO 2, JORNAL DA BAHIA.

mes e que...
telefone.

BITRARIA E INJUSTA
Realizando, afirmou ao Bel. Delfino Sena, a
realização pelo comando da Polícia Militar
ria e injusta, "já que não pode se defen-
esar de ter solicitado Inquérito Policial".
foi atendido.

tive Mata Com Seis s Guarda-Vidas Após ussão Numa Garagem

REBAHIA — Após
são na garagem do
de da rua Sane-
detetive Eduardo
32° DD, matou
lhos o guarda-
short Garrido
do comete na
edificão, onde o
denunciou o por-
palavras de balão
de receber uma
administradora do
tribuna a todos os
O detetive, que é
edificão, se saber
seu estava sendo
chamou o guar-
ra: conversar na
SAO

discussão evoluiu
em corpo e o
seu vanguarda.
se dirigiu à gar-
sanhar o seu car-

em Minas Gerais rio Internacional urado Pelo F.B.I.

ORIZONTE (OR-
O falecido inter-
quei Atala Akar,
siglota, preso em
de tomar dois
novos do prefe-
do se apresen-
representante da
o Progresso, será
FBI pela Polímer

que usa vários
como passaportes
em seu poder, é
do FBI por inter-
de falsificação
em norte-americ-
Angel Atala
el Atala Akar,
lho dos Santos e
Haiker, são os
a. O dinheiro to-
feito serviria pa-
a rápida de um
de Alimentos
destinado à po-
da cidade mi-
peca.

ADE
er espanhol itala

ERINTENDÊNCIA DE ÁGUAS E SGOTOS DO RECONCAVO

VIÇO DE ADMINISTRAÇÃO
de Preços para escolha de Firma
star Assistência Técnica à Fisco-
a S.A.E.R. nas Obras da Cons-
Segunda Barragem do Joanes.

Intendência de Águas e Esgotos do Recon-
far saber as firmas de consultoria e de proje-
bilidade de Barragem de Terra e de Estrutur-
Hidráulicas que fará realizar no próximo dia
de 1969, às 15 horas, no seu edifício sede, e
de Setembro n. 2 no 4.º andar, a TOMADA
para escolha de firma para prestar Assis-
tência Técnica à S.A.E.R. nas obras da
segunda Barragem do Joanes.

avisa que a Edital se encontra à disposi-
cionados com o Presidente da Comissão de
arizão n. 272 de 3 de julho de 1969, Empré-
REQUISA RADEL, diariamente, das 14 às

3 de julho de 1969.
OUTINHO NEGRAO — Chefe do Serviço de
N. 251

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

A Legião do Dendê

Como sabem os leitores desta ínfima colu-
na, sou um renomado especialista em matéria
de super-heróis. Na verdade, quase viro
super-herói uma vez, mas pronunciei "Sha-
zam" errado, e acabou caindo do olteiro em
que me encontrava encapitulado na ocasião.
Por outro lado, quando me vestia de Capitão
América, geralmente não convencia, e tive de
desistir, principalmente porque eu morava em
Aracaju e, em Aracaju, não é das coisas me-
lhores para a saúde sair de máscara com as-
inha na cabeça, dentro de uma roupa colorida.
O pessoal lá costuma impor seus padrões de
maneira enfática, sabe como é, de maneira
que Capitão América teve uma carreira curta.
Em outra ocasião fui Homem Bala, mas o ob-
jeto que usei na cabeça, para substituir o ca-
pacete (não encontrei o tamanho certo no co-
mércio de Itaparica) não impressionou bem a
população local. Além disso, não consegui
voar adequadamente, o que me deixou bastan-
te chateado. Finalmente, fui Homem Subma-
rino duas vezes, mas também tive de abandona-
r a carreira precipitadamente, devido, à in-
compreensão do pessoal que me tirava da água
para fazer a respiração artificial. Dessa forma,
passei à condição de *expert*, na qual me encon-
tro até o dia presente e que me autoriza a fa-
zer a proposta objeto da coluna de hoje. Se
o simpático cavalheiro, ou a bela senhorita,
que agora me lêem, ficam sem saber por que
levei tanto tempo para chegar ao assunto, in-
formo que esta crônica ocupa duas laudas e
meia de papel a 30 linhas por lauda, de ma-
neira que ninguém pode culpar-me por encher
um bocadinho de linguica de vez em quando
visto que não é mole a gente cascar duas lau-
das e meia todo santo dia, e ainda encontrar
infelizmente, aquele amigo da gente, com a
chamada crítica construtiva: "A de hoje esta-
va fraca!" Fraca, bem, deixa pra lá. Ainda
bem que eu escrevo este negócio com uma se-
mana de antecedência e nunca me lembro da
que estava fraca. Porque eu nunca leio o que
escrevo; tenho mais o que fazer.

Bem, como eu estava dizendo, tratando-
me de um *expert* em matéria de super-heróis,
sinto-me autorizado a fazer determinadas
sugestões. Porque não há super-heróis espe-
cíficos da Bahia e isso é — como diria um dos
nossos oradores — uma grave lacuna a ser
preenchida porque assim não pode continuar.
Dessa forma proponho, em primeira, lugar, a
criação do maior de todos o Grande Super
Herói Baiano cujo nome será sem dúvida,
dentro de um braço: "Tu Pacas e Nos Retri-
buemus". Esse super-herói será, na vida co-
tidiana, um humilde e obscuro prefeito munici-
pal, ocupado lá com seus assuntos e prin-
cipalmente com os problemas da comuni-
dade que dirige. Mas, no momento de seu modesto
gabinete, ao pronunciar uma palavra mágica
("Antonino!") se transformará em... Será
um pássaro? Será um avião? Será um disco
voador? Não, caros leitores, será ASPHALT
MAN, o temível Homem Asfalto, que, desliza-
do pelas pistas de nossa moderna capital, em-
preenderá um combate diuturno contra malfei-
tores e inimigos dos soteropolitanos. E, em
qualquer ocasião em que nos sentirmos amea-
çados poderemos respirar aliviados, sabendo,
que, no momento exato, ecoará a palavra mágica
pelos céus de nossa terra: "ANTONINO!"
E logo virá em nosso socorro a figura alada do
Homem Asfalto, para nos salvar.

Como se vê, só com esse novo super-herói,
já se abririam imensas possibilidades, mas eu
não vou parar aí porque antevio a Legião do
Dendê, um grupo destemido de super-heróis
baianos, que nos ajudará a resolver todos os
nossos problemas. Mas isso eu conto mais
tarde, que a gente tem de economizar.

ma fase de sua preparação para as eliminató-
rias do Mundo de 70. Essa preparação teve início
do ano passado, quando o exército nacional,
direção de Amoré Moreira, venceu o Uruguai,
por 2 a 0 gols de Tostão e Sadi. O time
com Cláudio, Carlos Alberto, Ivairinho, Joel e
Dorival e Gerson; Paulo Borges, Jairzinho e
Edú.

Três dias depois no Maracanã contra o a-
rmino, as miríadas a seleção brasileira sofreu
4 a 0. Arbitragem do argentino Aurélio Ros-
de Paulo Borges aos 8 minutos do primeiro
tempo, aos 11 Jairzinho, aos 35 e Gerson aos 40
minutos. A seleção jogou com Cláudio; Carlos
Alberto, Joel e Sadi (Rildo); Gerson e Wilson
Diniz; Tostão Borges, Jairzinho, Tostão e Edú.

Nesse momento Placeta sofreu fratura da
cabeça e esteve no hospital.

NA EUROPA

Yugoslavia imediatamente para a Europa
brasileira enfrentará o 18 de junho, em Sin-
cio da Alemanha, vice-campeão do mundo. A
seleção brasileira terá a primeira derrota, 2 a
0 minutos do primeiro tempo, Dorival, aos 11
minutos para os alemães; Tostão, aos 13
tempo para o gol brasileiro. Arbitragem de
do Loco. A seleção brasileira com Cláudio; C
Jairzinho, Joel e Sadi (Rildo); Gerson e De
Borges, Ivairinho (Cesar), Tostão e Edú.

Na noite de 20 a seleção brasileira jogava a
sua vez em Varsóvia para enfrentar a seleção
sob a direção do juiz russo, Arshiev. Vitória
por 3 a 1. Gols de Natal, aos 12 minutos do
tempo 14 e Sadi, aos 31, no primeiro tempo.
Jairzinho aos 24 minutos aos 20; André
Rivelino aos 40 do segundo tempo. A equi-
formada com Cláudio; Carlos Alberto (Ze-
Joel e Rildo, Gerson e Rivelino; Natal, Tos-
tão (Roberto) e Edú (Eduardo).

No dia 23 outro adversário, em outro p
jogava, contra a seleção da Tchecoslováquia
tchecos por 3 a 2 sob a arbitragem do alem
muitos gols de Natal, aos 4 minutos de jogo;
8 do primeiro tempo. Na etapa final, Carlos
7; Adriano, aos 13 e aos 27 minutos. A sele-
formada com Felix; Carlos Alberto, Brito,
Gerson e Rivelino; Natal, Tostão, Jairzinho
arido.

Dois dias depois, novo jogo e novo pa-
contra a seleção da Iugoslávia. Vitória do B
0. Arbitragem do iugoslavo, Istvan. Gols de C
aos 14 minutos e Tostão, aos 27, tudo no p
A seleção brasileira jogou com Felix, Carlos
Joel e Rildo, Gerson e Rivelino; Natal, Tos-
tão e Eduardo (Edú).

AFRICA

No dia 30 de junho, a seleção brasilei
Portugal, inaugurando o Estádio Salazar,
Marques. Vitória de 2 a 0 sob a arbitragem
Adolfo Bueno. Gols de Rivelino, aos 13 minu-
tos, aos 27, ambos no segundo tempo. A sele-
jogou com Felix; Carlos Alberto, Brito, Joel
son e Rivelino; Natal, Tostão, Jairzinho e E

NO MEXICO

O roteiro continuava sendo cumprido. C
os seguintes eram no México. O primeiro
do olímpico, e 7 de julho, no Estádio 24
Armando Marquez. Vitória do Brasil por 2
Jairzinho, aos 14 minutos do primeiro tempo
saga final. A seleção brasileira formou com
Alberto, Brito, Joel e Rildo; Gerson e Rivelin
lo Borges), Tostão (Roberto), Jairzinho e

Três dias depois o jogo contra a seleção
no mesmo local. Vitória do México por 2
tragem de Armando Marquez. Gols de Bor-
rios: Rivelino, aos 22, no primeiro tempo;
minutos do segundo tempo. A seleção brasi
com Felix; Carlos Alberto, Brito, Joel e Rild
son e Rivelino; Natal, Tostão (Cesar), Jai-
ardo (Roberto).

NO PEQU

Quatro dias depois, isto é, a 14 de ju
apresentava-se no Estádio Nacional, de Lim-
lecoma o peruano, era a etapa final da gra
Vitória do Brasil por 4 a 3, sob a arbitragem
Miguel Comasana. Gols de Leon, aos 22 e 3
Zegarra, aos 18 do 2.º tempo; Rivelino, aos 7
20, Jair aos 42 e Carlos Alberto, aos 46 (já
A seleção brasileira formou com Cláudio;
Brito, Joel e Sadi; Gerson e Rivelino; Nat
gest; Tostão, Jairzinho e Eduardo (Roberto)

A 17 de julho, a despedida para o regi-
no mesmo local contra a seleção peruana,
argentina; Miguel Comasana. Vitória do B
Gols de Rivelino aos 10; Gerson, aos 35 e
minutos do primeiro tempo. Jairzinho, ao
tempo a seleção jogou com Cláudio (Feli-
berto, Ivairinho (Joel (Marinho) e Sadi; Ge-
e Rivelino; Paulo Borges, Tostão (Carlos
zinho e Edú.

FIM DE TEMPORADA

A seleção brasileira voltaria a campo
na sua programação, a 21 de outubro, pa-
Muita gente a seleção do México que venceu
tudo o score do Estádio Azteca. O gol d
Carlos Alberto.

No dia 3 de novembro, no "Mineirão",
zonte, o segundo jogo com os mexicanos. V
por 2 a 1, com gols de Jairzinho e Pelé.

A LEGIÃO DO DENDÊ", PUBLICADA EM 05 DE JULHO DE 1969, NA COLUNA SATYRICON, CADERNO 2, JORNAL DA BAHIA.

autoridades policiais da Sexta D.P. o autor do homicídio, "Clímério", afirma
manece preso no xadrez aguardando ser
interrogado

exatamente quinze dias do homicídio, sendo acusado como autor, o margaleiro de seu vulgo "Climério", até o momento da prisão, pela Sexta Delegacia Policial, sob o nome de seu Titular, Bel. Waldir Carneiro. A doença não tem comparecido aqui, razão porque, o suspeito permanece em disposição e a presença do repórter, talvez, salte-me pois sou inocente!

junto a um muro de residência, ouvi alguém dizer: «pega os ladrões». Eu corri para o muro e ouvi alguém gritar: «pega o ladrão». Não sei se era o ladrão ou o dono da casa. Não sei se era o ladrão ou o dono da casa. Não sei se era o ladrão ou o dono da casa.

O Inquérito-Instaurado pela Sexta Delegacia Policial por incrível que pareça está prosseguindo, pois até agora nenhuma surtida.

ficará doente, viajará ou deixará de traba-

Departamento de Relações Públicas e Atendimento à Clientela — Expediente do Dia — Anjo Encarregado: XL2/32 — Oficial de Dia: Santo Antonio — Seção Atendida: Salvador, Ba., Brasil.

CORAÇÃO SOLITARIO — Compreendida sua situação. Realmente, trata-se de um Transdoroso. Infelizmente, entretanto, a Seção de Fornecimento de Maridos não poderá atender seu pedido com a brevidade solicitada, já que a oferta do produto se encontra em nível baixo ao passo que a demanda permanece como sempre. Sugerimos sua entrada no Consórcio de Maridos, com entrega garantida em 50 meses. Consulte seu pároco. Outrossim as velas acessas em São Francisco foram anotadas, com agradecimentos.

DESESPERADO — O atraso na resposta a seu pedido foi devido ao longo andamento do processo. Lamentamos não ser possível conceder sua solicitação de que o São Cristóvão seja campeão balano por cinco vezes seguidas. Eis um trecho do despacho da Instância Superior: "... isso é difícil até para mim". Por outro lado, advertimos que sua ponderação de que o time deveria ser pentacampeão por ter o nome de um santo foi julgada insolente, pois o próprio São Cristóvão considera a existência dessa agremiação com seu nome sumamente embaraçosa. Faça penitência.

ACM — Consideramos seu pedido imaginoso, mas, infelizmente, não vemos como poderemos, sem causar grandes transtornos, esculpir em nuvens, no céu, durante 15 minutos, uma effigie sua junto com uma de Ruy Barbosa e outra de Tomé de Souza. Por outro lado, sua promessa de, caso seu pedido seja atendido, asfaltar a Catedral foi julgada inadequada. Raios na Câmara de Vereadores também são difíceis, nesta época do ano. Providenciaremos umas goteiras.

JUR — Sua argumentação no sentido de convencer a burocracia celeste a lhe conceder o primeiro prêmio da Loteria Federal não foi levada em conta. Aliás recebemos uma média de 200 000 pedidos desses por semana, todos se julgando muito originais. Temos conhecimento, também, de que houve uma tentativa de suborno de sua parte, junto a São Cipriano, o que é muito grave. Sua ficha aqui não é das melhores.

ALMA LOUCA — O céu não fornece a documentação solicitada. Seus problemas com sua mulher podem, no máximo, ser resolvidos com o auxílio de uma agência de detetives, ou coisa que o valha. Console-se: seu caso não é o primeiro, nem será o último.

DESAJUSTADO — Compreendemos o sentido das festas de largo da Bahia, mas transformar o Rio Joanes em cerveja gelada, durante as comemorações da Conceição da Praia não seria dos milagres mais meritórios já concedidos por este Departamento. Julgamos que cada um estaria melhor comprando sua própria cerveja engarrafada. Pense nos prejuízos aos fabricantes do precioso líquido. Capitalista também é filho de Deus: NB: procure um médico e faça uma hepatograma. A opinião aqui é que a sua cirrose não demora.

FRUSTRADO DO CARTEADO — Realmente, "royal straight flushes" de outros não são muito comuns e você não é o único a pun-

O problema do desarmamento das Nações Unidas, o físico Oppenheimer lançou o desafio de fazer com que saísse desse organismo em 1946, quando proferindo o famoso "discurso dos átomos" em Pittsburgh, no Centennial Forum, ele garantiu a segurança da humanidade, não pelo governo dos Estados Unidos, mas pelo governo dos Estados Unidos.

Esse plano oficial, que vinha nas discussões posteriores sobre o assunto, previu um controle internacional muito vasto que, no campo atômico: eliminaria a rivalidade entre as nações; impediria que uma nação se armasse dissimuladamente contra a outra; ofereceria um certo amortecedor de tempo antes de qualquer ataque atômico e iria mais longe no caminho de subtrair energia atômica a possibilidade de ser utilizada como fonte de conflito entre as potências.

O segundo plano era nacionalista e preconizava superioridade técnica com arma dissuasória. Os Estados Unidos deveriam ir sempre na frente no que respeitasse a ideias administrativas e progresso, para não serem apanhados de surpresa. Um ativo e fecundo grupo de homens estaria sempre trabalhando na energia atômica.

Por fim Oppenheimer expôs um plano de força efetiva, que significava defesa efetiva ao máximo contra métodos prováveis de fornecimento de armas nucleares.

SATYRICON

J. U. RIBEIRO

Regulamentação

Art. 1 — Fica instituído o Consórcio Nacional do Bode, a ser executado por esta firma (IDONEA S. A. — Investimentos de Ordem Não Especificada) e financiado pelo BANANA (Banco Nacional da Nutrição e Alimentação).

Art. 2 — O Consórcio tem como finalidade de geral a de possibilitar a propriedade de um caprino por cada família, dentro de planos de crédito e financiamento racionalmente elaborados.

Art. 3 — O preço base de cada bode será estipulado pela SINAB, permanecendo inalterado durante pelo menos um ano, excetuados os seguintes casos:

- a — aumento do salário mínimo;
- b — aumento do preço do capim para o bode;
- c — alteração da isenção do ICM do bode;
- d — motivo de força maior.

Art. 4 — Não haverá acréscimo no preço base do bode, sendo cobrado ao consumidor exclusivamente esse preço.

Parágrafo único — O que dispõe este artigo não exclui a incorporação aos pagamentos dos seguintes ônus comerciais:

- a — taxa de administração de 2% ao mês;
- b — despesas de licenciamento, variação e empenhamento do bode (ou cabra) acrescentadas de 20% para cobrir o pagamento do pessoal encarregado do serviço;
- c — correção monetária;
- d — transporte da mercadoria, a partir do centro produtor do bode por carretera;
- e — tratamento psicológico dos bodes que desenvolverem ansiedade anormal em torno do fato de que estão sendo vendidos para corte;
- f — taxa de entrega do bode.

Art. 5 — Será facultada ao comprador a aquisição de bodes de qualquer ano ou modelo, sendo que os bodes até cinco anos terão garantia integral de 1 (um) ano ou 2 (dois) mil bocas.

Parágrafo único — A garantia cobre quaisquer defeitos no bode, com exceção de:

- a — avarias provocadas pelo uso indevido do bode (ou cabra);
- b — chifres, cascos, barbiga e outros acessórios;
- c — doença infecciosa.

Art. 6 — O comprador se obrigará a realizar de revisões mensais no bode, em qualquer bodeista autorizado.

Art. 7 — A entrega do bode antes da integralização dos pagamentos será feita com reserva de domínio, não podendo tal bode (ou cabra) ser vendido, doado ou negociado de qualquer forma, bem como ser cortado, no todo ou em parte.

Parágrafo único — O pagamento de mais de dois terços das prestações dará direito ao consumo de um quarto do bode, contanto que o referido permaneça vivo.

Art. 8 — Em caso de o comprador adquirir cabra, em vez de bode, ficará obrigado a uma pequena taxa sobre sua produção de leite.

Art. 9 — Na condução do Consórcio, a IDONEA se orientará pelo elevado objetivo de servir sem visar lucro, o que aliás sempre foi sua norma básica de conduta.

Art. 10 — Só poderá comprar o bode quem apresentar dois financiadores comerciais, cadastro bancário, folha corrida, prova de ganhar mensalmente pelo menos oito salários mínimos e juramento de que não morrerá, ficará doente, viajará ou deixará de trabalhar, enquanto estiver devendo à IDONEA.

em plena tarde.

Houve um funcionário que tentou reagir e levou alguns tiros, vindo a falecer no local, entre os vários feridos N. Krasov, Evagrios D. Petras, Teresinos A. Tsolis, Georges Andreus, Isantilas, Nikolaidis, Theodoros Kyriakos, Apogis e Eleftherio K. Apogis. Esses sete homens estrangeiros planejaram o assalto durante vários meses, fazendo um dígitos em carregado de fiscalizar a saída diária do caixa do Banco Mercantil, para a distribuição nas diversas agências daquele estabelecimento de crédito. O assalto deixava a matilha do banco diariamente, sem qualquer prejuízo.

As facilidades foram muitas e veio a insperado roubo; um milhês de crêditos antigos foi uma oferta que ocupou grande espaço dos pontos que serviu de fundamento para a maioria deles. A surpresa geral tinha um fundamento, e que era de grande momento e durante o dia, jamais poderia uma quadrilha dar um golpe daquela natureza.

Nem qualquer pista que os conduziu aos criminosos, as polícias encarregadas da elocução do caso, tiveram inúmeras dificuldades para obter exato, não houve um grão infantil dos assaltantes, que por mais nervos que pareça deixaram uma Kombi de propriedade deles abandonada no meio da rua, a polícia jamais conseguia descobri-los. De posse dessa pista, a polícia interrogou um deles, que fora preso na fazenda, havia e acabou por prender os demais.

A Pausa

Depois desse assalto, realmente espetacular, houve uma grande pausa nos roubos a estabelecimentos bancários. Não houve, durante algum tempo, quem tivesse coragem de roubar nos bancos e a polícia paulista voltou a tranquilidade costumeira. Essa pausa durou cerca de dois anos e meio e, logo depois, reiniciaram os assaltos, sem muita frequência.

Reinício

A "onda" de assaltos a bancos voltou em 1953. Neste ano, vários estabelecimentos foram roubados durante o dia, porque a noite é mais difícil para os criminosos conseguir resultados satisfatórios.

Uma agência localizada nas Perdizes, foi assaltada em apenas alguns minutos e foram levados os 45 mil cruzeiros novos que lá se encontravam. Em seguida, na rua Iguaçu, foram verificados dois assaltos num curto espaço de tempo numa agência do Banco do Estado de São Paulo. Do Banco Brasileiro de Descontos, levaram a soma de 180 mil novos.

Mudando um pouco o estilo, os ladrões passaram por um túnel de 10 cms, aberto numa parede lateral e chegaram ao cofre cujo segredo anularam com uma furadeira elétrica. Desta feita, conseguiram levar R\$ 23.823,42 da agência de Moema, da Caixa Econômica Federal. No mesmo dia, mais dois bancos foram assaltados na capital, somando 51 mil cruzeiros novos a quantia roubada. Tudo isso aconteceu no mês de outubro.

